

I. Introdução

+

II. A geração mais bem preparada

+

III. É a economia, estúpido!

+

IV. Produtividade nas empresas

+

V. O papel do Estado

+

I. Introdução

／ *Grupos de países usados como benchmark*

／ *Variação entre 2000-2021 (pp) da proporção população jovem com ensino superior*
(p25)

／ *Crescimento médio anual (%), por década*
(p26-a)

／ *PIB per capita a preços constantes*
(p26-b)

／ *PIB per capita; Proximidade da Média EU27*
(p26-c)

II. A geração mais bem preparada

Percentagem da população adulta jovem (25-34) com Ensino Superior concluído
(p40)

Participação no Ensino Superior (% da faixa etária)
(p41)

Rácio novos alunos de Licenciatura/ População com 18 anos e Taxa de Sucesso (Média 2016-2020)
(p43-a)

Taxa de Progressão para Mestrado (Média 2013-2020)
(p43-b)

Percentagem da população jovem (25-34) com Ensino superior concluído
(p45)

Percentagem da população adulta (25-64) com Ensino superior concluído
(p46)

População jovem com 18 anos (em milhares)
(p48-a)

Concurso Público de Acesso ao Ensino Superior
(p48-b)

% de docentes Doutorados
(p50-a)

*Recursos financeiros gastos em educação por aluno (em dólares, PPP)
Despesa total em instituições públicas e privadas, por estudante a tempo inteiro*
(p50-b)

Resultado médio GMAT, 2019
(p54-a)

Percentagem de Diplomados por área, Portugal
(p54-b)

STEM - Ciência, Tecnologia, Engenharia e Matemática
(p55-a)

Percentagem média de graduados nas áreas STEM
(p55-b)

Indivíduos com competências digitais básicas ou superiores, 25-34, 2021
(p55-c)

Colaborative Problem Solving - PISA (2015)
(p63-a)

Índice de autoeficácia - PISA (2018)
(p63-b)

Mobilidade Erasmus
(p67)

Percentagem de alunos internacionais inscritos no Ensino Superior (2019)
(p68)

Remuneração base (nominal) | Remuneração total (nominal)
(p69)

*Salário médio de entrada no mercado de trabalho, Preços de 2006
Crescimento médio anual, 2006-2020*
(p70-a)

Prémio salarial de entrada
(p70-b)

Taxa de Desemprego total, 25-39 | Taxa de Desemprego dos graduados, 25-39
(p71)

Salário real médio, jovens até aos 30 anos
(p72-a)

Carga fiscal do trabalho em percentagem do salário
(p72-b)

Evolução dos emigrantes permanentes, 2001-2021
(p73-a)

Número de emigrantes em percentagem da população, 2019
(p73-b)

Percentagem dos emigrantes permanentes por faixas etárias
(p73-c)

Emigrantes c/ Ensino Superior em percentagem do Total Emigrantes
(p74-a)

*Exôdo de competências e mobilidade académica de Portugal para a Europa
STEM - Ciência, Tecnologia, Engenharia e Matemática*
(p74-b)

*Correspondência entre o trabalho exercido e a formação académica
antes e após a migração*
(p74-c)

Estimativa das saídas totais de emigrantes portugueses, 2001-2021
(p75)

*Situação após 2 anos dos diplomados do ensino secundário no ano letivo 2016/2017,
por oferta de educação e formação*
(p77)

Percentagem de bolseiros por subsistema, 2019
(p78)

III. É a economia, estúpido!

Crescimento médio do PIB real per capita
(p88)

Produtividade e Emprego, Portugal
(p90-a)

Crescimento do PIB per capita, produtividade e emprego [2000-2019]
(p90-b)

Peso dos salários no rendimento nacional
(p92)

Investimento (% PIB)
(p100-a)

Investimento em % do PIB, por décadas
(p100-b)

Stock de capital por trabalhador
(p100-c)

Eficácia no crescimento da produtividade, 2000-2019
(p104)

Eficácia no crescimento da produtividade, 2000-2019
(p105)

Variação do Peso no Emprego e Cresc. da Produtividade EU27, 2000-2019
Variação do Peso no Emprego e Cresc. da Produtividade, Portugal, 2000-2019
(p107-a)

Peso dos Setores de Serviços no Emprego: variação 2000-2019 vs. 2000
(p107-b)

*Peso do emprego nos setores administrativo, educação e saúde:
variação 2000-2019 vs 2000*
(p115-a)

Emprego e Produtividade, EU27, 2000-2019
Emprego e Produtividade, Portugal, 2000-2019
(p115-b)

Emprego e Produtividade, EU27, 2000-2019, por sector
(p115-c)

Emprego e Produtividade, Portugal, 2000-2019, por sector
(p116-a)

Emprego e Produtividade, Grupo de Referência, 2000-2019, por sector
(p116-b)

Chéquia | Estónia

Hungria | Lituânia

Polónia | Eslovénia

Tipo de qualificação de acordo com o Emprego (% da população empregada, 2019)
(p118-a)

Inadequação de acordo com a área de estudo, 2019
(p118-b)

*Variação do Prémio Salarial dos Jovens (25-34), 2006-2020, pp,
Ensino Superior vs. Ensino Secundário*
(p119)

*Dos 38 microssetores [NACE38 Rev2] avaliados, quantos cresceram acima
do esperado para o país?*
(p120)

Crescimento homólogo do PIB a preços constantes (%)
(p122)

Índice PIB a preços constantes (100 = 2019 Q4), Portugal e Zona Euro
(p123)

IV. Produtividade nas empresas

Produtividade aparente do trabalho
(p128)

Empresas por dimensão
(p135-a)

% emprego total
(p135-b)

Share do emprego em micro-empresas, por setor de atividade, 2019
(p136)

Produtividade empresarial por dimensão das empresas
(p137)

Simulação do efeito de um alinhamento do Gap Produtividade e do Gap Emprego nas microempresas em Portugal
(p138)

Indicadores de Qualidade da Gestão, World Management Survey; Rank de Portugal entre as 35 economias analisadas
(p141-a)

Management Score; Multinacionais vs Empresas domésticas*
(p141-b)

Indicadores de Qualidade da Gestão - dimensão Talento, World Management Survey; Rank de Portugal entre as 35 economias analisadas
(p142)

Índice de Práticas de Gestão, Enterprise Surveys
(p143)

Score agregado de gestão operacional das empresas, World Competitiveness Ranking (média 2017-2023)
(p144-a)

Score de Portugal na várias categorias de Gestão Operacional, World Competitiveness Ranking. (média 2017-2023)
(p144-b)

Despesa em R&D, 2005-09 | Despesa em R&D, 2015-19
(p144-c)

Investimento em R&D, Enterprise Surveys, 2021
(p145-c)

Inovação, Enterprise Surveys
(p145-b)

Intensidade Exportadora – Portugal (%)
(p146-b)

Intensidade Exportadora (%)
(p146-b)

Intensidade Exportadora de Bens (%)
(p147-a)

Intensidade Exportadora de Serviços (%)
(p147-b)

Custos de Exportar, Enterprise Surveys
(p149-a)

Margem extensiva
Empresas exportadoras / total de empresas em %, por dimensão
Margem intensiva
Exportações / vendas em % para exportadoras, por dimensão
(p149-b)

Intensidade do Investimento (FBCF/Valor Acrescentado)
(p153-a)

Intensidade do Investimento, Edifícios | Maquinaria
(p153-b)

Metodologia:
(p156)

Índice de Performance Empresarial
(p157)

Financiamento do Investimento, Enterprise Surveys
(p160-a)

Porcentagem de empresas que consideram o mercado de capitais acessível, World Competitiveness Ranking*
(p160-b)

Custos da Fiscalidade, Enterprise Surveys
(p162-a)

Interações com a administração fiscal, Enterprise Surveys
(p162-b)

Índice Agregado de Competitividade Fiscal, Centre for Global Tax and Policy
(p162-c)

Índice Corporativo de Competitividade Fiscal, Centre for Global Tax and Policy
(p162-d)

Porcentagem de empresas que identificam as regulamentações laborais como uma grande restrição, Enterprise Surveys
(p163)

Incidência de Corrupção e Funcionamento dos Tribunais, Enterprise Surveys
(p164)

Incidência de Corrupção, Eurobarómetro
(p165-a)

Nepotismo e recuperação de dívidas, Eurobarómetro
(p165-b)

Diplomados, Antiguidade desde última promoção
(p168)

Anos de experiência do gestor de topo a trabalhar no setor da empresa
(p169-a)

Idade mediana em Portugal, 2010-2021
(p169-b)

Indicadores de Governança, Banco Mundial
(p171)

V. O papel do Estado

Indicadores de Governança, Banco Mundial

(p227-a)

Indicadores de Governança, Banco Mundial, Posição de Portugal, 2002 e 2022

(p227-b)

Evolução dos indicadores de qualidade institucional em valor absoluto - Portugal

(p228-a)

Evolução dos indicadores de qualidade institucional em valor absoluto – Grupo de Liderança

(p228-b)

Evolução dos indicadores de qualidade institucional em valor absoluto – Grupo de Referência

(p229-a)

Satisfação no sistema de saúde | Confiança no sistema judicial

(p229-b)

Satisfação no sistema educativo

(p229-c)

Satisfação nos serviços administrativos

(p230)

Despesa Pública em percentagem do PIB

(p231)

Dimensão dos componentes do Estado Social (% do PIB)

(p232)

Despesa (em % do PIB) nas funções administrativas, de economia, de segurança e de sociedade

(p233-a)

Componentes da Despesa Pública

(p233-b)

Emprego no setor público (% do total)

(p234)

Percentagem do emprego público com ensino superior

(p235-a)

Peso do Estado no emprego, Portugal 2011-2023

(p235-b)

Simulação do Impacto do Crescimento Económico nas Contas Públicas

(p238)

Eficiência da Despesa Pública: Rácio dos Indicadores de Governança sobre a despesa total na função administrativa (em % do PIB).

(p243)

Indicadores de Governança: Portugal vs. Singapura e os países seus vizinhos

(p244)

eGovernment

(p255)

Empresas públicas, Portugal

(p262)

I. Introdução

Grupos de países usados como benchmark

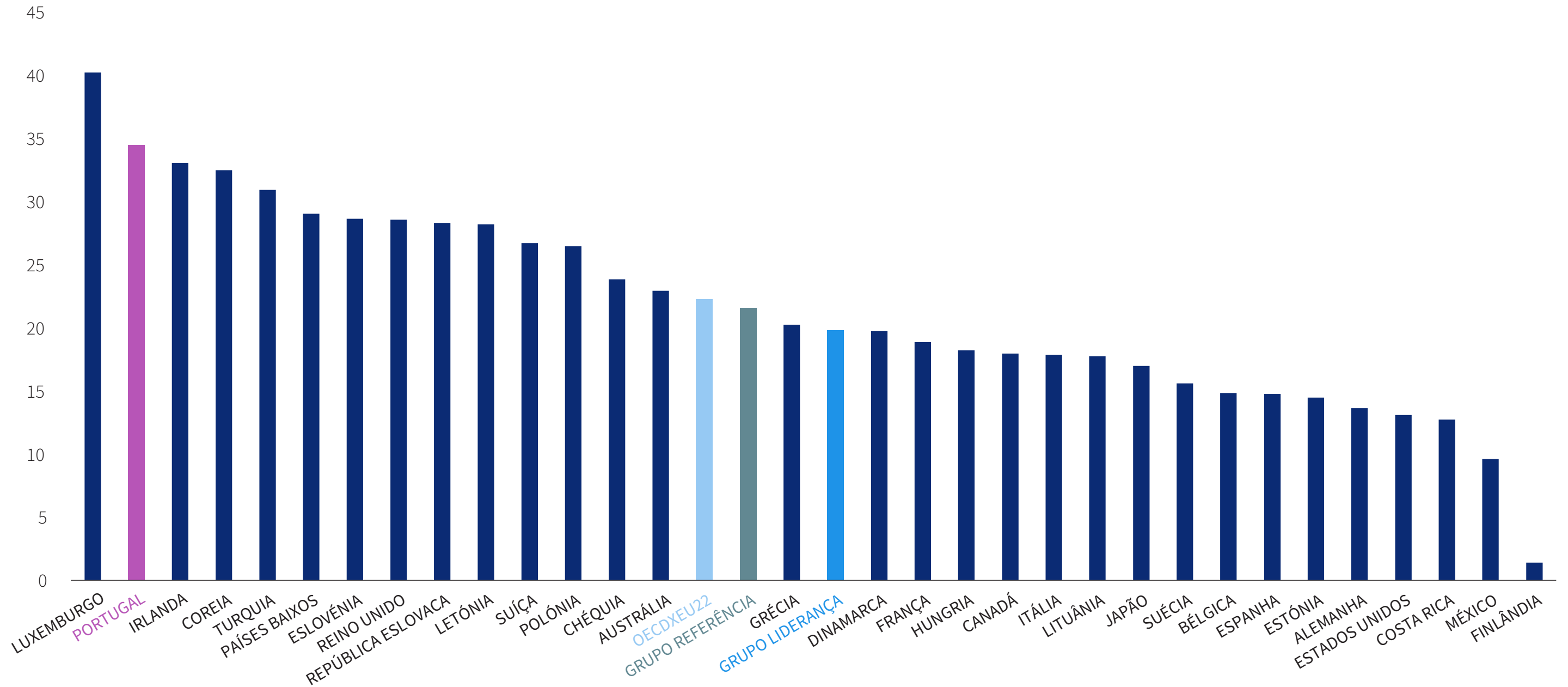
GRUPO	DESCRIÇÃO	PAÍSES
EU27	27 países atualmente estados-membros da União Europeia. Inclui todos os 27 países, mesmo que na data em questão não sejam/fossem membros da União Europeia	Bélgica, França, Alemanha (Occidental), Itália, Luxemburgo, Holanda (1957); Dinamarca, Irlanda (1973); Grécia (1981); Espanha, Portugal (1986); Áustria, Finlândia, Suécia (1995); Chipre, Chéquia, Estónia, Hungria, Letónia, Lituânia, Malta, Polónia, Eslováquia e Eslovénia (2004); Bulgária, Roménia (2007); Croácia (2013).
OCDE38	38 países atualmente membros da OCDE	Austrália, Áustria, Bélgica, Canadá, Chile, Colômbia, Costa Rica, República Checa, Dinamarca, Estónia, Finlândia, França, Alemanha, Grécia, Hungria, Islândia, Irlanda, Israel, Itália, Japão, Coreia do Sul, Letónia, Lituânia, Luxemburgo, México, Países Baixos, Nova Zelândia, Noruega, Polónia, Portugal, República Eslovaca, Eslovénia, Espanha, Suécia, Suíça, Turquia, Reino Unido e Estados Unidos.
OECDxEU22	22 países que são membros da OCDE e dos EU27	
Grupo de Liderança	Países dos EU27 que estiveram sempre entre os 9 com PIB per capita mais elevado com mais de 1M de habitantes	Áustria, Bélgica, Holanda, Dinamarca, Suécia *(Luxemburgo excluído pela dimensão)
Grupo de Referência	Países que ultrapassaram Portugal em termos de PIB per capita no século XXI com mais de 1M de habitantes	Chéquia, Estónia, Hungria, Lituânia, Polónia e Eslovénia *(Malta excluída pela dimensão)

I. Introdução

(p25)

Em 2001, 14,1% dos jovens entre os 25 e os 34 anos tinham o ensino superior concluído. Em 2021, eram 47,5%.

Varição entre 2000-2021 (pp) da proporção população jovem com ensino superior



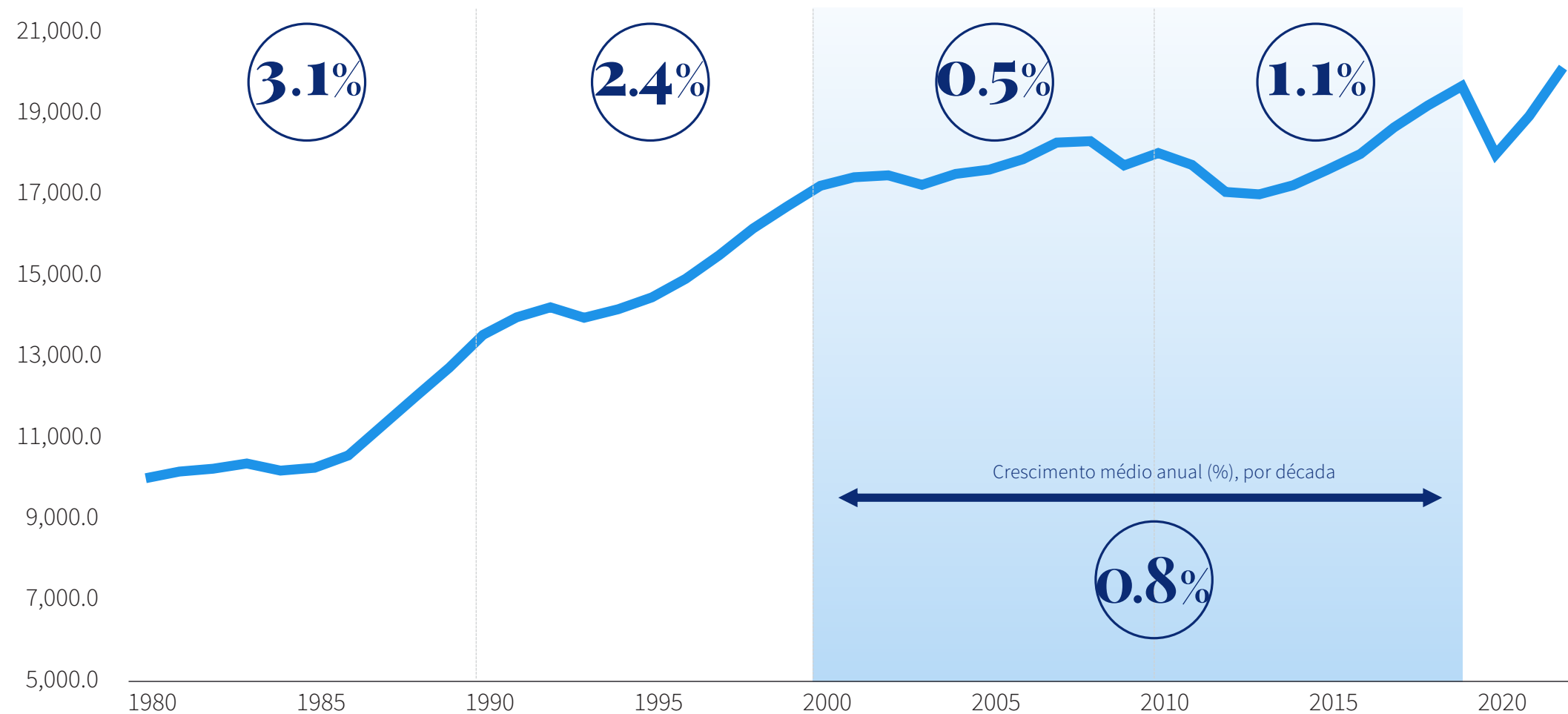
I. Introdução

(p26-a)

O PIB per capita cresceu 0,5% na primeira década deste século e 1,1% entre 2010 e 2019 (antes dos efeitos circunstanciais da pandemia e da sua recuperação).

Para comparação, tinha crescido 3,1% nos anos 1980 e 2,4% nos 1990.

Crescimento médio anual (%), por década

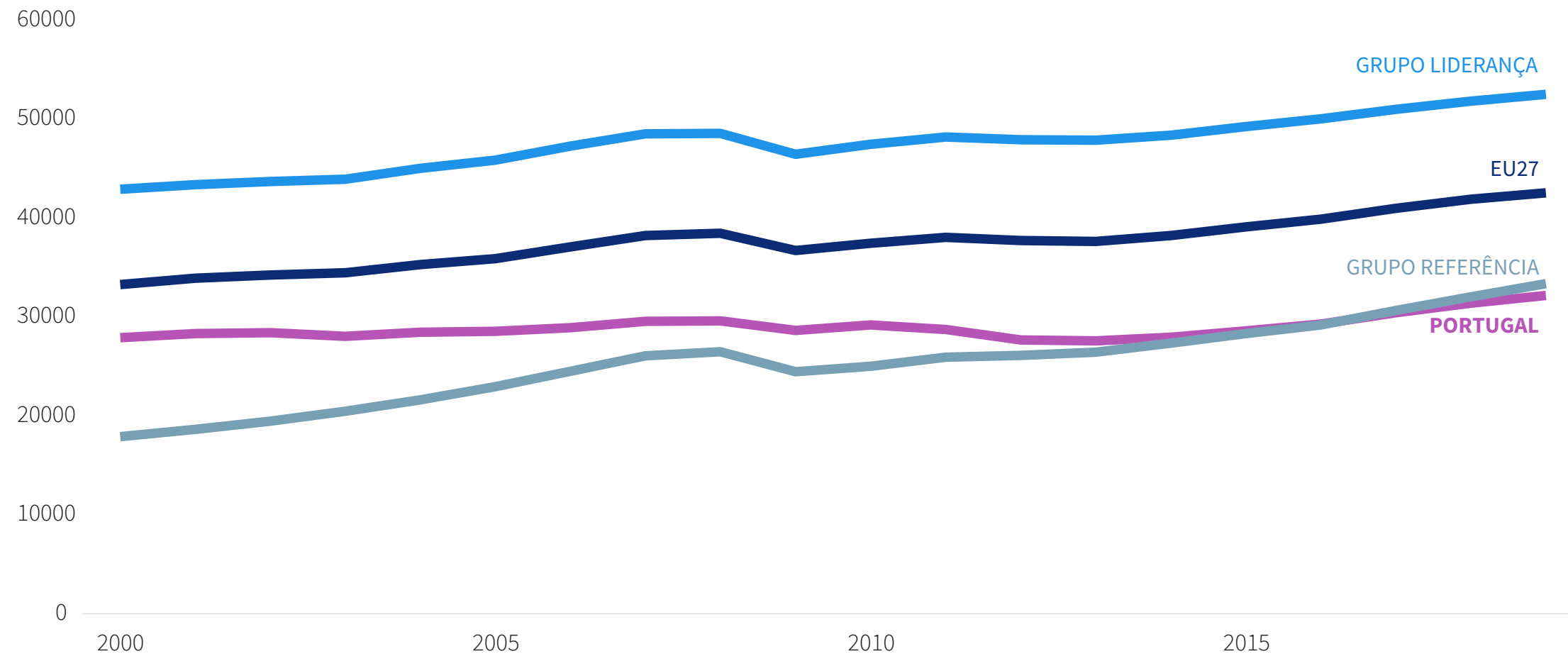


I. Introdução

(p26-b)

O PIB per capita português era 65% da média do grupo de liderança, em 2000. Em 2010 tinha caído para 61%, valor que se mantinha em 2019. O crescimento médio do PIB per capita neste grupo de países foi de 1,2% nos anos 2000 e de 1,2% entre 2010 e 2019.

PIB per capita a preços constantes



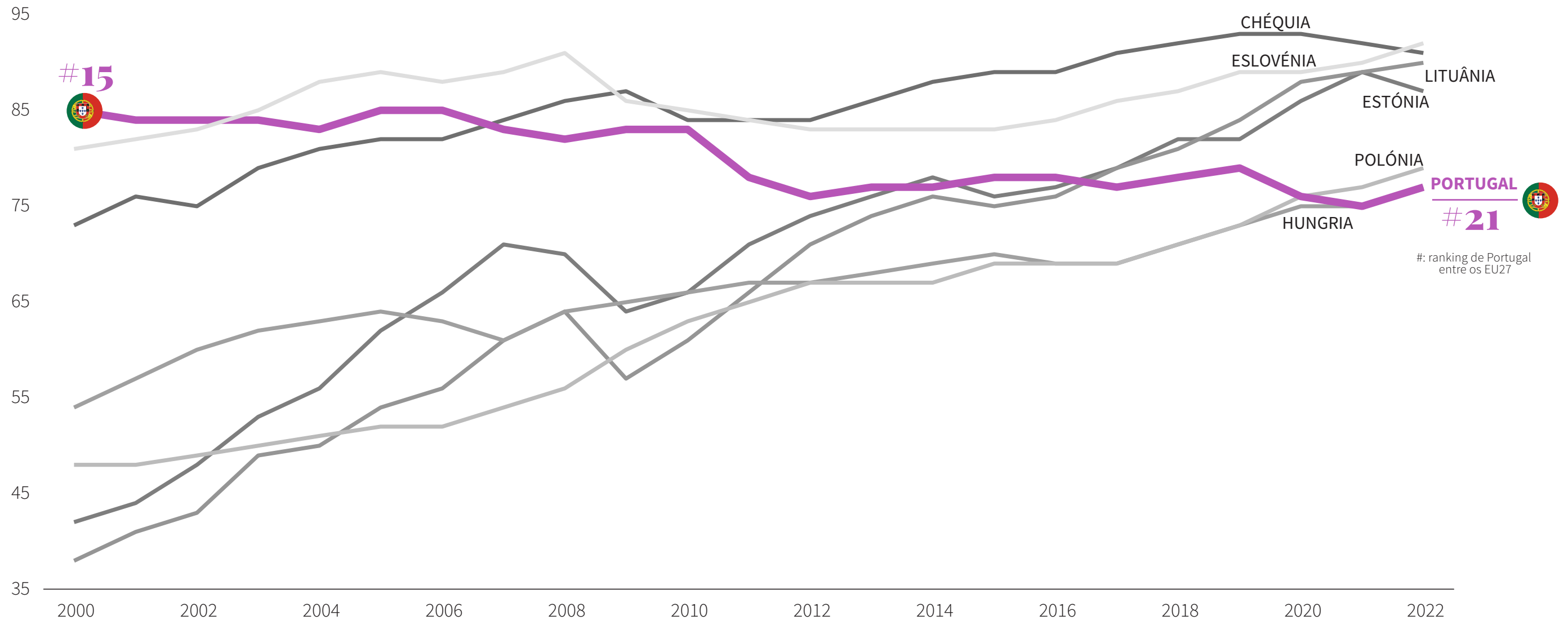
I. Introdução

(p26-c)

Portugal caiu do 15.º para o 21.º lugar no ranking do PIB per capita dos EU27.

Para a frente de Portugal nestas duas décadas passaram sete economias da União Europeia.

PIB per capita; Proximidade da Média EU27



#: ranking de Portugal entre os EU27

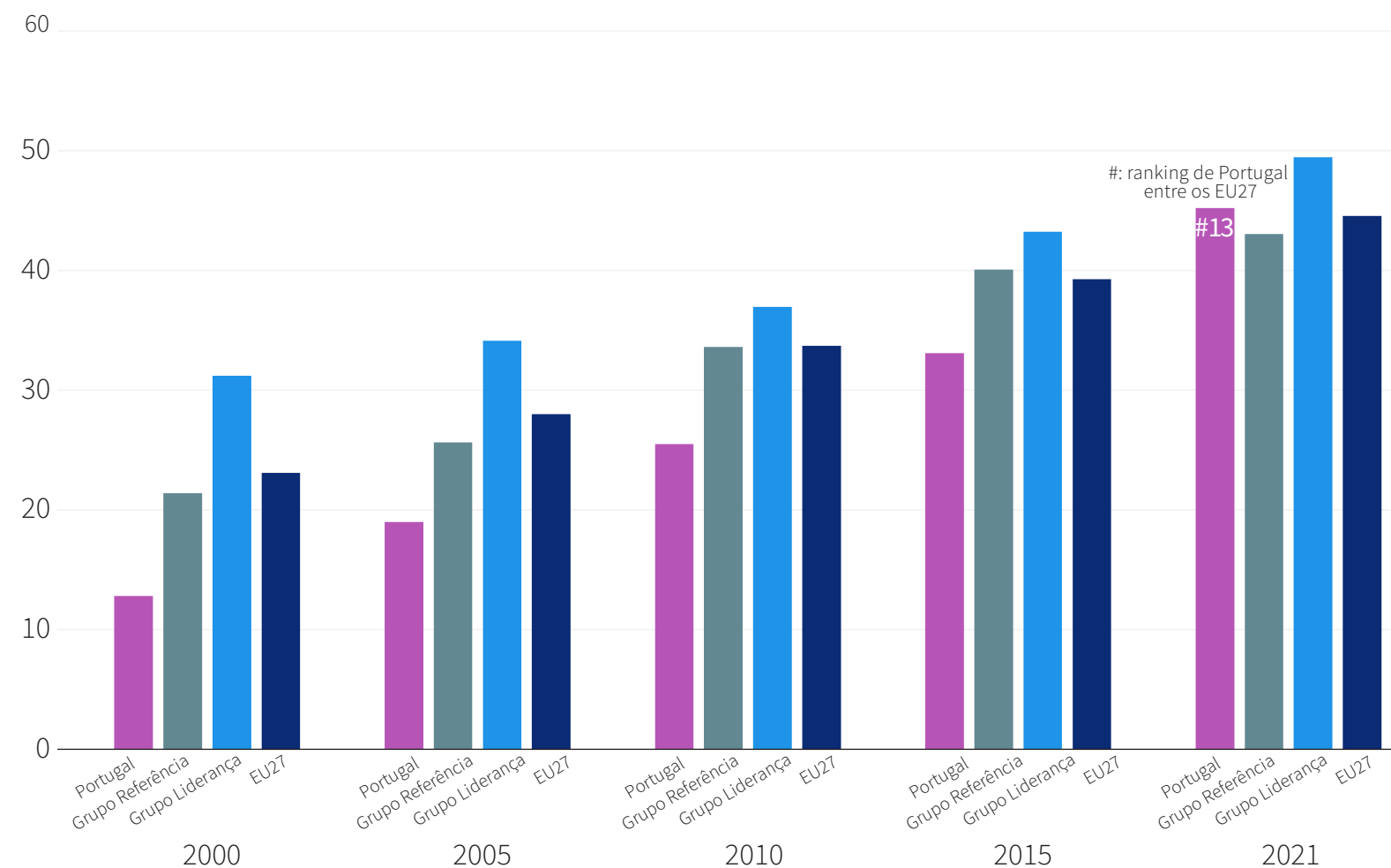
II. A geração mais bem preparada

II. A geração mais bem preparada

(p40)

Em 2020, 35 anos depois do ano em que foi assinada a adesão de Portugal à UE, a percentagem da população portuguesa com idades entre 25 e 34 anos com ensino superior completo estava nos 42%, apenas 3,6 pontos percentuais abaixo do grupo de liderança e acima da média do EU27.

Percentagem da população adulta jovem (25-34) com Ensino Superior concluído



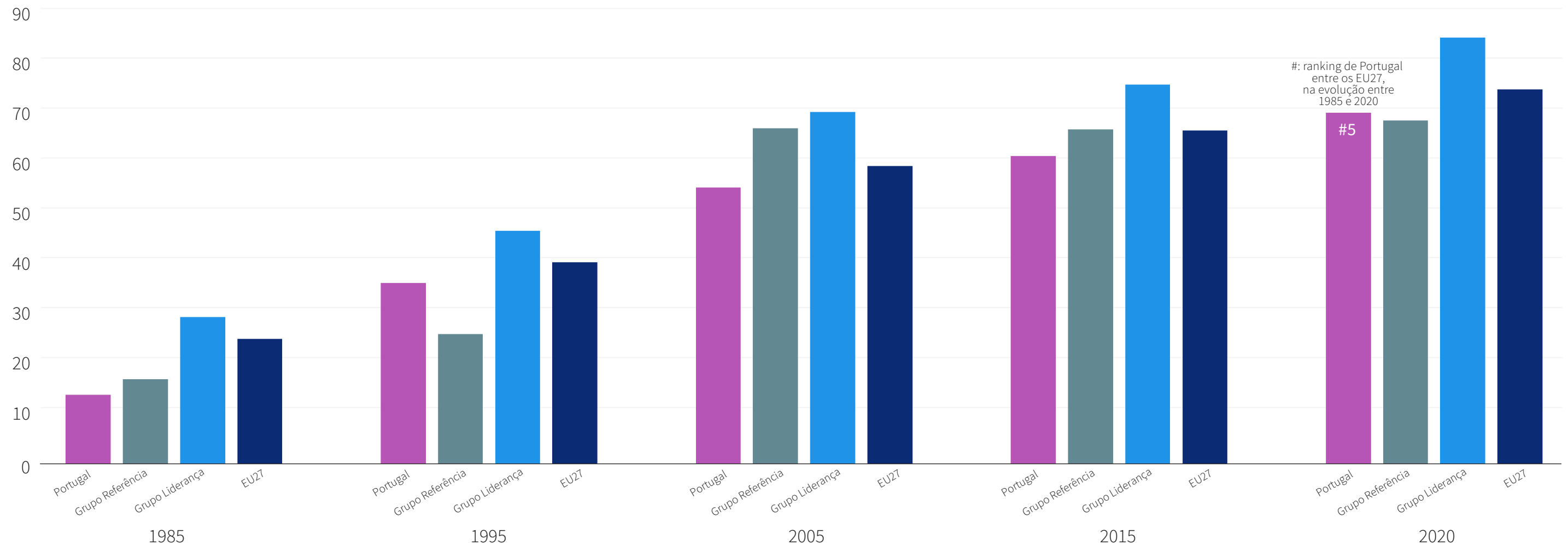
II. A geração mais bem preparada

(p41)

Em 1986, os 13% de jovens a frequentar o ensino superior em Portugal contrastavam com os 28% do grupo de liderança. Nos 12 anos seguintes, até 1998, essa percentagem atingiu os 44%. A progressão continuou até 2010, atingindo 66%.

Nesta altura, a frequência nos países do grupo de liderança era 71%, e a média dos EU27 eram semelhantes a Portugal. O país ocupava a 8.^a posição numa lista de 39 que inclui os EU27 e os membros da OCDE. Em 2020, a frequência em Portugal estava em 71%, pouco abaixo dos 75% da média dos EU27.

Participação no Ensino Superior (% da faixa etária)



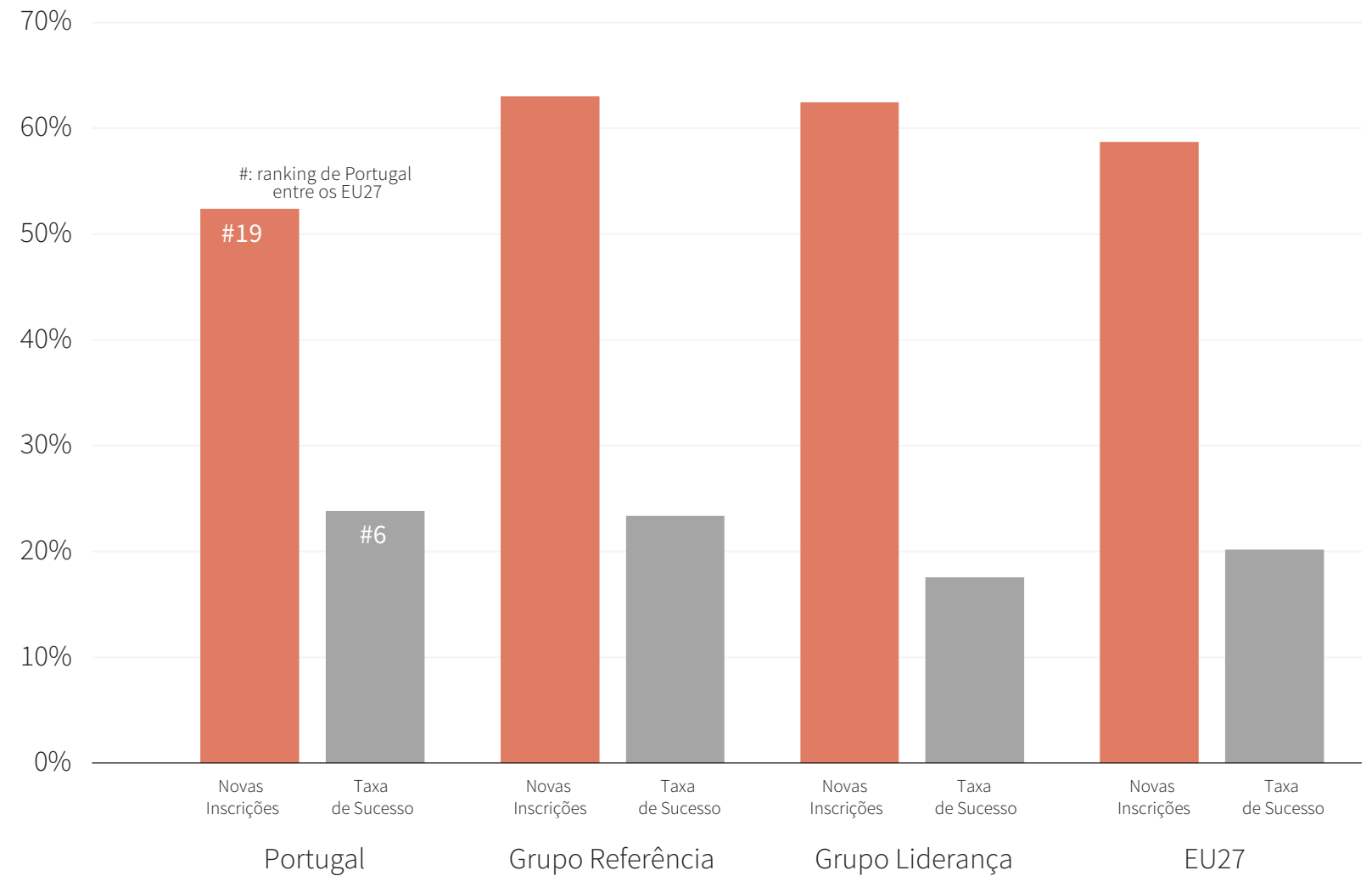
II. A geração mais bem preparada

(p43-a)

O rácio de novas inscrições em licenciaturas, em termos da população com 18 anos, tem estado estável, ligeiramente abaixo da média dos benchmarks, na 19.^a posição entre os EU27.* A taxa de sucesso está acima da média e ocupa a 6.^a posição entre os EU27.

*errata: no texto do livro refere-se erradamente que Portugal está acima da média dos EU27 e que surge no meio da tabela.

Rácio novos alunos de Licenciatura/ População com 18 anos e Taxa de Sucesso (Média 2016-2020)

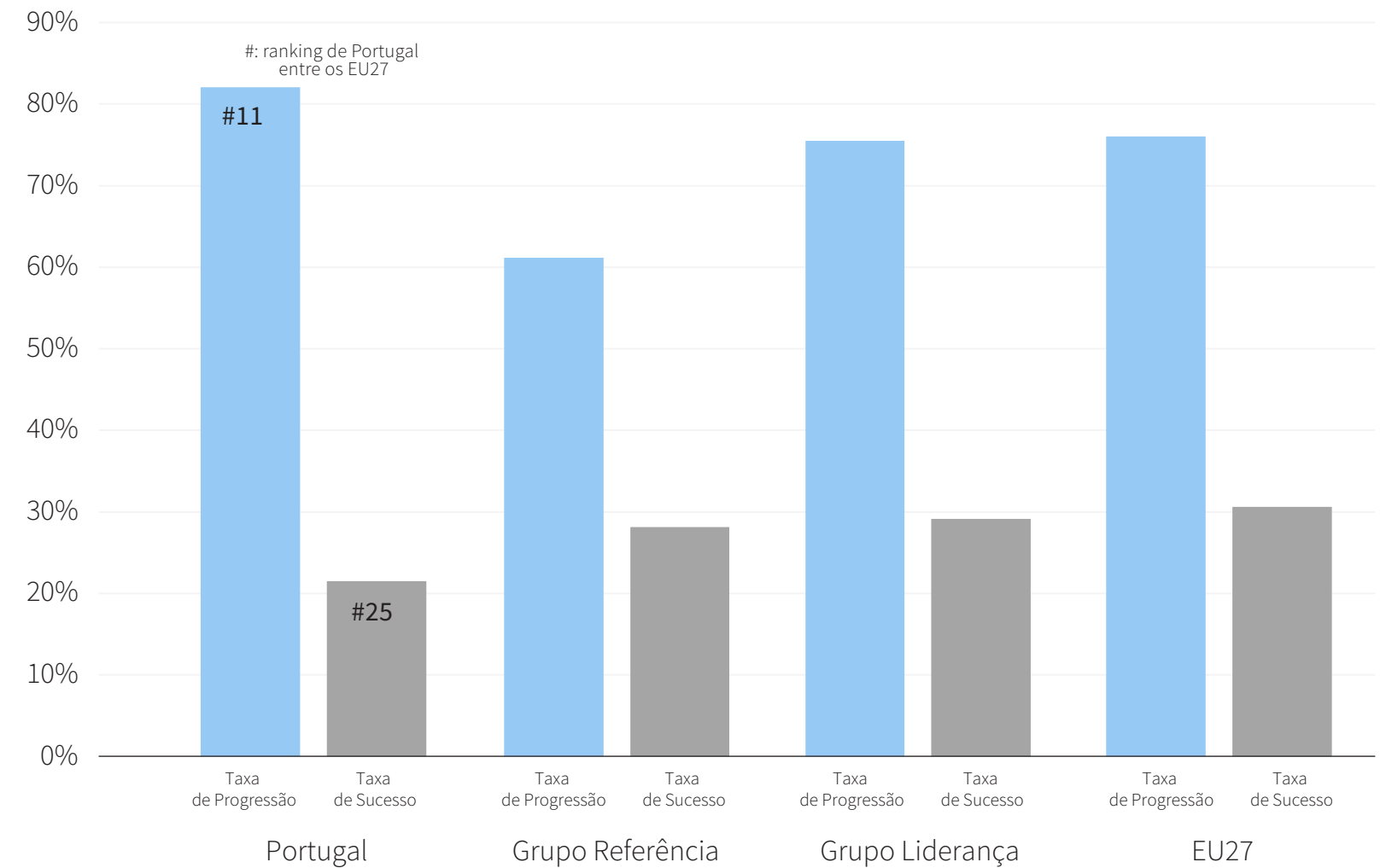


II. A geração mais bem preparada

(p43-b)

Nos mestrados, o rácio de novas inscrições, em termos de graduações de licenciatura, situa-se acima da média da EU27, estando Portugal no meio da tabela da UE. A taxa de sucesso nos mestrados está bastante abaixo da média da UE e é a 25.^a mais baixa.

Taxa de Progressão para Mestrado (Média 2013-2020)



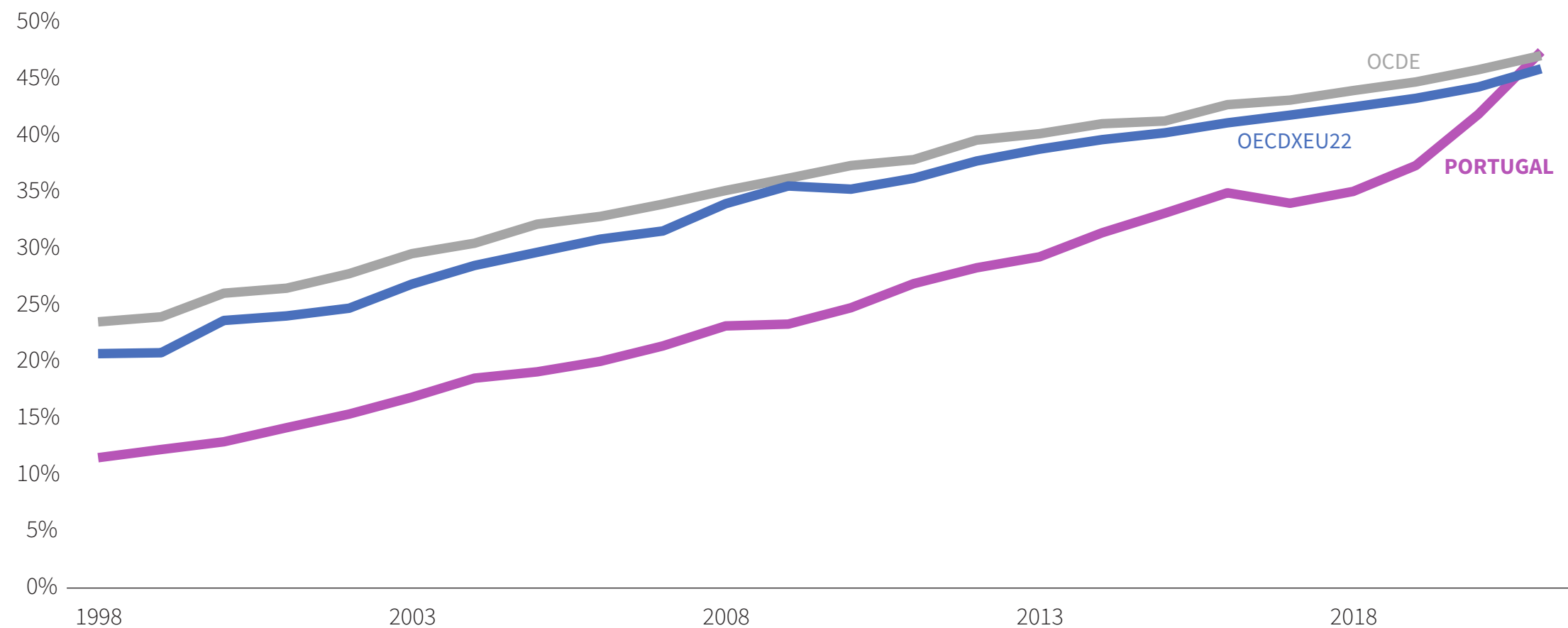
Fonte: Eurostat

Nota: Taxa de progressão calculada através da aproximação do rácio entre o total de novos alunos em mestrado e os recém-licenciados

II. A geração mais bem preparada

(p45)
A percentagem de graduados do ensino superior na população entre os 25 e os 34 anos subiu de 12% em 1998 para 48% em 2021. No mesmo período, a média para os EU27 cresceu de 21% para 45%. Portugal apresentou o segundo crescimento mais elevado entre os 31 países da OCDE.

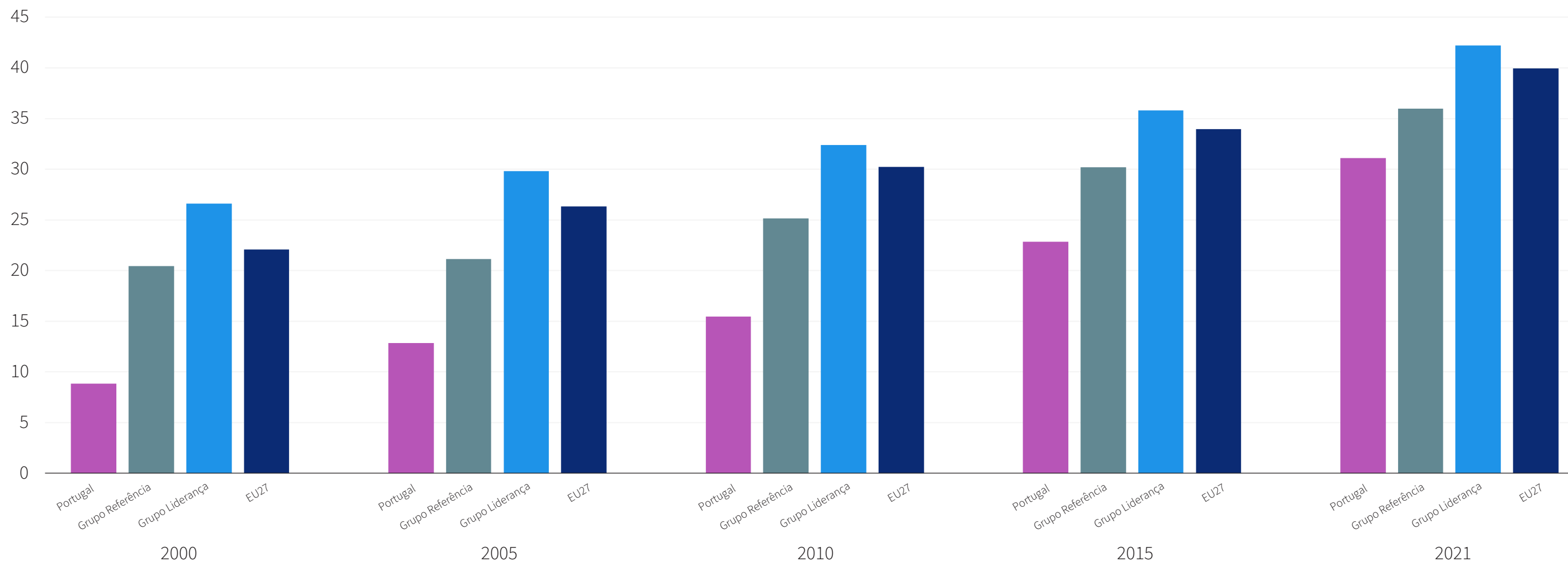
Percentagem da população jovem (25-34) com Ensino superior concluído



II. A geração mais bem preparada

(p46)
Em 2021, 31% da população portuguesa entre os 25 e os 64 anos era graduada, comparado com 12% em 1998. Para comparação, o valor médio da OCDE cresceu, no mesmo período de 24% para 40%.

Percentagem da população adulta (25-64) com Ensino superior concluído



II. A geração mais bem preparada

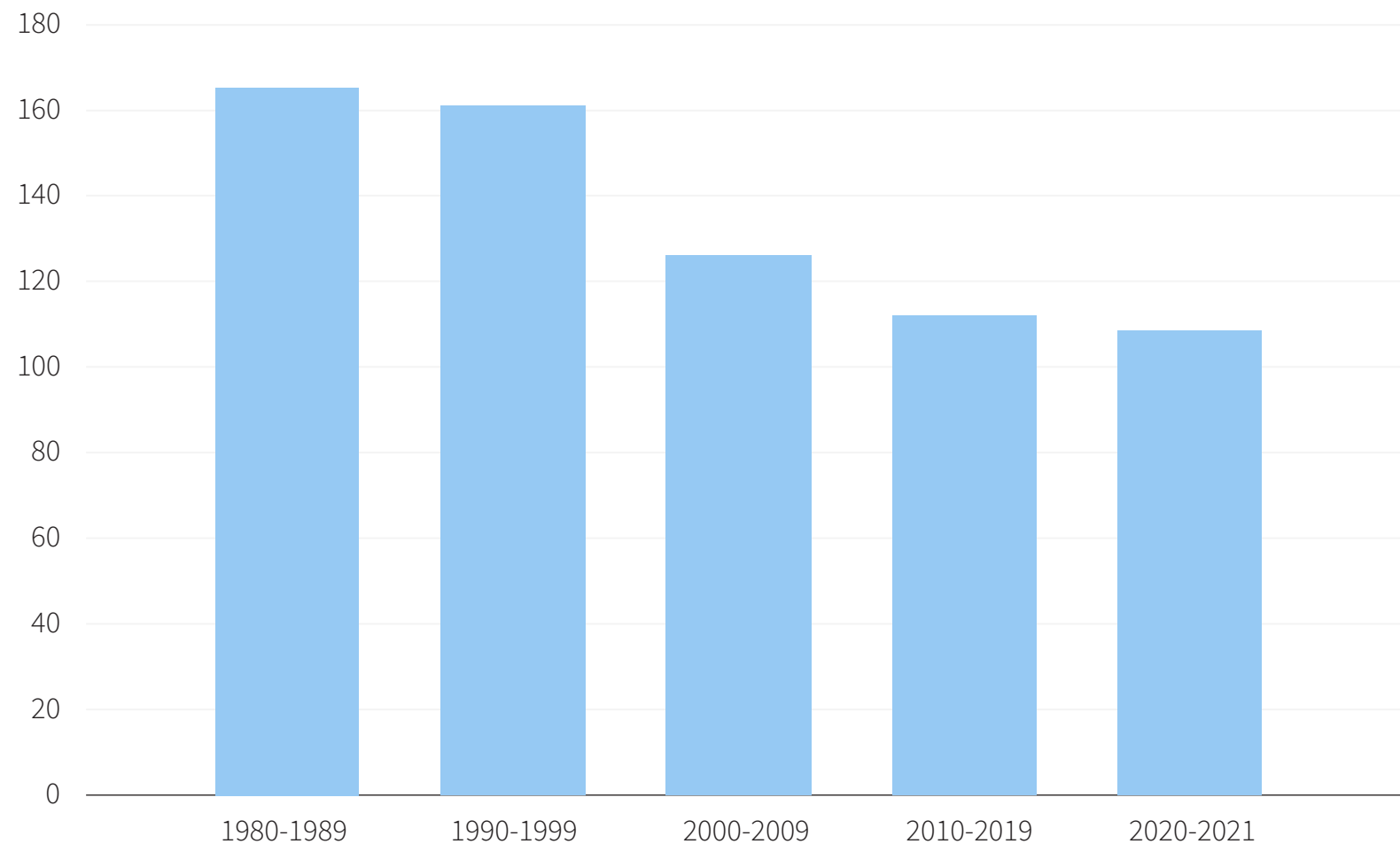
(p48-a)

Na década de 1980 o país tinha 165 mil jovens com 18 anos, em termos médios anuais.

Na década de 2010, esse indicador tinha já caído para 112 mil. E em 2020-21, eram apenas 108 mil os jovens com 18 anos.

Em menos de 40 anos o número de jovens em idade de entrada no ensino superior - 18 anos - caiu cerca de 35%.

População jovem com 18 anos (em milhares)



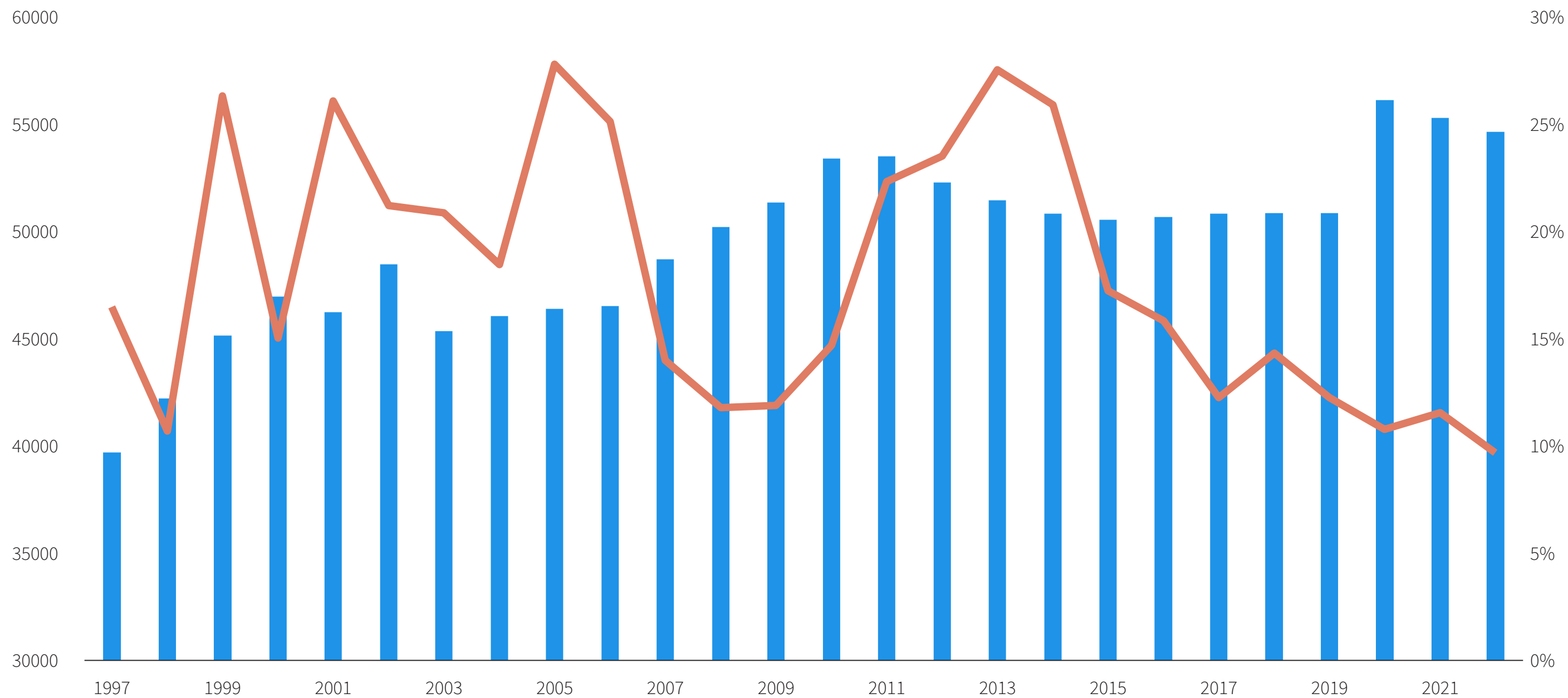
II. A geração mais bem preparada

(p48-b)

As vagas anuais para ingressar no ensino superior público aumentaram de cerca 39 mil em 1997 para cerca de 55 mil em 2022. A média de vagas por preencher entre 2017 e 2022 rondou os 12%, correspondendo a cerca de seis mil lugares.

Concurso Público de Acesso ao Ensino Superior

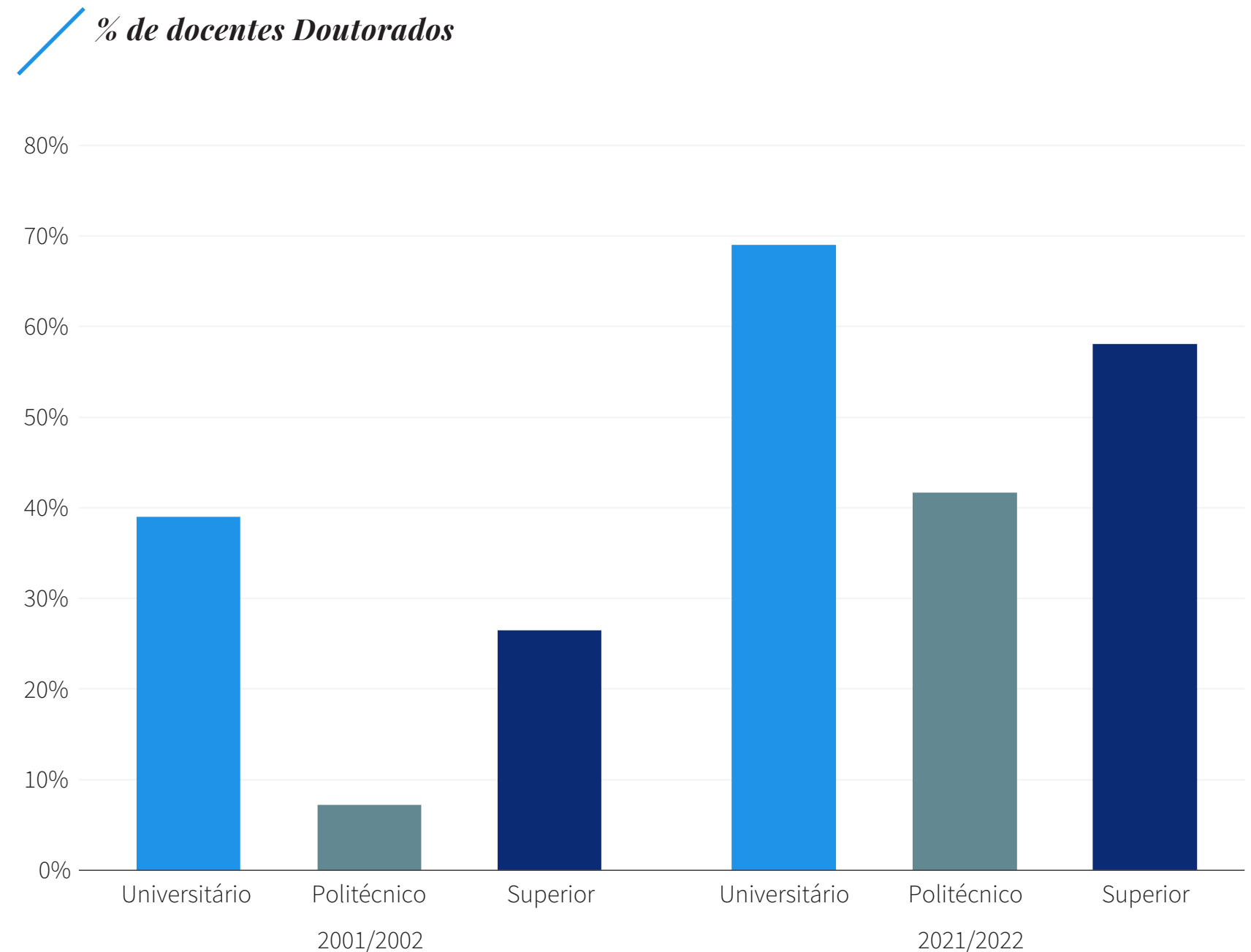
■ Número Total de Vagas 1ª Fase — Percentagem de vagas por ocupar (sobras)



II. A geração mais bem preparada

(p50-a)

A percentagem de professores com doutoramento nas universidades e politécnicos portugueses subiu de 26%, no início do século, para 58% em 2021/22. Se olharmos apenas para as Universidades, a percentagem está quase nos 70%.



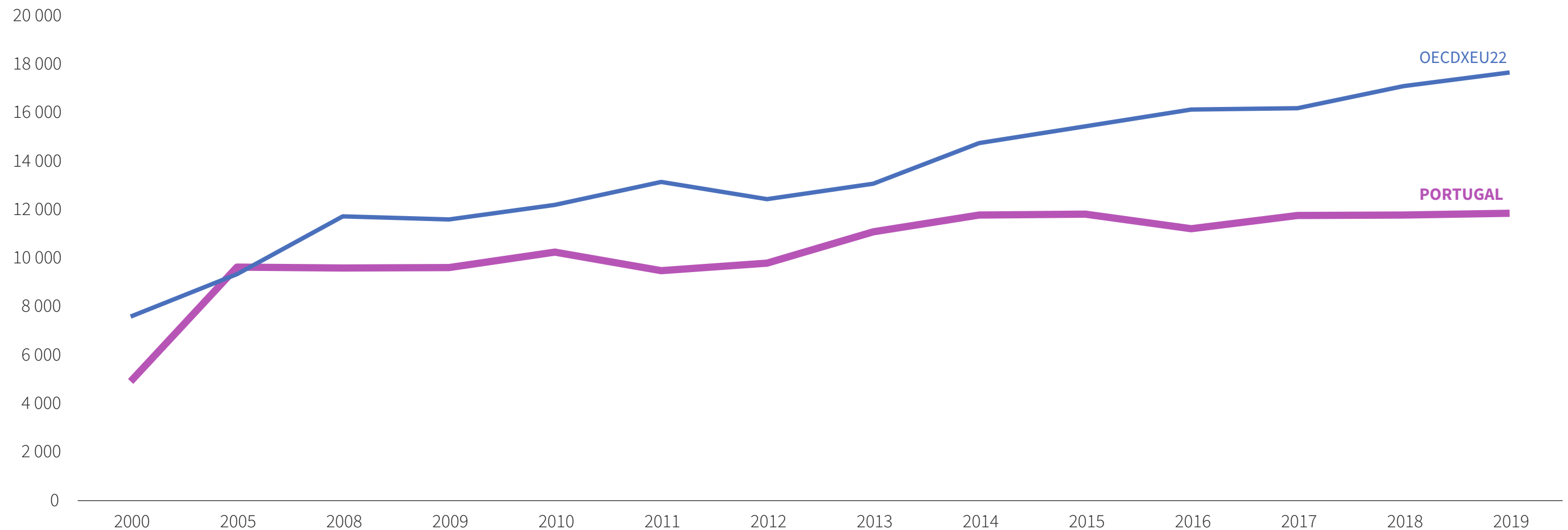
II. A geração mais bem preparada

(p50-b)

Desde 1995, a despesa nas instituições de ensino superior oscilou entre 1% e 1,4% do PIB, próximo da média dos 22 dos EU27 que integram a OCDE, o que se reflete num gasto por aluno cerca de 20% abaixo deste grupo de países (dado o valor mais baixo do nosso PIB per capita). O setor público cobre dois terços e o setor privado o terço restante, valores que se têm mantido estáveis desde 2005, e semelhantes à média da OCDE.

Recursos financeiros gastos em educação por aluno (em dólares, PPP)

Despesa total em instituições públicas e privadas, por estudante a tempo inteiro



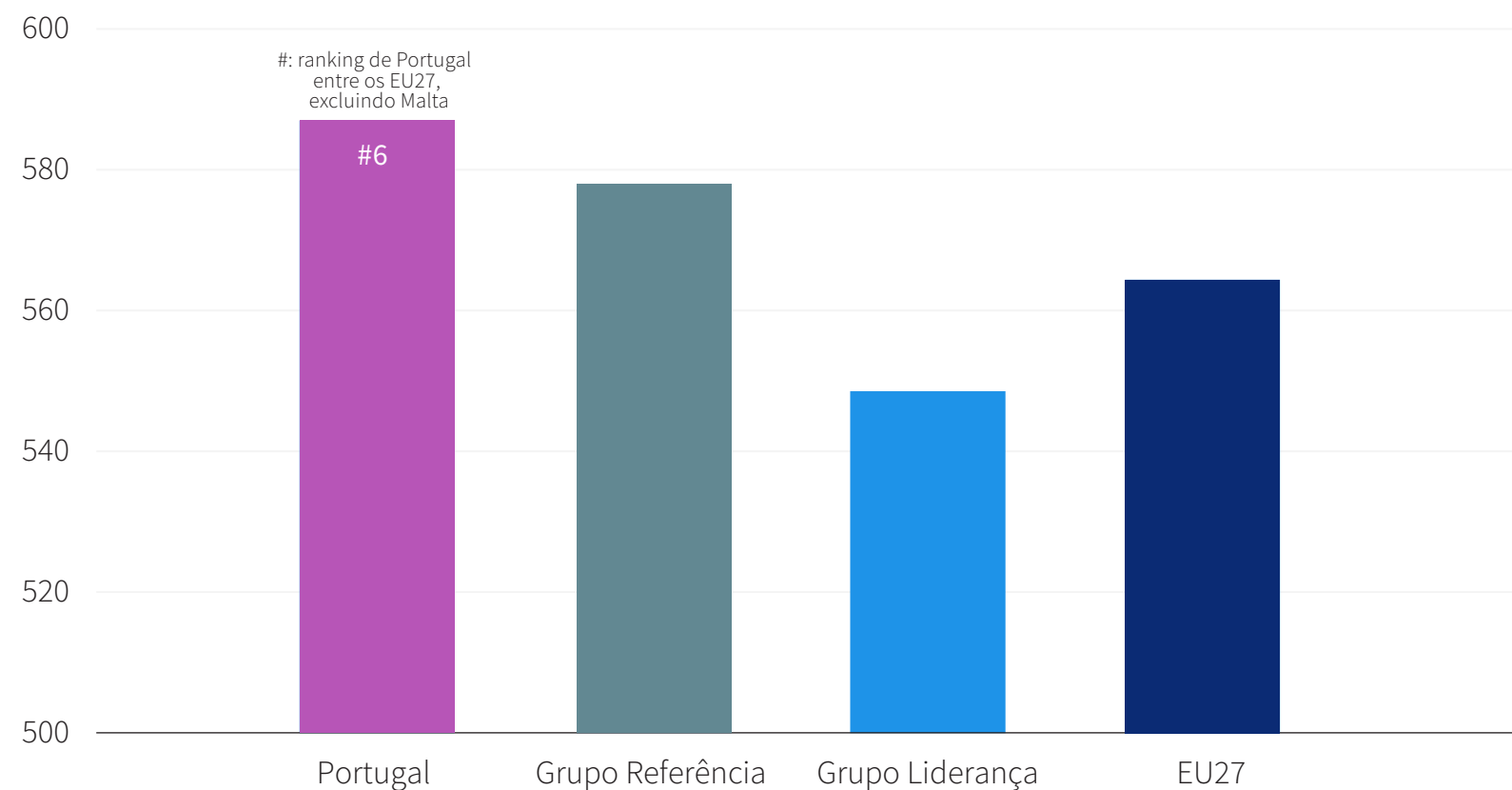
II. A geração mais bem preparada

(p54-a)

No caso do GMAT (Graduate Management Admission Test) - exame de acesso aos programas de MBA e Mestrados na área de gestão, feito à medida das metodologias de teste americanas - a média dos alunos portugueses foi, entre 2014 e 2019, superior à média global e esteve a linhada com a média dos países da Europa ocidental, estando os candidatos portugueses em 19.º lugar entre os 42 países onde o teste é oferecido.

Se considerássemos apenas países com mais de 100 exames realizados, Portugal seria o 3.º com melhor média.

Resultado médio GMAT, 2019



II. A geração mais bem preparada

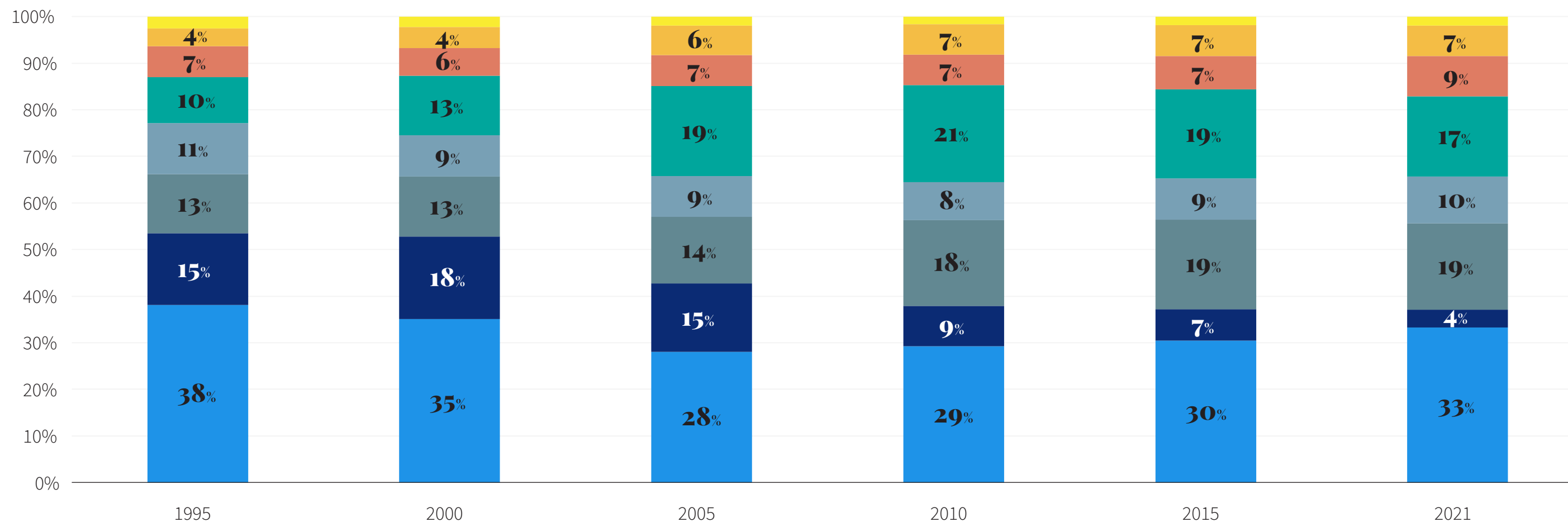
(p54-b)

Entre 1994 e 2021, a percentagem de graduados no ensino superior especializados nas áreas de ciências, matemáticas e informática subiu de 6% para 9%.

Se acrescentarmos as áreas de engenharia (incluindo os programas que preparam para a indústria e a construção), correspondendo hoje à área STEM, os valores sobem de 19% para 28%. A área de saúde e proteção social também progrediu, crescendo de 9% para 17%, atingido um máximo de 21% antes do programa de ajustamento, em 2010. Áreas como a educação sofreram a maior perda de alunos, caindo de 16% para 4%.

Percentagem de Diplomados por área, Portugal

Ciências Sociais, Comércio e Direito Educação Engenharia, Indústrias Transformadoras e Construção Artes e Humanidades
Saúde e Proteção Social Ciências, Matemática e Informática Serviços Agricultura



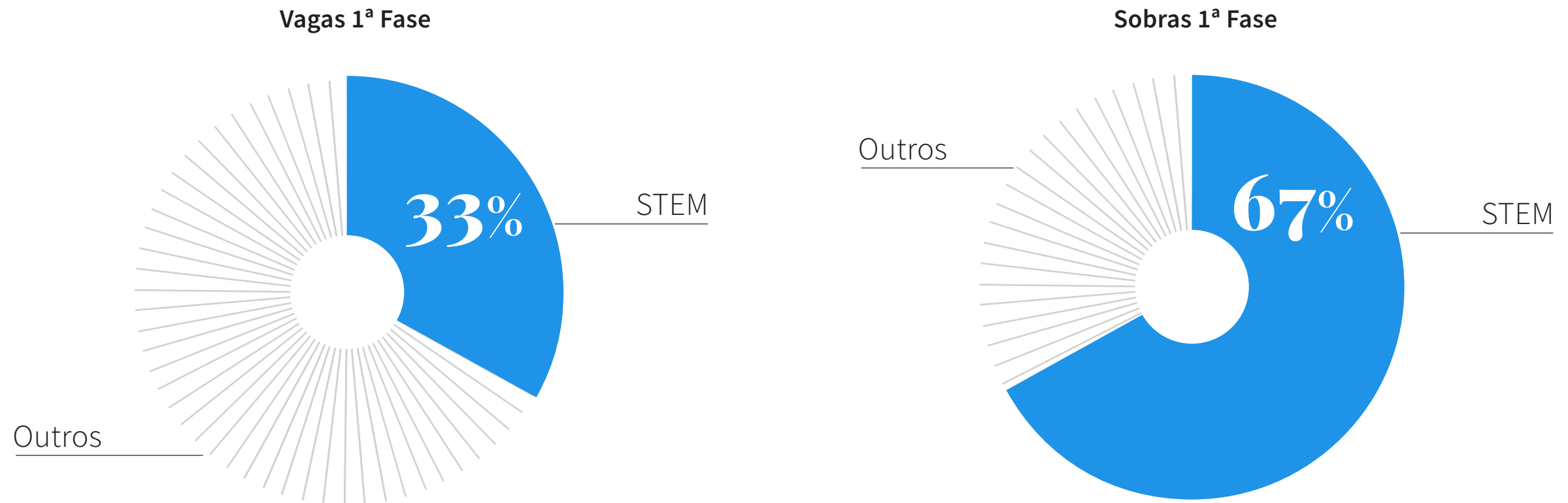
II. A geração mais bem preparada

(p55-a)

Nos cursos de STEM, que em 2021 e 2022 ofereceram cerca de um terço das vagas abertas em cursos superiores, 20% ficaram por preencher, contra cerca de 10% para a média de todos os cursos.

STEM

Ciência, Tecnologia, Engenharia e Matemática

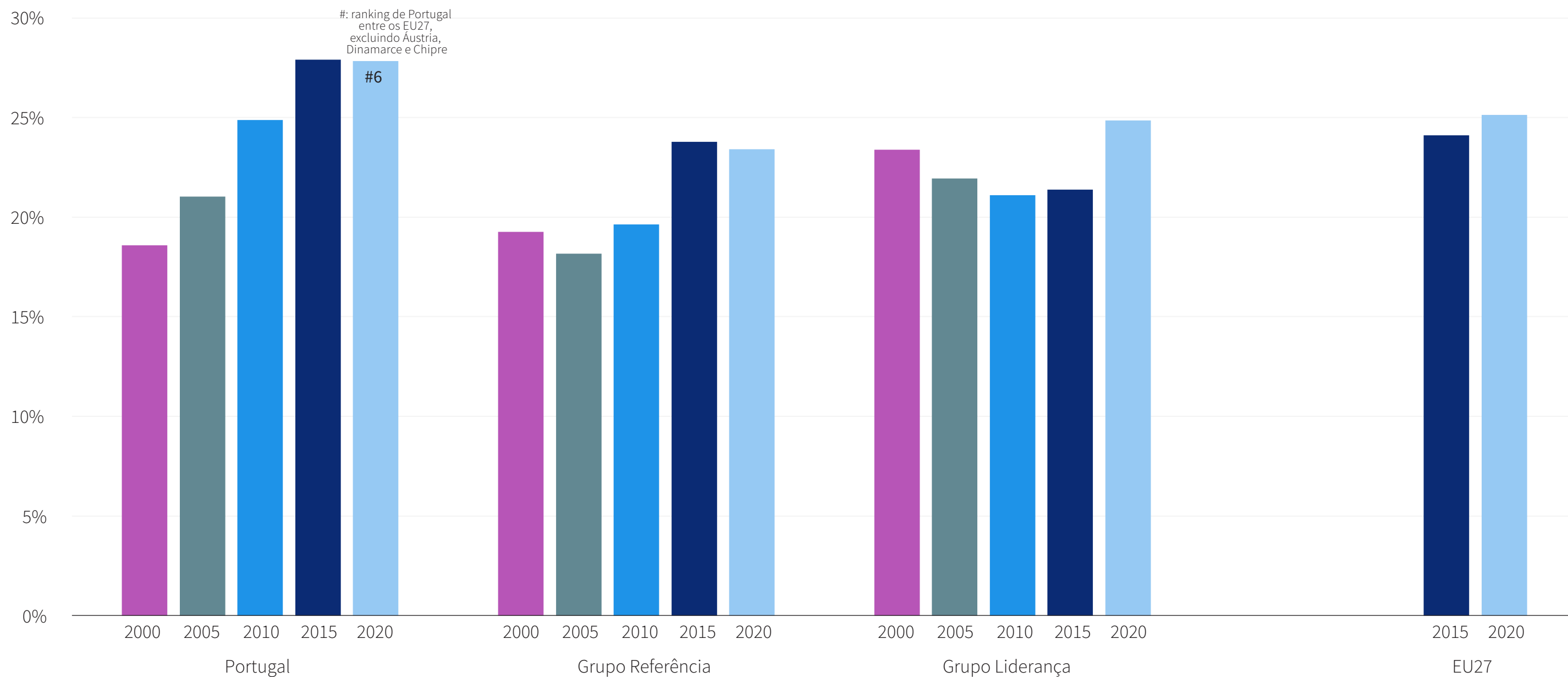


II. A geração mais bem preparada

(p55-b)

Em 2020, a percentagem média de graduados nas áreas STEM na UE rondava os 25%, inferior aos níveis portugueses. Portugal surge com o sexto nível mais alto entre os 31 países do espaço europeu alargado. A concentração nas áreas STEM é superior a 30% apenas na Alemanha (36%) e na Áustria (31%).

Percentagem média de graduados nas áreas STEM

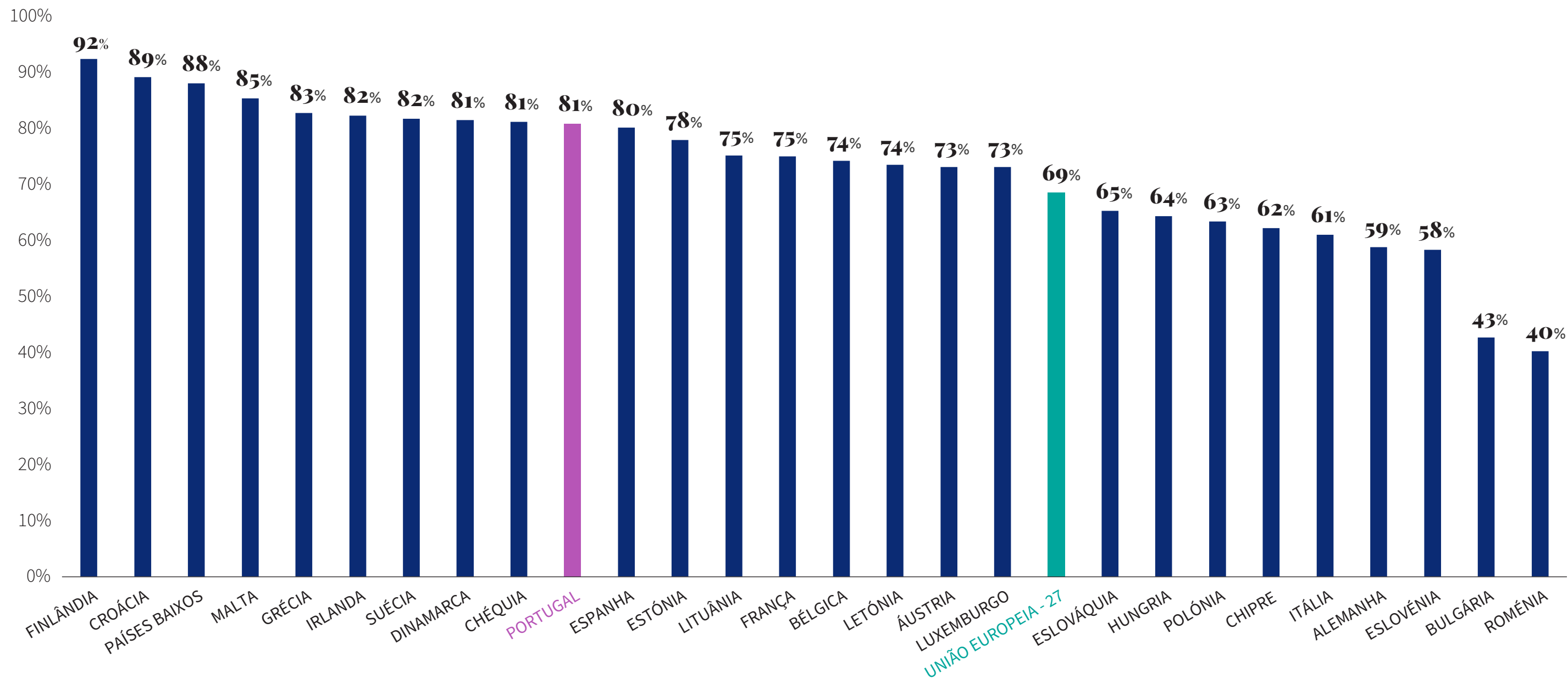


II. A geração mais bem preparada

(p55-c)

A percentagem de jovens entre os 25-34 com competências básicas ou acima de básicas nesta área estava nos 81% em 2021, que comparava com 69% para a média da EU27, ocupando o 10.º lugar.

Índividuos com competências digitais básicas ou superiores, 25-34, 2021

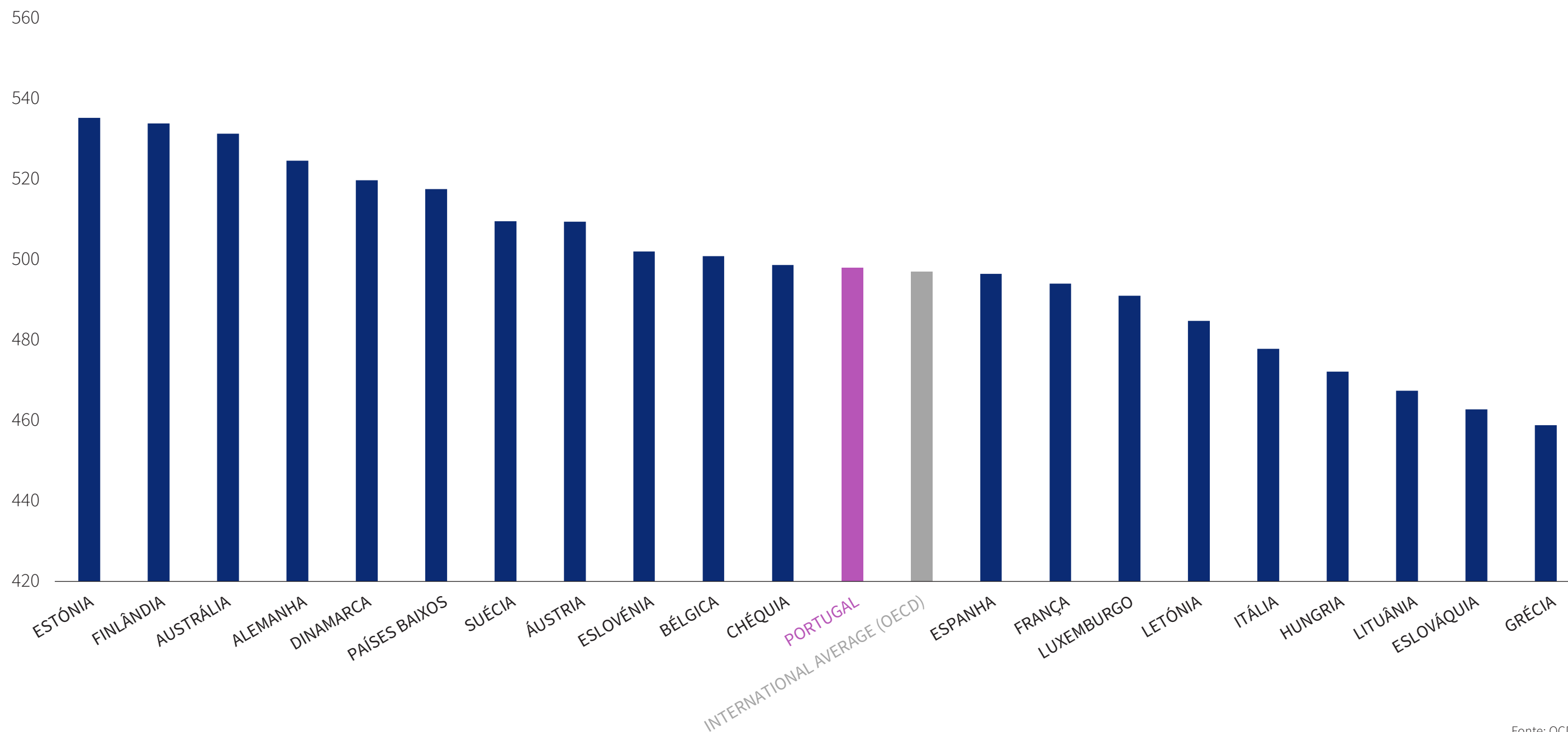


II. A geração mais bem preparada

(p63-a)

Em competências relacionadas com a capacidade de resolver problemas colaborativamente (2015) e individualmente (2012), os jovens adolescentes portugueses demonstram níveis de soft skills próximos da média a OCDE e ligeiramente abaixo da mediana.

Colaborative Problem Solving - PISA (2015)



II. A geração mais bem preparada

(p63-b)

Em 2018, uma análise sobre a resiliência, que mede a eficácia motivacional e o receio de falhar, os jovens portugueses classificaram-se de novo ligeiramente acima da média da OCDE e em 6.º lugar entre os 22 países da UE representados.

Índice de autoeficácia - PISA (2018)

	Geralmente consigo resolver as coisas de uma maneira ou de outra	Sinto-me orgulhoso por ter alcançado coisas	Sinto que consigo lidar com muitas coisas ao mesmo tempo	A minha autoconfiança ajuda-me a ultrapassar momentos difíceis	Quando estou numa situação difícil, geralmente consigo encontrar uma solução
OECD	89	86	70	71	84
Austria	85	85	71	73	84
Bélgica	89	91	64	57	83
República Checa	91	70	68	63	82
Dinamarca	91	87	78	71	90
Estónia	92	85	71	71	87
Finlândia	94	89	68	71	84
França	92	87	67	59	75
Alemanha	85	82	69	68	84
Grécia	88	84	75	78	86
Hungria	91	91	74	80	90
Irlanda	94	90	72	66	85
Itália	85	86	68	72	86
Letónia	83	79	70	72	84
Lituânia	90	89	72	81	85
Luxemburgo	87	83	73	68	81
Países Baixos	90	89	66	69	88
Polónia	88	90	73	69	83
Portugal	91	92	68	73	85
Eslováquia	80	77	65	66	79
Eslovénia	89	79	75	77	85
Espanha	85	92	82	73	84
Suécia	93	74	74	66	83

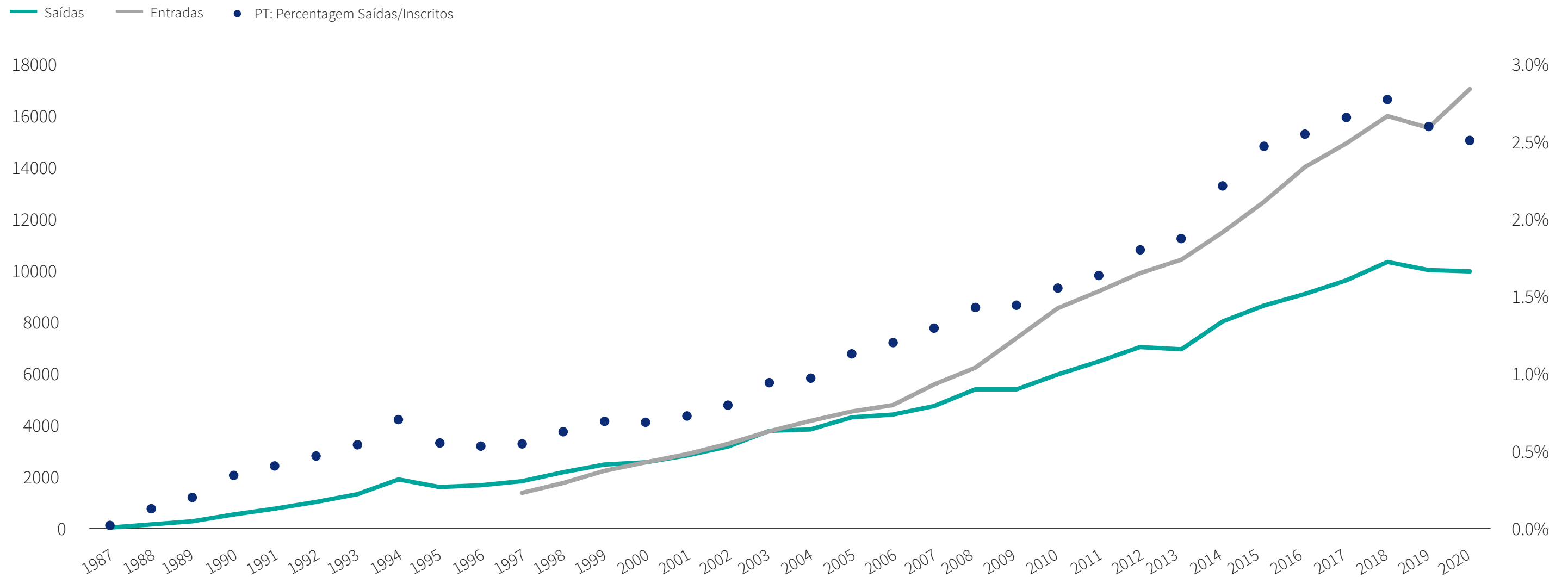
II. A geração mais bem preparada

(p67)

Entre 2017 e 2021 saíram de Portugal, ao abrigo do programa ERASMUS, uma média de 10 mil alunos por ano, 2,6% do total de alunos inscritos no ensino superior (licenciatura e mestrado). Se pensarmos que o aluno médio está inscrito no ensino superior quatro anos, isto implica

que 10% dos alunos que concluem o ensino superior participaram no programa Erasmus. Entre 2000 e 2006, o influxo de alunos estrangeiros foi, em média, 4% superior à saída de alunos portugueses. A partir de 2007, quando o influxo subiu para 17% acima da saída de alunos portugueses, começou uma escalada que, entre 2016 e 2019, antes da pandemia, esteve nos 55%.

Mobilidade Erasmus

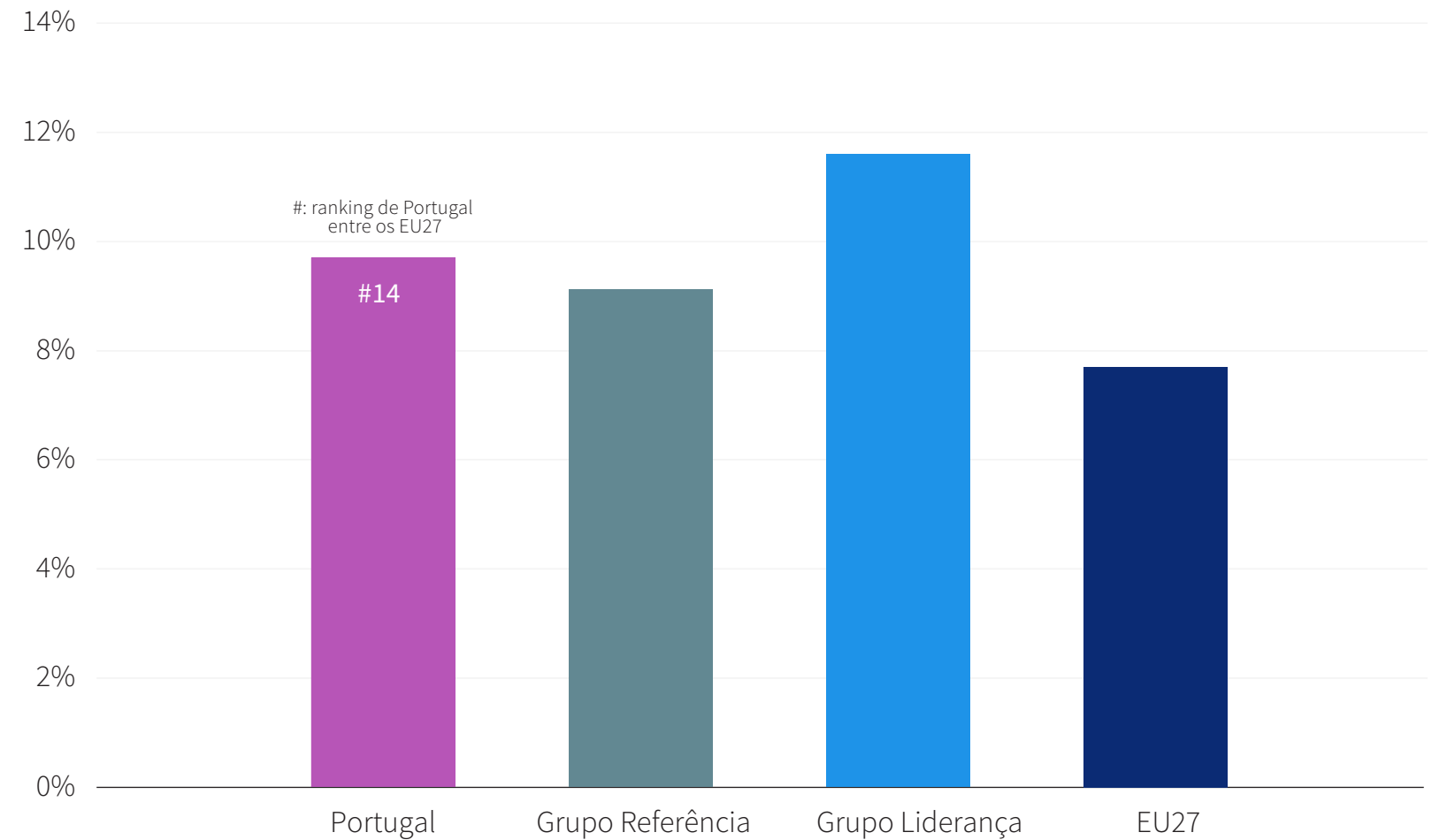


II. A geração mais bem preparada

(p68)

Em 2019, antes da pandemia, a percentagem de alunos internacionais inscritos nas universidades nacionais atingiu cerca de 10%, que compara com 8% para a média da EU27, e que era o 14.º mais elevado.

Percentagem de alunos internacionais inscritos no Ensino Superior (2019)



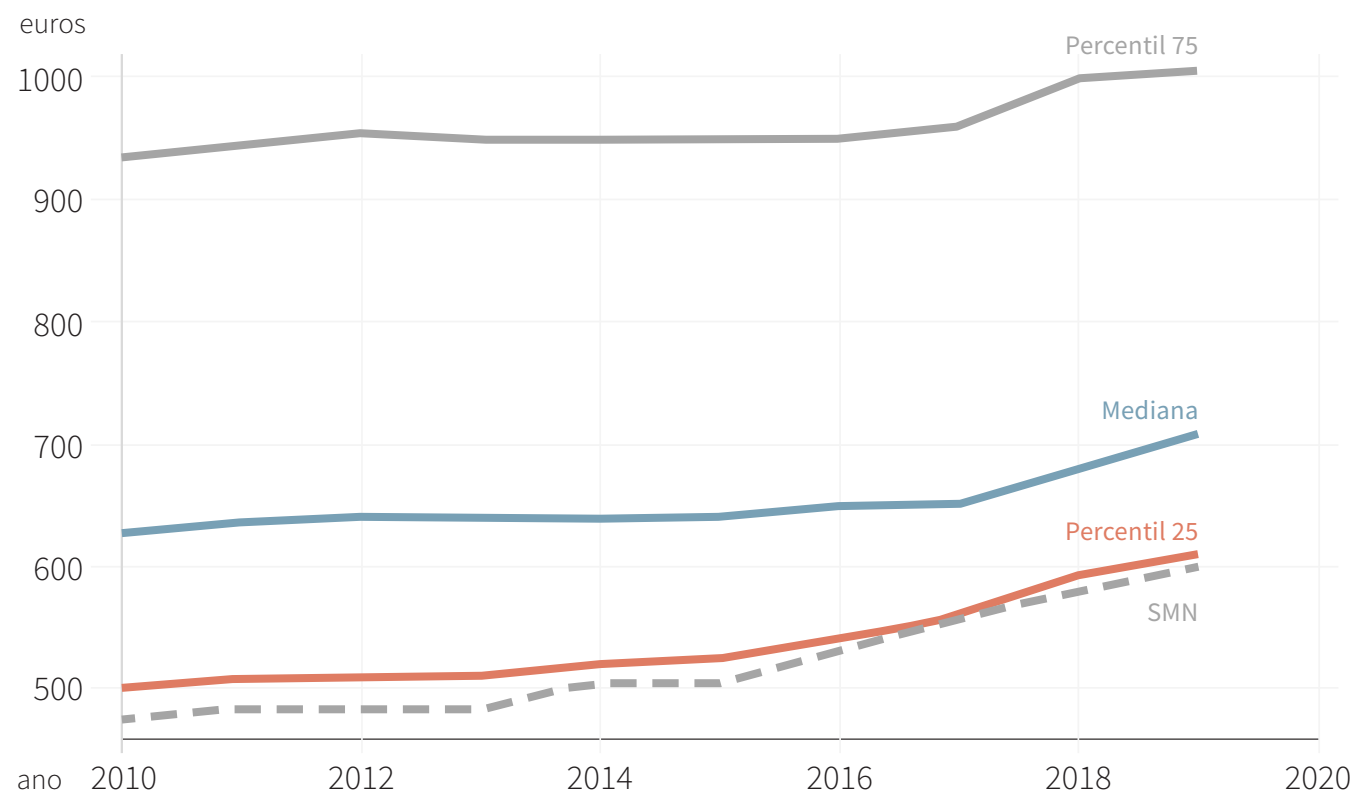
Fonte: Dados fornecidos pela Agência Nacional de Erasmus, Pordata, Eurostat, cálculos próprios

* Dados para 2019 e 2020 ainda provisórios

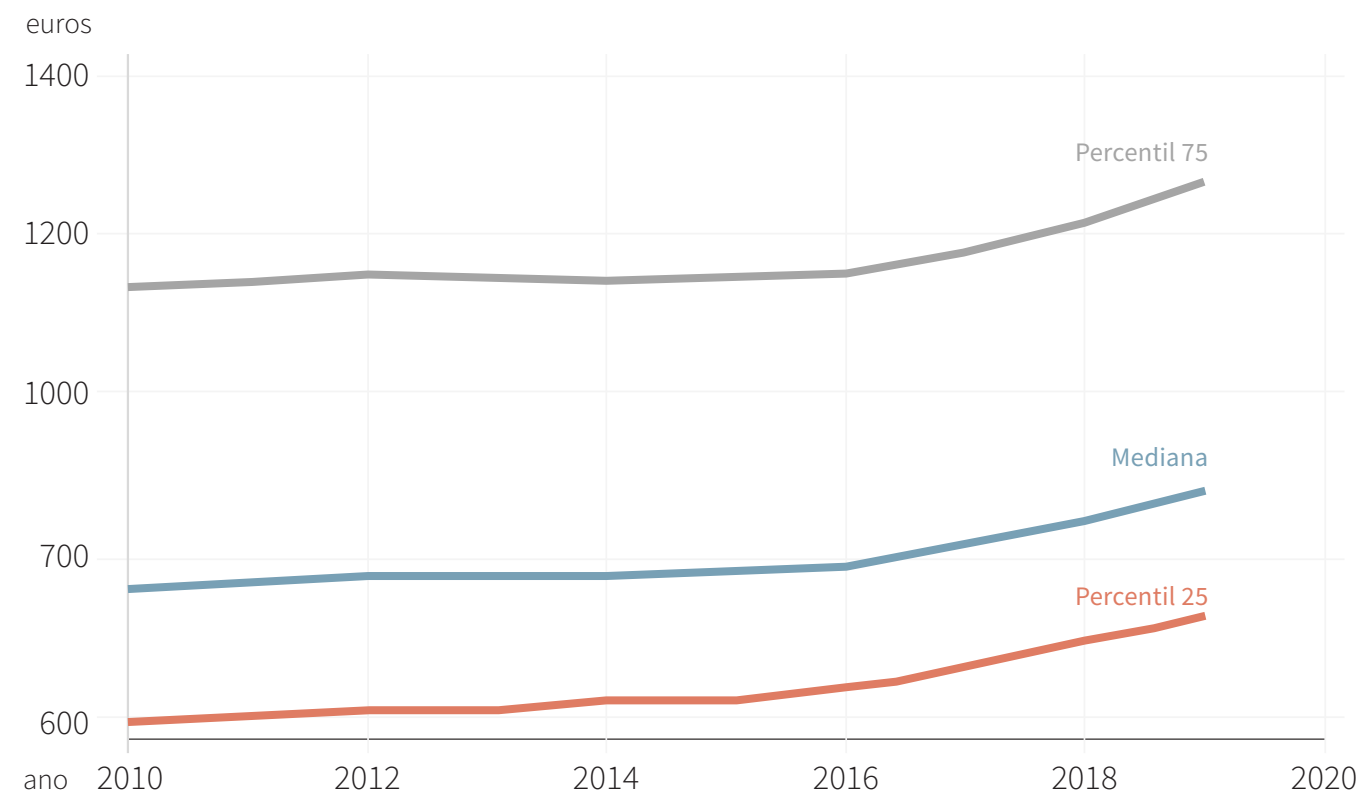
II. A geração mais bem preparada

(p69)
A média dos salários reais subiu cerca de 0,8% por ano entre 2006 e 2019, tendo os valores sido negativos entre 2010 e 2012, no auge da crise que levou ao programa de ajustamento. Nos 10% de salários mais baixos, a subida foi de 2%, sobretudo por influência da subida do salário mínimo a partir de 2016. Em termos nominais, em 2019, 75% dos trabalhadores a tempo e remuneração completos auferiam até 1.005 euros de salário base ilíquido.

Remuneração base (nominal)



Remuneração total (nominal)

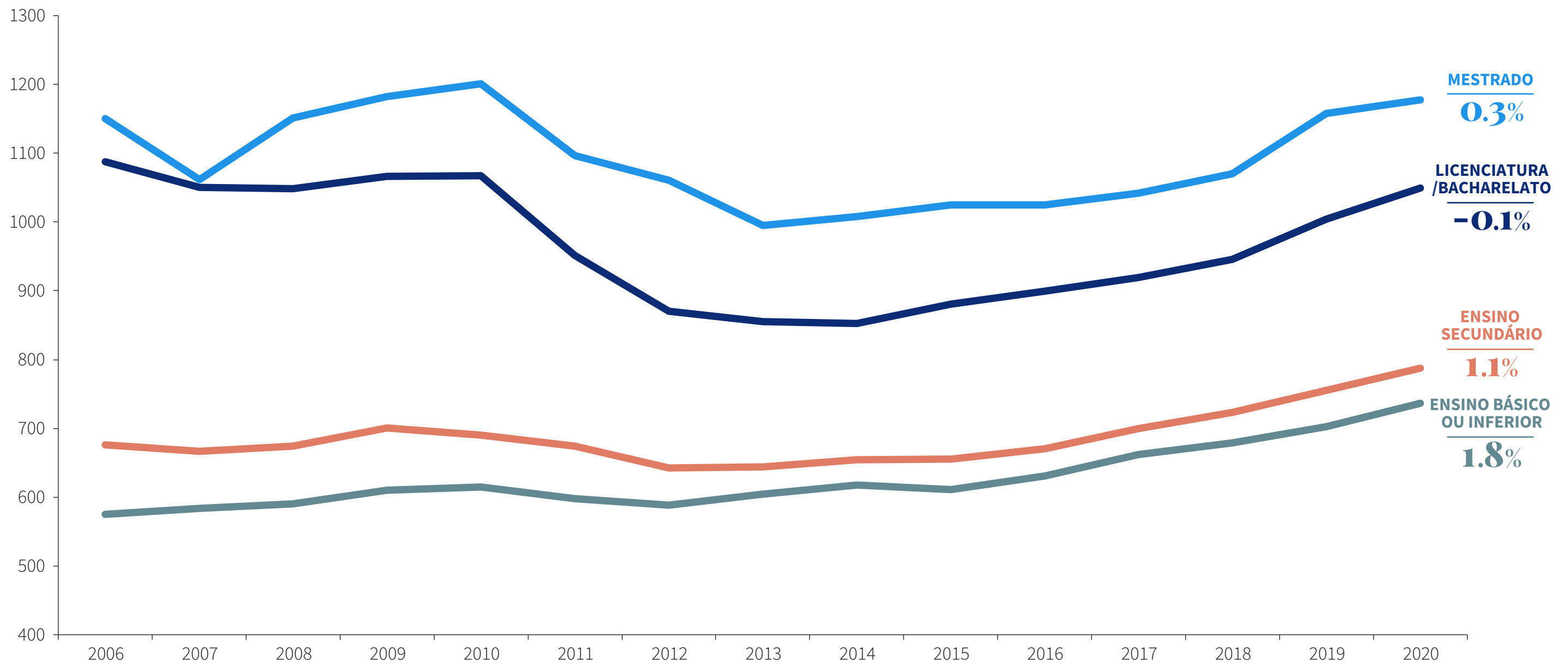


II. A geração mais bem preparada

(p70-a)

Entre 2007 e 2019, o salário de entrada no mercado de trabalho de um jovem com licenciatura caiu 1,6%, enquanto o de um jovem com mestrado subiu 3,6%. Os anos de 2011 e 2012 foram particularmente difíceis, com quedas de 19,5% para os licenciados e 11,9% para os mestres. No mesmo período, 2007-19, o salário de entrada de um trabalhador com o ensino secundário aumentou 14%.

Salário médio de entrada no mercado de trabalho, Preços de 2006 Crescimento médio anual, 2006-2020



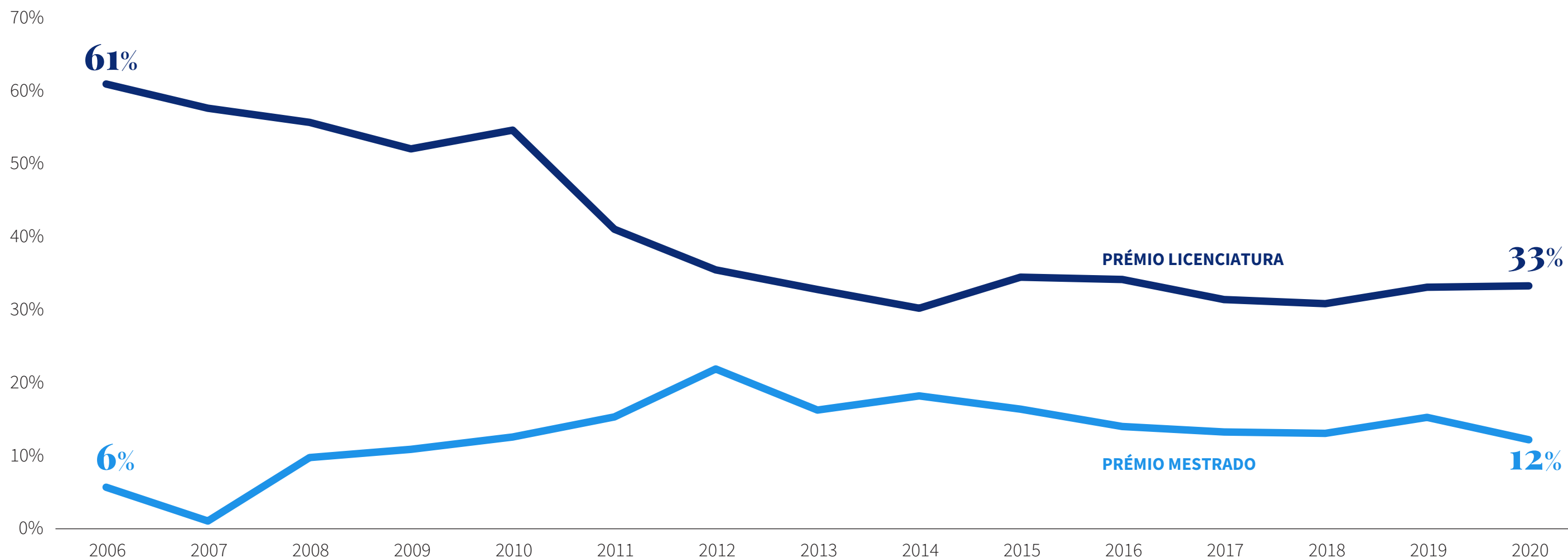
II. A geração mais bem preparada

(p70-b)

O salário de entrada de um licenciado era, em 2006, antes da reforma de Bolonha, 61% superior ao de um graduado com o ensino secundário. Em 2010, quando começaram a sair os primeiros graduados com licenciaturas de Bolonha (com a duração de três anos), o valor caiu para os 55%. E em 2012, no pico da crise, esse prémio salarial já tinha caído para 35%, oscilando desde

então entre os 30% e os 35% (33% em 2020). Concluída a licenciatura, o prémio permitido pelo mestrado estava em 11% em 2009, logo a seguir à transição para Bolonha, e em 12% em 2020. Se somarmos o prémio de licenciatura e mestrado, vemos que em 2010, no início de Bolonha, era de 66% (55%+11%), semelhante ao prémio de licenciatura pré-Bolonha em 2006 (61%), mas que tem caído desde então, para se cifrar em 45% (33%+12%) em 2020.

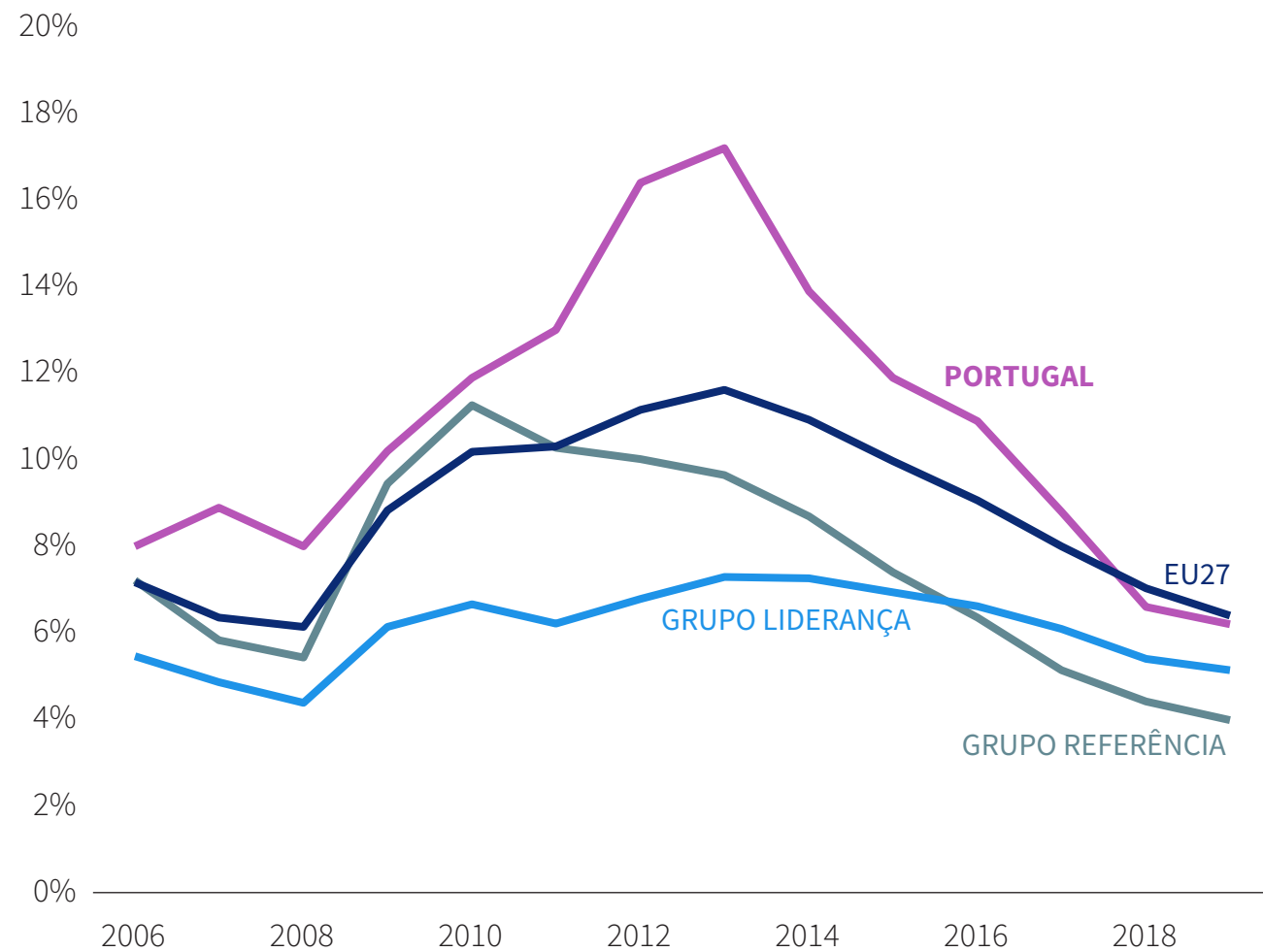
Prémio salarial de entrada



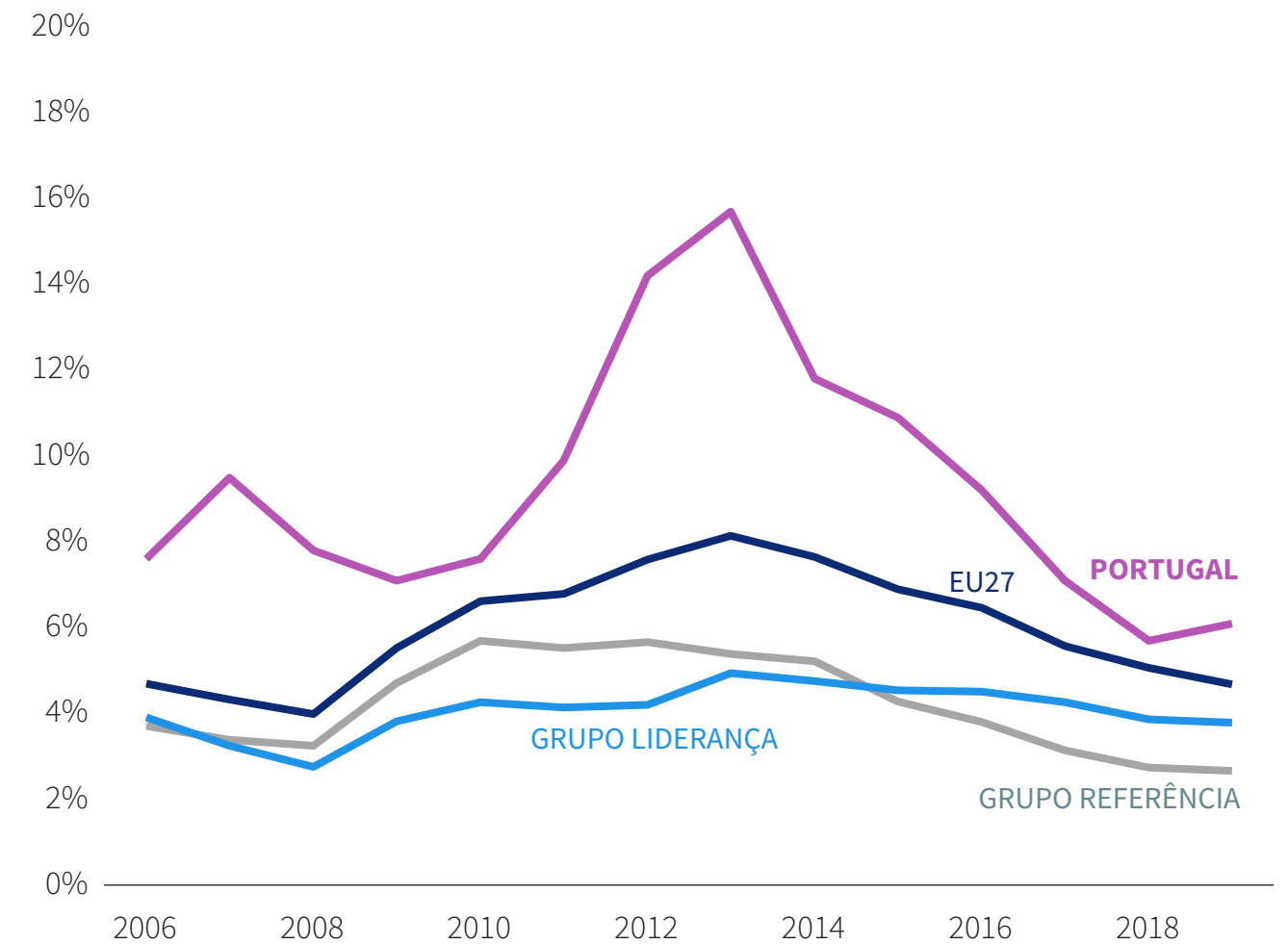
II. A geração mais bem preparada

(p71)
Entre os 25-39 anos, a taxa de desemprego média dos graduados entre 2006 e 2019 foi de 9,3%, que compara com 10,9% para a população daquele grupo etário. Os valores comparáveis para os EU27 são de 5,9% para os graduados e 8,8% para o grupo etário em geral.

Taxa de Desemprego total, 25-39



Taxa de Desemprego dos graduados, 25-39



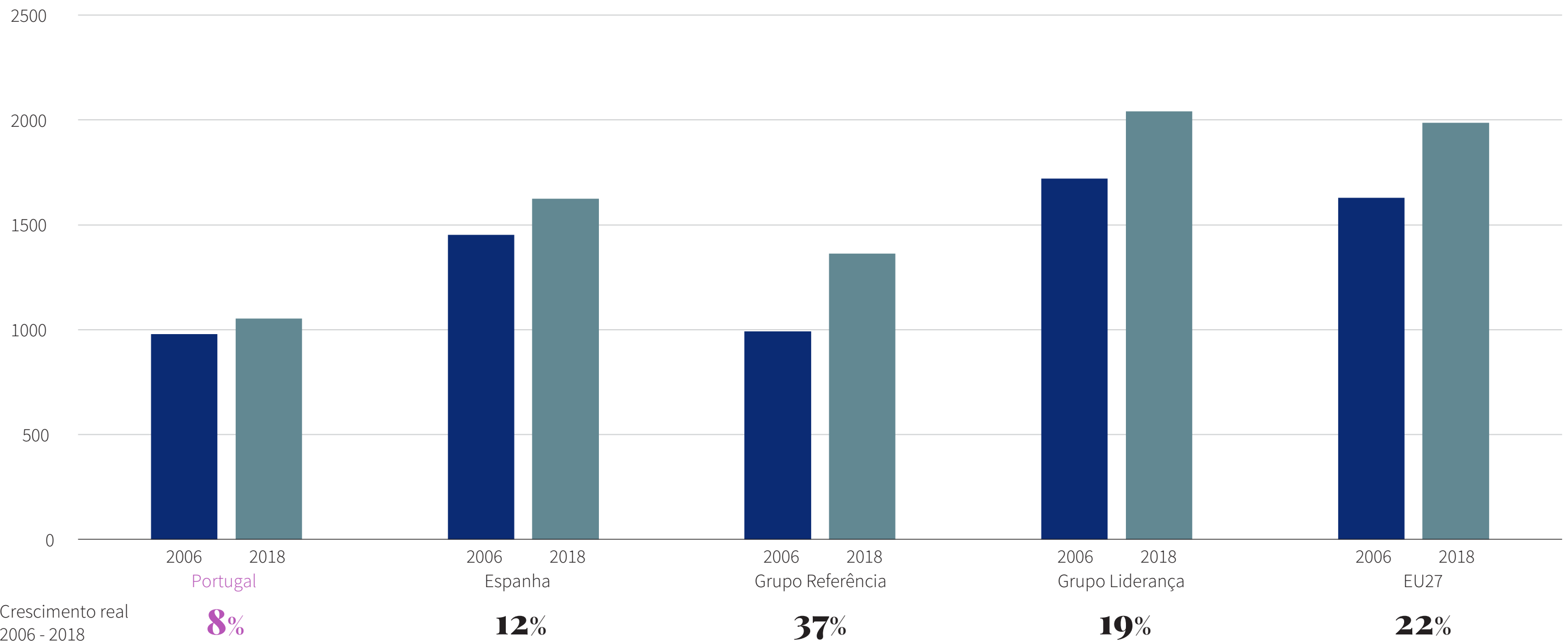
II. A geração mais bem preparada

(p72-a)

O salário real médio cresceu, entre 2006 e 2018, 8% para a população com menos de 30 anos. No mesmo período, para a média dos EU27, os crescimento foi de 22%. Em 2006, o salário médio em Portugal era 60% da média dos EU27

para os menores de 30 anos. Em 2018, os salários em Portugal eram 53% dos níveis europeus para os menores de 30 anos. O salário de um indivíduo deste segmento da população, em 2018, era, em termos reais, 109% mais elevado na Dinamarca, 106% na Alemanha, 81% na Irlanda, 77% em França, 60% na Holanda face a Portugal. Em Espanha este prémio é de 54%.

Salário real médio, jovens até aos 30 anos

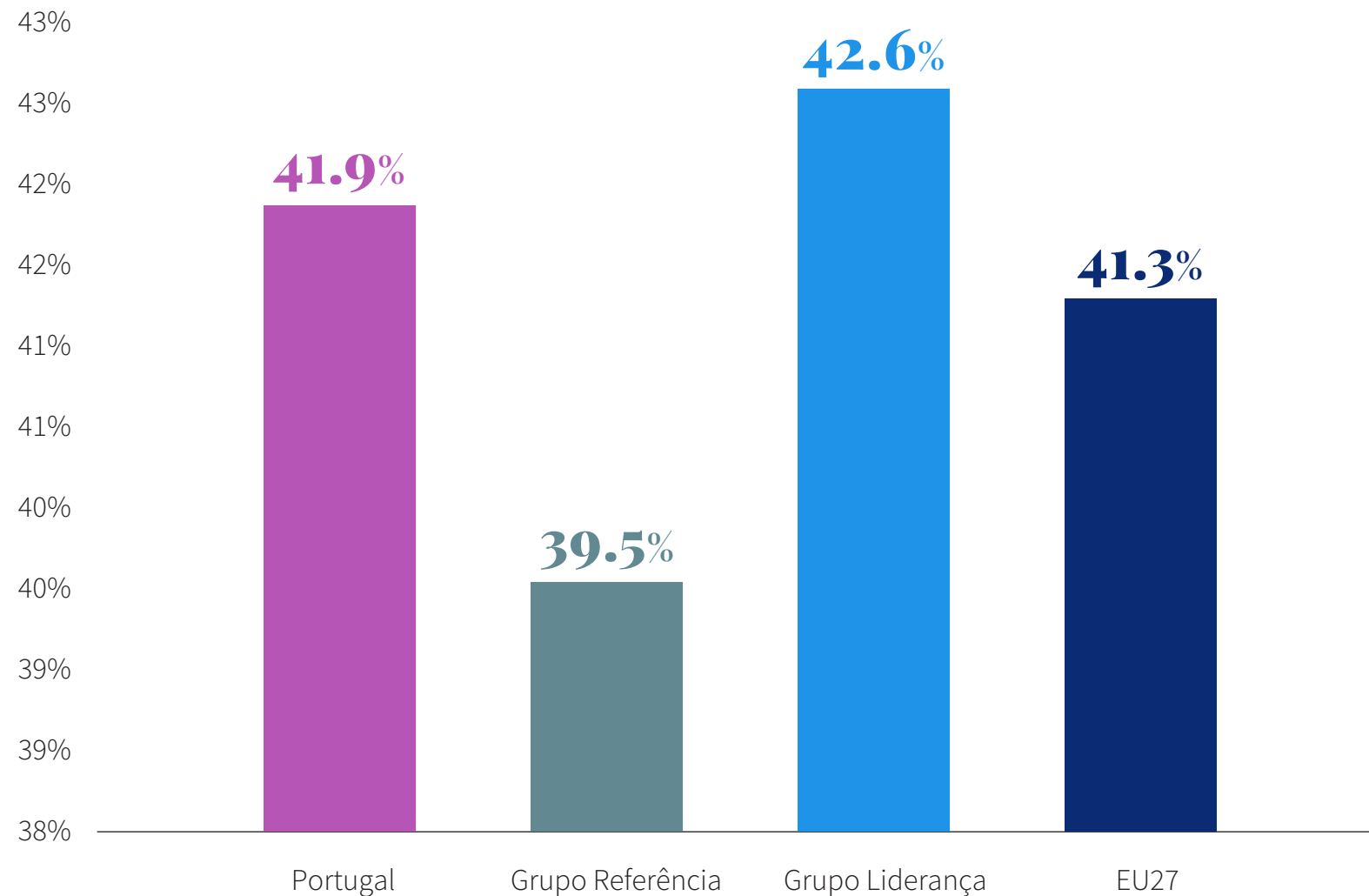


II. A geração mais bem preparada

(p72-b)

A carga fiscal sobre o trabalho para um contribuinte solteiro, sem filhos (a realidade da maior parte dos jovens profissionais com ensino superior em Portugal), para um nível salarial equivalente à média nacional estava em 2021 nos 42%, um nível semelhante à média dos UE22.

Carga fiscal do trabalho em percentagem do salário



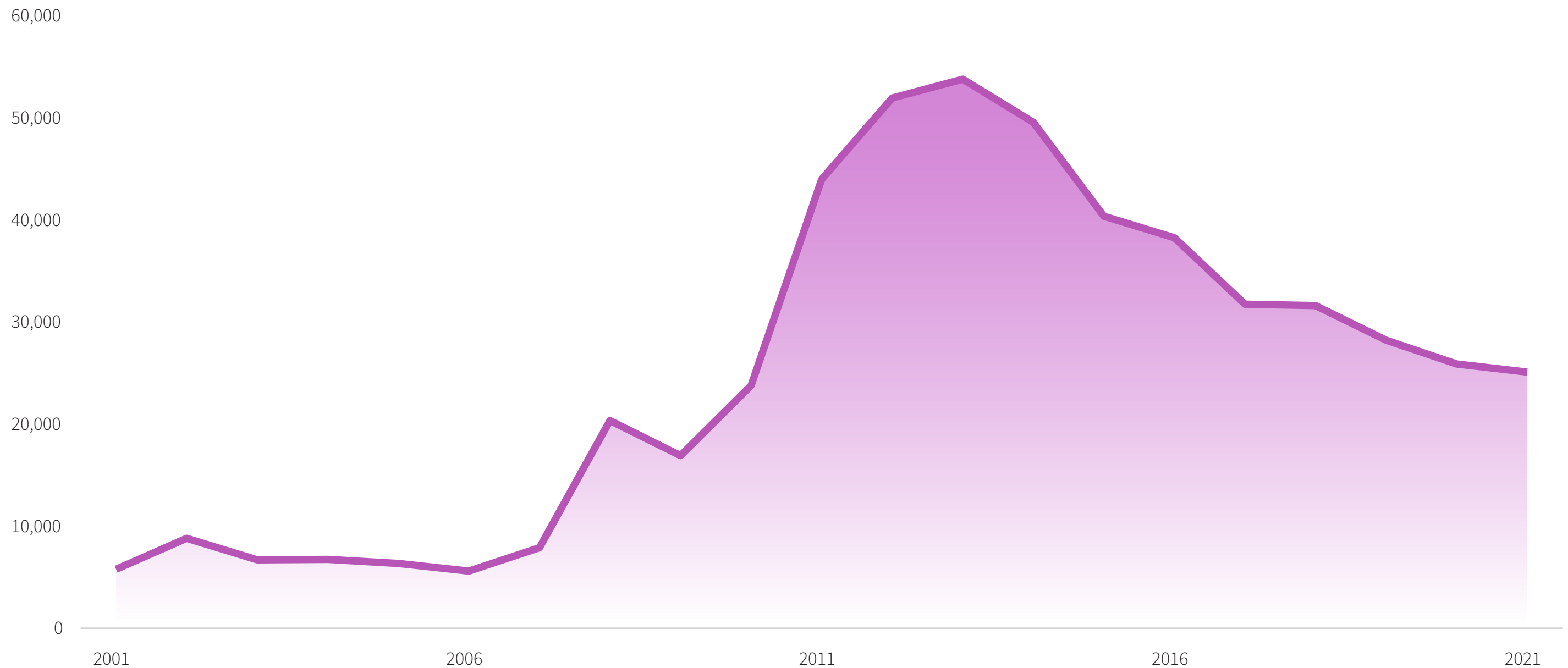
II. A geração mais bem preparada

(p73-a)

A média anual do número de saídas de emigrantes permanentes – que deixaram Portugal por um período superior a um ano – em 2001-2007 foi de cerca de 6800. No período entre a crise financeira global (CFG) e a crise do euro (2008-2010) este número subiu para 20 300, explodindo durante o programa de ajustamento (2011-2016) para 46 300. Nos cinco anos seguintes (2017-2021) caiu e ficou pelos 28 500.



Evolução dos emigrantes permanentes, 2001-2021

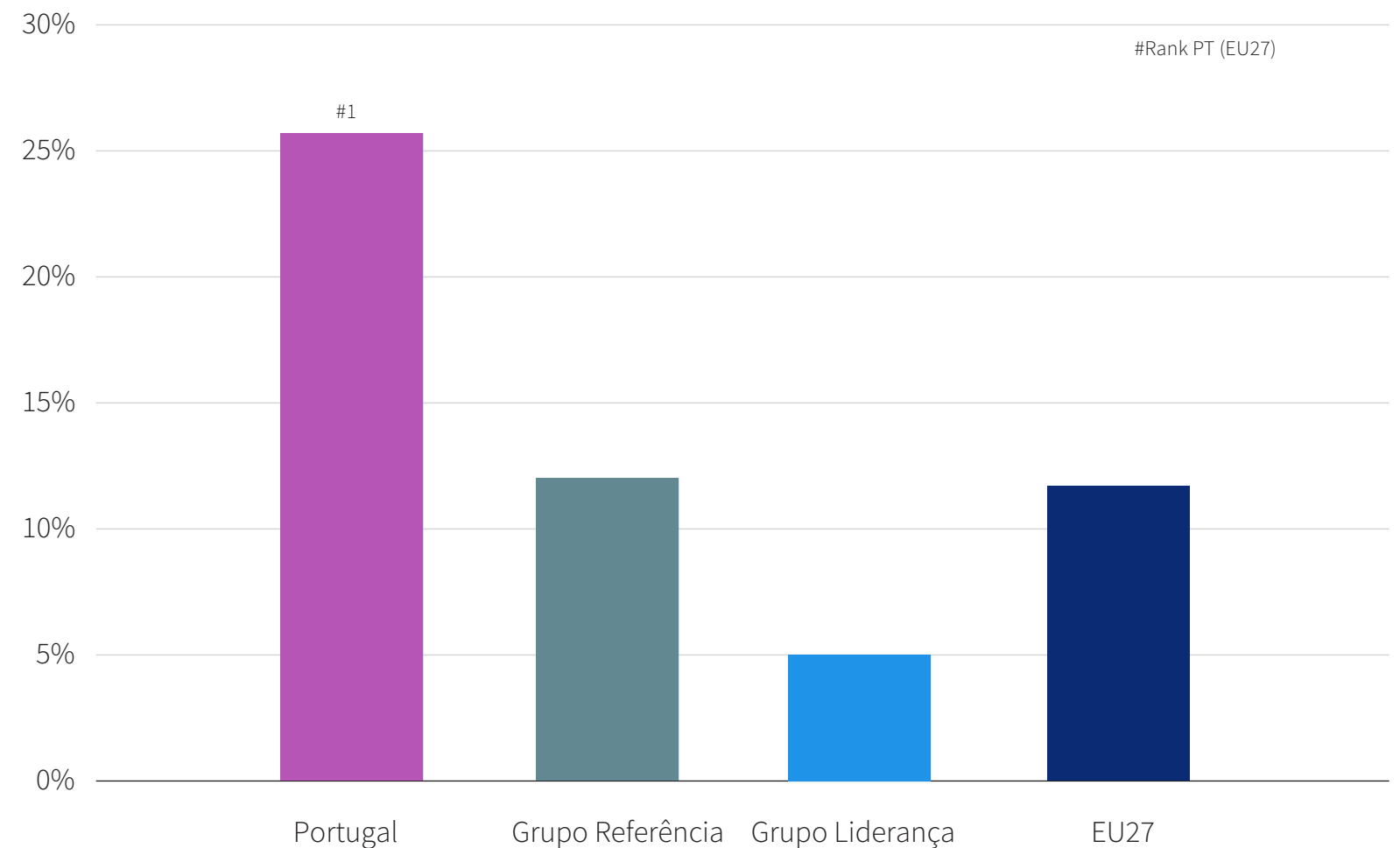


II. A geração mais bem preparada

(p73-b)

Portugal era, em 2019, o país da EU27 com a maior taxa de emigração, com 25,7 pessoas a deixarem o país por cada mil habitantes.

Número de emigrantes em percentagem da população, 2019

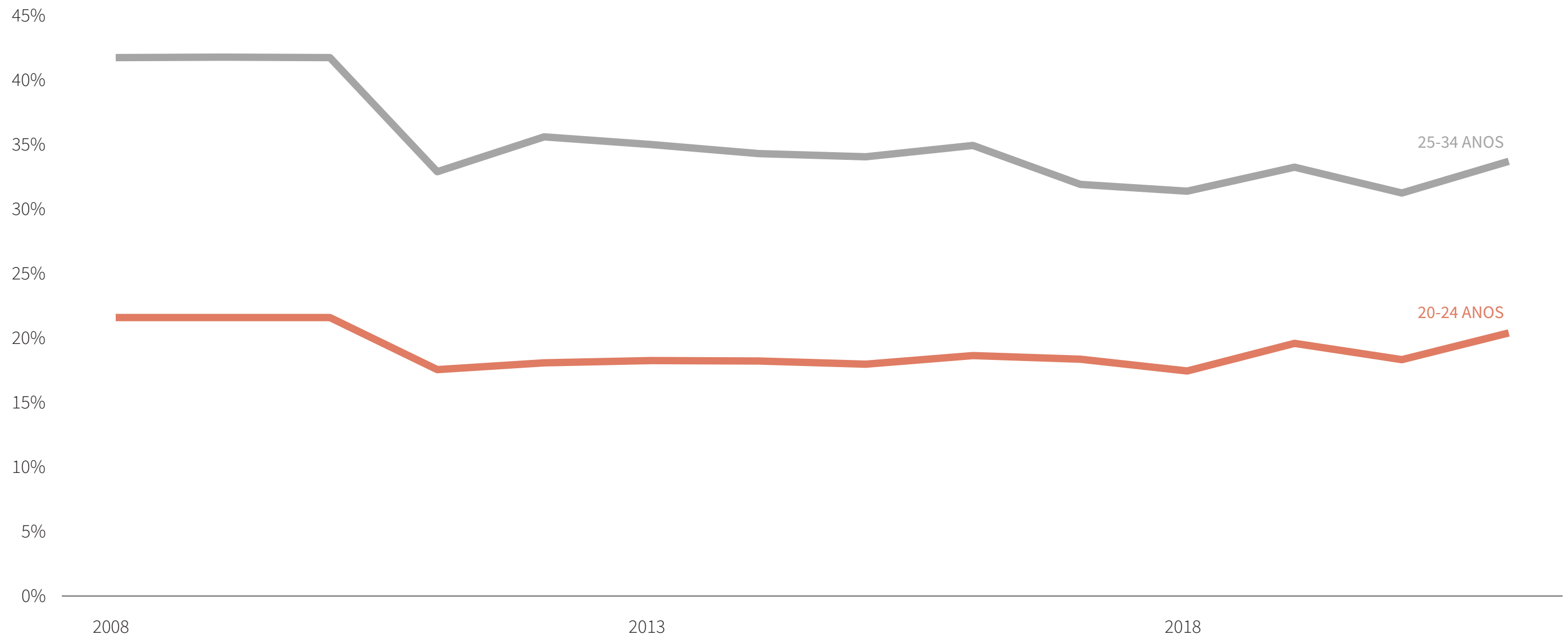


II. A geração mais bem preparada

(p73-c)

Se olharmos para o papel dos jovens nessa emigração, o grupo dos 25-34 anos representa um valor estável entre 31% e 35% dos emigrantes no período desde 2011, enquanto o grupo de 20-24 oscila entre 17% e 20% no mesmo período. Em ambos os casos, as percentagens são ligeiramente menores do que entre 2008 e 2010.

Percentagem dos emigrantes permanentes por faixas etárias

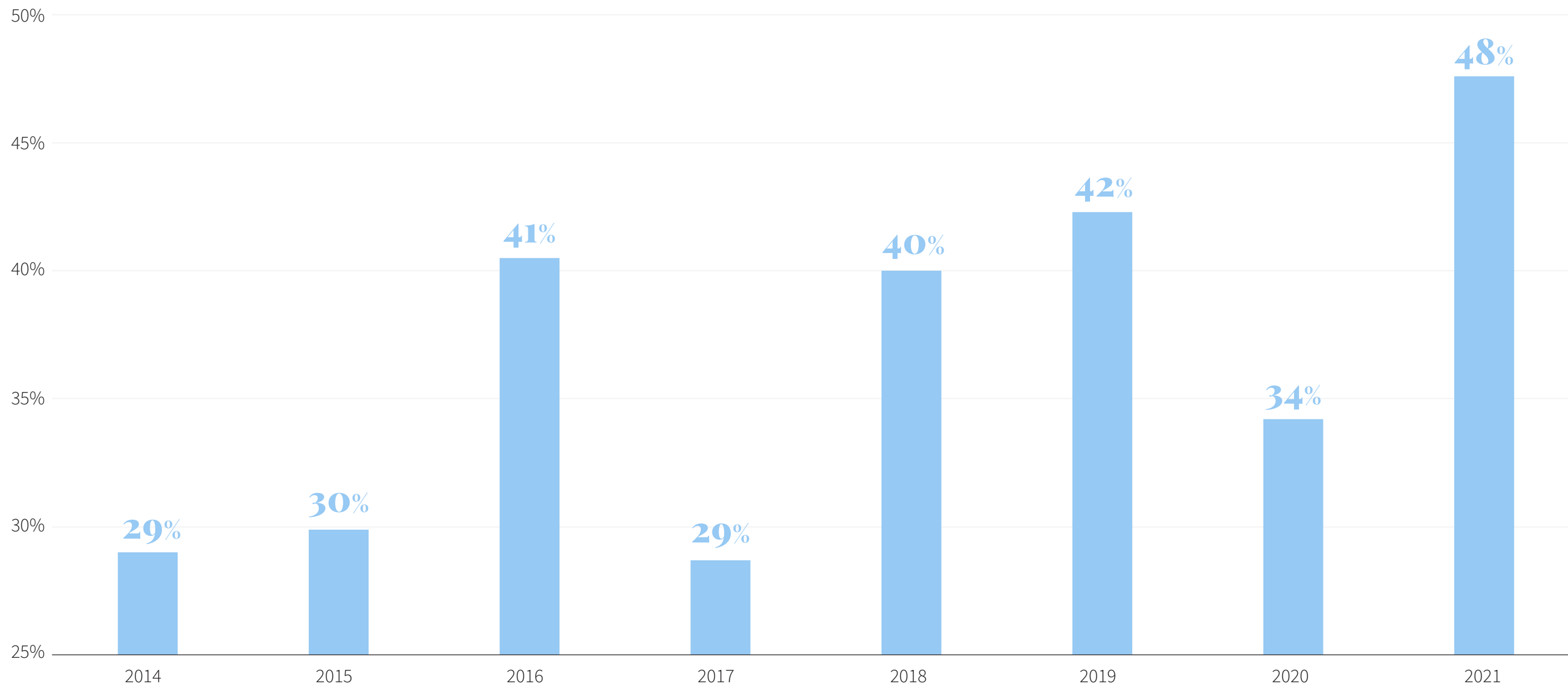


II. A geração mais bem preparada

(p74-a)

A percentagem de emigrantes qualificados - isto é, com um nível de escolaridade superior - foi, em média, de 32% no quadriénio 2014-2017 e de 41% no quadriénio 2018-2021.

Emigrantes c/ Ensino Superior em percentagem do Total Emigrantes



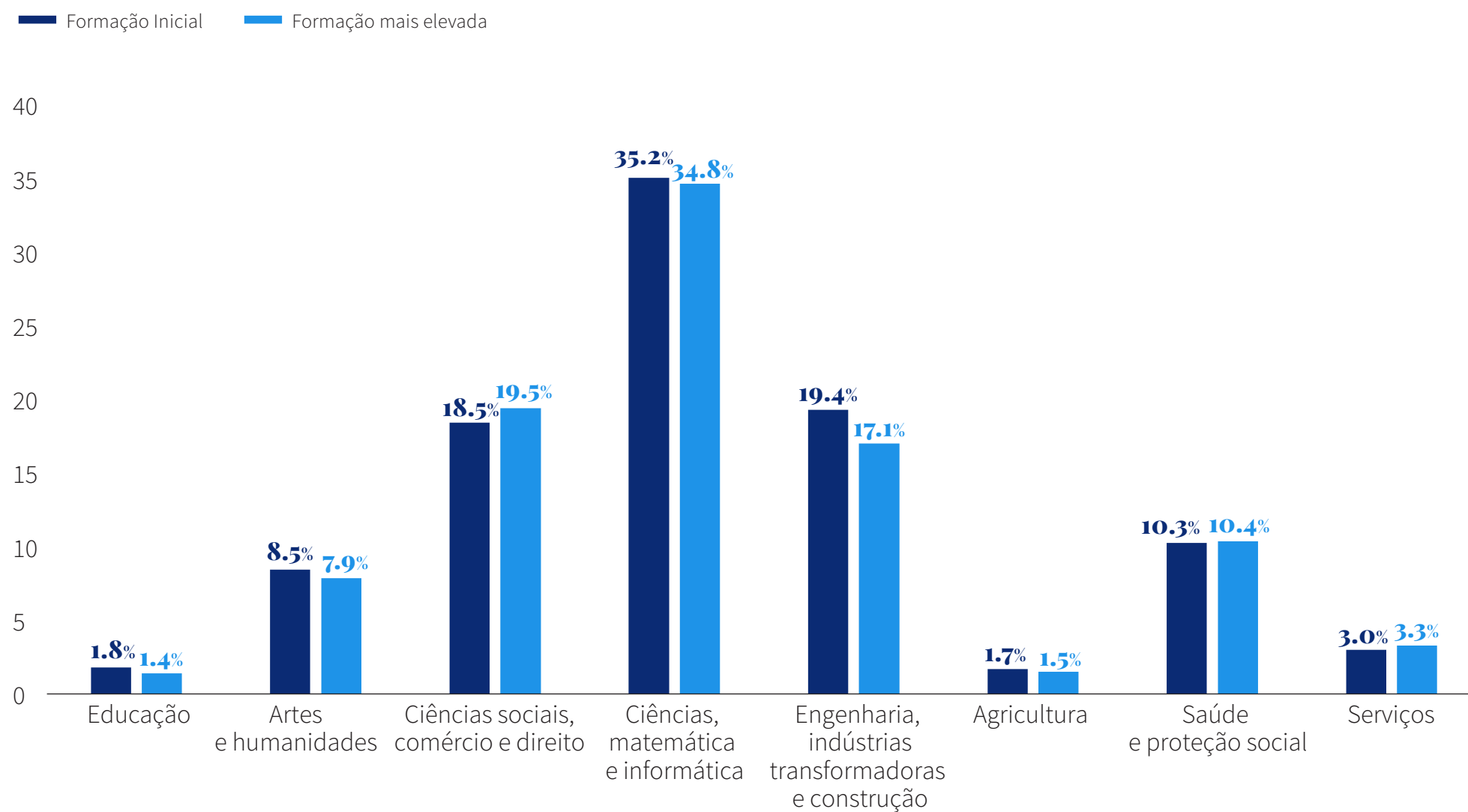
II. A geração mais bem preparada

(p74-b)

Dos emigrantes, cerca de 35% são formados nas áreas de ciências, matemática e informática. Seguem-se as ciências sociais, comércio e direito, com 19%, e as engenharias, indústrias de transformação e construção, com 18%.

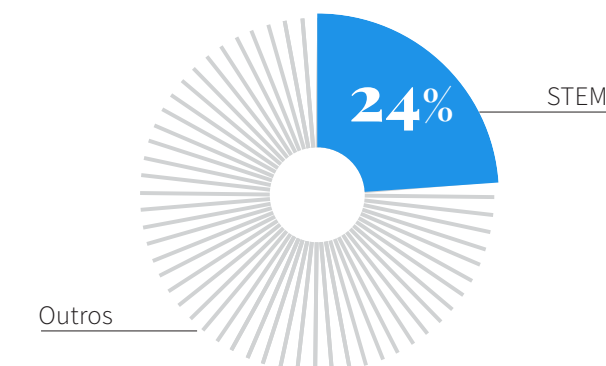
Na formação superior em Portugal, destas três áreas saem, respetivamente, 8%, 8% e 19% dos novos graduados no país.

Exôdo de competências e mobilidade académica de Portugal para a Europa

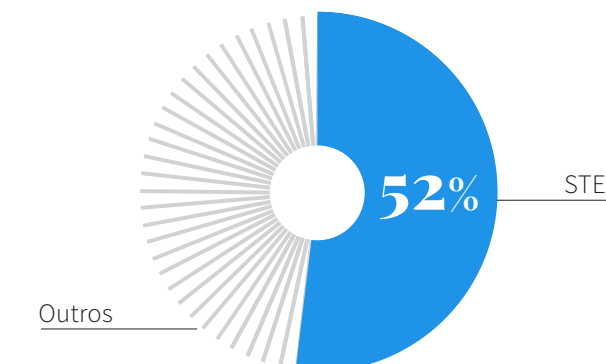


STEM Ciência, Tecnologia, Engenharia e Matemática

Diplomados Ensino Superior (Média 1998-2020)



Emigração qualificada para a Europa

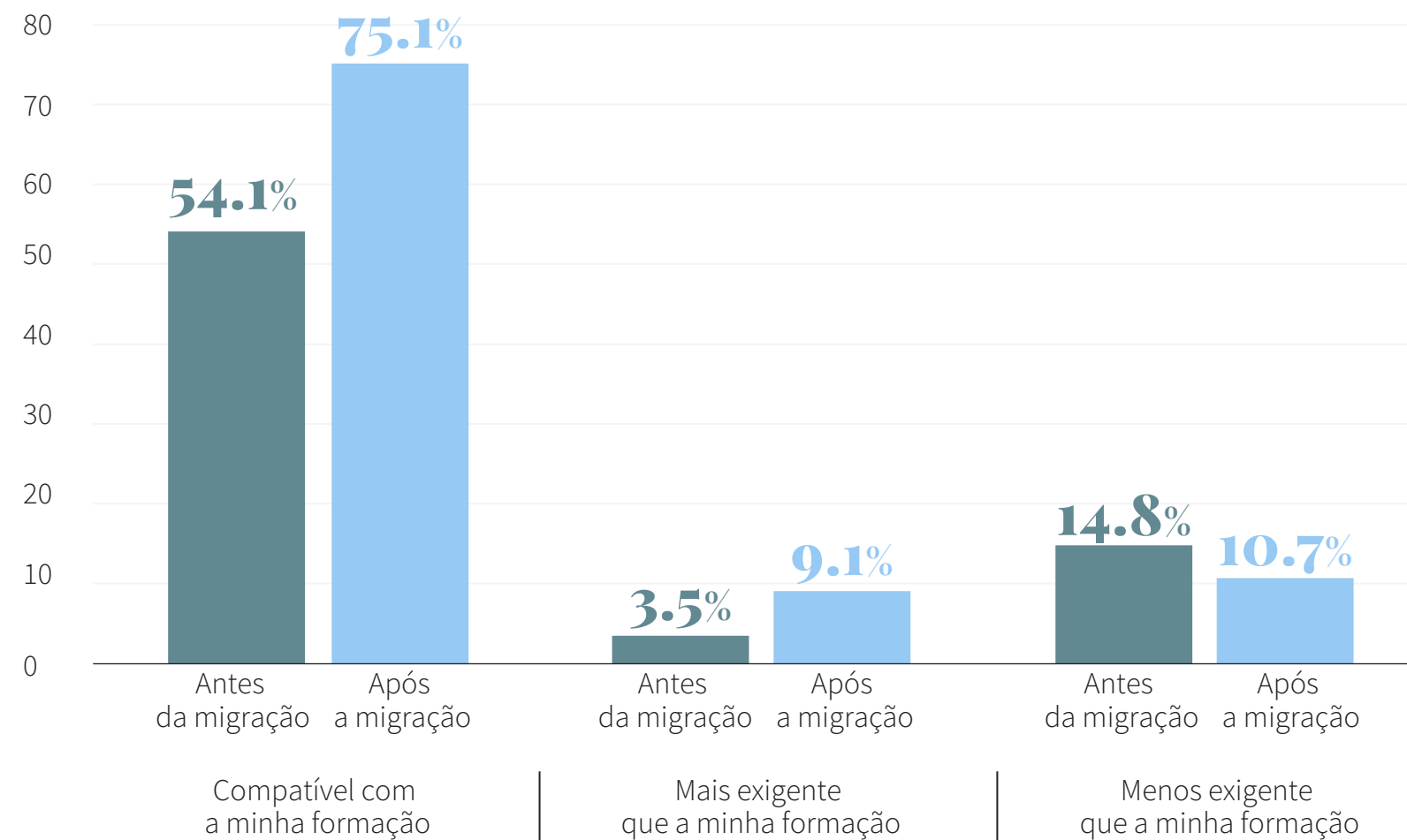


II. A geração mais bem preparada

(p74-c)

Dos emigrantes graduados portugueses, 15% considerava que o trabalho exercido antes de emigrar era menos exigente do que a sua formação, descendo para 11% depois de emigrar. Por outro lado, 4% considerava que o trabalho que exerciam antes de emigrar era mais exigente que a formação, subindo para 9% após a migração.

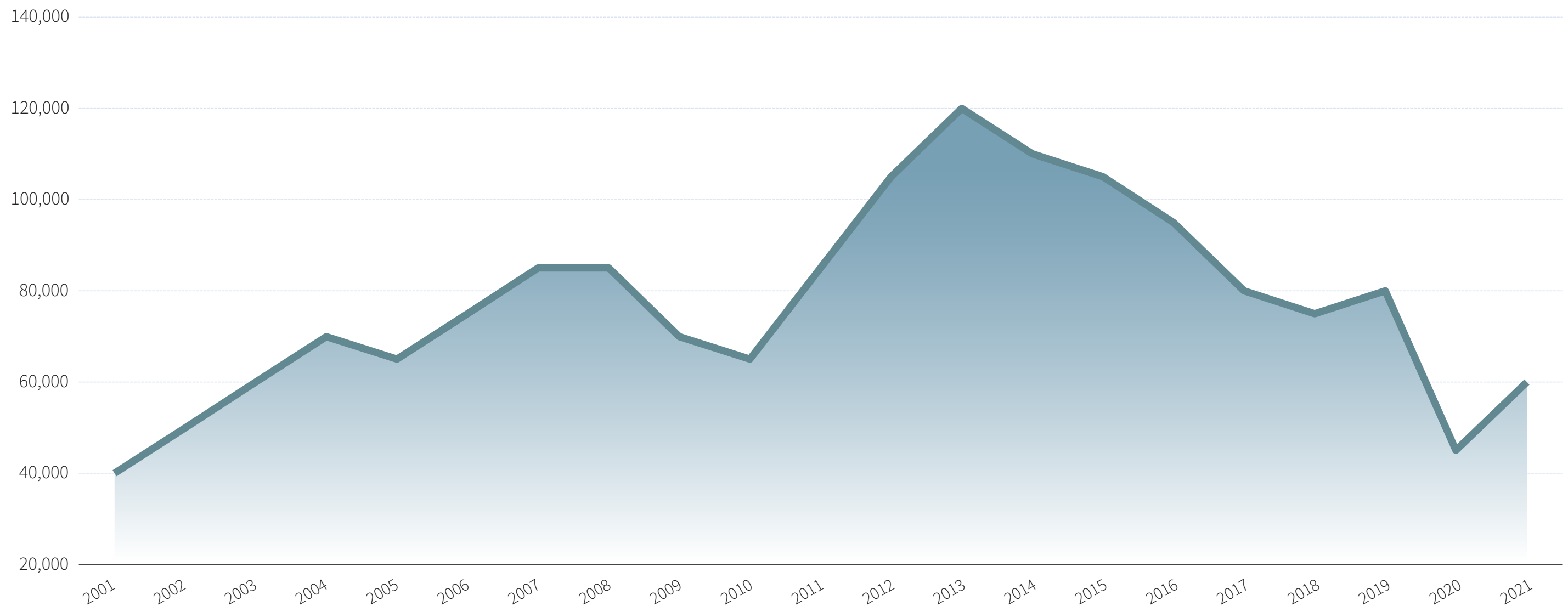
Correspondência entre o trabalho exercido e a formação académica antes e após a migração



II. A geração mais bem preparada

(p75)
30% dos nascidos em Portugal com idades entre os 15 e os 39 anos deixaram o país em algum momento e vivem atualmente no exterior. São mais de 850 mil. Só desde 2001, saíram do país, em média, mais de 75 mil pessoas por ano. O pico deu-se entre 2010 e 2019, atingindo o auge em 2013, ano em que 120 mil portugueses deixaram o país. Em termos acumulados, só naquele período mais de um milhão e meio de pessoas emigraram. No total, há agora cerca de 2,3 milhões de portugueses a viver fora. E sabe-se que 70% dos que partem têm entre 15 e 39 anos.

Estimativa das saídas totais de emigrantes portugueses, 2001-2021



II. A geração mais bem preparada

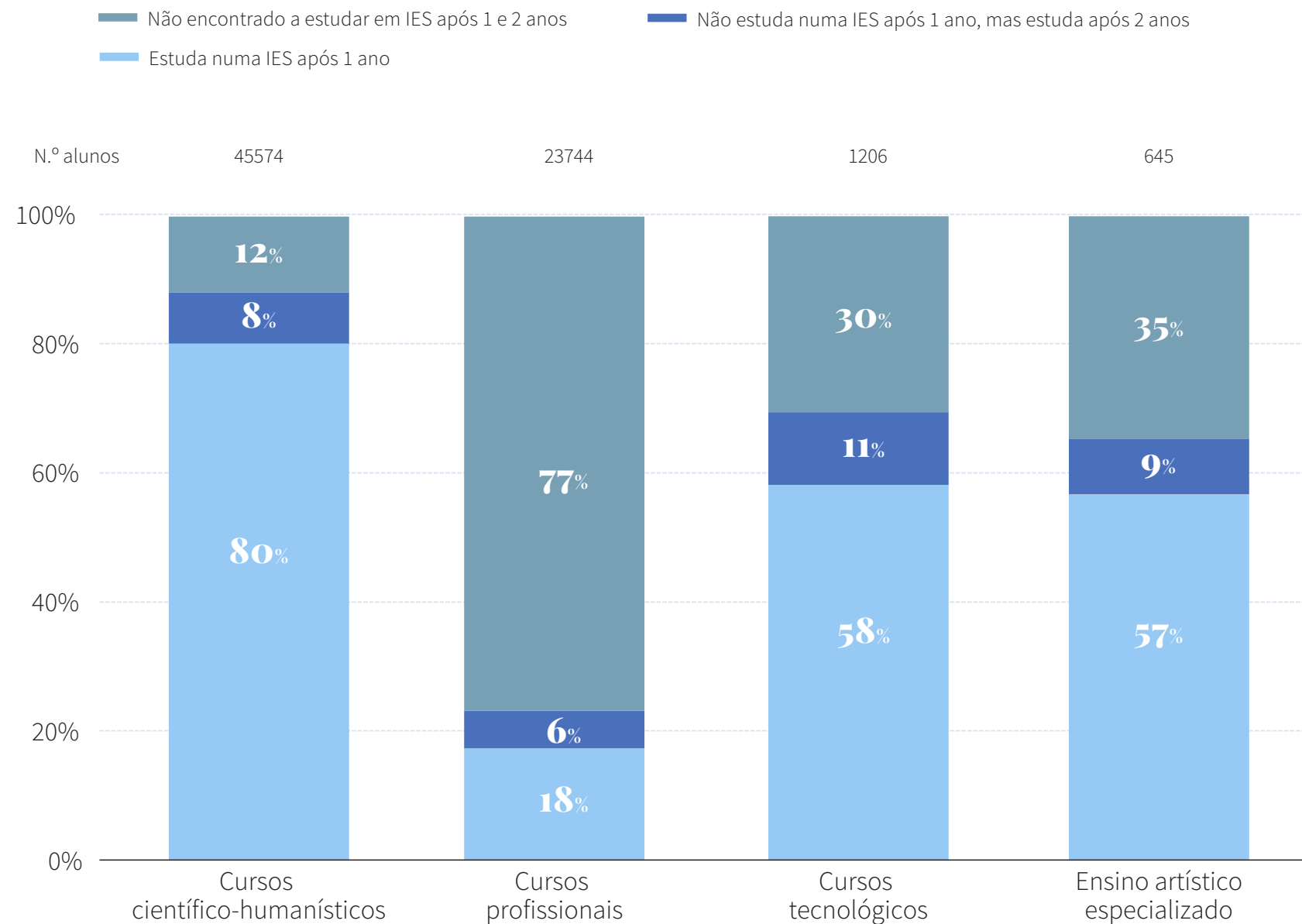
(p77)

Em 2017-18, 47% dos estudantes a frequentar o ensino secundário estavam matriculados no ensino profissional/outros (ou seja tudo o que não é ensino regular). Dos alunos de cursos profissionais, apenas 18% prosseguiram para o ensino superior, em contraste com os 80% dos alunos dos cursos científico-humanistas (dados da Direção-Geral de Estatísticas da Educação e Ciência, 2019).

Em 2018, os jovens em idade de frequentar o ensino superior (19-24 anos) cujos progenitores não têm formação superior correspondiam a 78% desse grupo etário e a 61% dos inscritos no ensino superior.

Fonte: <https://www.edulog.pt/evidencias/estudantes-mais-pobresfrequentam-institutos-politecnicos-enquanto-os-maisfavorecidos-vaio-para-universidades>

Situação após 2 anos dos diplomados do ensino secundário no ano letivo 2016/2017, por oferta de educação e formação



II. A geração mais bem preparada

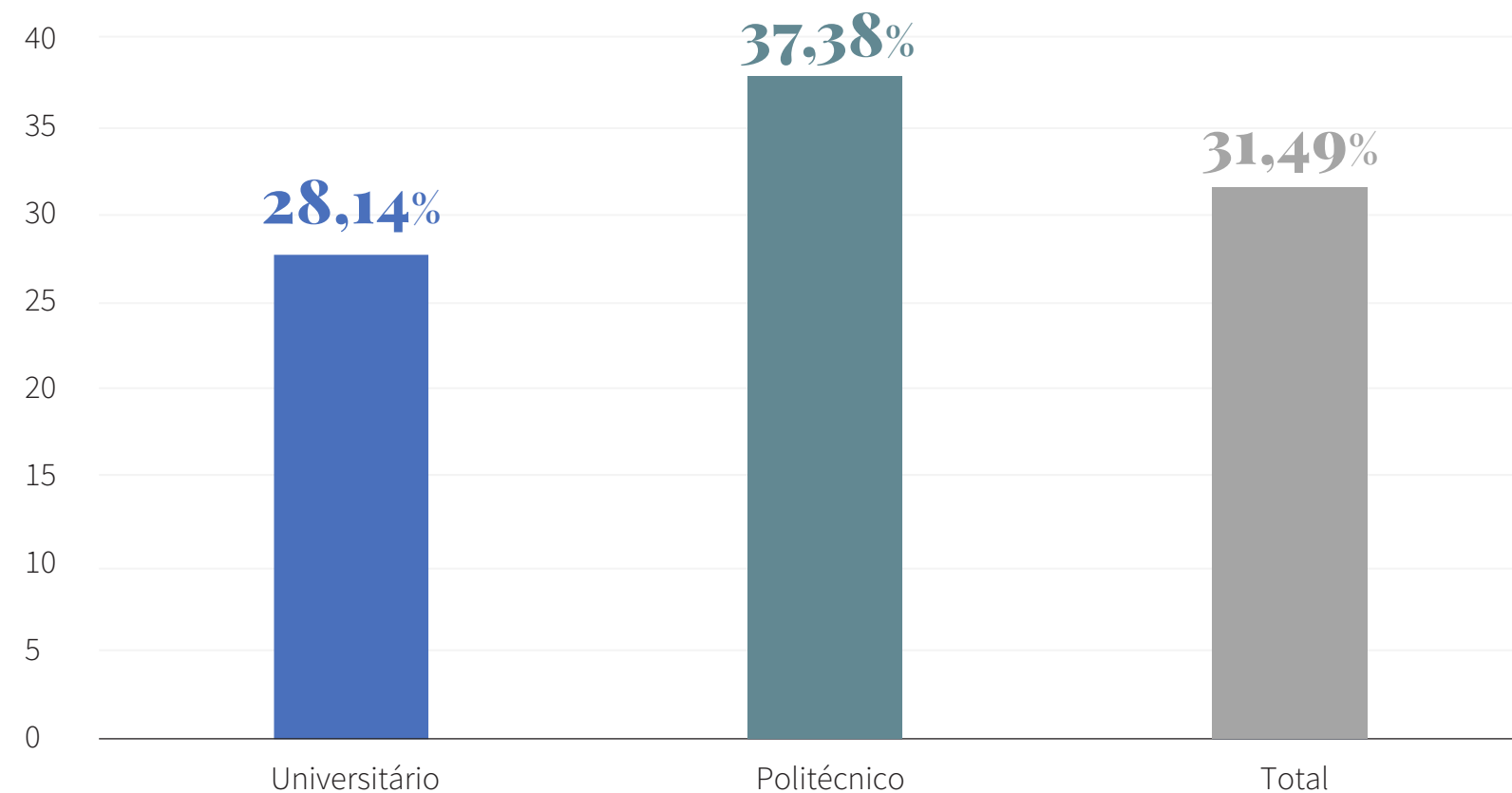
(p78)

31,5% do total de inscritos no primeiro ano do ensino superior pela primeira vez obtiveram o estatuto de bolseiros.

O nível socio-económico das famílias pode avaliar-se a partir do estatuto de bolseiro que só é atribuído a alunos de famílias com baixo rendimento per capita. De acordo com os dados da DGES (2018/2019), 31,49% do total de inscritos no primeiro ano, pela primeira vez, obtiveram bolsa de estudo.

As bolsas são sobretudo atribuídas a estudantes que se inscreveram no ensino politécnico (37,38%), o que sugere que será mais difícil para estudantes de nível socioeconómico mais baixo ingressar nas universidades (28,14% de bolseiros).

Percentagem de bolseiros por subsistema, 2019

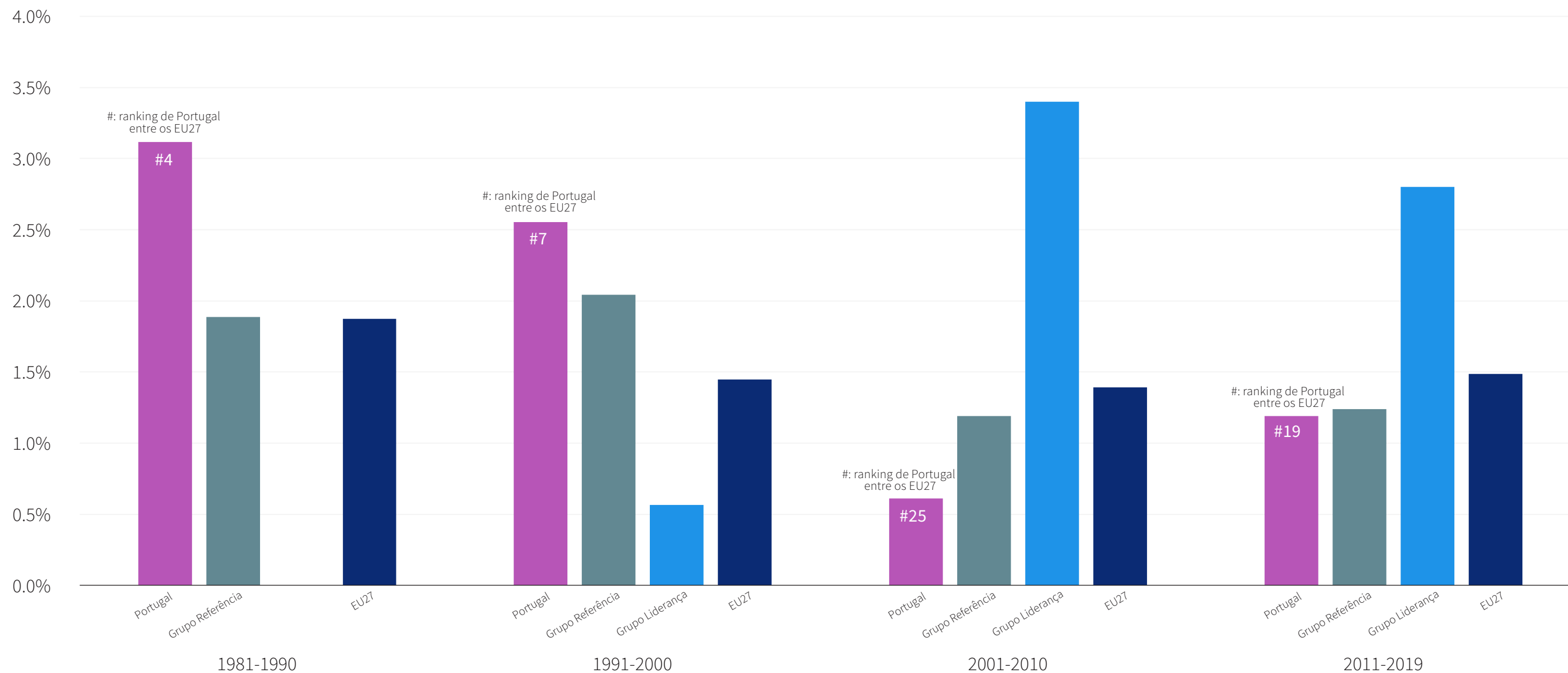


III. É a economia,
estúpido!

III. É a economia, estúpido!

(p88)
Nos anos 1980, Portugal registou a quarta maior taxa de crescimento entre os 20 membros da UE com dados disponíveis, crescendo 3,1% em média anual. Na década seguinte, já com dados para os 27 países, o país ficou em sétimo lugar, com um crescimento de 2,4%. Nas décadas de 2000 e 2010, a trajetória nacional alterou-se por completo. A taxa média de crescimento caiu dos 2,8% acima referidos para 0,8%. Na década de 2000, o país ocupou a 25.^a posição entre os EU27, crescendo 0,5%. E na década de 2010, a 19.^a posição, com 1,2%.

Crescimento médio do PIB real per capita



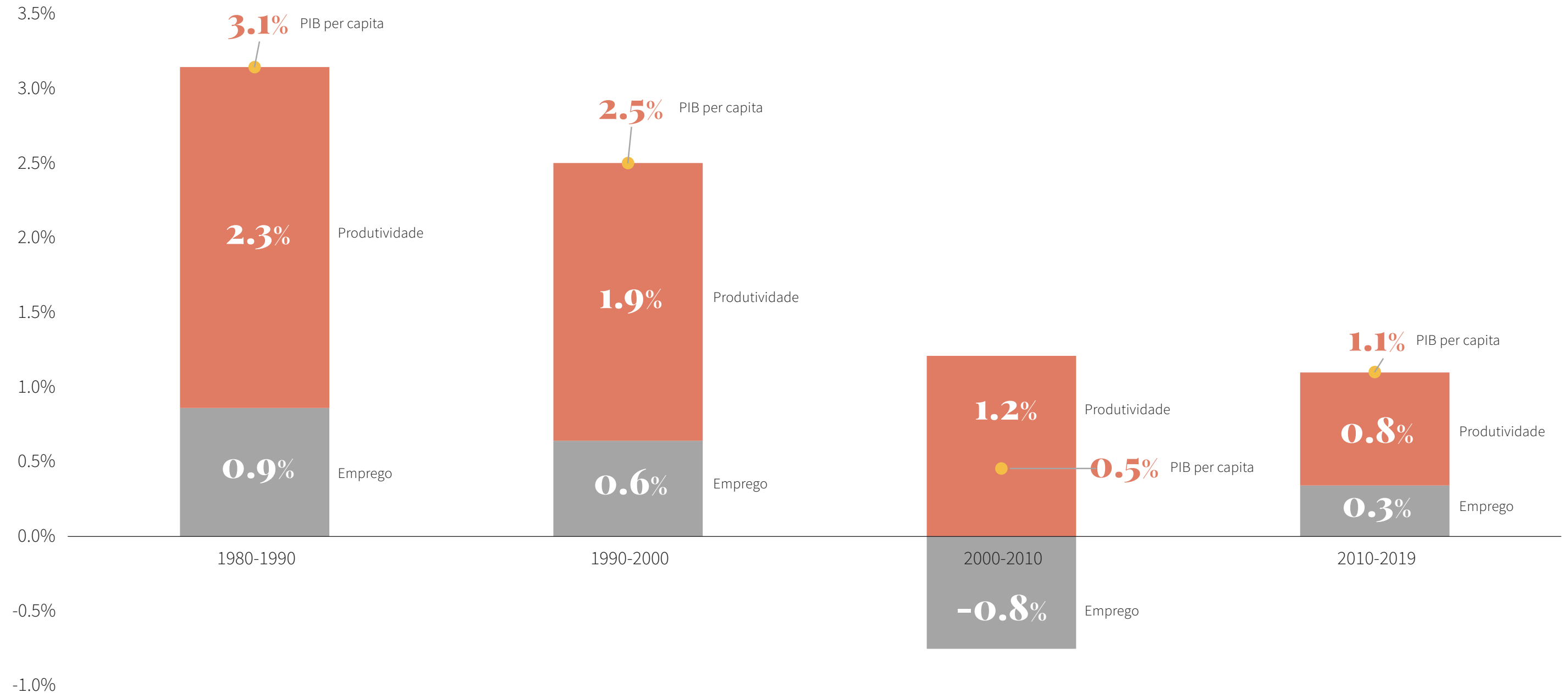
III. É a economia, estúpido!

(p90-a)

A produtividade em Portugal cresceu 2,3% em termos anuais na década de 1980, 1,9% na década de 1990, 1,2% na década de 2000

e 0,8% na década de 2010, sob o efeito devastador da crise, sendo assim a principal responsável pela desaceleração do crescimento do PIB.

Produtividade e Emprego, Portugal



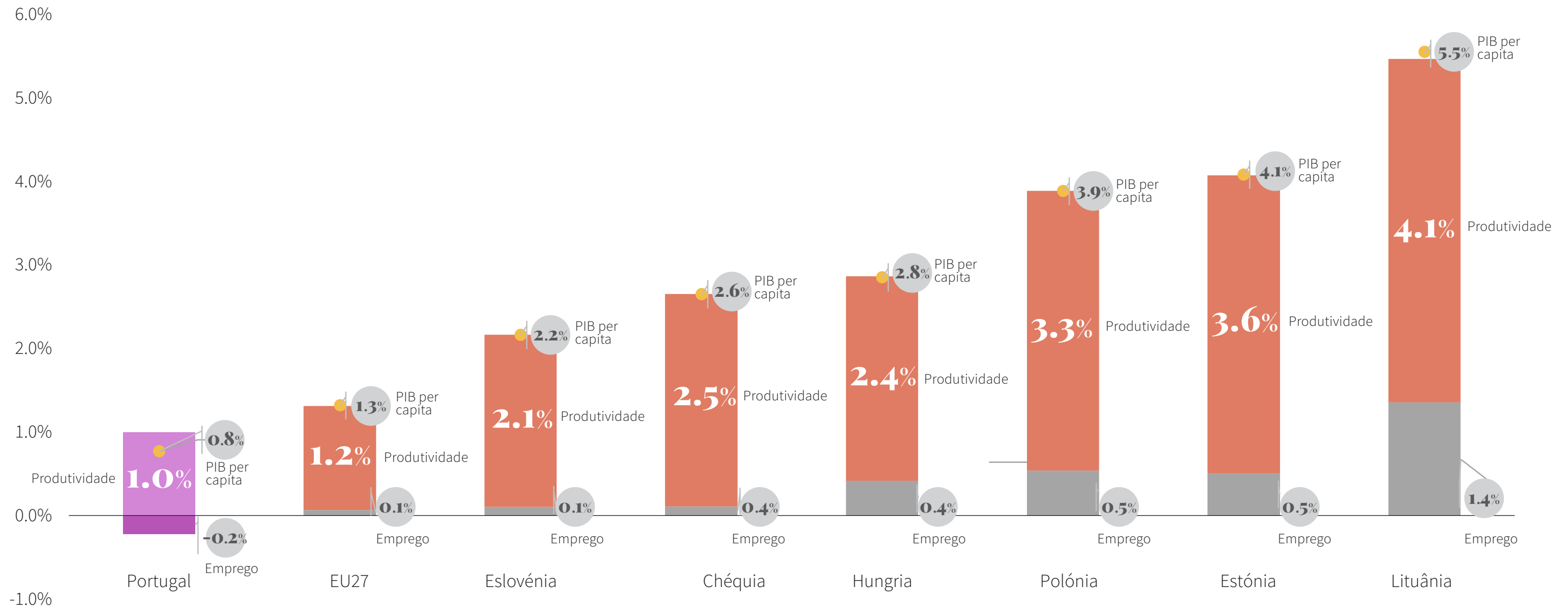
III. É a economia, estúpido!

(p90-b)

Quando comparada a evolução da produtividade em Portugal com os países de referência, vemos que a debilidade do crescimento da produtividade no século XXI foi a principal causa da sua ultrapassagem.

Em todos, o crescimento da produtividade esteve acima dos dois por cento (o dobro do crescimento português nesse período), com um máximo de 4,1% na Lituânia.

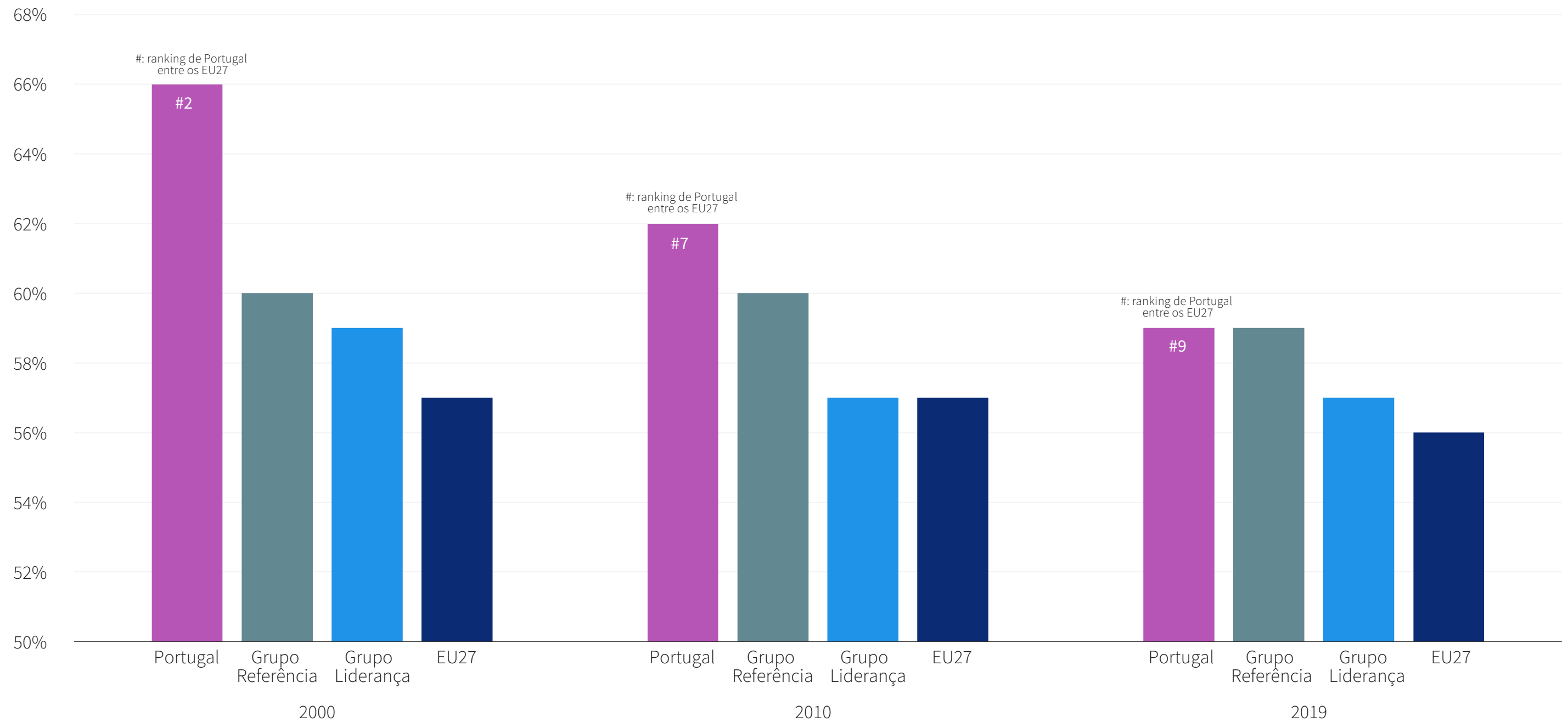
Crescimento do PIB per capita, produtividade e emprego [2000-2019]



III. É a economia, estúpido!

(p92)
Em Portugal, durante as duas primeiras décadas do século XX, a produtividade cresceu a uma média de 0,7%, enquanto os salários se mantiveram estáveis, implicando que o peso dos salários no rendimento nacional tenha caído de 66% para 59% entre 2000 e 2019.

Peso dos salários no rendimento nacional

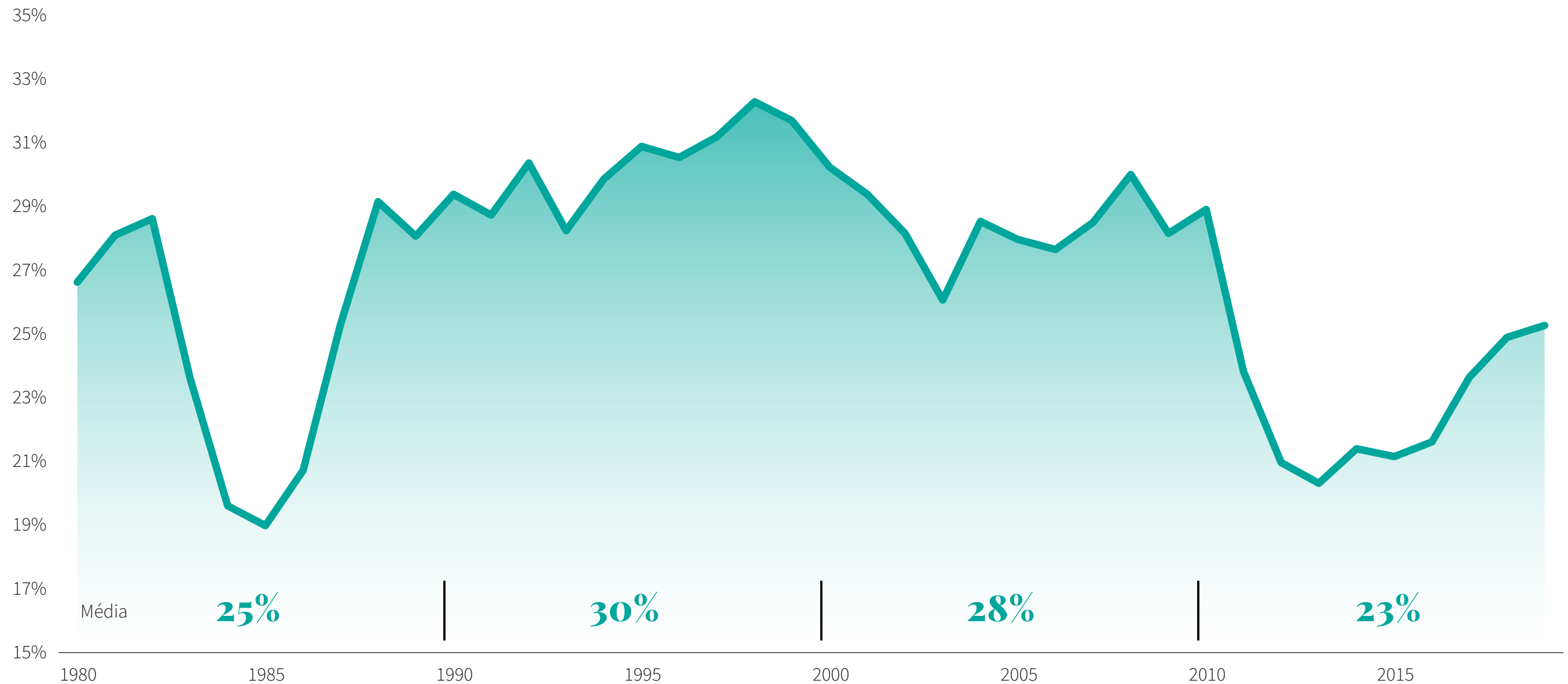


III. É a economia, estúpido!

(p100-a)

Nos anos 1990, o nível de investimento em percentagem do PIB (medida normalmente usada para estas comparações) cifrou-se em 30%, descendo ligeiramente para os 28% nos anos 2000. Na década de 2010, como consequência das restrições do programa de ajustamento, este valor caiu para os 23%.

Investimento (% PIB)

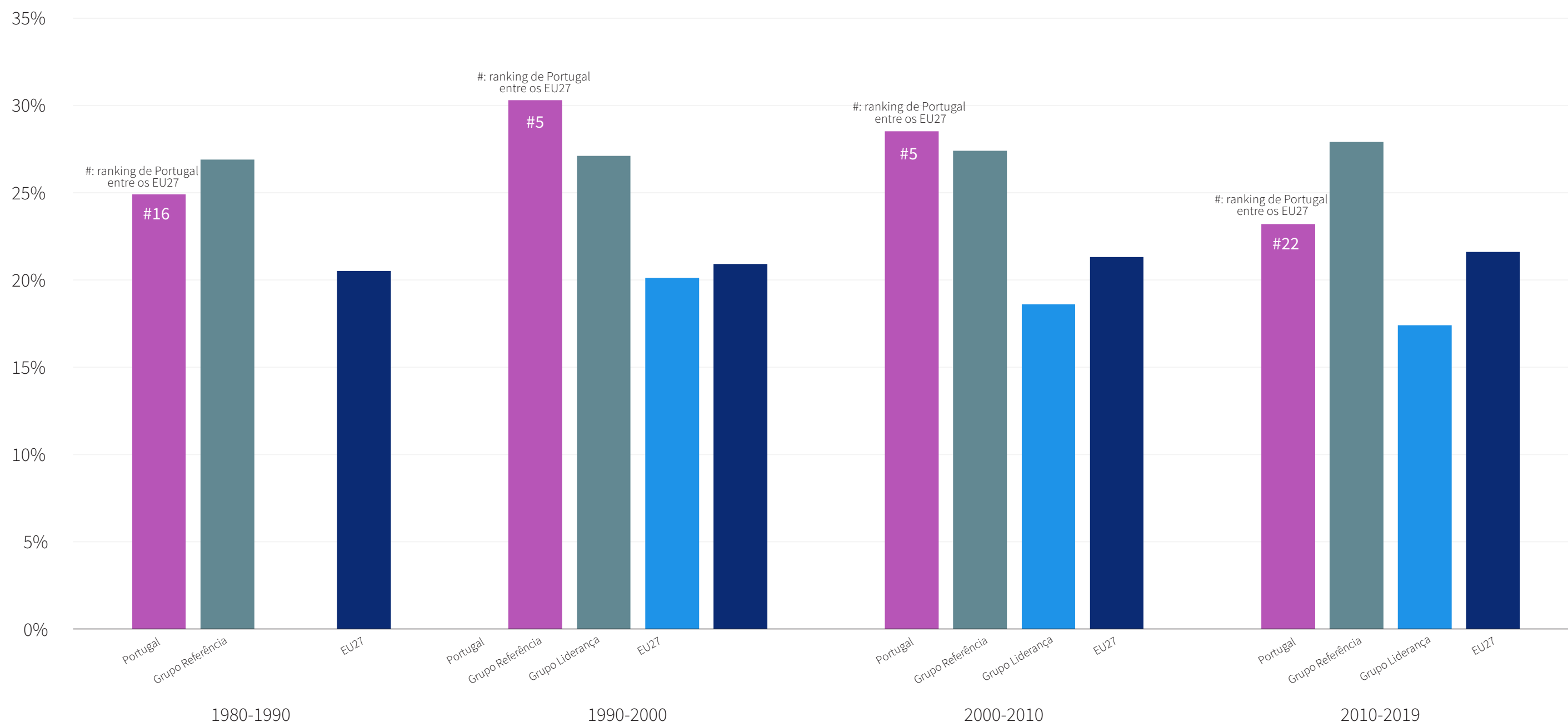


III. É a economia, estúpido!

(p100-b)

Entre 1990 e 2010, Portugal teve o quinto nível mais elevado do investimento sobre o PIB nos EU27, e mais elevado que no grupo de referência, na Espanha ou na Irlanda. A crise financeira teve um efeito dramático, com o nível de investimento a cair para o 22.º lugar entre os 27. No entanto, mesmo neste período, a taxa de investimento foi superior a países como a Lituânia e a Polónia, e próxima da Hungria.

Investimento em % do PIB, por décadas

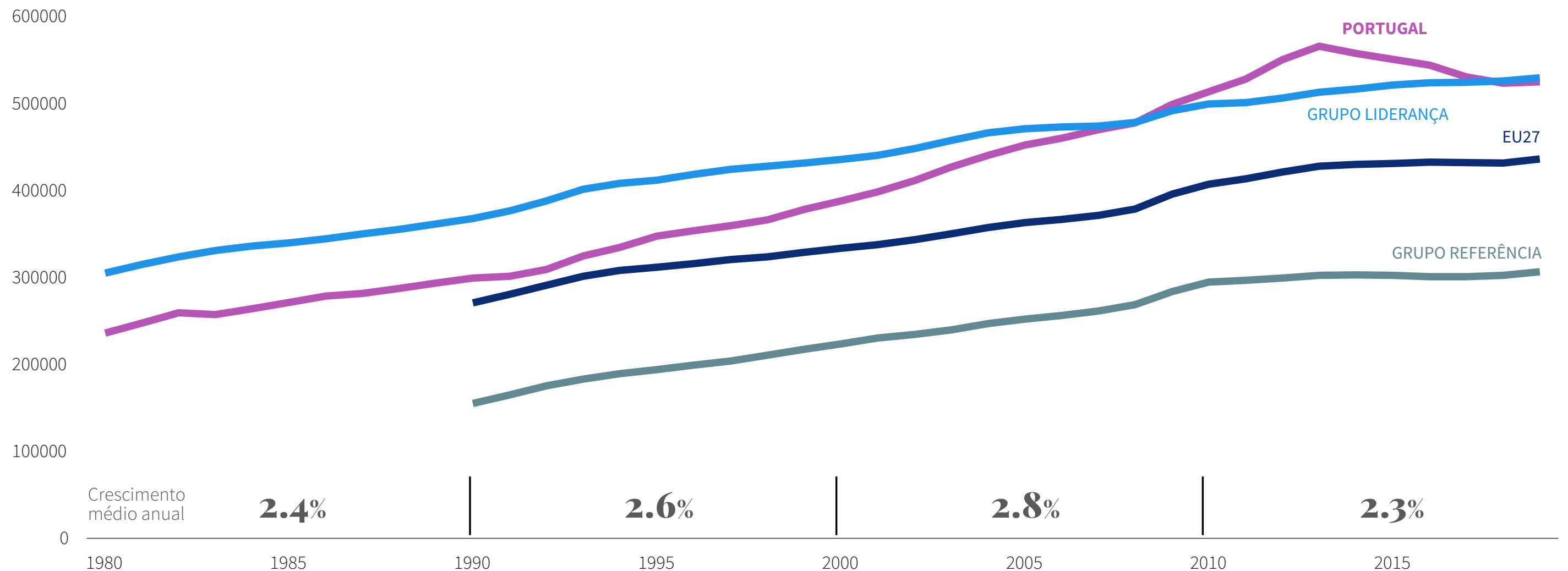


III. É a economia, estúpido!

(p100-c)

Em Portugal, o stock de capital por trabalhador cresceu a um ritmo de 2,6% na década de 1990 e 2,8% e 2,3% nas duas décadas seguintes. De acordo com o princípio de convergência, os países com menor nível de capital por trabalhador em 1990 foram os que tiveram um maior nível de crescimento desta variável nos 30 anos seguintes, com Portugal situado ligeiramente acima do nível esperado para um país com a sua situação em 1990.

Stock de capital por trabalhador



III. É a economia, estúpido!

(p104)

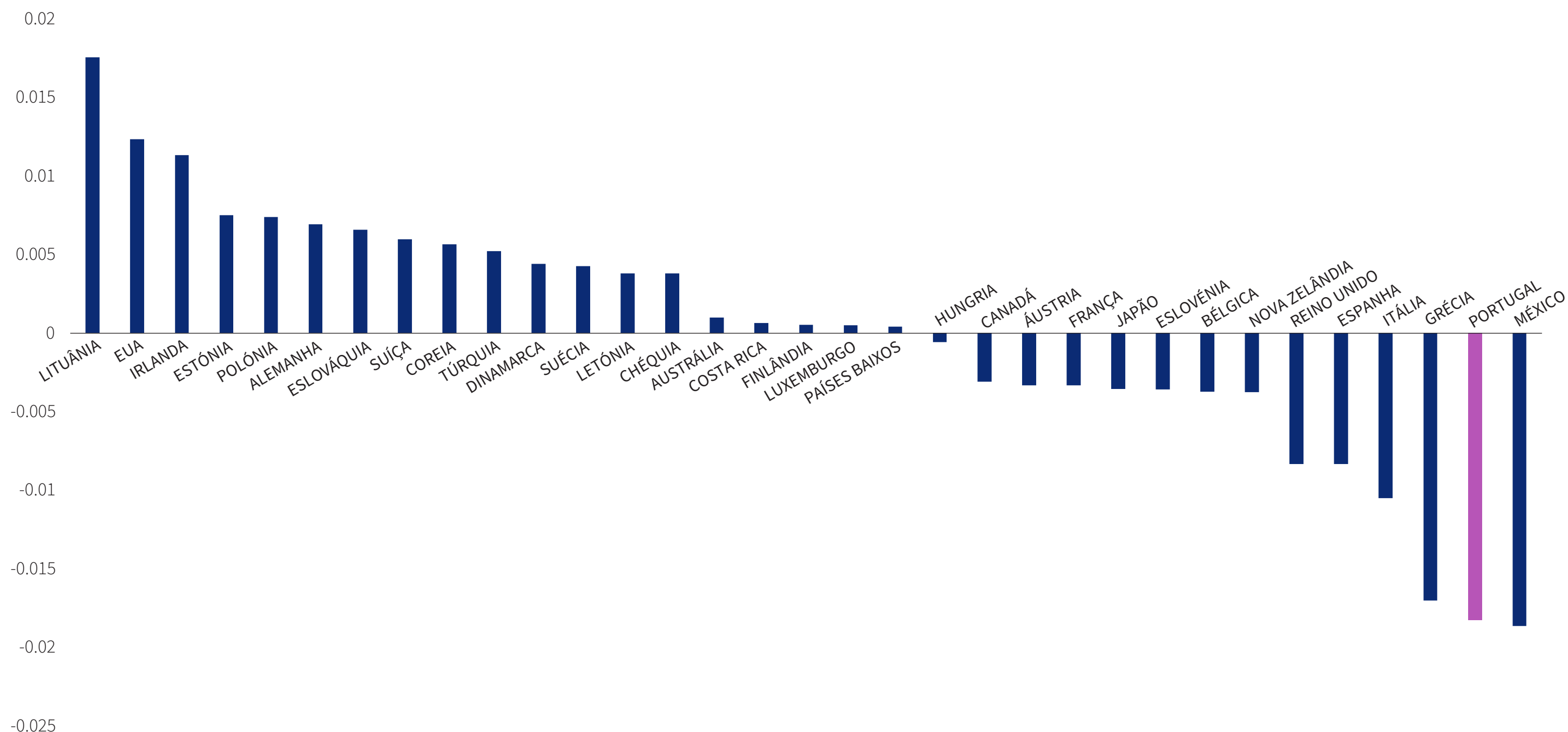
Portugal apresenta o nível de eficácia do investimento mais reduzido da Europa e o segundo mais baixo da OCDE. A taxa de crescimento da produtividade em Portugal esteve 1.8 pontos percentuais abaixo do nível esperado, tendo em conta o ponto de partida (2000), os níveis de investimento em capital físico e o crescimento exponencial de capital humano, que o país conseguiu financiar ao longo dos últimos 20 anos.

O que é a “Eficácia”?

Ao regredir o crescimento observado da produtividade (2000-2019) no nível inicial de produtividade, no aumento das qualificações e na variação do rácio de capital, os *fitted values* dessa regressão dão-nos o crescimento expectável para cada país.

A eficácia é a diferença entre o crescimento observado e o crescimento expectável.

Eficácia no crescimento da produtividade, 2000-2019

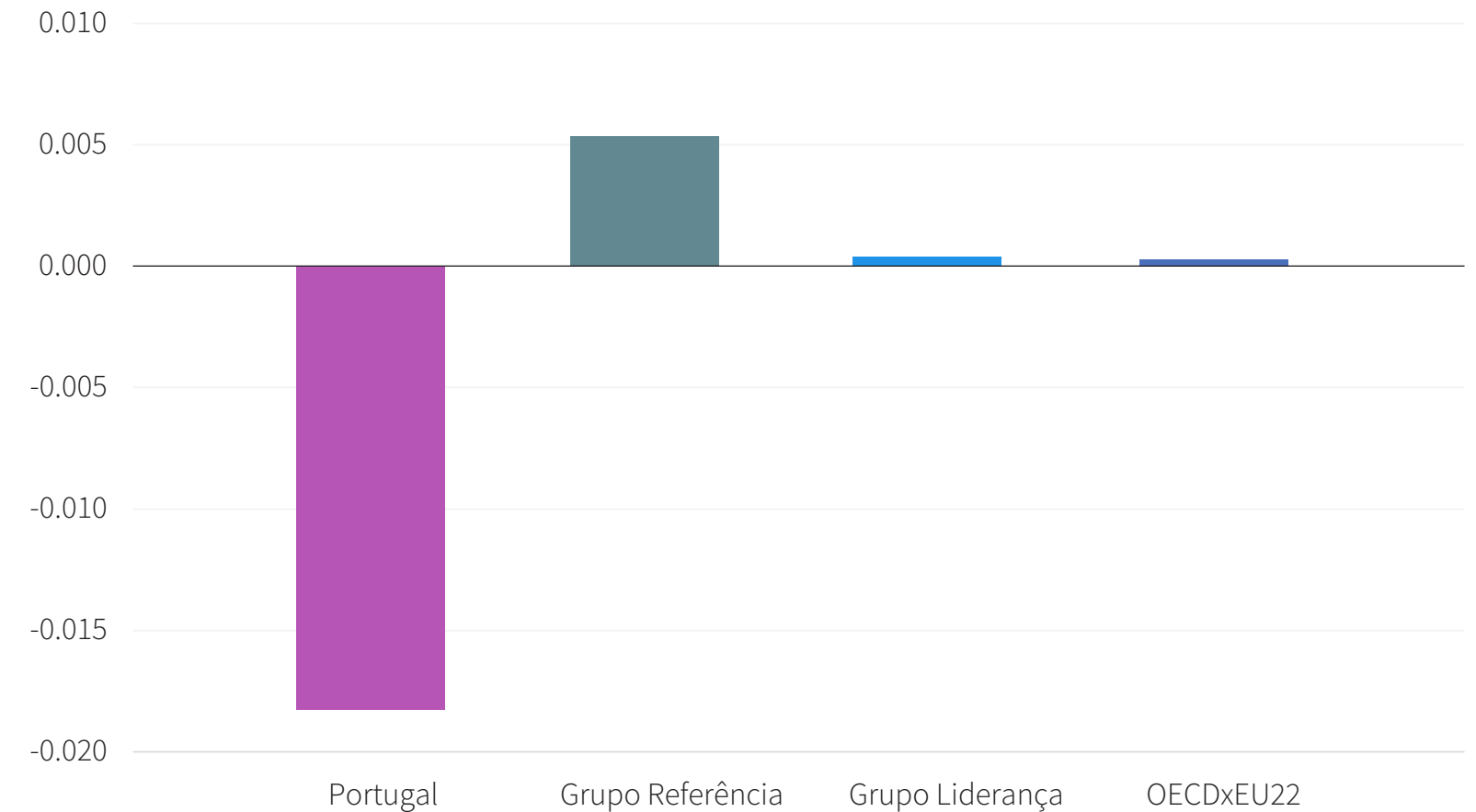


III. É a economia, estúpido!

(p105)

Se a eficácia nacional estivesse alinhada com a média da OCDE, Portugal teria hoje um nível de produtividade (PIB por hora) superior ao do Reino Unido, igual ao italiano, e perfeitamente alinhado com a média europeia. Além do mais, não teria sido ultrapassado por nenhuma das economias do leste europeu.

Eficácia no crescimento da produtividade, 2000-2019



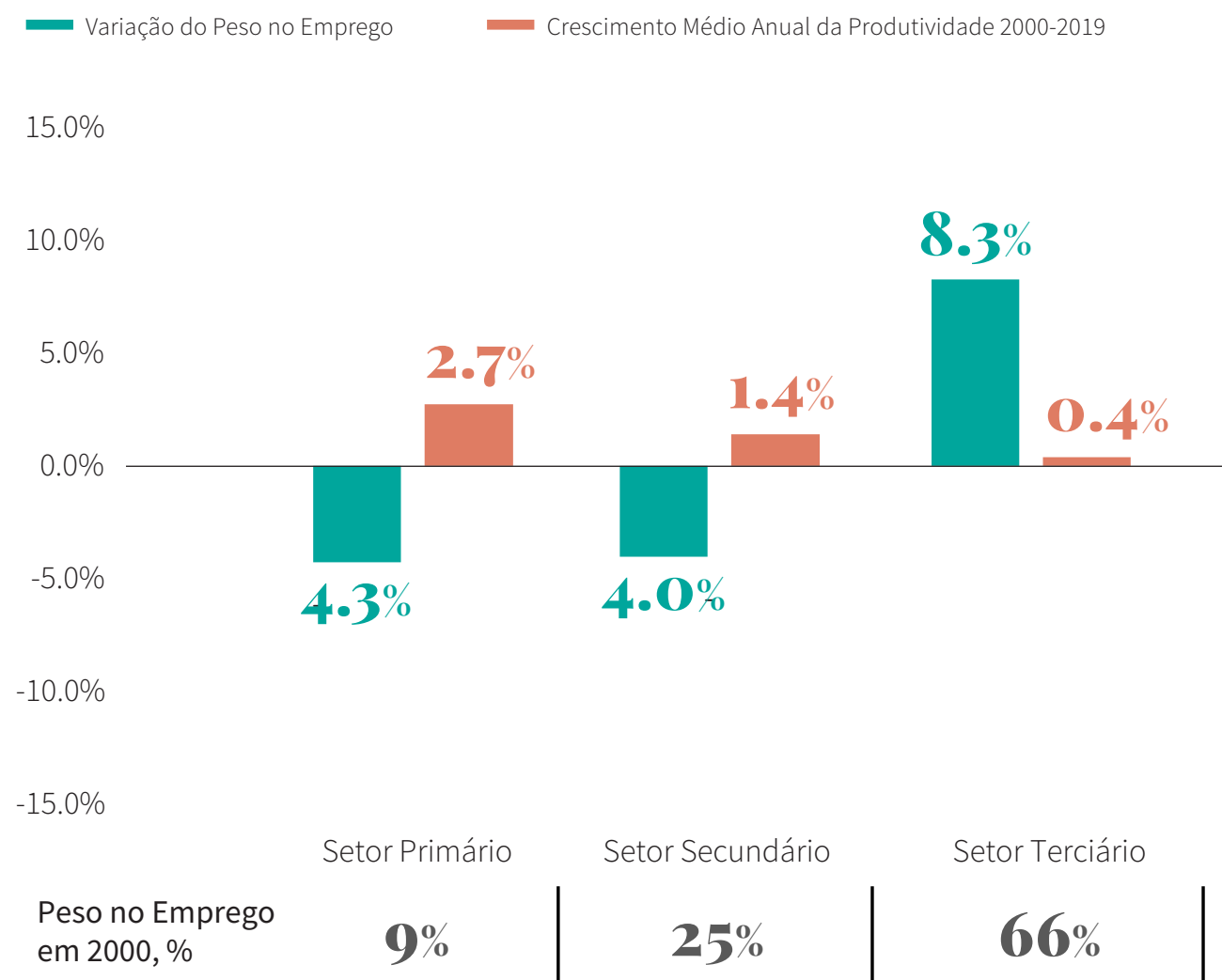
III. É a economia, estúpido!

(p107-a)

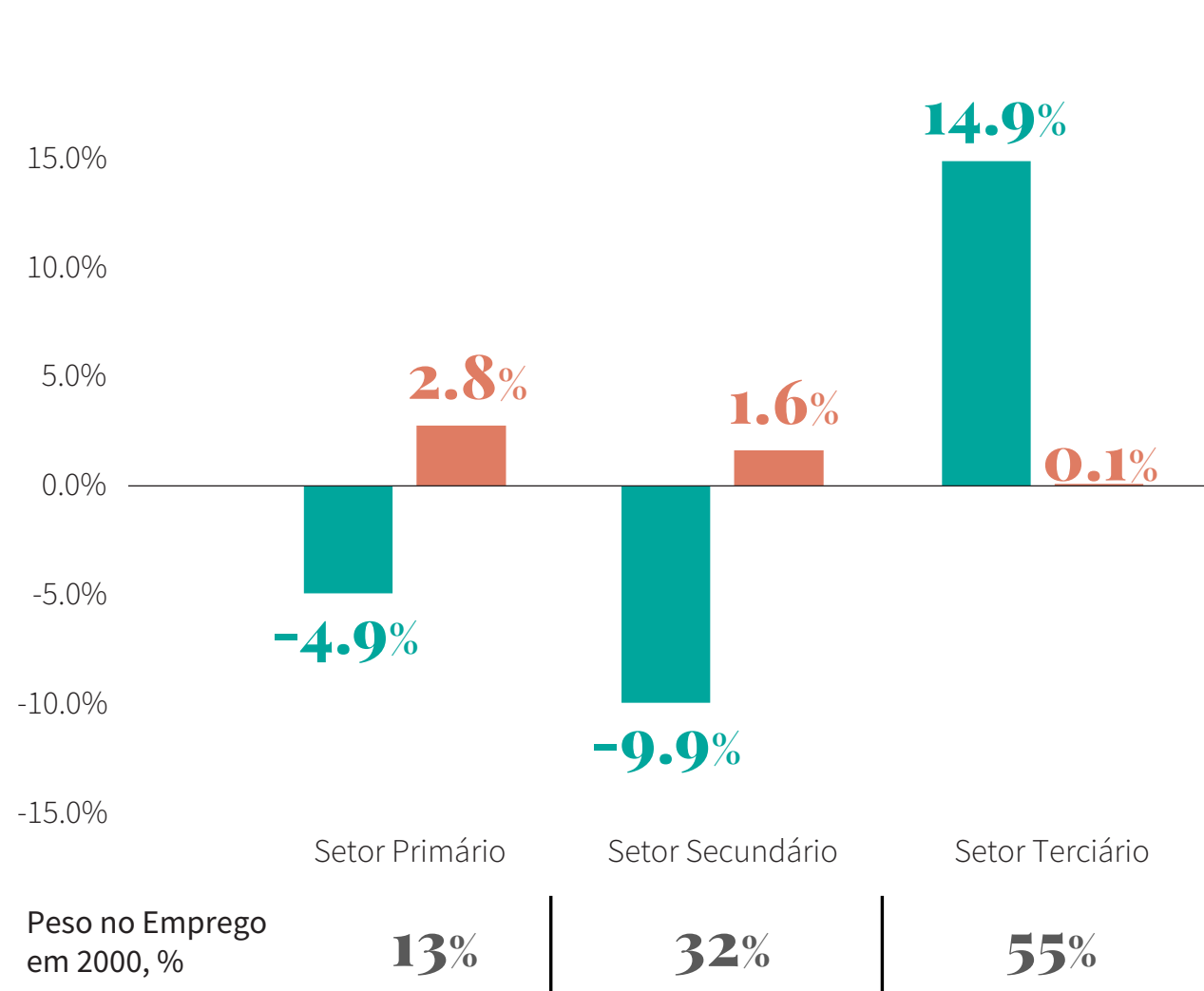
Em 2020. Portugal mantinha uma estrutura produtiva ainda presa ao passado, com um peso superior à UE no setor primário e secundário: 13% no primário e 31% no secundário, o que comparava com 9% e 25%, para a UE. O crescimento dos serviços entre 2000 e 2019 é quase o dobro

da UE, apenas abaixo da Roménia. O peso do setor primário no emprego cai em linha com a EU27, mas o setor secundário cai em Portugal mais do dobro, a segunda maior queda a seguir à Espanha. Em consequência, o processo de terciarização é violento em Portugal. Subtraindo ao crescimento do setor terciário a queda do setor industrial, Portugal é o segundo país com a maior transferência, ultrapassado apenas pela Espanha.

Variação do Peso no Emprego e Cresc. da Produtividade EU27, 2000-2019



Variação do Peso no Emprego e Cresc. da Produtividade, Portugal, 2000-2019



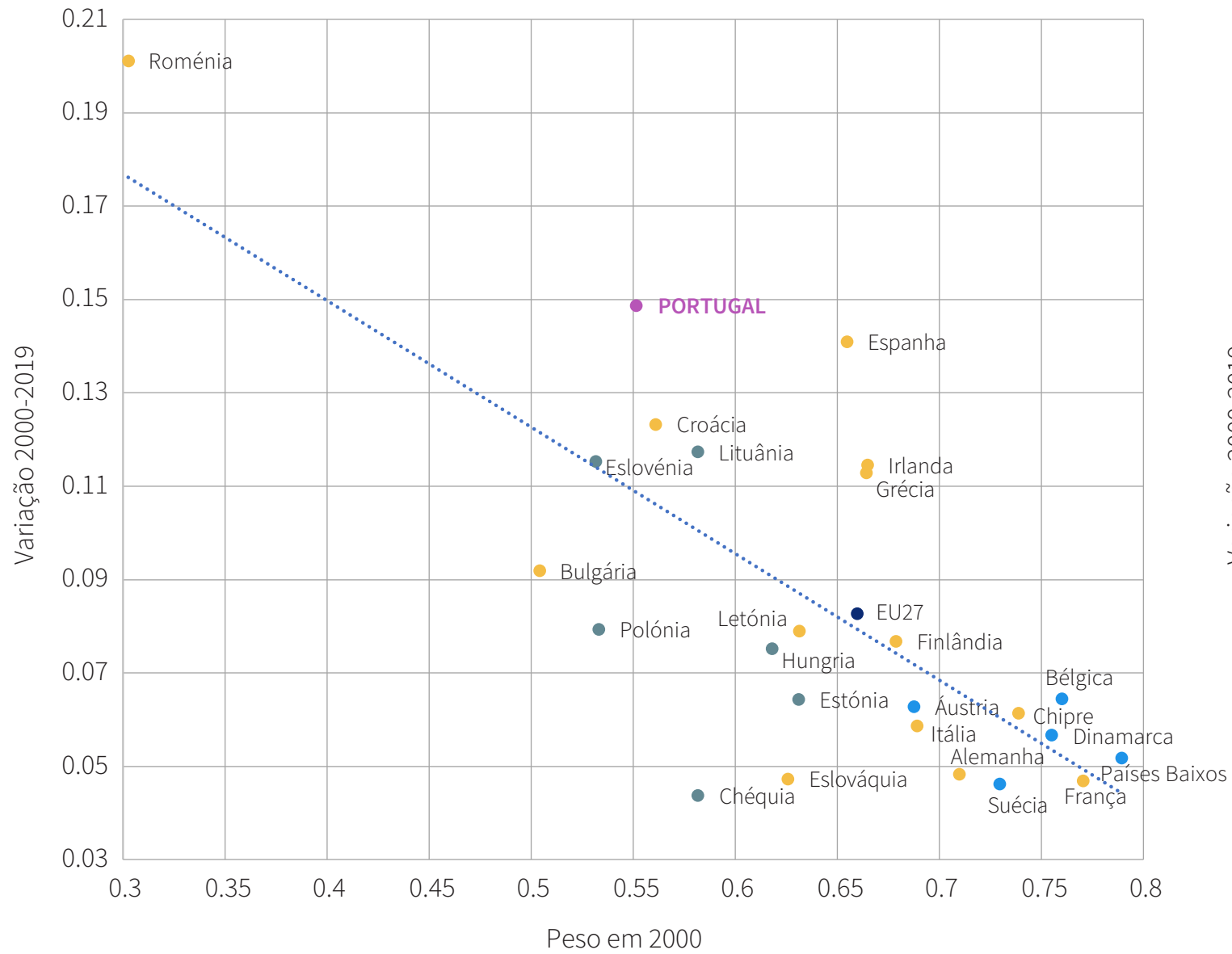
III. É a economia, estúpido!

(p107-b)

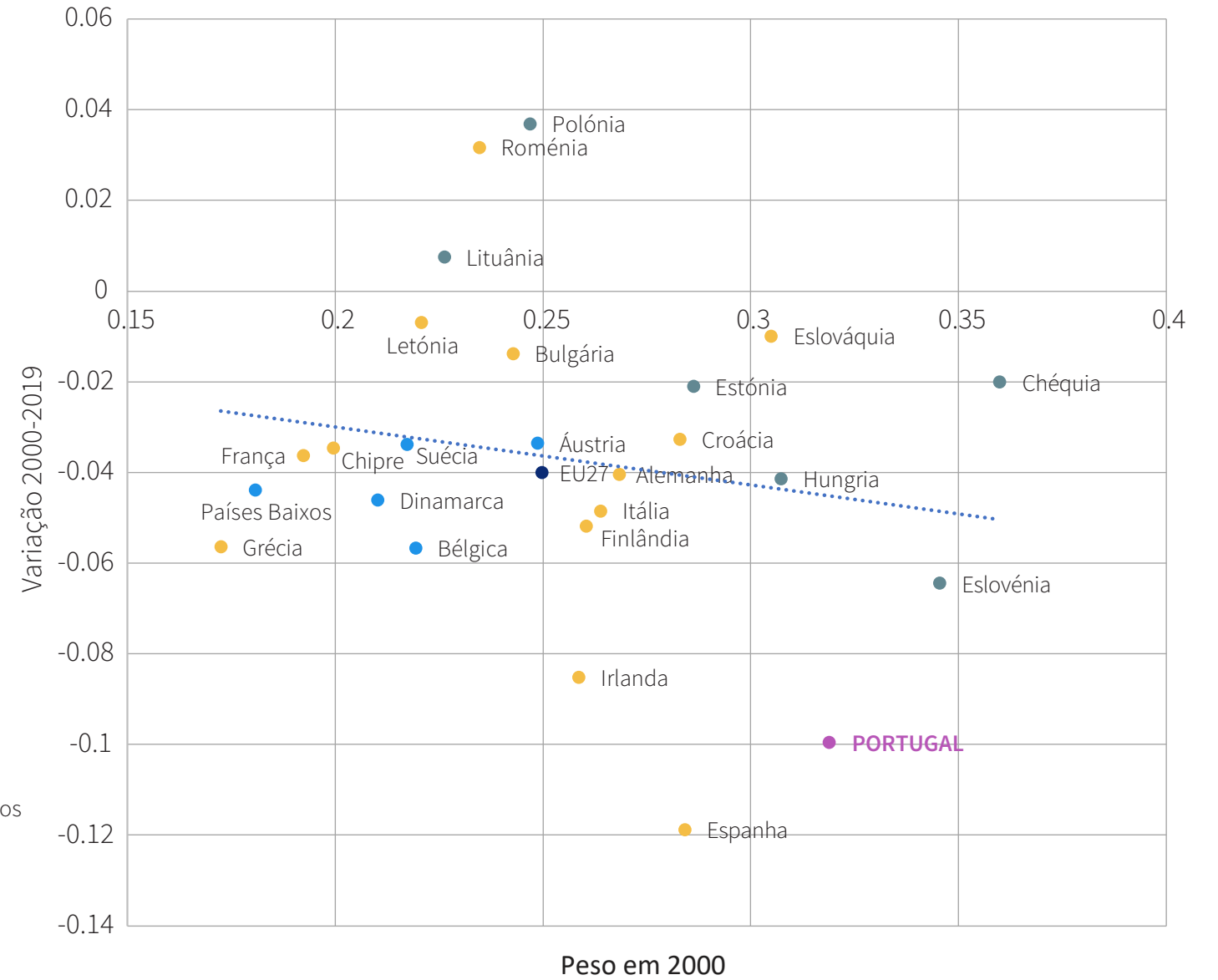
Peso dos Setores no Emprego: variação 2000-2019 vs. 2000

● Grupo Referência ● Grupo Liderança

Serviços



Indústria



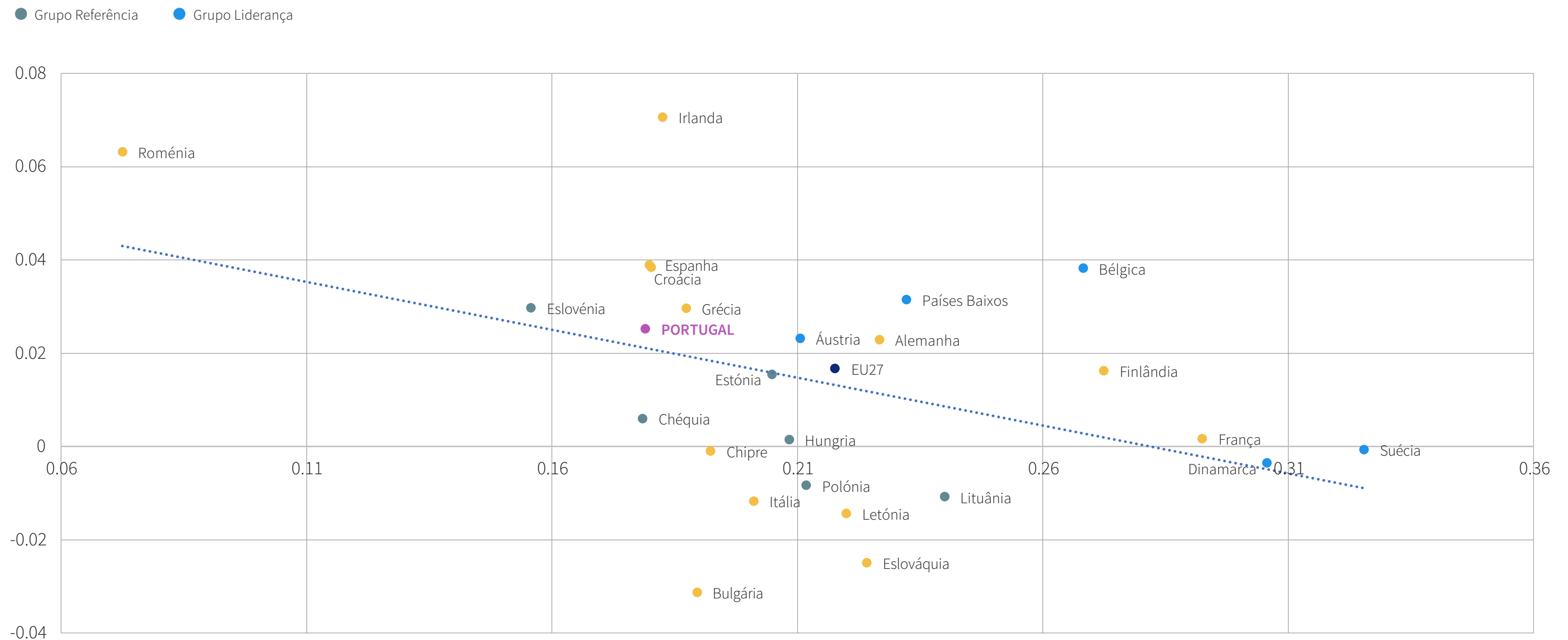
No grupo de referência, a queda do emprego no setor primário e na indústria tradicional também é prevalente. Mas o crescimento dos serviços e a queda na indústria foram muito menores que em Portugal, implicando uma desindustrialização muito mais suave que em Portugal e que nos EU27. De referir que (com exceção da Eslovénia), a queda da indústria nestes países esteve entre as menores na EU27 (tendo a indústria até aumentado na Polónia e na Lituânia).

III. É a economia, estúpido!

(p115-a)

O crescimento no setor de administração pública, educação e saúde é um dos elementos do processo de terciarização da economia. O peso do emprego nestes setores aumentou 1,6 pp nos EU27 e 2,5 pp em Portugal, mas manteve-se estável (em média) no grupo de referência (tendo caído na Lituânia e a Polónia). Uma parte importante do emprego neste setor está no Estado.

Peso do emprego nos setores administrativo, educação e saúde: variação 2000-2019 vs 2000



No grupo de referência, a queda do emprego no setor primário e na indústria tradicional também é prevalente. Mas o crescimento dos serviços e a queda na indústria foram muito menores que em Portugal, implicando uma desindustrialização muito mais suave que em Portugal e que nos EU27. De referir que (com exceção da Eslovénia), a queda da indústria nestes países esteve entre as menores na EU27 (tendo a indústria até aumentado na Polónia e na Lituânia).

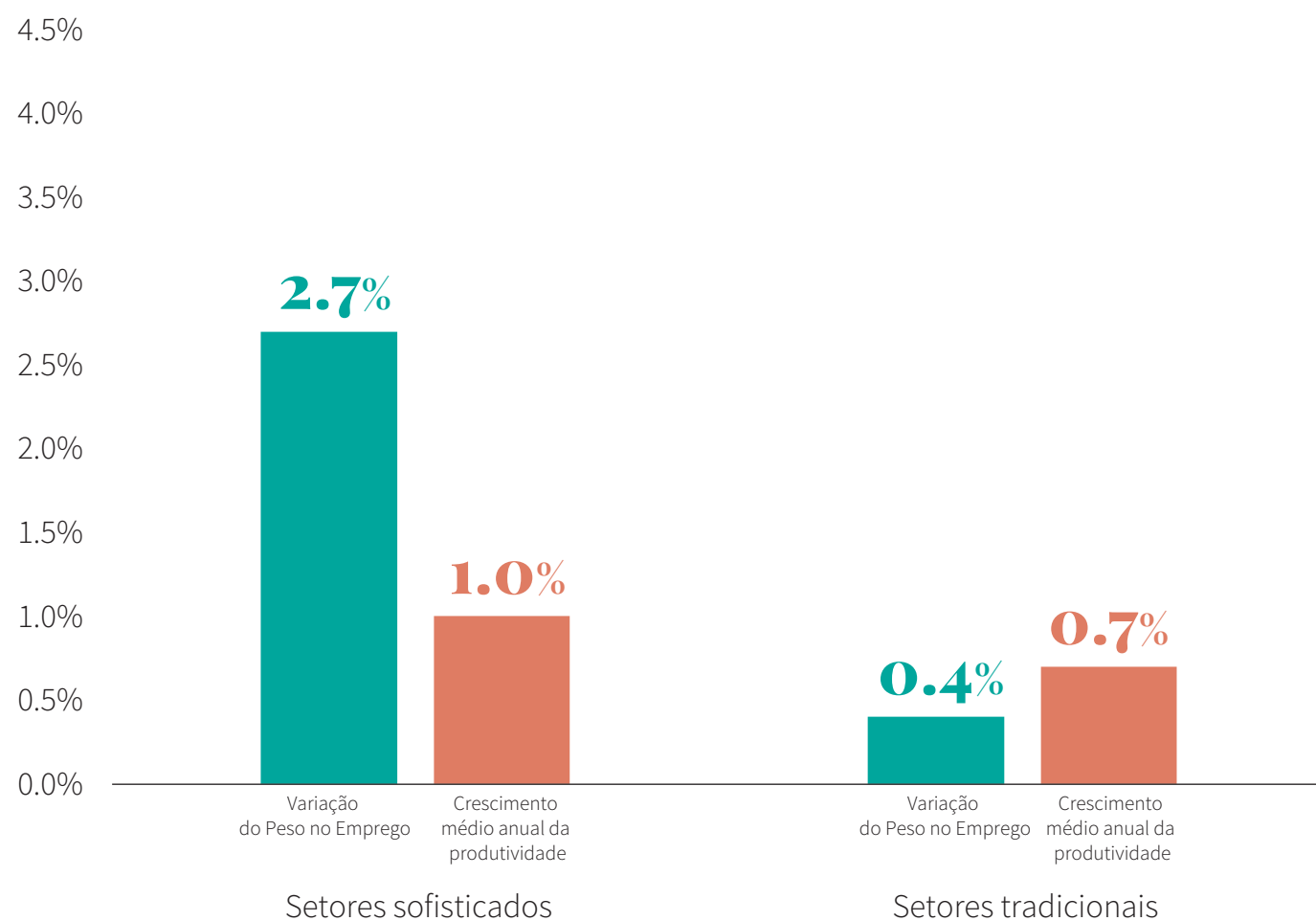
III. É a economia, estúpido!

(p115-b)

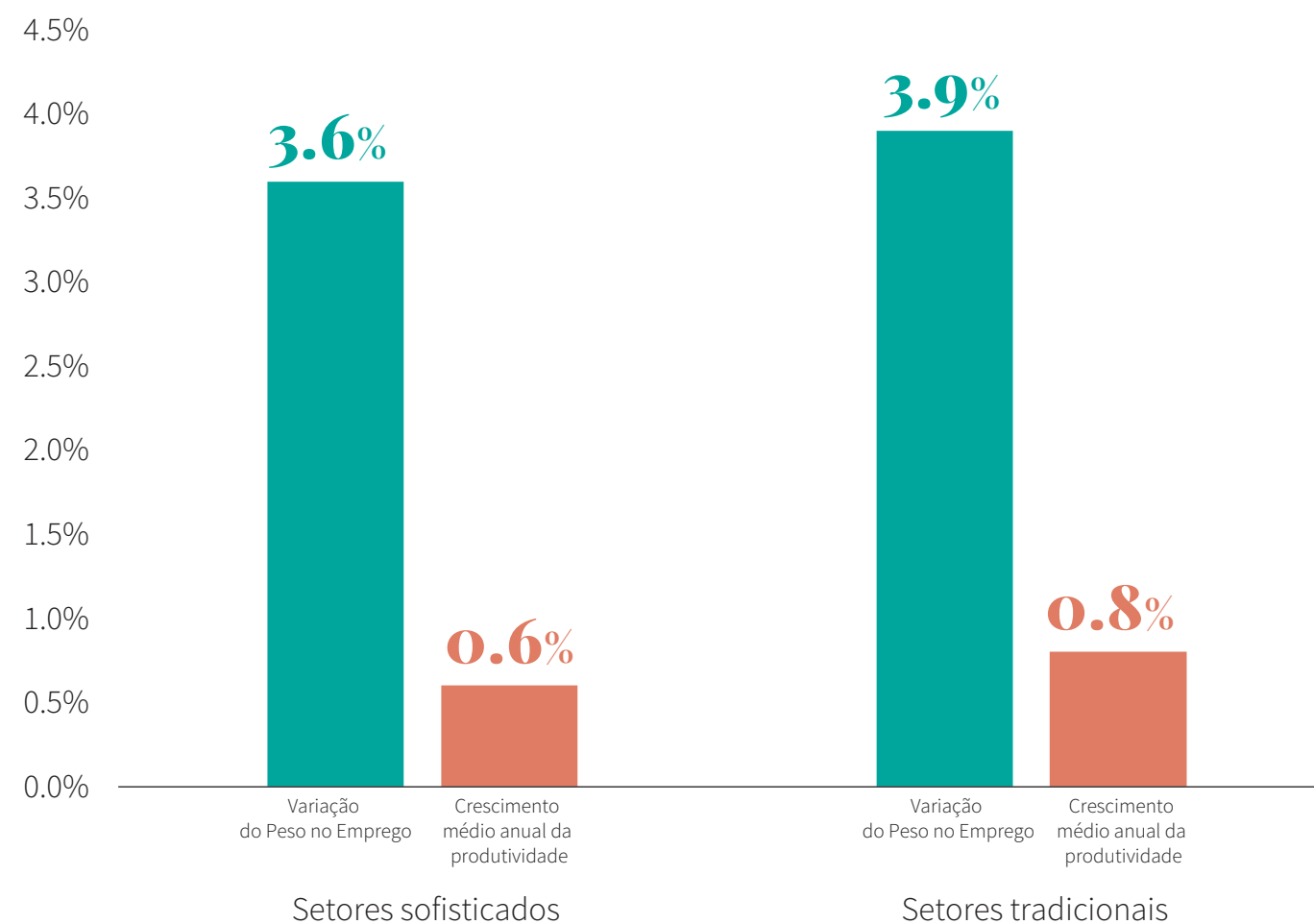
Somando indústrias e serviços tradicionais, vemos que o peso no emprego na União Europeia aumentou 0,4 pp, enquanto a indústria e os serviços sofisticados aumentaram 2,7 pp. Ao contrário da desindustrialização, a transição para setores sofisticados contribui positivamente para o crescimento da produtividade na Europa – este foi superior nos setores sofisticados (1%) relativamente aos setores tradicionais (0,7%) - suportado pelo

potencial da tecnologia e pela maior dificuldade dos países em desenvolvimento, como a China, em competir nestas áreas. Somando indústria e serviços sofisticados, o peso em Portugal aumenta 3,6 pp (2,7 pp na EU27), enquanto os setores tradicionais (de serviços e indústria, excluindo a construção) o aumento é de 3,9pp (0,4 pp na EU27), - uma inversão da tendência europeia para a sofisticação. Uma queda mais acentuada na construção em Portugal permite que ambos os setores cresçam mais que na EU27.

Emprego e Produtividade, EU27, 2000-2019



Emprego e Produtividade, Portugal, 2000-2019



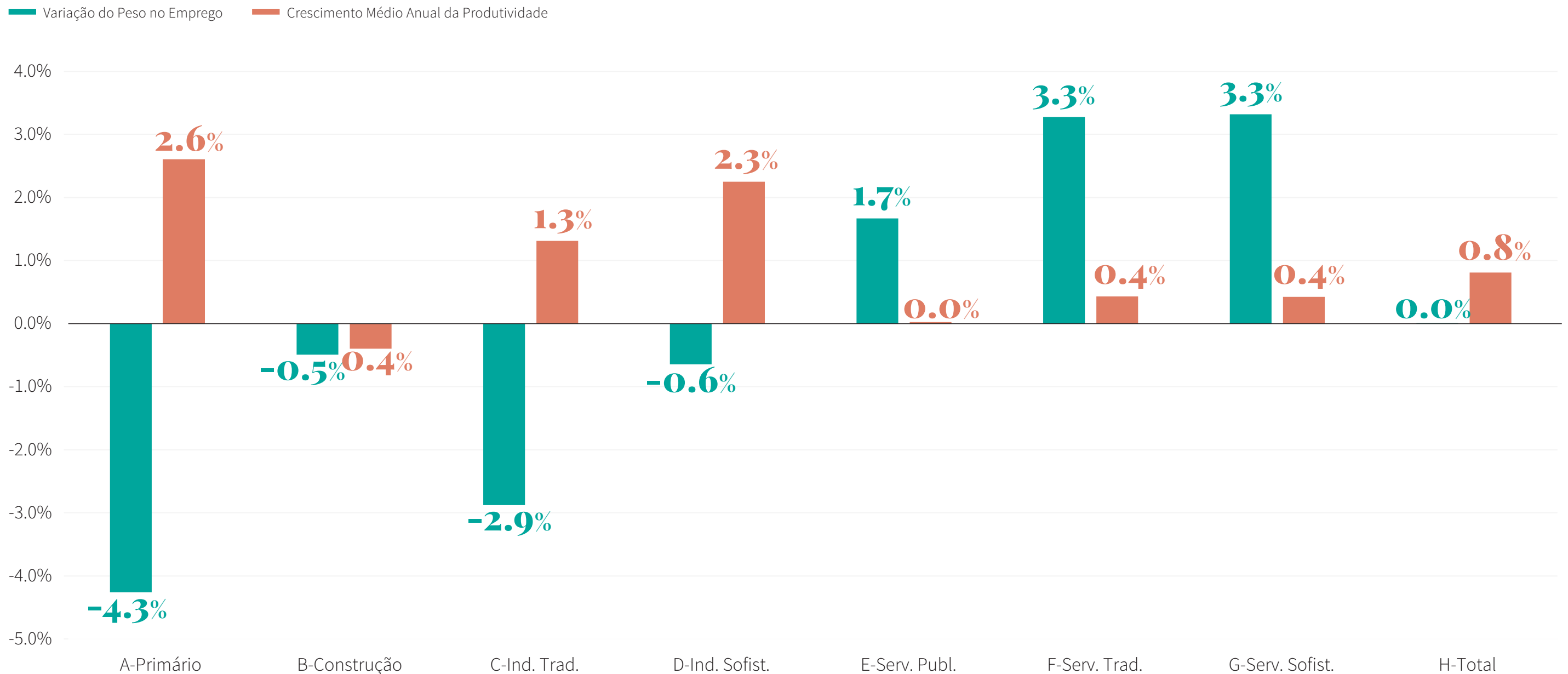
III. É a economia, estúpido!

(p115-c)

Como vimos, tendo o setor industrial decaído na Europa, a contração foi bastante mais acentuada no setor industrial tradicional do que no setor industrial sofisticado. No primeiro, o peso no emprego, que ocupava 12% total em 2000,

caiu 3,4 pontos percentuais (2,9 pp, se incluirmos a Construção); no segundo, a queda foi de 0,6 pp. Por outro lado, a expansão do peso dos serviços foi semelhante nos tradicionais e nos sofisticados (3,3pp), mas estes últimos eram muito menos representativos em 2000.

Emprego e Produtividade, EU27, 2000-2019, por sector



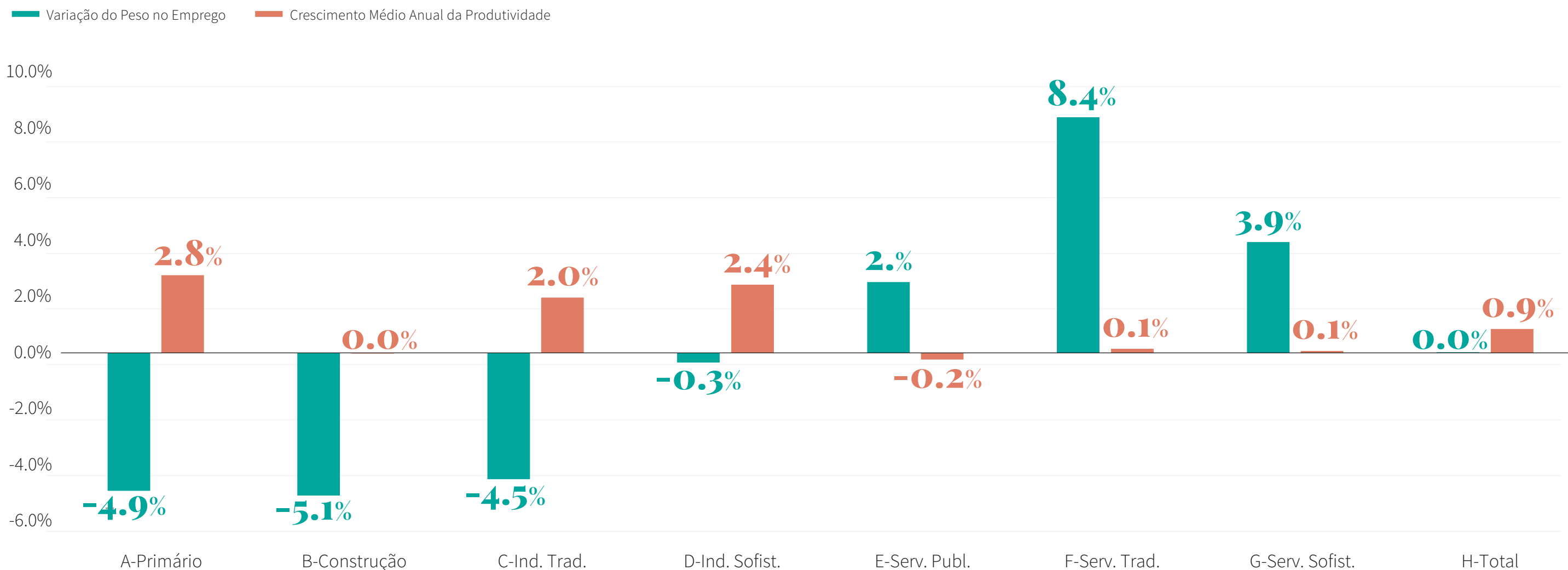
III. É a economia, estúpido!

(p116-a)

Olhando para Portugal, a absorção dos trabalhadores saídos da indústria tradicional e da agricultura é feita de sobremaneira nos serviços tradicionais e nos serviços públicos, onde o aumento

da fatia do emprego é mais do dobro da média europeia. Enquanto na EU27 a expansão dos serviços tradicionais está em linha com os serviços sofisticados (em 3,3 pp), em Portugal o peso dos serviços tradicionais cresce 8,4 pp e 3,9 pp nos serviços sofisticados.

Emprego e Produtividade, Portugal, 2000-2019, por sector



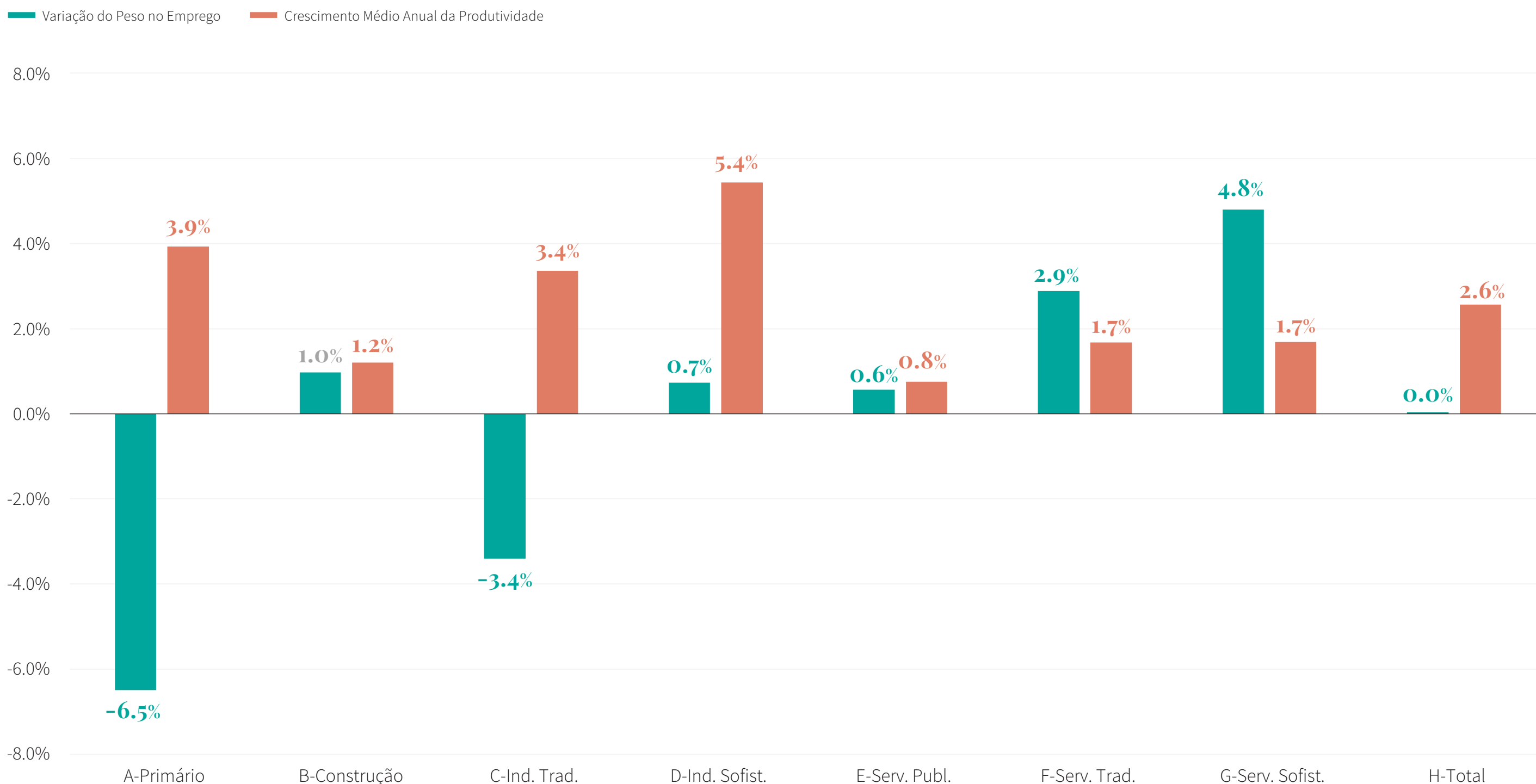
III. É a economia, estúpido!

(p116-b)

Quando comparamos com o grupo de referência, vemos que o grande défice português nestas duas décadas está no aumento do emprego nos setores (de indústria e serviços) sofisticados.

O crescimento dos setores sofisticados nestes países, com uma média de 5,5 pp, está nos níveis mais elevados na Europa, com a Estónia e a Eslovénia acima dos 6 pp, comparado com 3,9 pp para Portugal.

Emprego e Produtividade, Grupo de Referência, 2000-2019, por sector



(ver página seguinte)

Fonte: Eurostat

III. É a economia, estúpido!

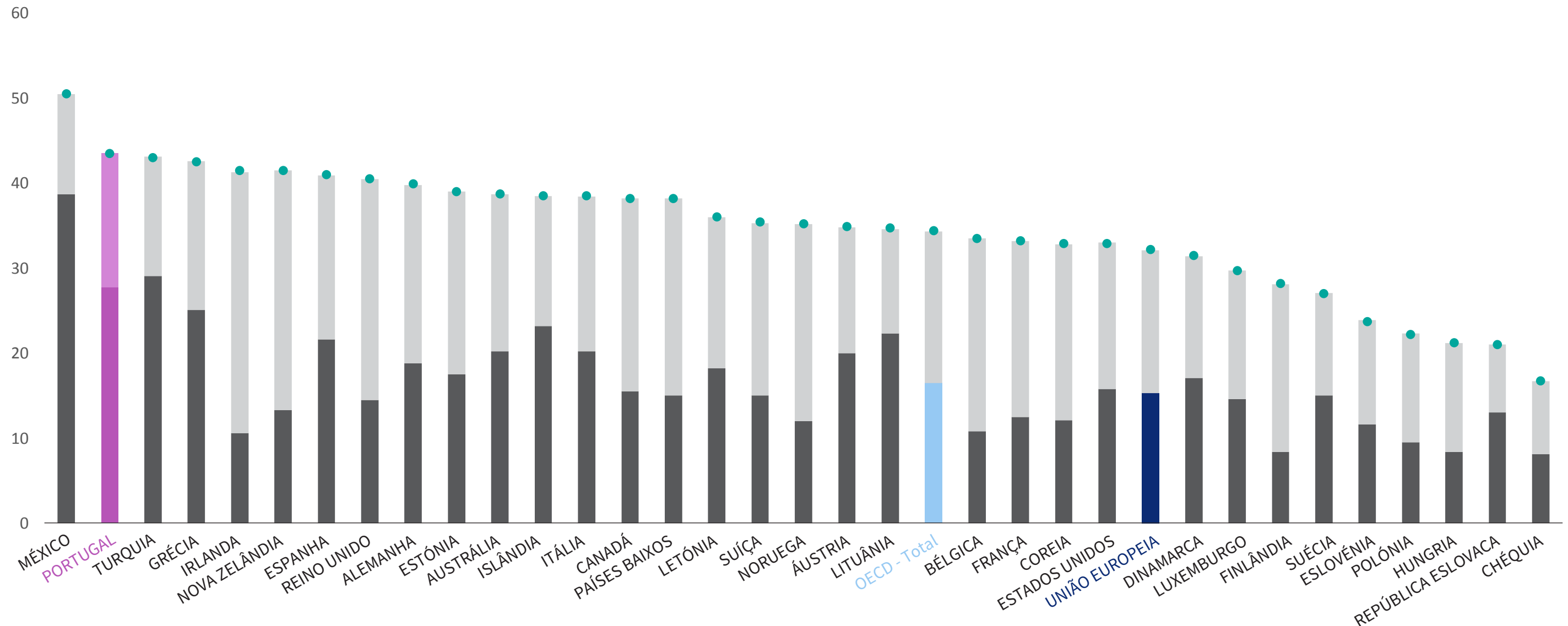
(p118-a)

Portugal apresenta o terceiro maior índice de sobre-qualificação entre os 33 países da OCDE (abaixo da Turquia e do México), e o maior entre os países da UE. O índice de sub-qualificação é ligeiramente inferior à média da União Europeia.

Somando os dois, temos o índice de inadequação, isto é, de postos de trabalhos preenchidos por pessoas com qualificações impróprias, por excesso ou por defeito, onde Portugal é o segundo mais inadequado, atrás apenas do México, e, portanto, o mais inadequado da UE.

Tipo de qualificação de acordo com o Emprego (% da população empregada, 2019)

■ Sobre-qualificado ■ Sub-qualificado ● Incompatibilidade, "Mismatch"

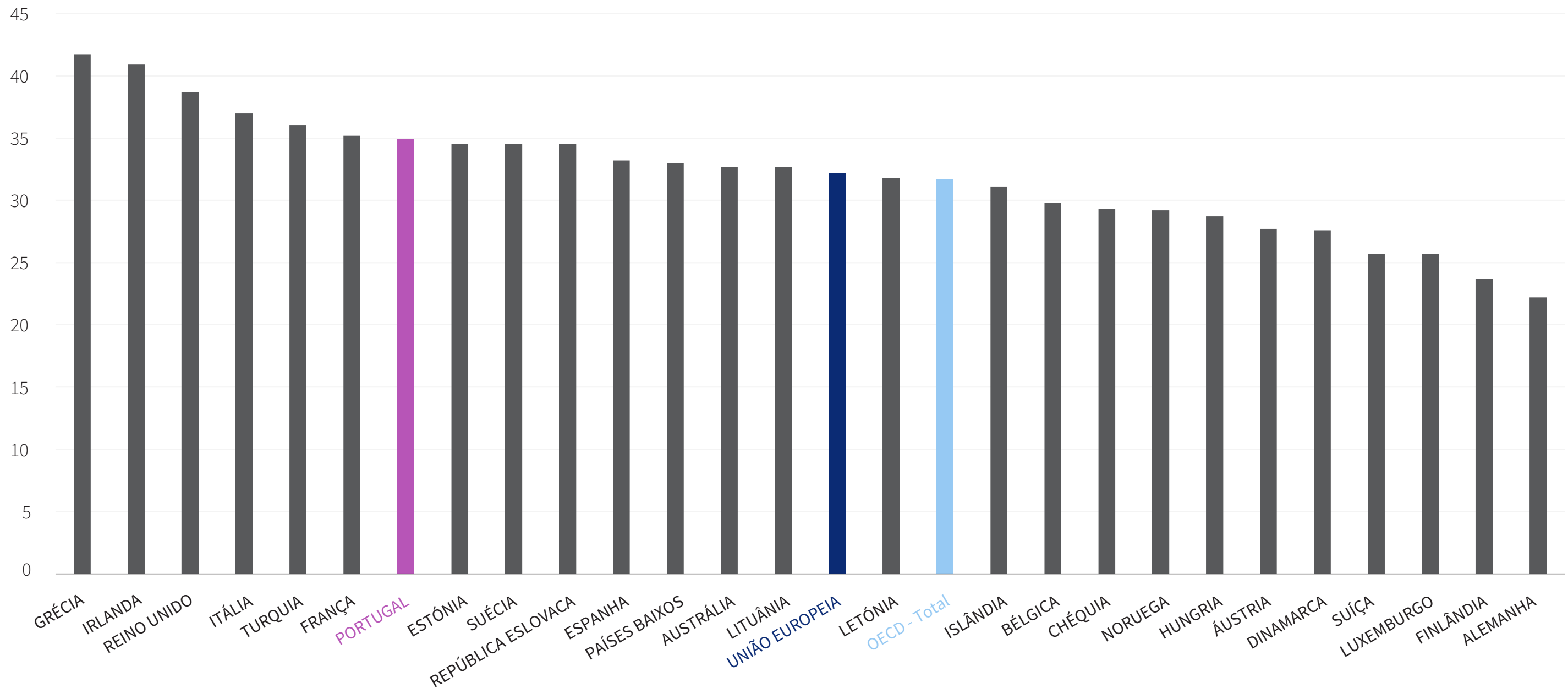


III. É a economia, estúpido!

(p118-b)

Outro dado importante tem que ver com a inadequação da área de estudo, quando as áreas de formação não são as mais adequadas para realizar as tarefas que a ocupação exige. Portugal ocupa o 7.º lugar entre os países da OCDE na inadequação.

Inadequação de acordo com a área de estudo, 2019

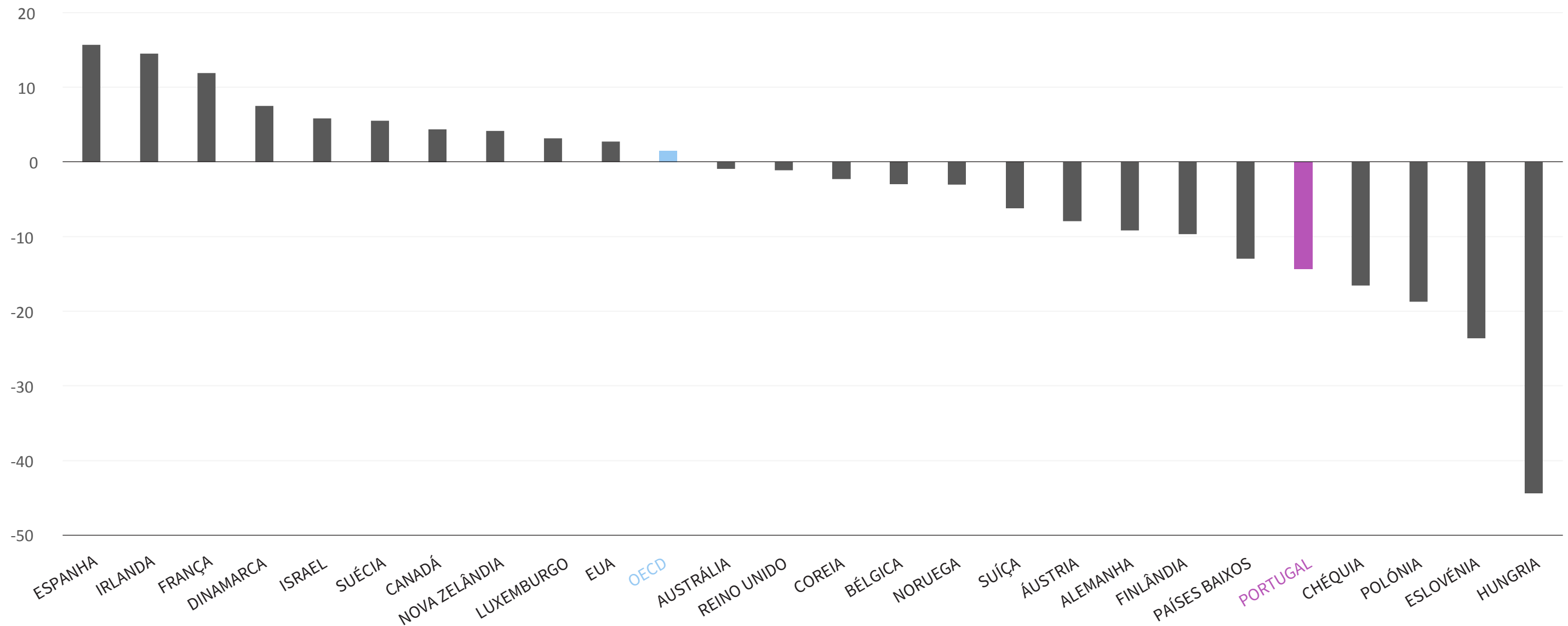


III. É a economia, estúpido!

(p119)

O prémio salarial para os jovens com ensino superior caiu 14,4 pp em Portugal, entre 2006 e 2020, uma das maiores quedas observadas entre os países da OCDE com dados disponíveis.

Varição do Prémio Salarial dos Jovens (25-34), 2006-2020, pp, Ensino Superior vs. Ensino Secundário

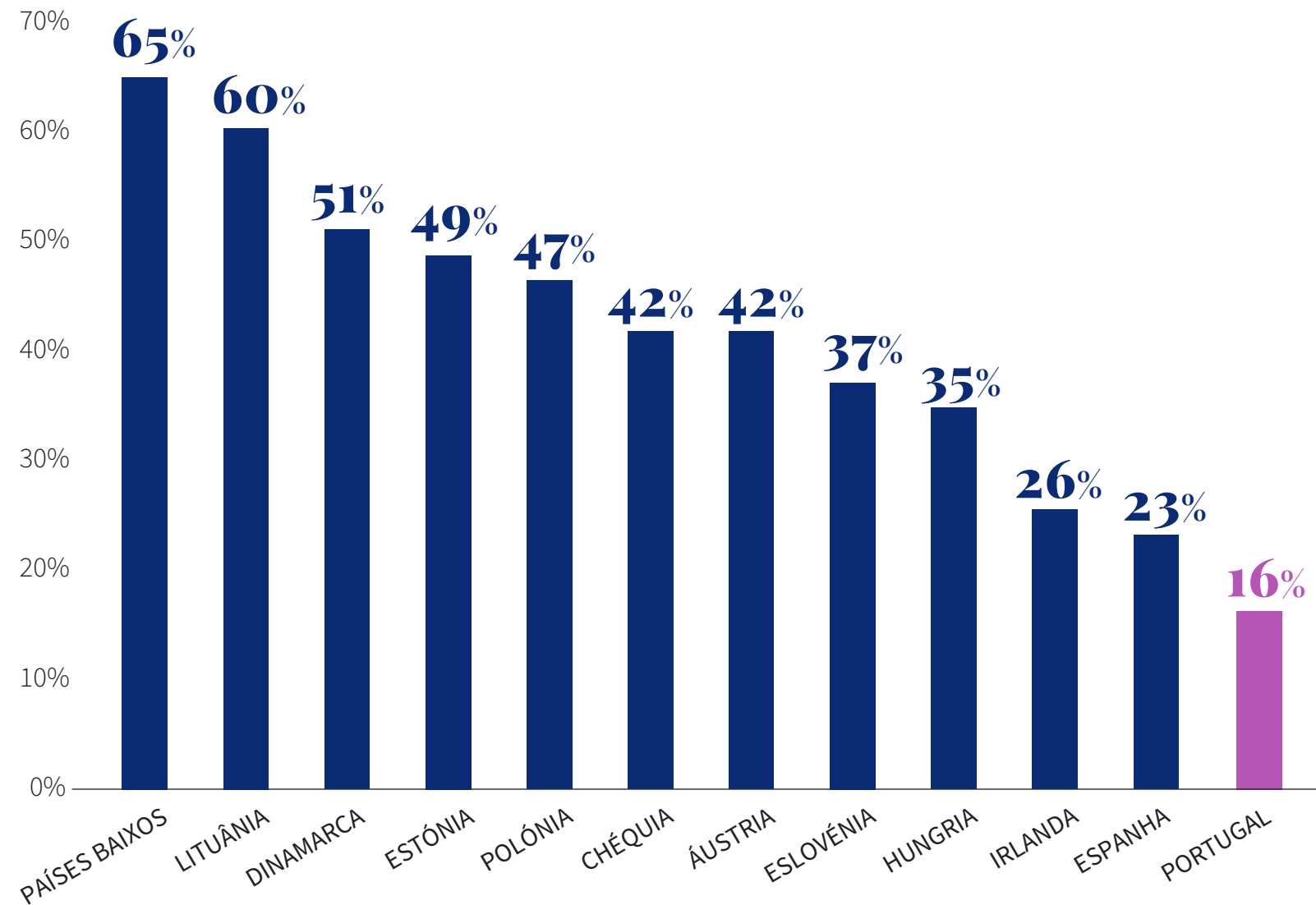


III. É a economia, estúpido!

Dos 38 microssetores [NACE38 Rev2] avaliados, quantos cresceram acima do esperado para o país?

(p120)

Entre os 38 microssetores, não há um único setor onde o crescimento da produtividade seja superior em Portugal do que na média dos EU27 ou no grupo de referencia e apenas 16% (o valor mais baixo do grupo com que nos comparamos) teve crescimentos de produtividade acima do que era esperado dado aumento da disponibilidade de recursos no país.



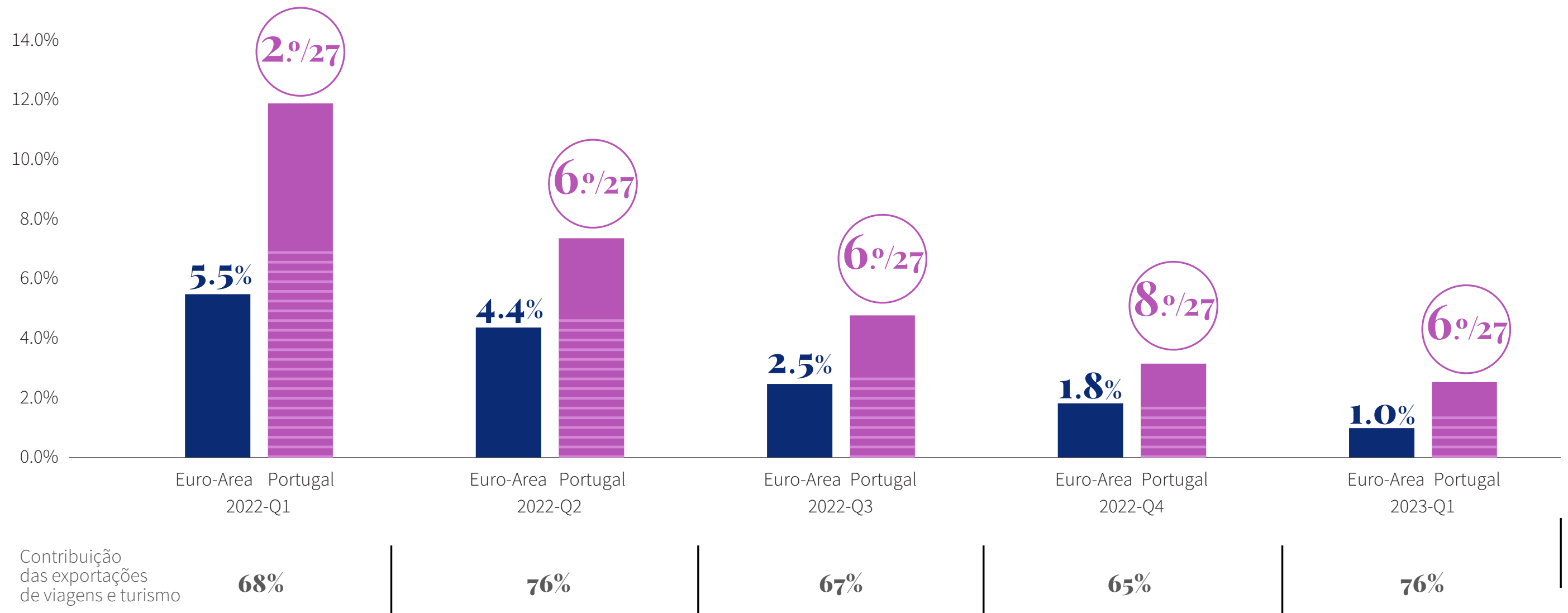
III. É a economia, estúpido!

(p122)

As taxas de crescimento do PIB português nos quatro trimestres de 2022 estão no top 6 da UE, com o turismo a explicar mais de 65% desse crescimento.

Crescimento homólogo do PIB a preços constantes (%)

○ Ranking do crescimento português entre as 27 economias da União Europeia ▨ Contribuição das exportações de turismo e viagens

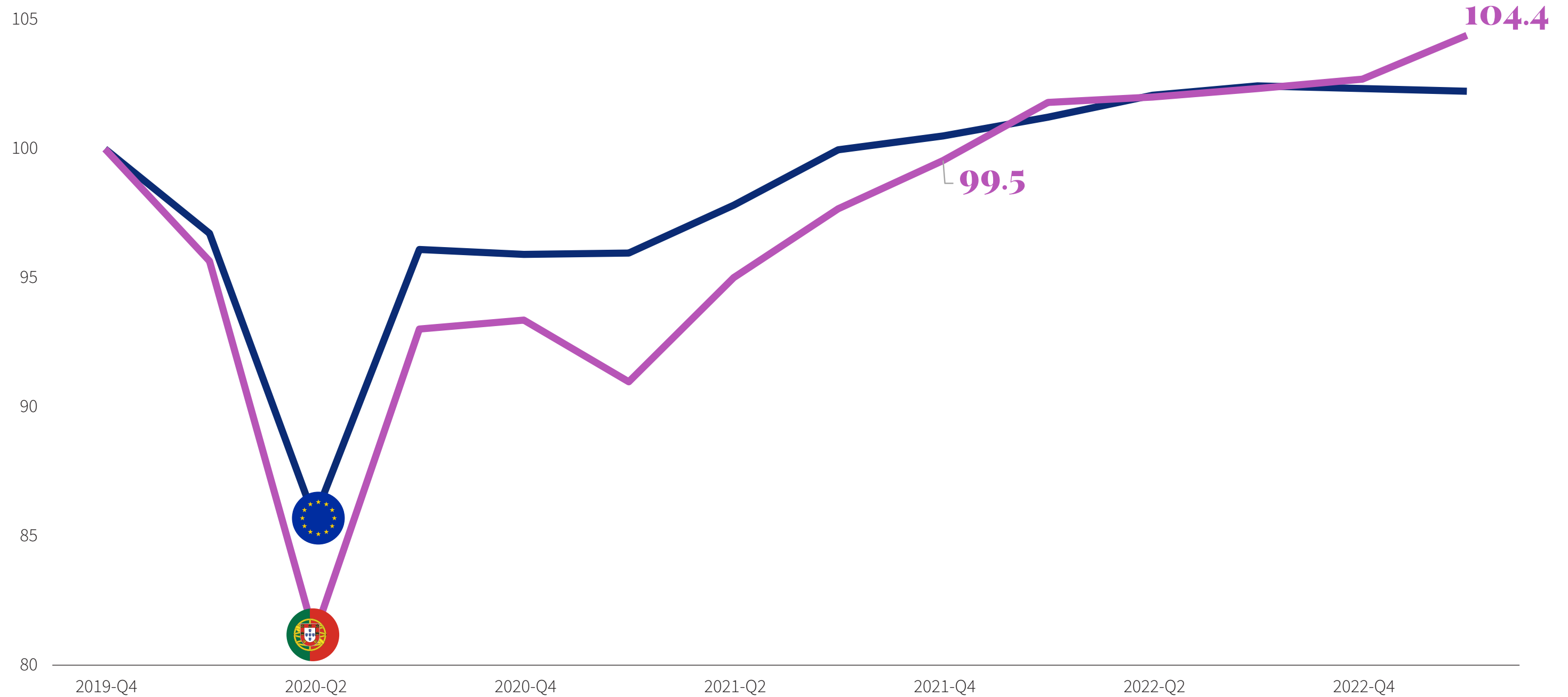


III. É a economia, estúpido!

(p123)

No fim de 2022, a economia portuguesa recupera o seu nível de PIB per capita em relação à Zona Euro.

Índice PIB a preços constantes (100 = 2019 Q4), Portugal e Zona Euro



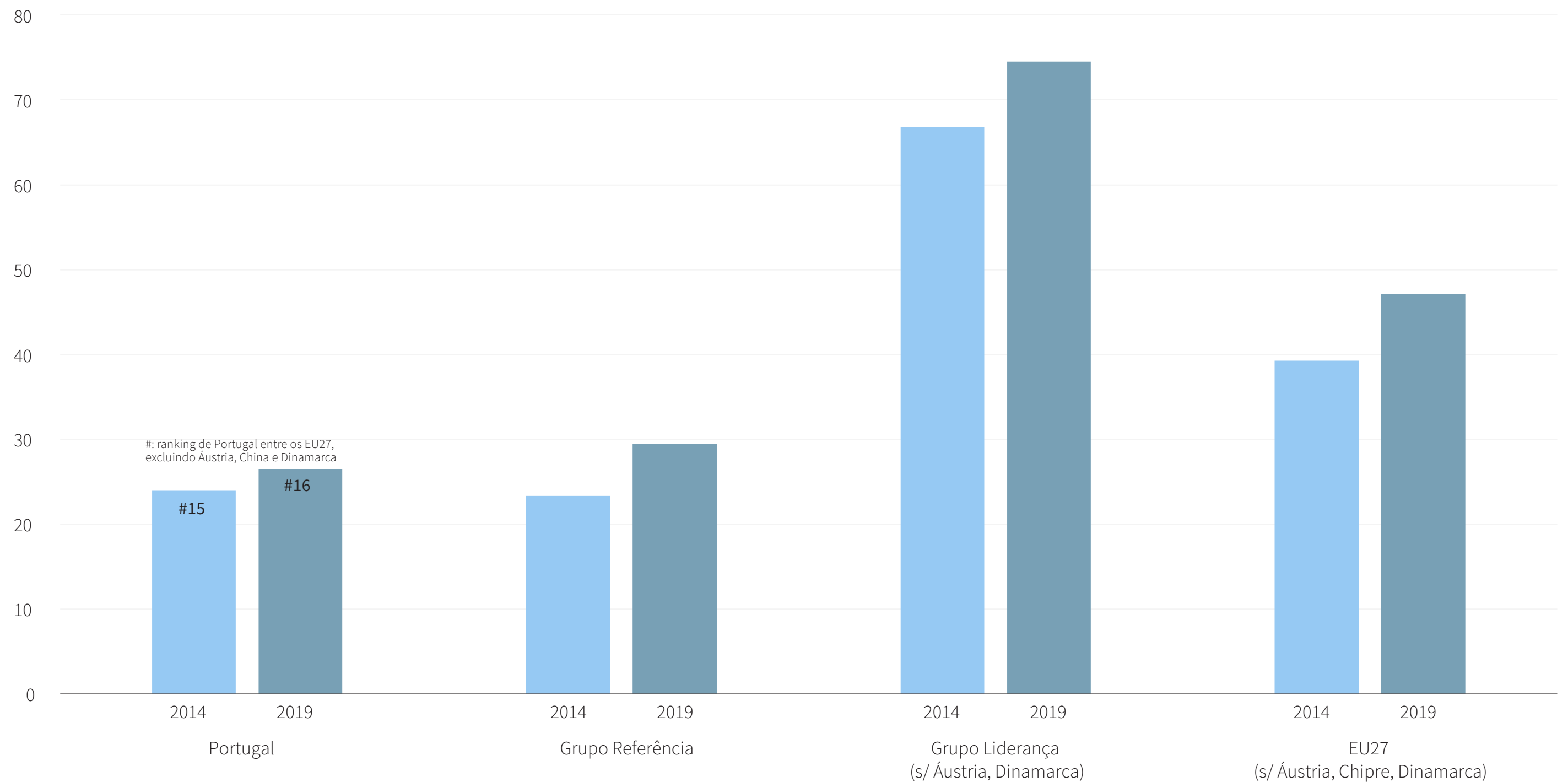
IV. Produtividade nas empresas

IV. Produtividade nas empresas

(p128)

Em 2019, a produtividade empresarial, recolhida pelo INE e reportada pelo Eurostat de forma comparável para os EU27, era 56% do nível médio dos EU27 (16^a posição), 90% do grupo de referência e 36% do grupo de liderança. Em 2014 (o primeiro ano em que os dados estão disponíveis no Eurostat), a produtividade empresarial em Portugal ocupava a 15^a posição e era 61%, 102% do grupo de referência e 36% do grupo de liderança.

Produtividade aparente do trabalho



IV. Produtividade nas empresas

(p135-a)

O INE reporta apenas 7047 empresas médias e 1315 empresas grandes em 2021, um aumento de 6706 e 1069 em 2008, respetivamente, no seu universo de empresas não financeiras.

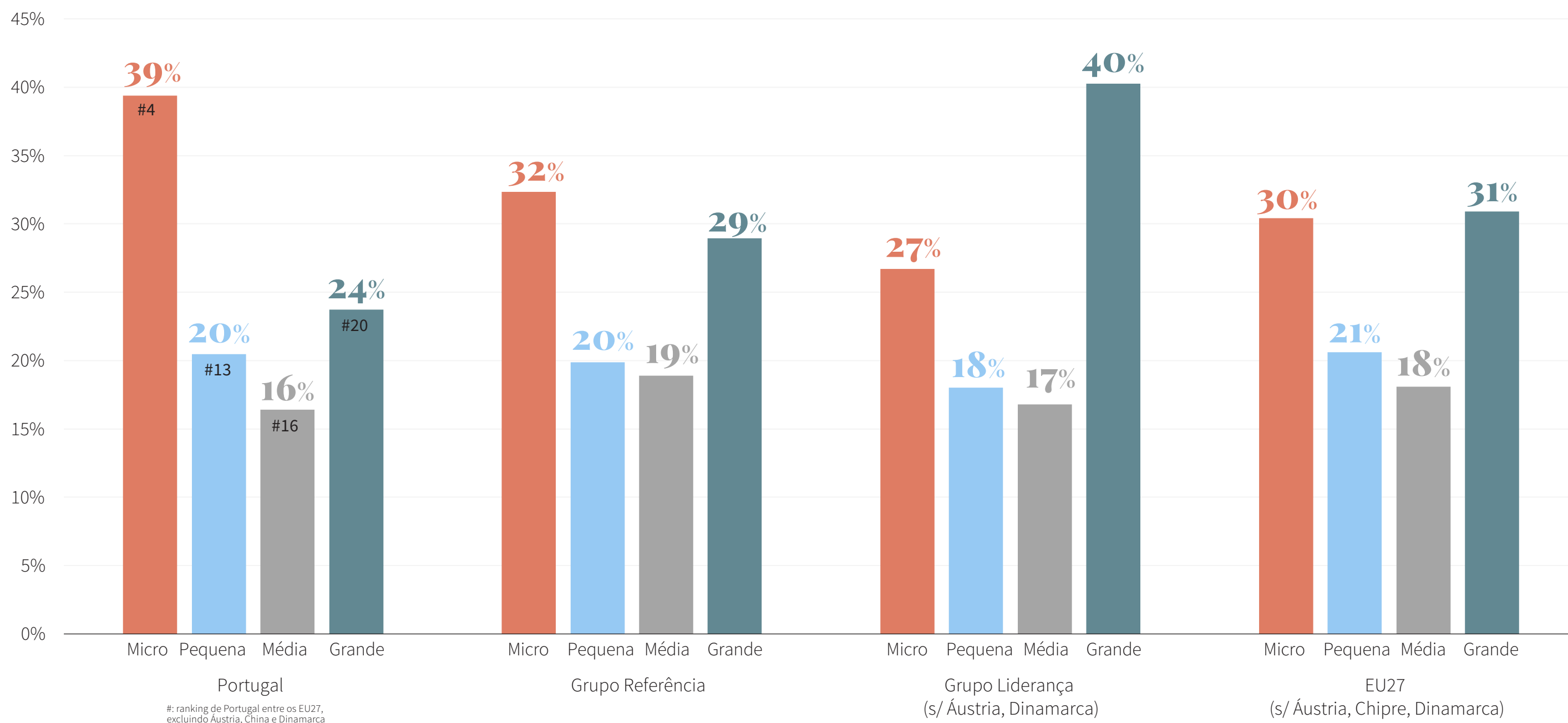
Nº DE EMPRESAS POR DIMENSÃO	2008	2012	2015	2018	2021
MICRO	1 182 115	1 021 714	1 118 988	1 227 831	1 288 702
PEQUENAS	46 099	36 857	37 252	42 290	44 692
MÉDIAS	6 706	5 645	5 829	6 844	7 407
GRANDES	1 069	957	1 013	1 199	1 315

IV. Produtividade nas empresas

(p135-b)

Em 2019, a percentagem de emprego empresarial nas microempresas era de 39%, o quarto valor mais alto neste espaço económico. Nas pequenas empresas, o valor para Portugal era de 20%, semelhante ao valor do espaço europeu e o 13º entre os 27 estados-membros. De notar que, no grupo de referência o emprego nas microempresas era 32% do total e nas pequenas 20%.

% emprego total



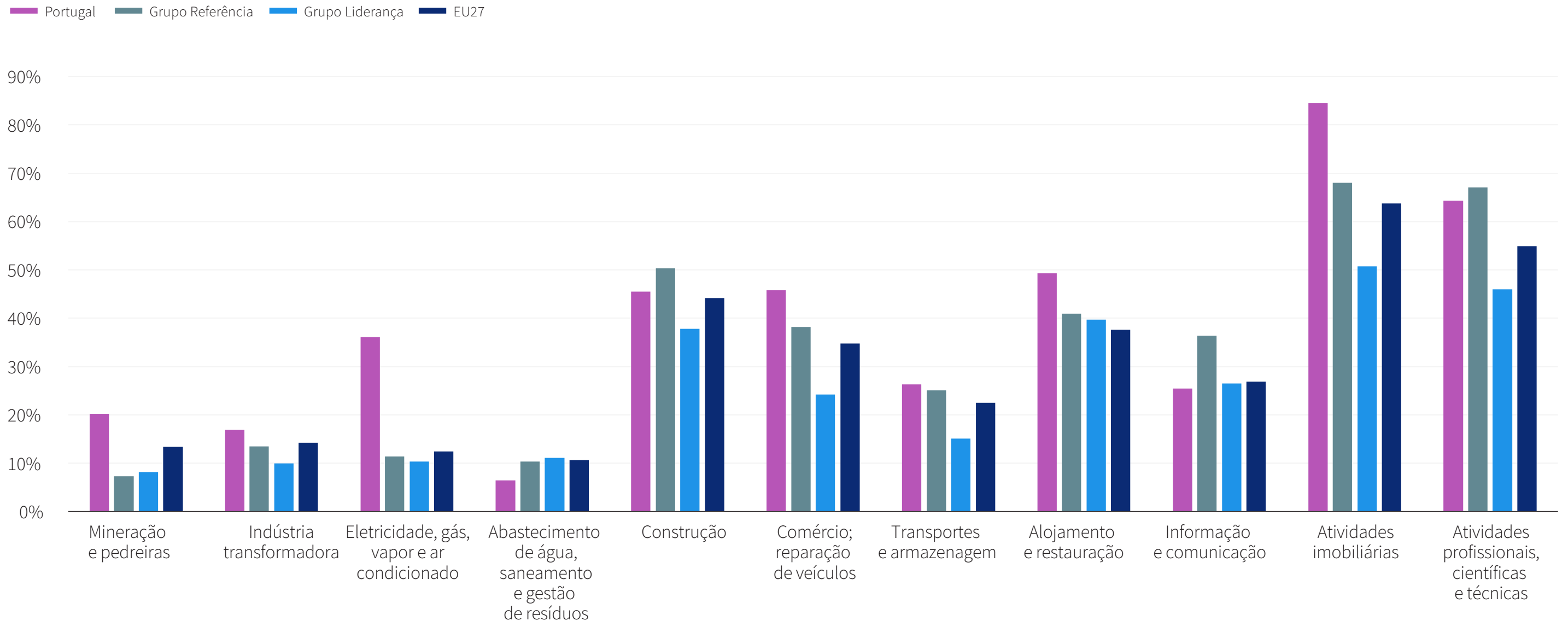
IV. Produtividade nas empresas

(p136)

Considerando apenas os setores do comércio e reparação de veículos e de hotelaria e restauração, Portugal continua a ser o país onde o emprego nas microempresas é mais relevante, com 46% e 49%, respetivamente, para uma média de 38% e 41% no grupo de referência.

Na UE, o emprego em microempresas era 35% do total no primeiro setor, enquanto para a hotelaria e a restauração os dados não estão disponíveis. Portugal está acima da média da UE em nove dos 11 setores. Em comparação com o grupo de liderança, o peso do emprego nas microempresas portuguesas é superior também em nove dos 11 setores, e superior em sete dos 11 setores quando comparado com o grupo de referência.

Share do emprego em micro-empresas, por setor de atividade, 2019



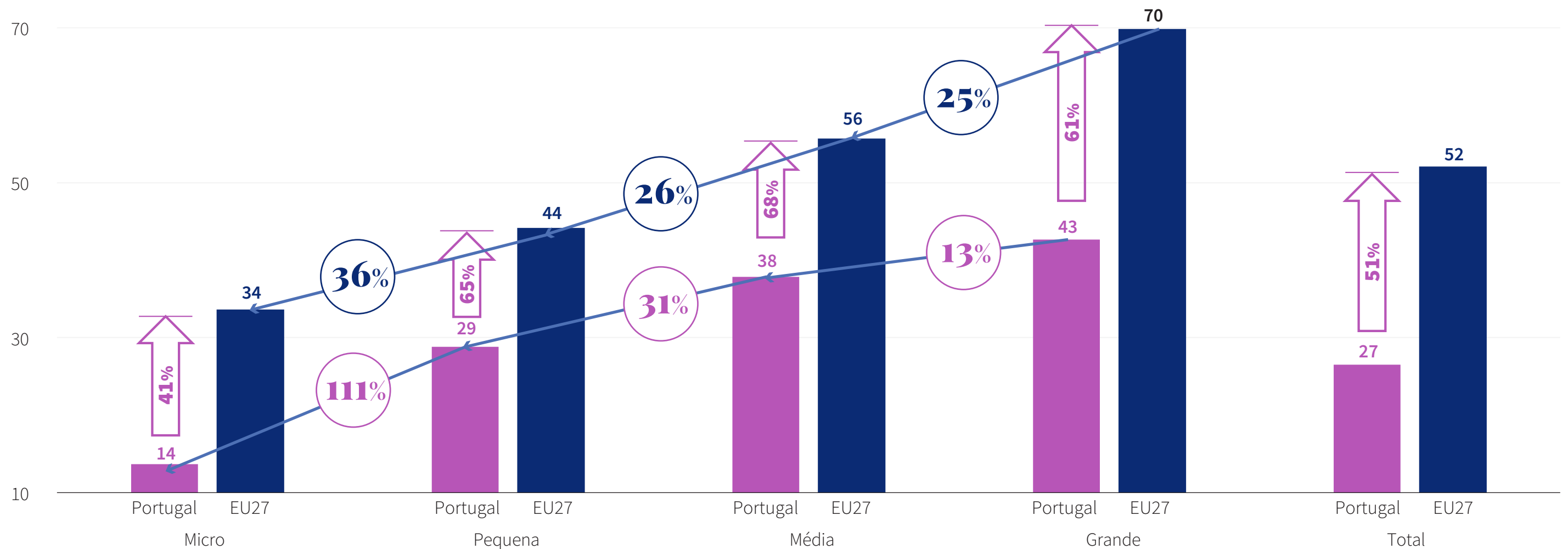
IV. Produtividade nas empresas

(p137)

Nos EU27, segundo o Eurostat, a produtividade (média) das grandes empresas era 25% superior à das médias empresas, que era, por sua vez, 26% superior à das pequenas empresas e 31% superior à das microempresas. Em Portugal, a vantagem das grandes empresas sobre as médias é de 13% - inferior à EU27 devido a uma dimensão menor entre as grandes empresas em Portugal que na EU27.

A vantagem das médias sobre as pequenas era de 31%, semelhante à EU27. O valor mais surpreendente é que a vantagem das pequenas sobre as micro era de 111% - muito superior à EU27. Consequentemente, a produtividade nas microempresas portuguesas era 41% da média das microempresas das EU27, que compara de forma muito desfavorável com 65% nas pequenas empresas, 68% nas médias empresas, e 61% nas grandes empresas.

Produtividade empresarial por dimensão das empresas



Fonte: Eurostat e INE
*O Eurostat não apresenta valores desagregados para Portugal nas médias e as grandes empresas. Os dados do INE foram ajustados para gerar um valor Total idêntico ao do Eurostat.

IV. Produtividade nas empresas

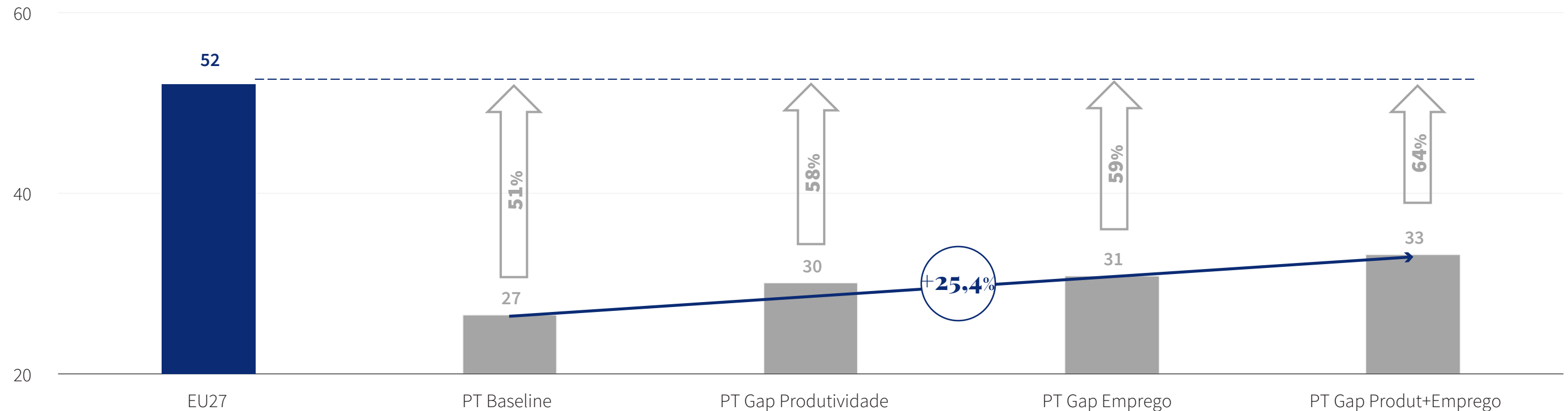
(p138)

Se assumirmos uma distribuição do tecido empresarial português semelhante à média do espaço EU27, teríamos um aumento na produtividade média em Portugal de 16,5%. Esta subida permitiria aumentar a produtividade relativa portuguesa de 51% para 63% da EU27.

Se, por outro lado, simularmos um encurtamento do gap de produtividade das microempresas para

o gap das pequenas empresas, a produtividade agregada crescerá 13,4%, o que levaria a produtividade relativa para 58% da EU27. A alteração simultânea da alocação e do gap das microempresas gera um crescimento de 25,4% e um aumento da produtividade relativa para 64% da EU27. Em suma, 41% do gap de produtividade para a EU27 é devido ao peso excessivo no emprego e ao elevado défice de produtividade (comparando com o défice das restantes empresas nacionais) das microempresas.

Simulação do efeito de um alinhamento do Gap Produtividade e do Gap Emprego nas microempresas em Portugal



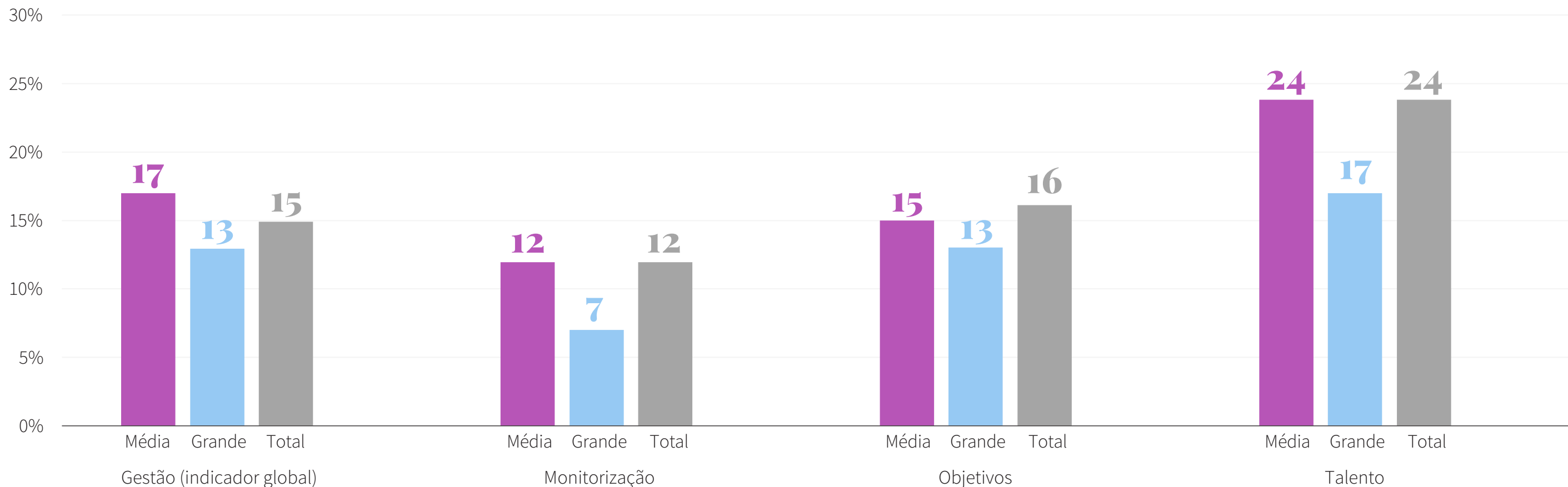
IV. Produtividade nas empresas

(p141-a)

Indicador de qualidade de gestão (World Management Survey): engloba três dimensões, a valência da monitorização do que se passa na empresa e a utilização desta informação para a melhoria contínua; a valência da definição de objetivos, a medição dos resultados obtidos e a tomada de ações apropriadas quando os dois não são

consistentes; e a valência dos incentivos e gestão de talento. As duas primeiras dimensões estão focadas nos processos e a terceira no talento. Entre as três dimensões que constituem o indicador, Portugal aparece mais bem classificado nas dimensões de monitorização (12.º nas médias empresas e 7.º na grandes) e objetivos (15.º nas médias e 13.º nas grandes), e bastante mal classificado na dimensão de talento (24.º nas médias e 17.º nas grandes).

Indicadores de Qualidade da Gestão, World Management Survey; Rank de Portugal entre as 35 economias analisadas



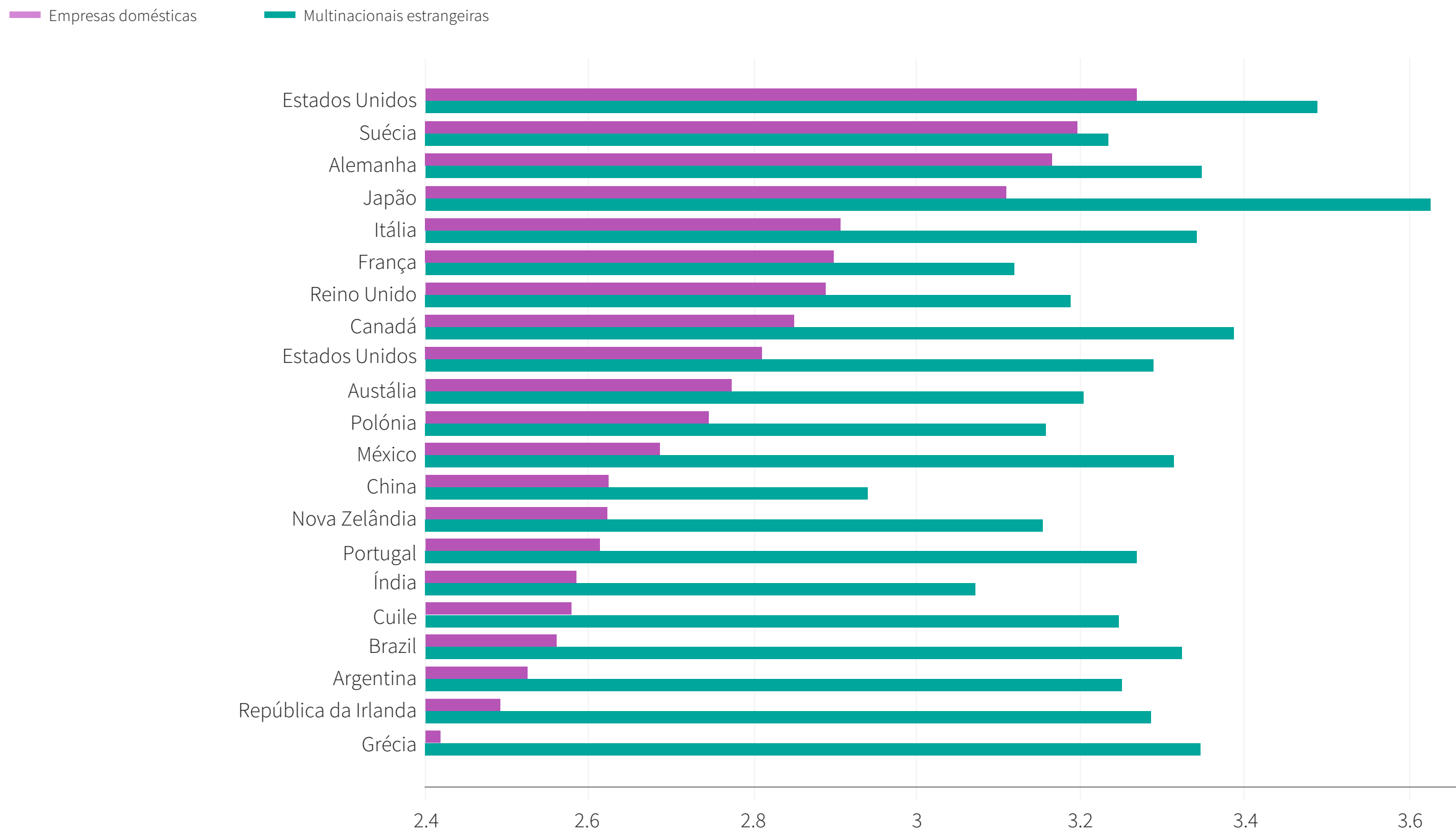
IV. Produtividade nas empresas

(p141-b)

O indicador de qualidade de gestão é mais elevado para as empresas multinacionais do que para as empresas domésticas em todos os países analisados pelo WMS. No entanto, é interessante notar

que, se Portugal ocupa a 14.^a posição entre os 20 países incluídos no estudo (de 2012, mais restrito do que o estudo mencionado acima), as multinacionais a operar em Portugal ocupam a 10.^a posição entre as suas congéneres.

Management Score; Multinacionais vs Empresas domésticas*



Management Score - Sample of 7,262 manufacturing and 661 retail firms, of which 5,441 are purely domestic and 2,482 are foreign multinationals. Domestic multinationals are excluded - that is, the domestic subsidiaries of multinational firms (like a Toyota subsidiary in Japan).

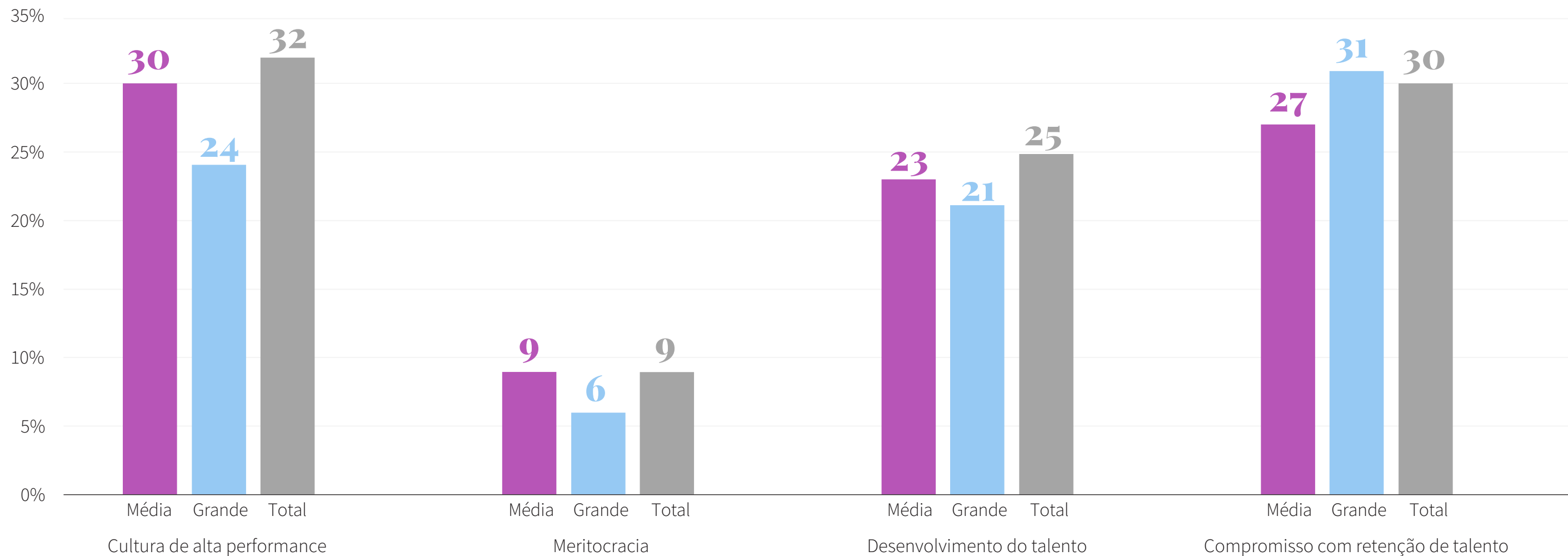
IV. Produtividade nas empresas

(p142)

Relativamente á dimensão do talento, a classificação das empresas portuguesas é particularmente baixa nos temas de “criação de uma cultura de alta performance através de incentivos e avaliações”, “compromisso com a retenção de talento”

e “desenvolvimento do talento”, onde as empresas nacionais estão na 32.^a, 30.^a e 25.^a posições, respetivamente. A avaliação relativa das empresas portuguesas é mais positiva nas “oportunidades para os “high-performers” e afastamento dos “under-performers” (meritocracia)”, onde as empresas portuguesas ocupam a 9.^a posição.

Indicadores de Qualidade da Gestão - dimensão Talento, World Management Survey; Rank de Portugal entre as 35 economias analisadas

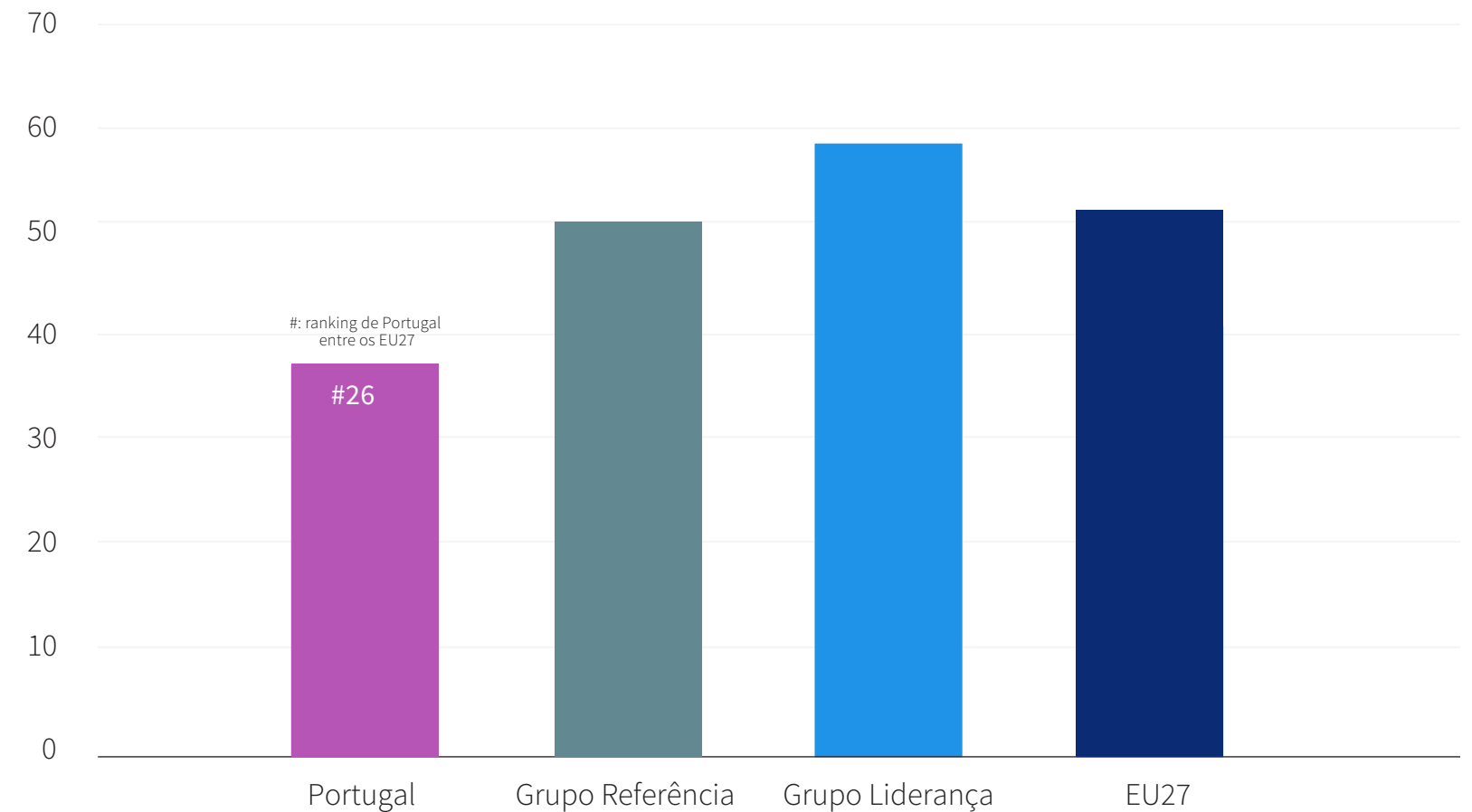


IV. Produtividade nas empresas

(p143)

Uma das vantagens do WMS/ES é que permite comparar com a globalidade dos Estados-membros da EU27. Portugal ocupa a penúltima posição no ranking, com um score correspondente a 71% da média dos EU27, 63% do grupo de liderança e 72% do grupo de referência. A Itália ocupa a última posição.

Índice de Práticas de Gestão, Enterprise Surveys

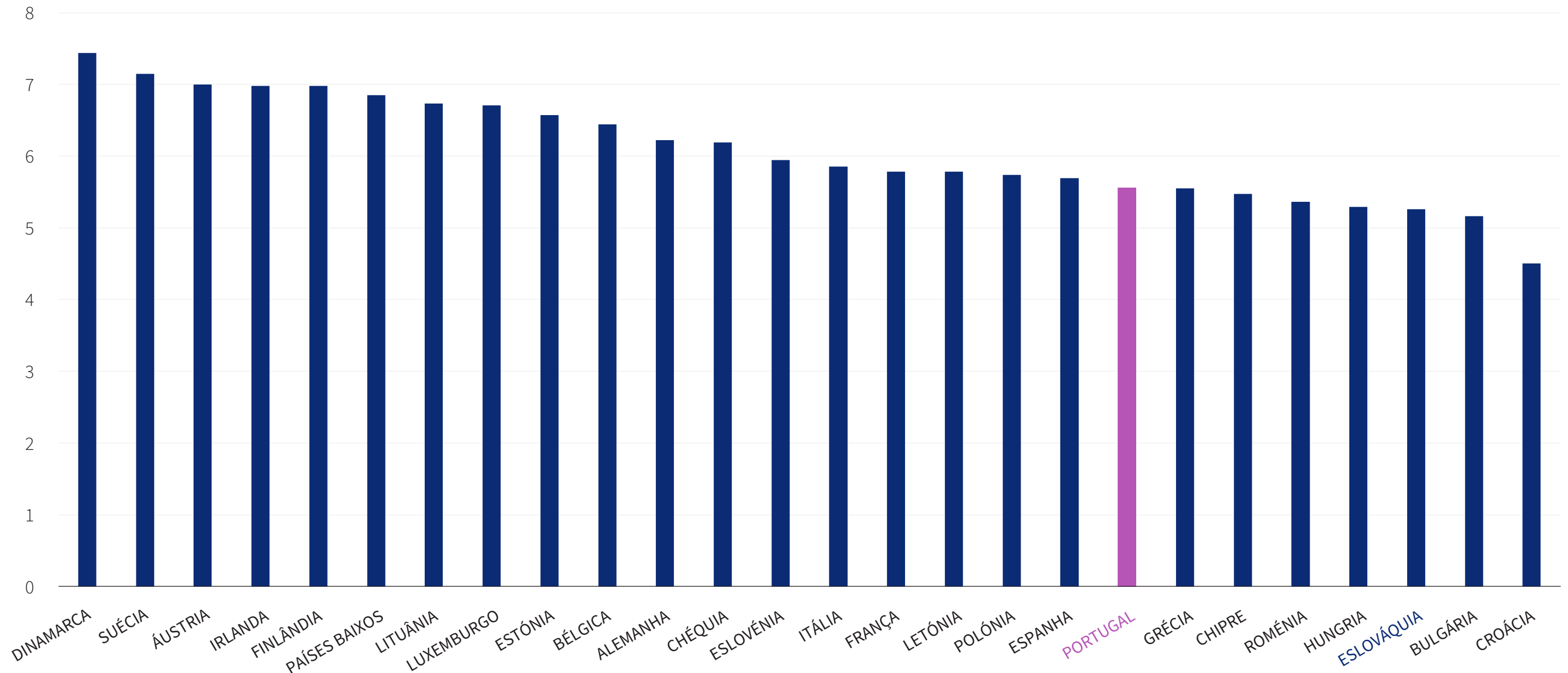


IV. Produtividade nas empresas

(p144-a)

Dado que o WCR não constrói um score agregado, construí-o eu de forma simples tirando a média dos dez temas. Portugal ocupa, neste caso, a 19.^a posição entre os EU27, se olharmos para a média 2017-2023. A posição de Portugal tem estado estável, oscilando entre a 19.^a e a 22.^a.

Score agregado de gestão operacional das empresas, World Competitiveness Ranking (média 2017-2023)

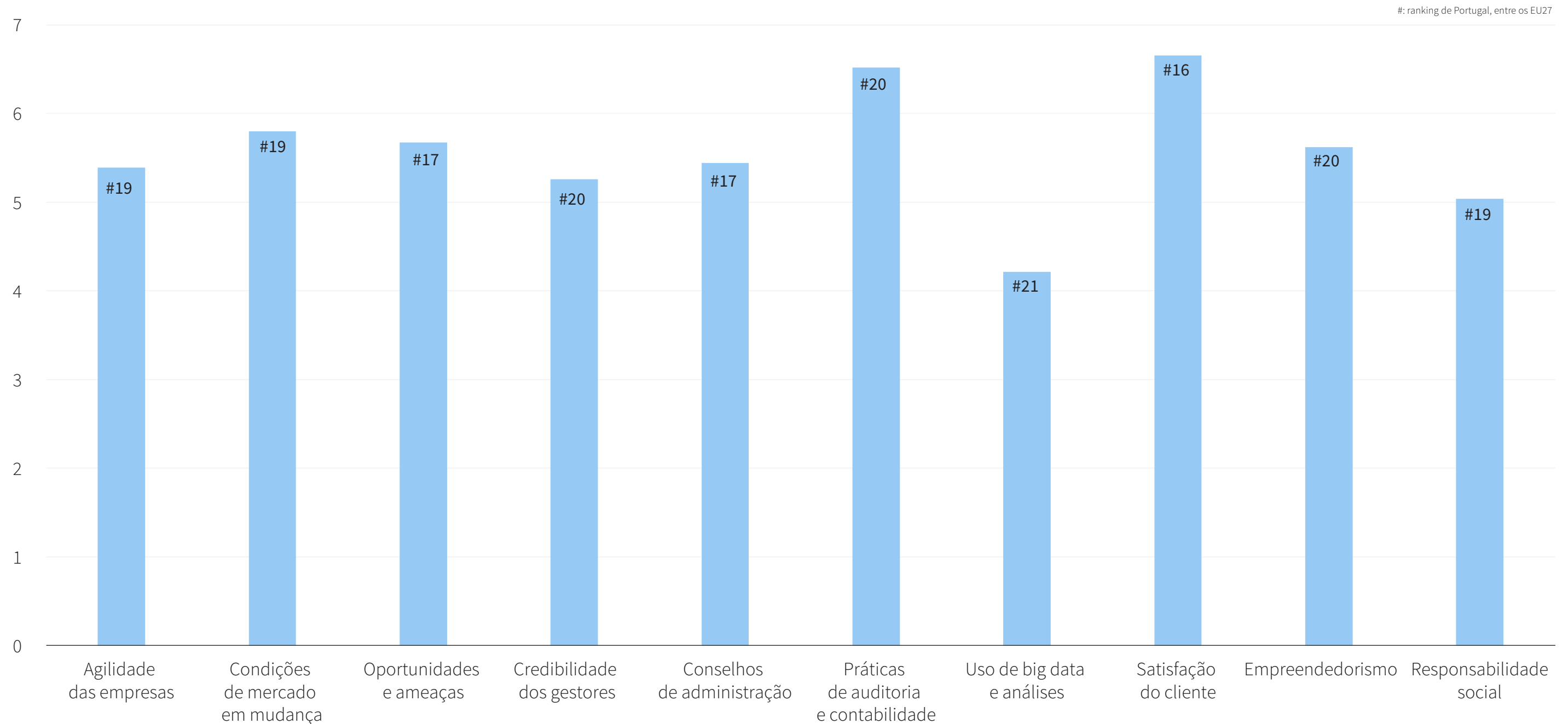


IV. Produtividade nas empresas

(p144-b)

A melhor posição para Portugal é no foco na satisfação do cliente (16.^a posição) e a pior é na utilização de big data e analytics (21.^a).

Score de Portugal na várias categorias de Gestão Operacional, World Competitiveness Ranking, (média 2017-2023)



IV. Produtividade nas empresas

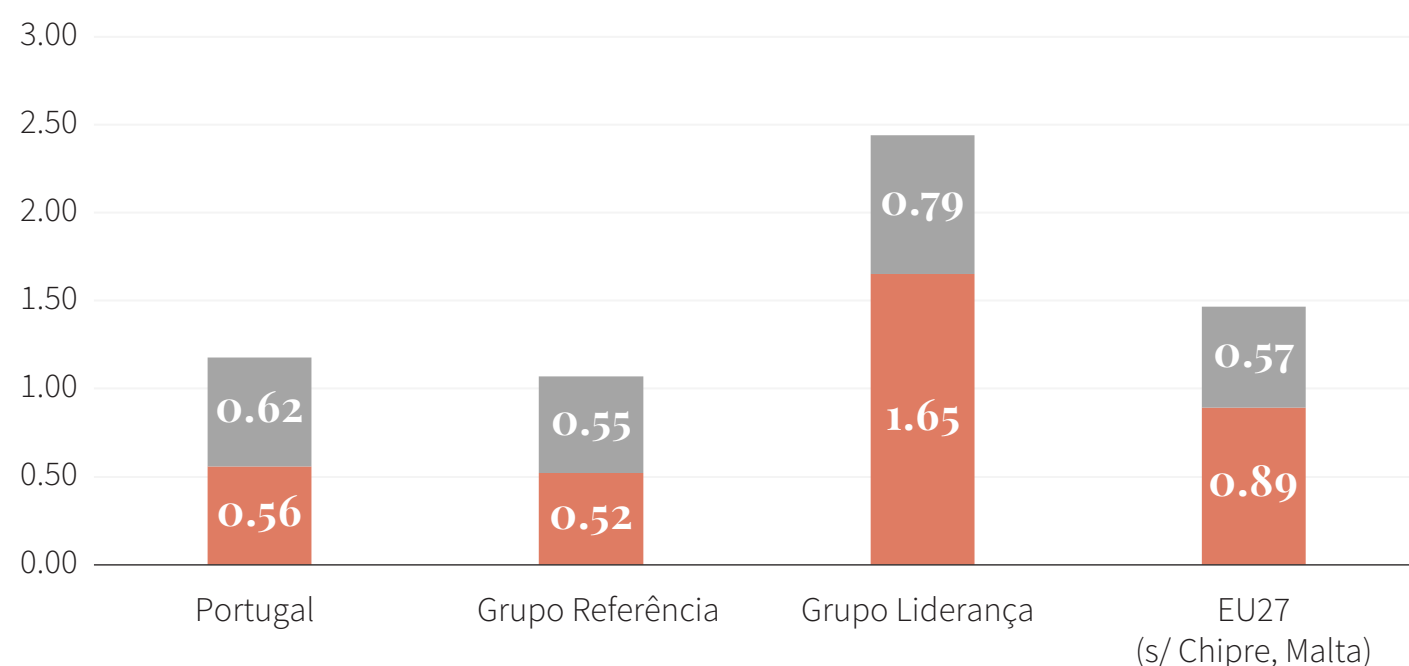
(p144-c)

A despesa das empresas portuguesas em R&D, em percentagem do PIB, entre 2015 e 2019, colocou as empresas nacionais na 18.^a posição entre os EU27, com 0,66%. Em termos de despesa total (empresas e Estado) o valor era de 1,32%, que colocava Portugal na 14.^a posição. O papel das empresas corresponde a 50% da despesa em R&D. Para o grupo de referência, a despesa das empresas era 0,89% e a despesa total de 1,45%, ou seja, as empresas eram responsáveis por 62% da despesa em R&D. No grupo de liderança, os valores eram, respetivamente, 1,95% e 2,85%, com uma proporção de 68% das empresas.

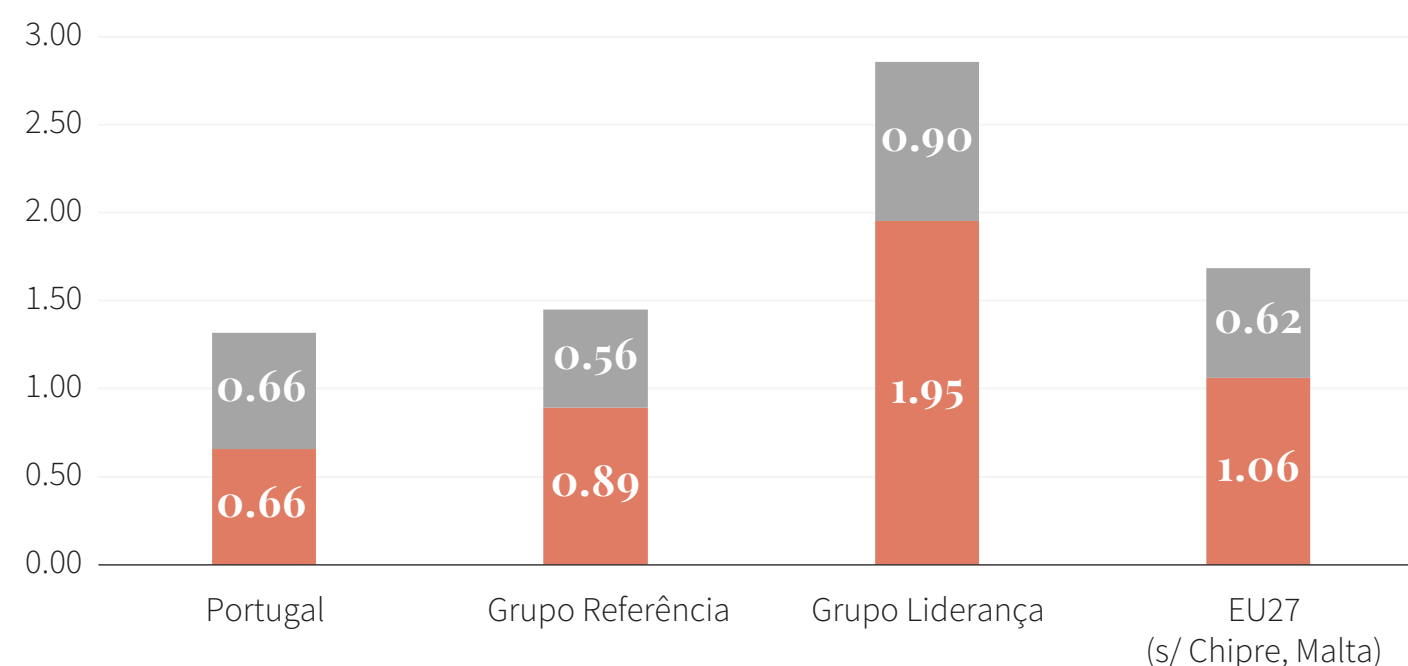
Em suma, a despesa total, a despesa das empresas, e o papel relativo das empresas em R&D em Portugal situava-se abaixo do grupo de referência e do grupo de liderança. A situação apresentava uma melhoria relativamente à década anterior (2005-2009) na despesa total, mas uma deterioração relativa, sobretudo nas empresas. A despesa das empresas estava em 0,56%, a 15.^a posição, e a despesa total em 1,18%, o 14.^o lugar, isto é, uma contribuição de 47% das empresas. No grupo de referência, os valores eram de 0,52% e 1,07% (inferiores aos portugueses), com uma contribuição empresarial de 49%. Por último, no grupo de liderança, os valores eram de 1,65% e 2,44%, e a contribuição empresarial de 68%. Assim, a dinâmica recente representa um afastamento claro de Portugal do grupo de referência, sobretudo por uma deterioração da despesa em R&D das empresas.

Despesa em R&D, 2005-09

Despesa empresas em R&D (% PIB) Despesa Estado em R&D (% PIB)



Despesa em R&D, 2015-19

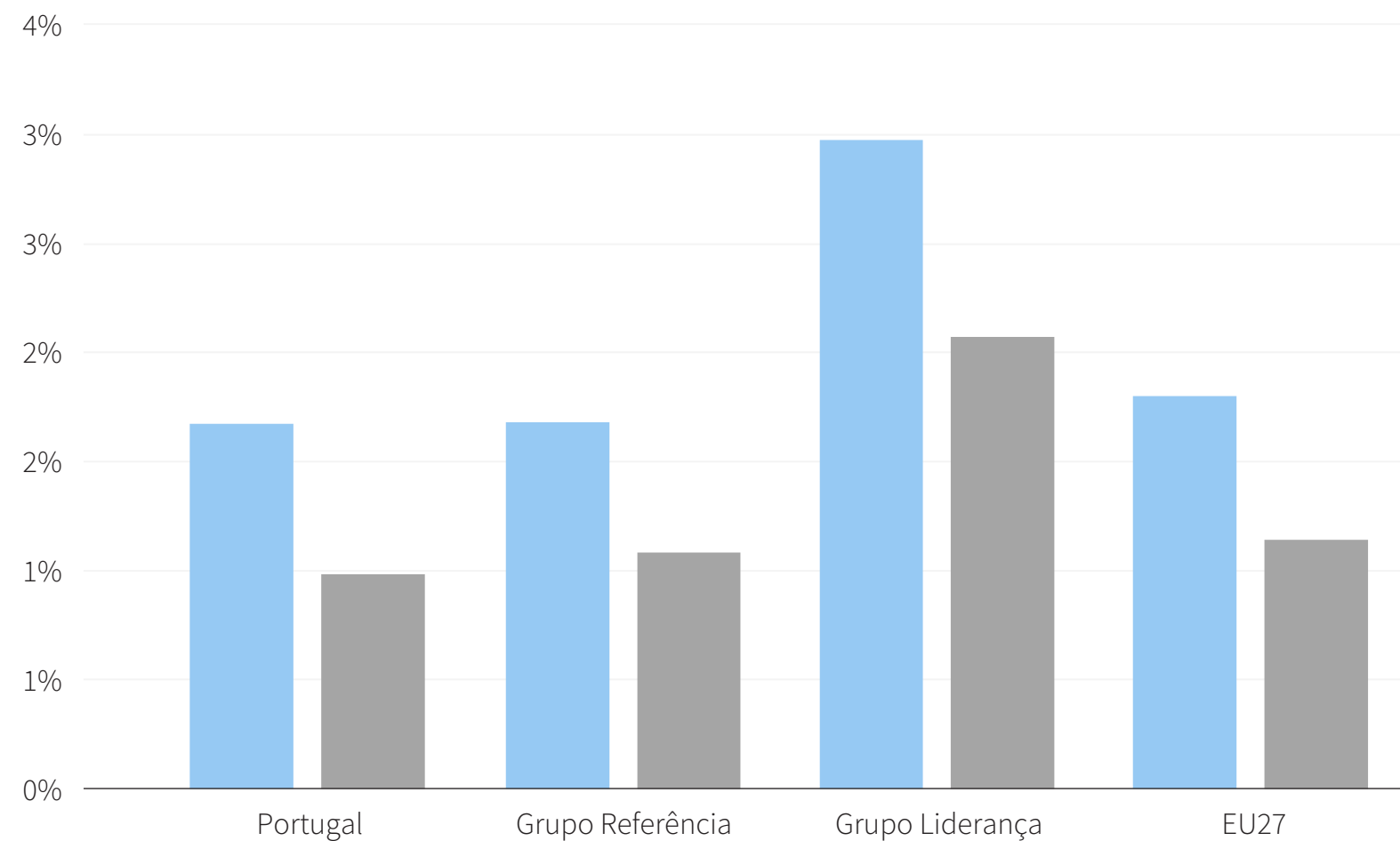


IV. Produtividade nas empresas

(p145-a)

A despesa em R&D total está, nos dados mais recentes relativos a 2021, mais próxima da média do grupo de referência e da EU27, encontrando-se em 12.º lugar no ranking da Europa dos 27, apesar de ainda apresentar valores bastante inferiores à média do grupo de liderança. Mas o investimento em R&D realizado pelas empresas é mais baixo no ranking europeu, na 15.ª posição, e mais afasta do do valor médio dos países da EU27. No grupo de referência, a comparação mais relevante aqui, que estava alinhado com Portugal há uma década, a despesa em R&D cresceu muito mais do que em Portugal sobretudo devido ao esforço das empresas.

Investimento em R&D, Enterprise Surveys, 2021



■ Despesa total em R&D (% PIB) ■ Despesa empresas em R&D (% PIB)

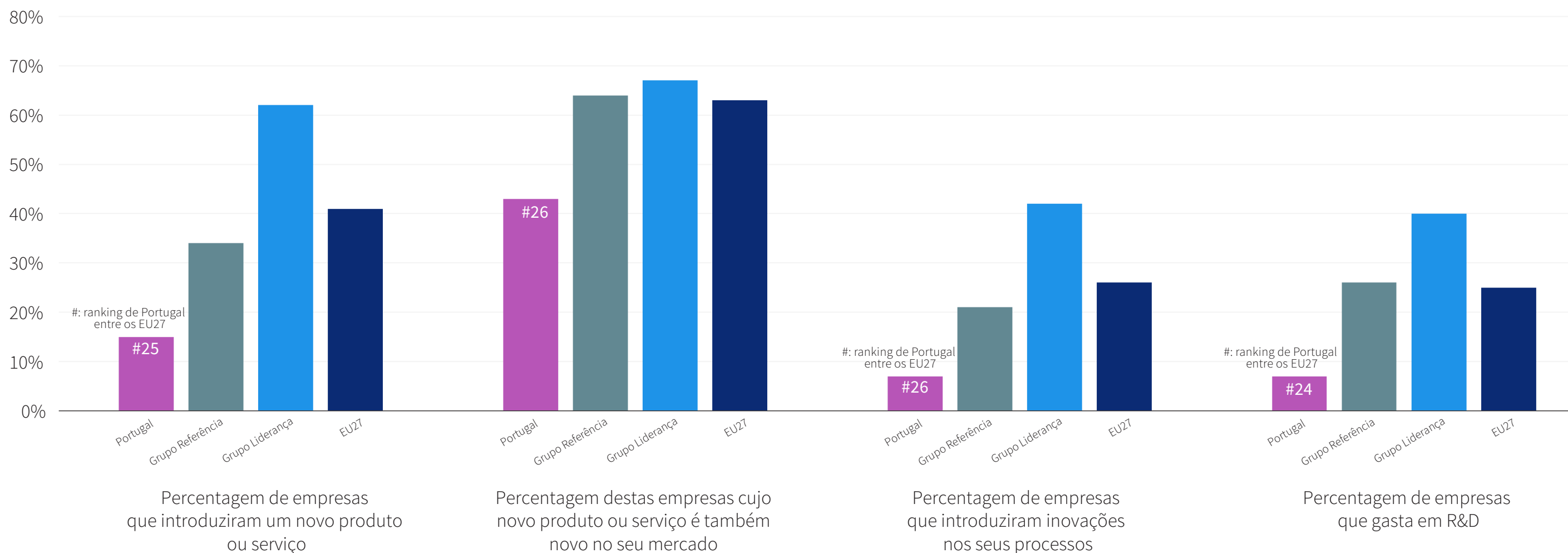
IV. Produtividade nas empresas

(p145-b)

No Enterprise Survey, apenas 6,6% das empresas desenvolvem atividade de R&D, a 24ª posição entre os EU27, e que compara com 25% para o grupo de referência. Conseqüentemente, apenas 15% das empresas introduziram um novo produto ou serviço, com apenas 43% das quais trazendo produtos novos no seu mercado, e apenas 6,7% introduziram inovações nos seus processos.

No grupo de referência, 34% das empresas introduziram um novo produto ou serviço, entre os quais 64% era novo no seu mercado principal, e 21% apresentaram uma inovação de processo. Nestas três categorias, Portugal fica também sempre abaixo dos valores médios apresentados para o Grupo de Liderança (62%, 67% e 42% respetivamente) e para a EU27 (41%, 63% e 26% respetivamente), ocupando a 25.ª, a 26.ª e a 26.ª posições respetivamente e em cada um dos três indicadores considerados entre os EU27.

Inovação, Enterprise Surveys



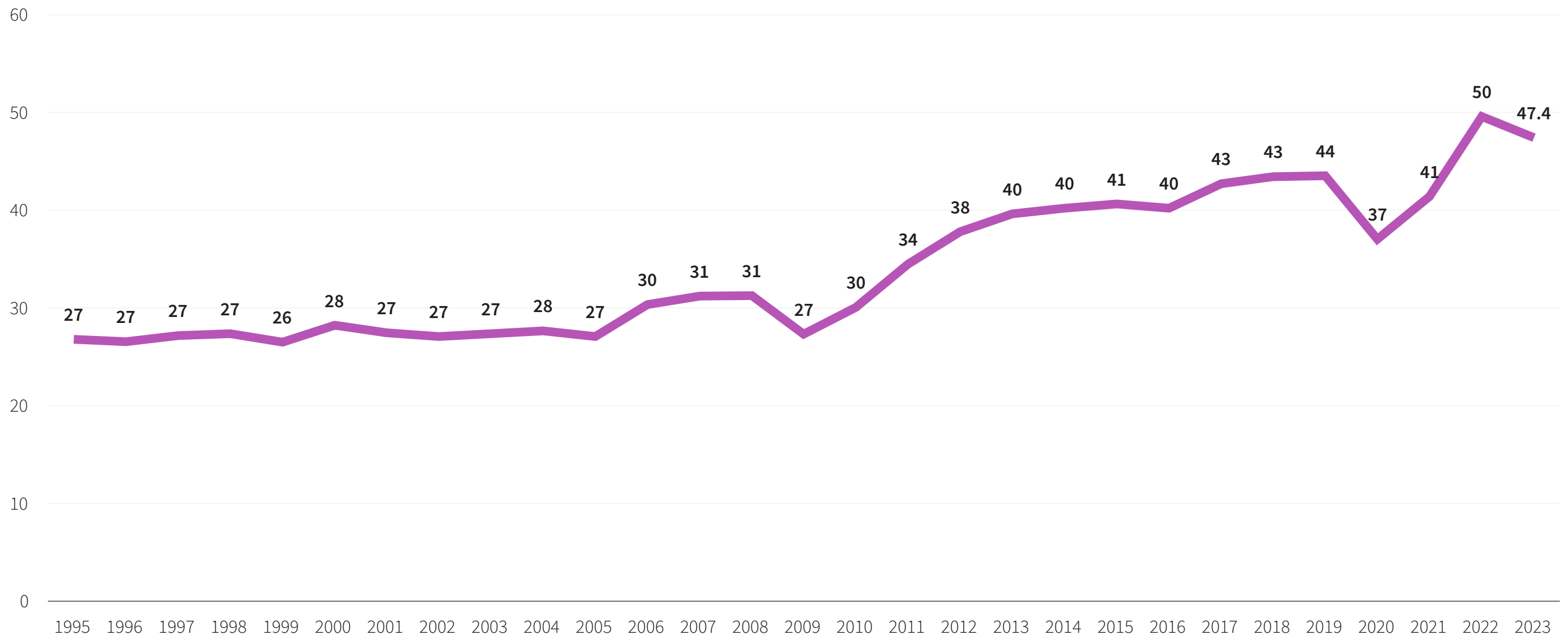
IV. Produtividade nas empresas

(p146-a)

Em Portugal, o rácio de exportações sobre o PIB oscilou pouco e sem tendência definida, entre os 25% e os 30%, entre 1985 e 2010, de acordo com os dados do Banco Mundial. A dinâmica alterou-se a partir de 2011, com a trajetória das exportações portuguesas a tornar-se uma das vitórias mais celebradas da última década,

a par com a redução do défice público e do endividamento. A intensidade exportadora cresceu de 30% do PIB em 2010 para 38% em 2012 (conjugando um efeito de crescimento de exportações com uma recessão muito forte no PIB), 40% em 2015 (já com o PIB em forte recuperação), 44% em 2019 (antes da crise pandémica) e para 50% em 2022.

Intensidade Exportadora – Portugal (%)

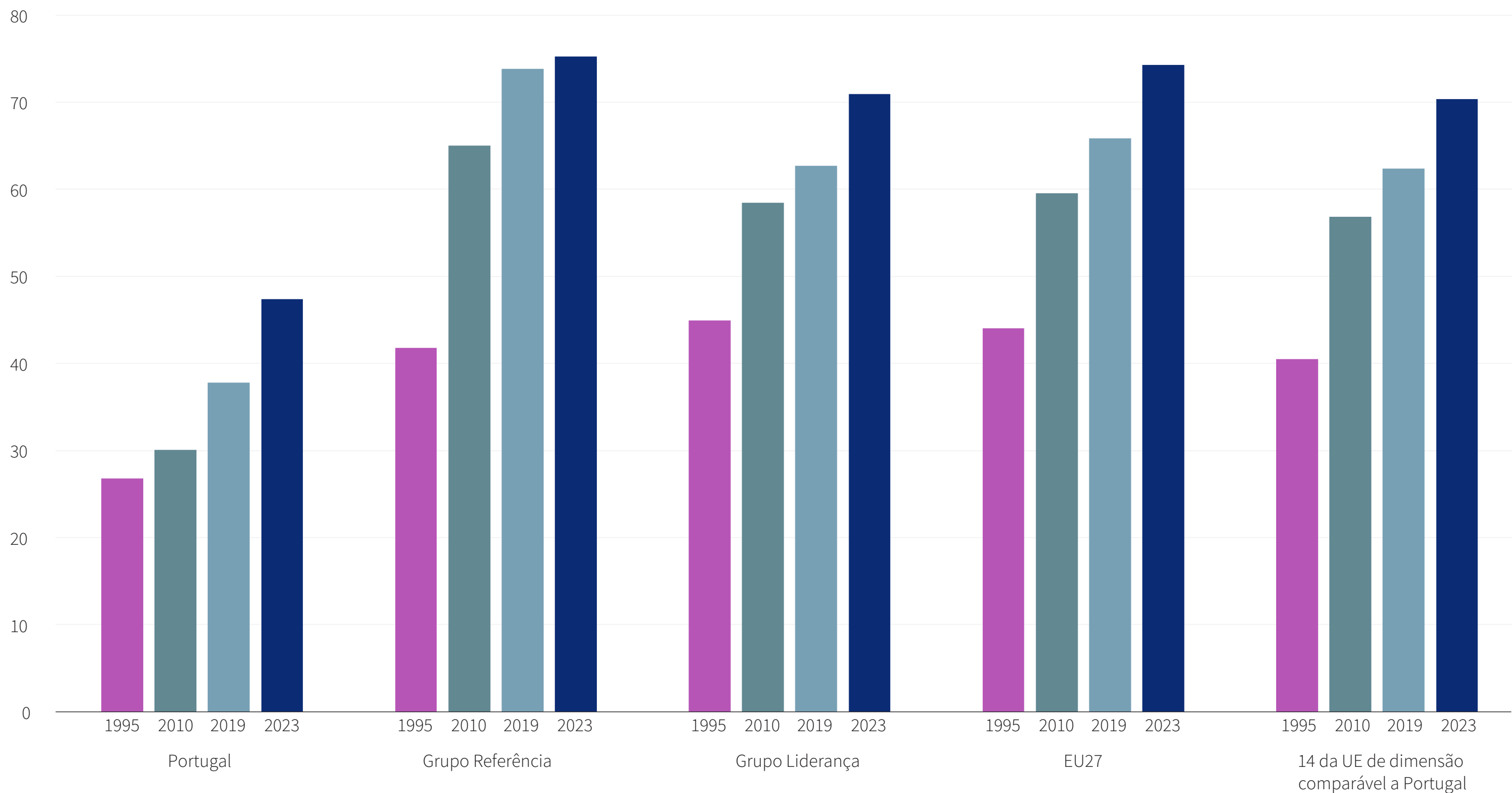


IV. Produtividade nas empresas

(p146-b)

Nos 14 países com populações entre os cinco e os 20 milhões de habitantes (Áustria, Bélgica, Bulgária, Croácia, Chéquia, Dinamarca, Finlândia, Grécia, Hungria, Irlanda, Holanda, Roménia, Eslováquia e Suécia) a intensidade exportadora média tinha subido de 41% em 1995 par a 57% em 2010. No grupo de referência passou de 42% para 65%, mas em Portugal apenas de 27% para 30%.

Intensidade Exportadora (%)



IV. Produtividade nas empresas

(p147-a)

Segundo o Eurostat, a intensidade exportadora nos bens esteve estável em torno dos 26% entre 2012 e 2019, tendo subido para 29% em 2023.

Intensidade Exportadora de Bens (%)

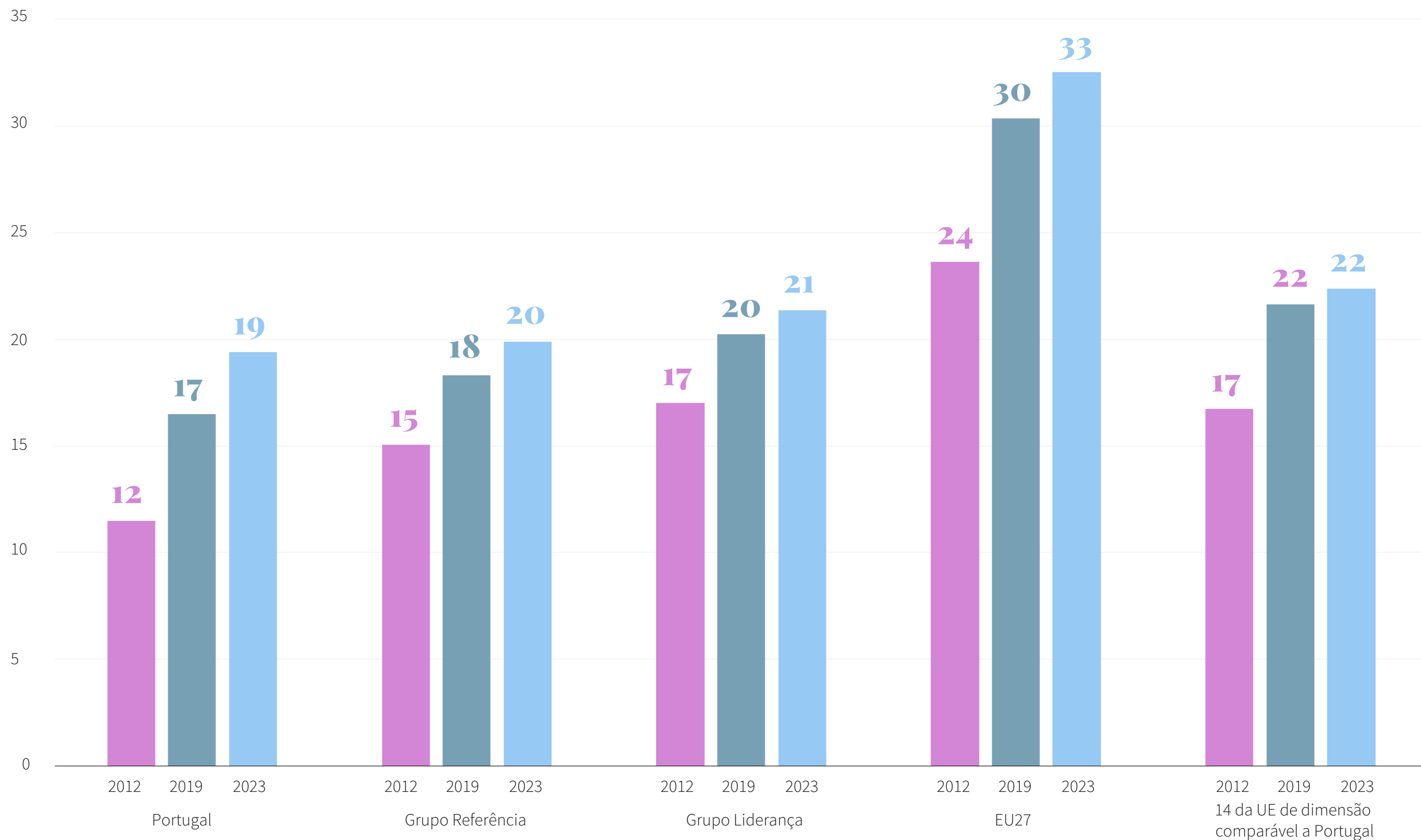


IV. Produtividade nas empresas

(p147-b)

Segundo o Eurostat, a intensidade exportadora nos serviços subiu de 11% em 2012 para 16% em 2019, e para 19% em 2023.

Intensidade Exportadora de Serviços (%)



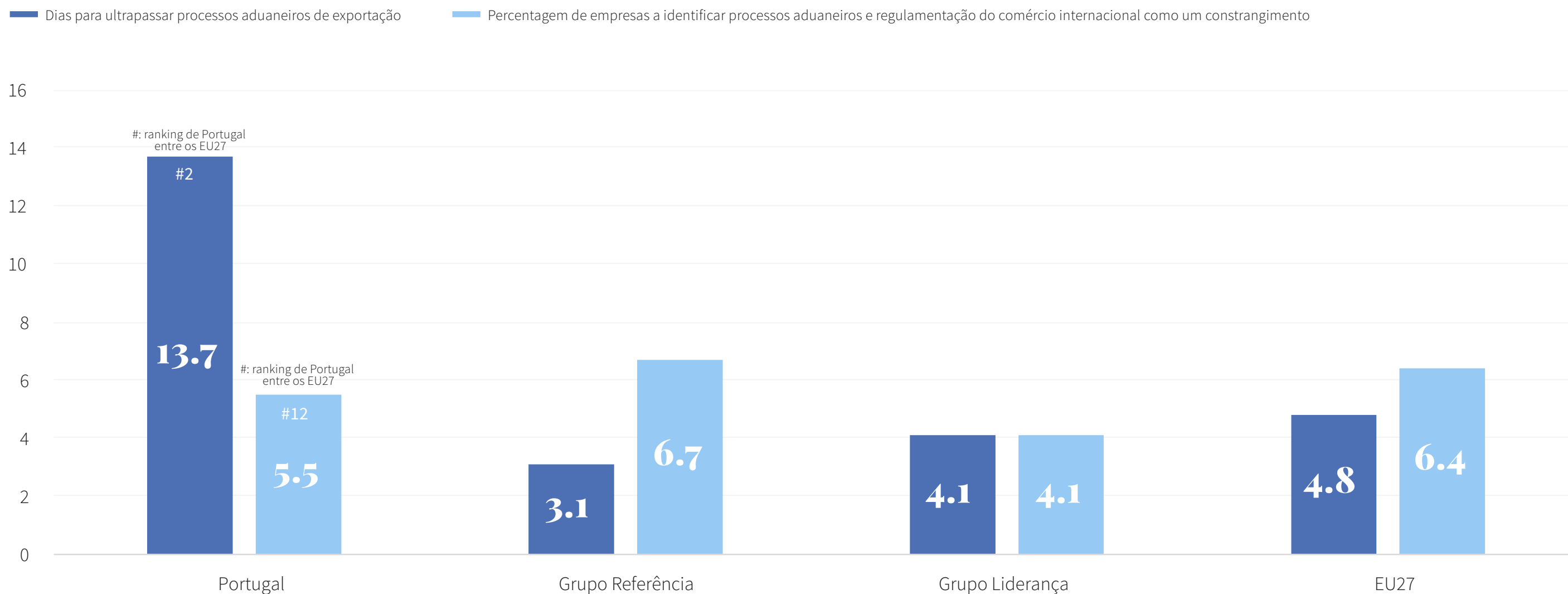
IV. Produtividade nas empresas

(p149-a)

A burocracia portuguesa surge como um impedimento para as exportações, com as empresas portuguesas a reportarem no ES quase 14 dias para ultrapassar os processos aduaneiros de exportação, o segundo valor mais elevado dos EU27; para os países do grupo de referência a média é de 3 dias.

Em Portugal, 6% dos gestores portugueses inquiridos nos ES considera que as dificuldades alfandegárias e as regulamentações de comércio internacional, na ordem dos 14 dias, como já referi, são restrições relevantes ou muito relevantes, enquanto no grupo de referência, onde as dificuldades estão na ordem dos 3 dias, 7% estão preocupados.

Custos de Exportar, Enterprise Surveys



IV. Produtividade nas empresas

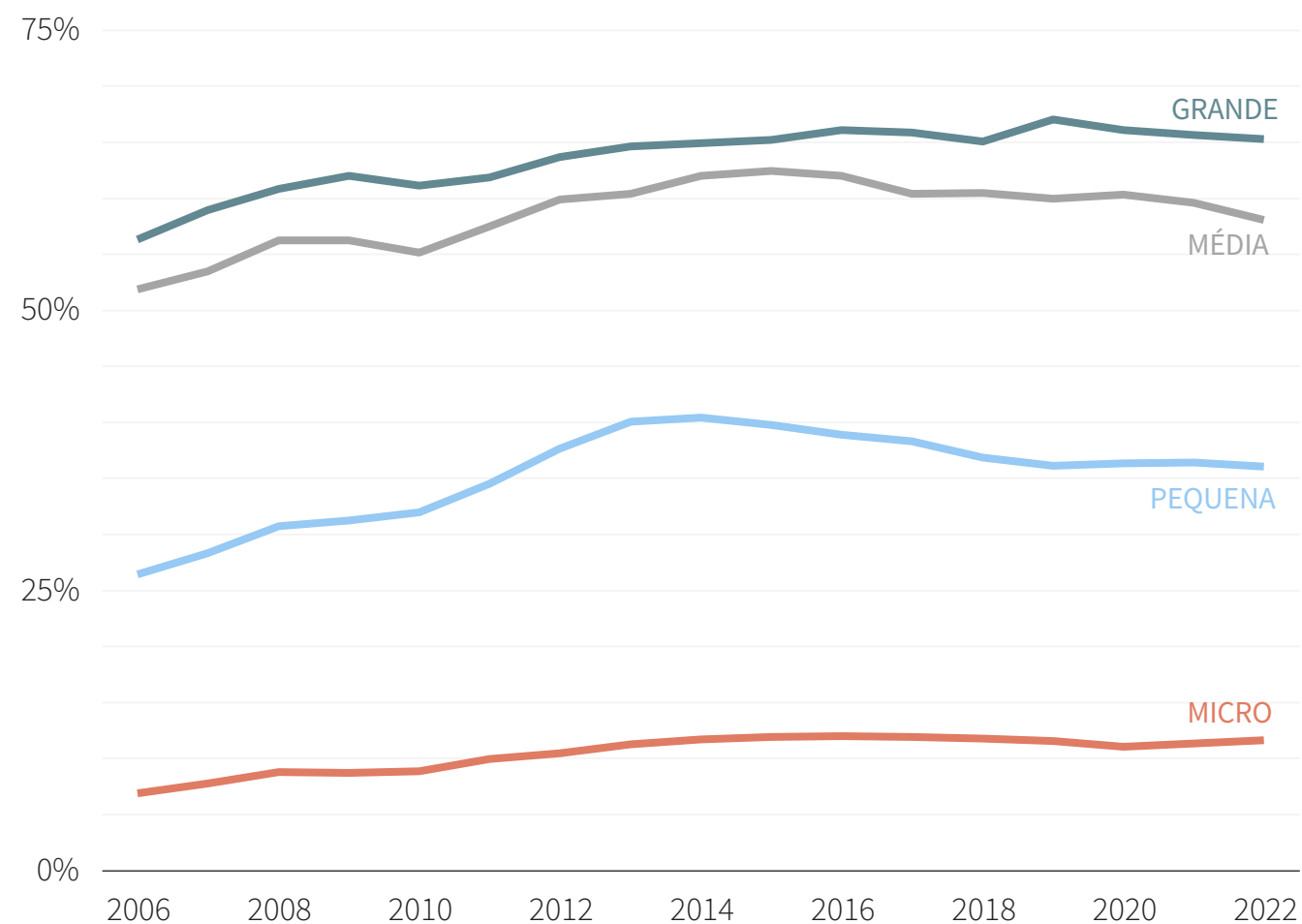
(p149-b)

A burocracia portuguesa surge como um impedimento para as exportações, com as empresas portuguesas a reportarem no ES quase 14 dias para ultrapassar os processos aduaneiros de exportação, o segundo valor mais elevado dos EU27; para os países do grupo de referência a média é de 3 dias.

Em Portugal, 6% dos gestores portugueses inquiridos nos ES considera que as dificuldades alfandegárias e as regulamentações de comércio internacional, na ordem dos 14 dias, como já referi, são restrições relevantes ou muito relevantes, enquanto no grupo de referência, onde as dificuldades estão na ordem dos 3 dias, 7% estão preocupados.

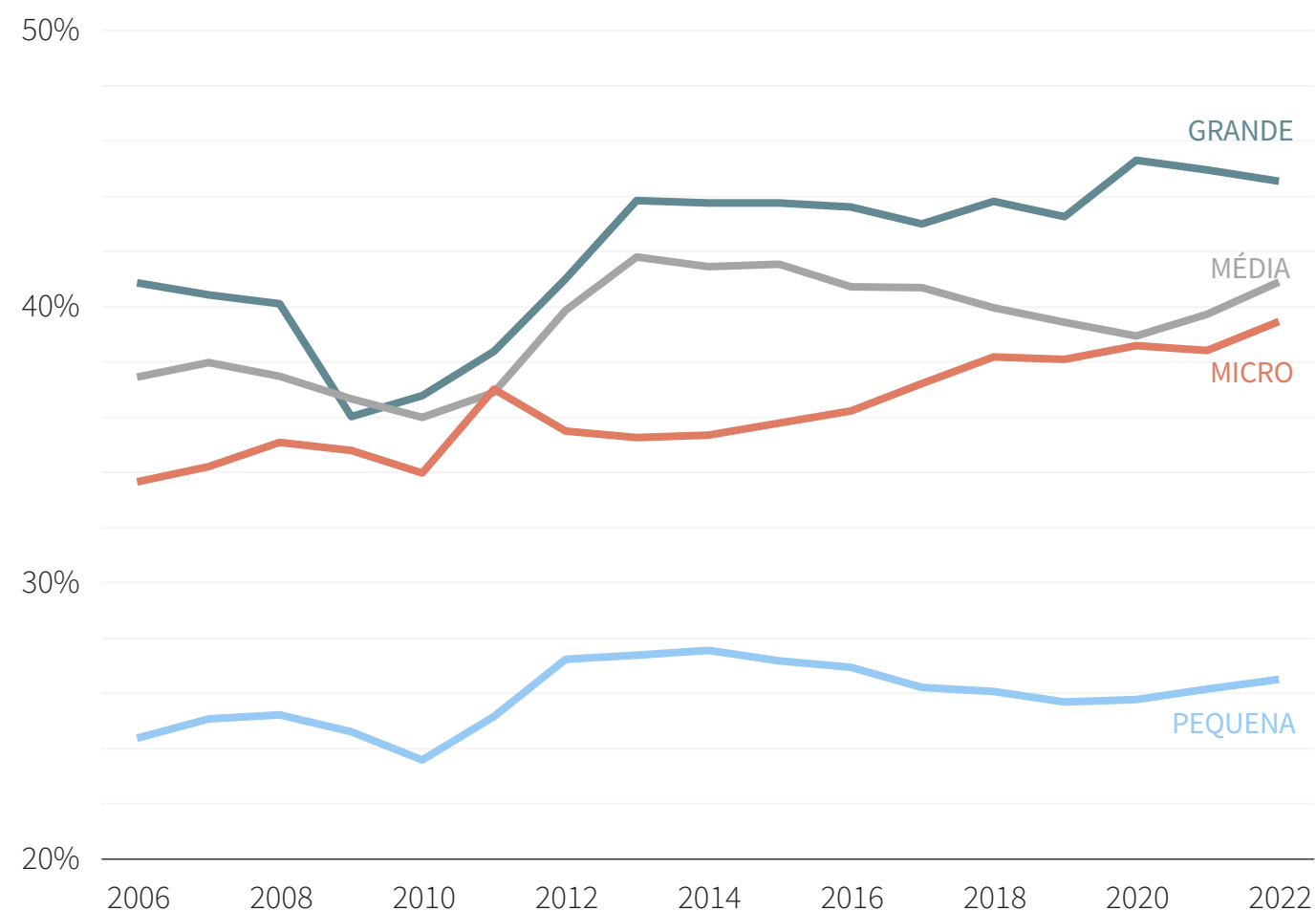
Margem extensiva

Empresas exportadoras / total de empresas em %, por dimensão



Margem intensiva

Exportações / vendas em % para exportadoras, por dimensão



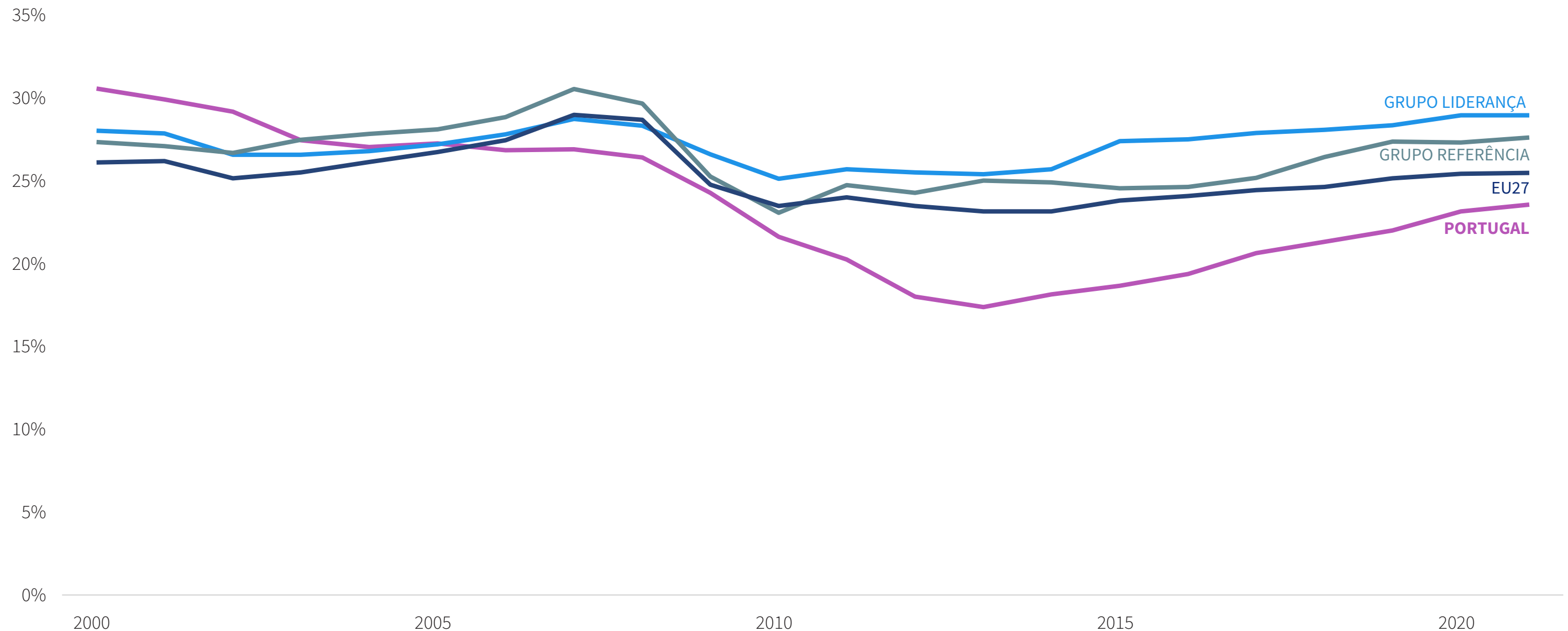
IV. Produtividade nas empresas

(p153-a)

Entre 2000 e 2008, a intensidade do investimento mostrava sinais de queda ligeira, mas estava em linha com o grupo de referência e o grupo de liderança. A partir de 2008, portanto ainda antes da crise da dívida, Portugal inicia uma queda

acentuada relativamente ao grupo de referência que se inverte apenas a partir de 2013. A intensidade de investimento, que era 112% do grupo de referência em 2000, cai para 89% em 2008 e para 70% em 2013, recuperando lentamente para 85% em 2021, ainda abaixo dos níveis de 2008.

Intensidade do Investimento (FBCF/Valor Acrescentado)



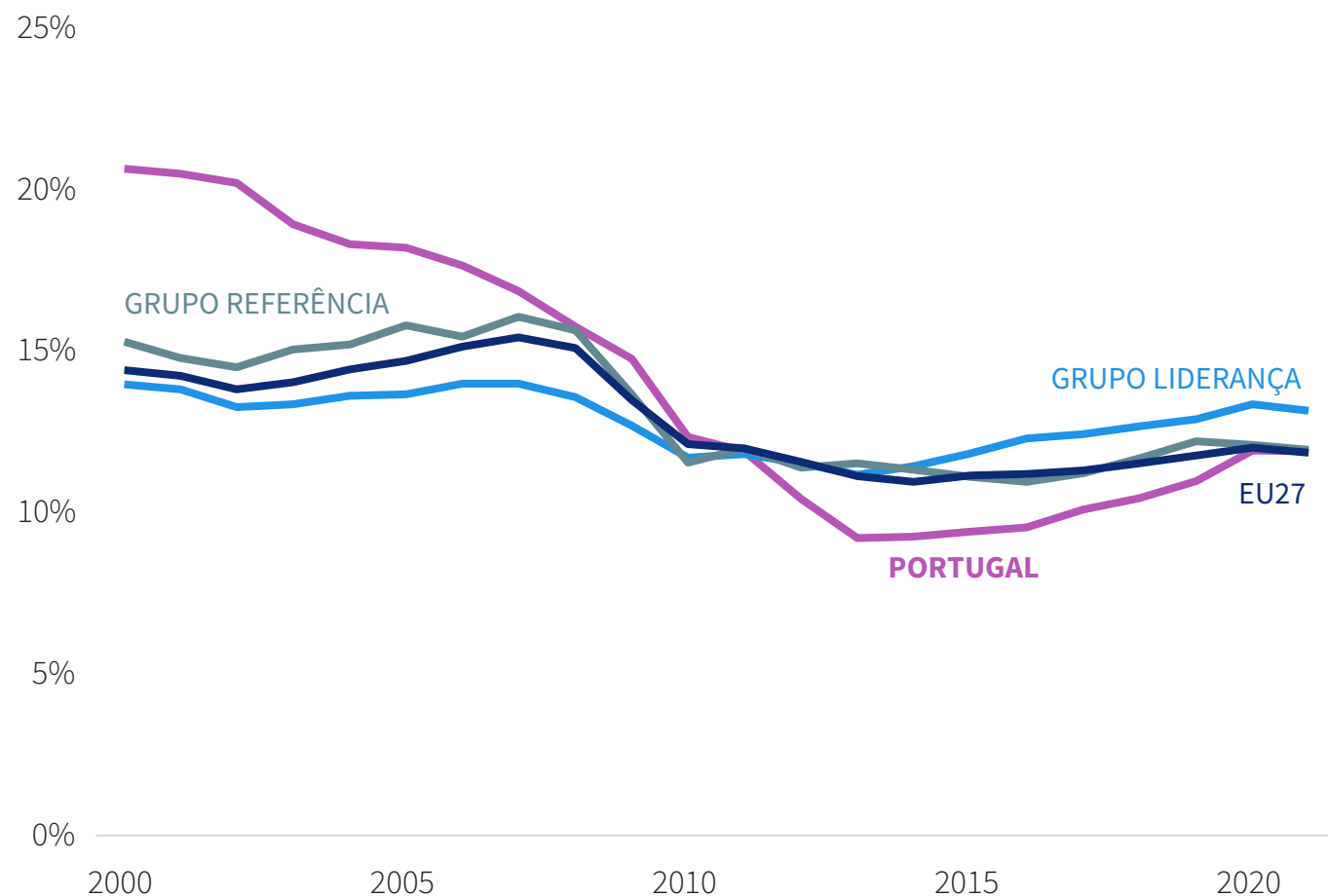
IV. Produtividade nas empresas

(p153-b)

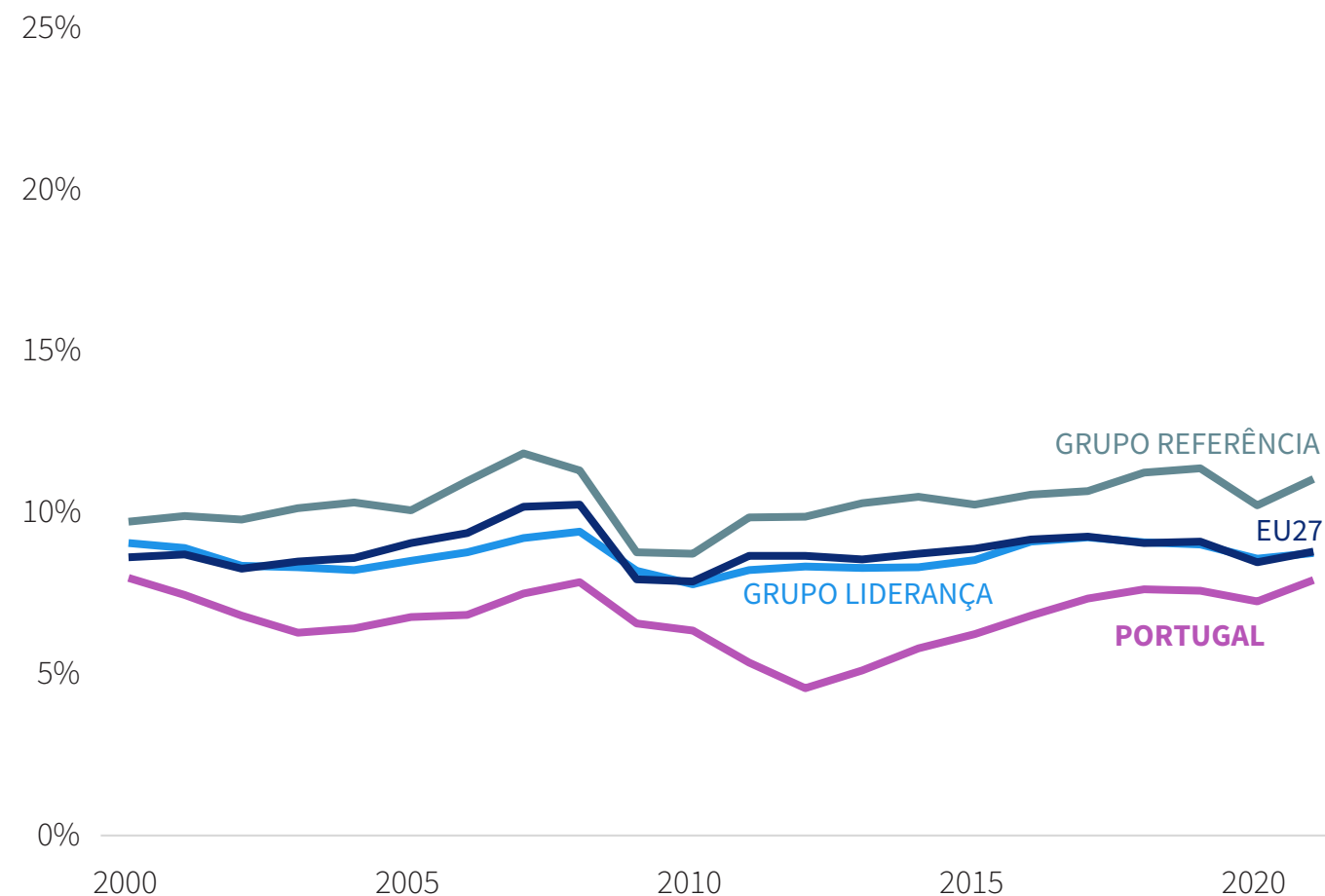
No investimento em edifícios, Portugal estava em 2000 em níveis elevadíssimos de 135% do grupo de referência, que caem para 100% em 2008 e para de 80% em 2013, recuperando lentamente

para estar em linha com o grupo de referência em 2021. Na rubrica de maquinaria, a intensidade de investimento era 82% do grupo de referência em 2000, caindo para 69% em 2008, e para um mínimo de 50% em 2013, recuperando lentamente para 72% em 2021.

Intensidade do Investimento, Edifícios



Intensidade do Investimento, Maquinaria



Metodologia:

(p156)

Avaliação das empresas portuguesas ao longo de 5 dimensões:

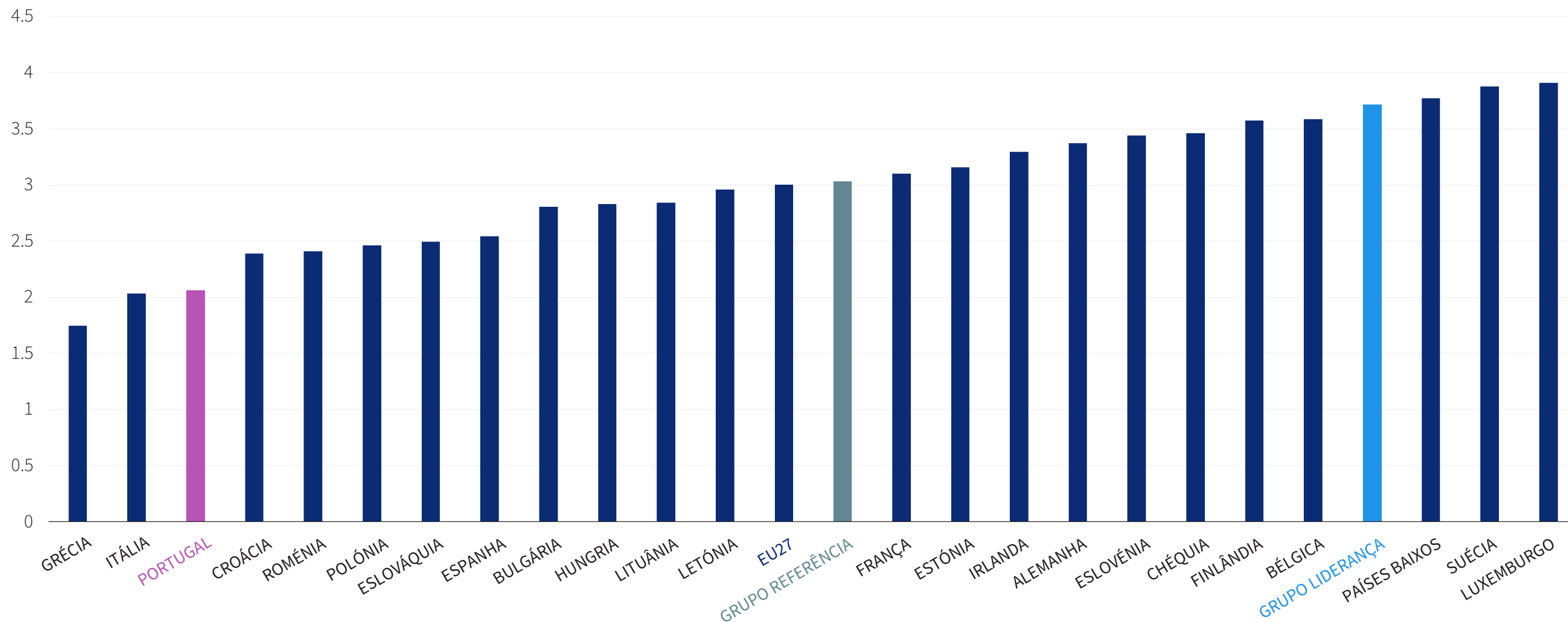
- Emprego
- Internacionalização
- Investimento
- Inovação
- Gestão
- Cada dimensão tem 2 sub-dimensões.
- Cada sub-dimensão é harmonizada de forma a garantir a comparabilidade. Esta harmonização é realizada subtraindo a média e dividindo pelo desvio padrão para a distribuição dos 27 países da União Europeia, e somando o valor 3 a todos os valores, por forma a tornar todos os valores positivos.
- Para cada dimensão calcula-se a média dos valores de cada sub-dimensão, criando assim um indicador por dimensão.
- A média das 10 sub-dimensões permite obter um indicador único que se traduz num índice comparativo da Performance Empresarial.

DIMENSÃO	SUB-DIMENSÕES	
EMPREGO	% Emprego em micro-empresas (Eurostat)	Média de trabalhadores por empresa (Eurostat)
INTERNACIONALIZAÇÃO	Exportações em percentagem do PIB (World Competitiveness Report)	% Empresas que exportam mais de 10% das vendas (Enterprise Surveys, WB)
INVESTIMENTO	Investimento em maquinaria em % do valor acrescentado (Eurostat)	% Investimento financiado com fundos próprios (Enterprise Surveys, WB)
INOVAÇÃO	Despesa privada em R&D em % do PIB (World Competitiveness Report)	% Empresas que introduziram um novo produto ou serviço + % Empresas que introduziram inovação de processo (Enterprise Surveys, WB)
GESTÃO	Índice de práticas de gestão (World Competitiveness Report)	Score práticas de gestão (World Competitiveness Report)

IV. Produtividade nas empresas

(p157)
Portugal apresenta um índice de performance empresarial superior apenas aos da Grécia e da Itália entre os países da EU27. O valor do índice para Portugal é de 2,06 comparação, os índices dos grupos de referência e de liderança são, respetivamente, de 3,03 e 3,72. Para a EU27 a média é 3.

Índice de Performance Empresarial



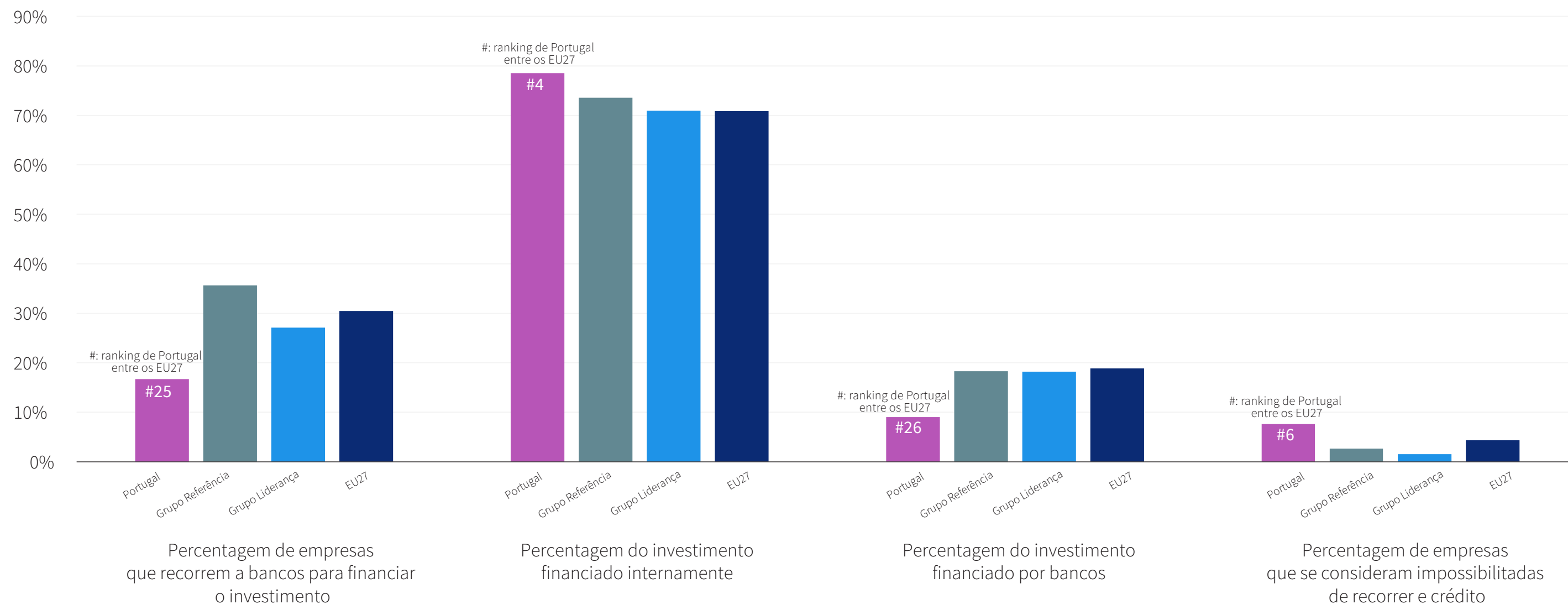
IV. Produtividade nas empresas

(p160-a)

Apenas 17% das empresas usam o sistema bancário para financiar o investimento, o terceiro valor mais baixo da EU27, representando 9% do investimento, o segundo valor mais baixo dos

EU27 para os que usam os bancos. De facto, 79% do investimento é financiado internamente pelas empresas, o quarto valor mais elevado da EU27, não oscilando muito com a dimensão das empresas. Para o Grupo de Liderança o valor médio é de 71% e para o Grupo de Referência é de 74%.

Financiamento do Investimento, Enterprise Surveys

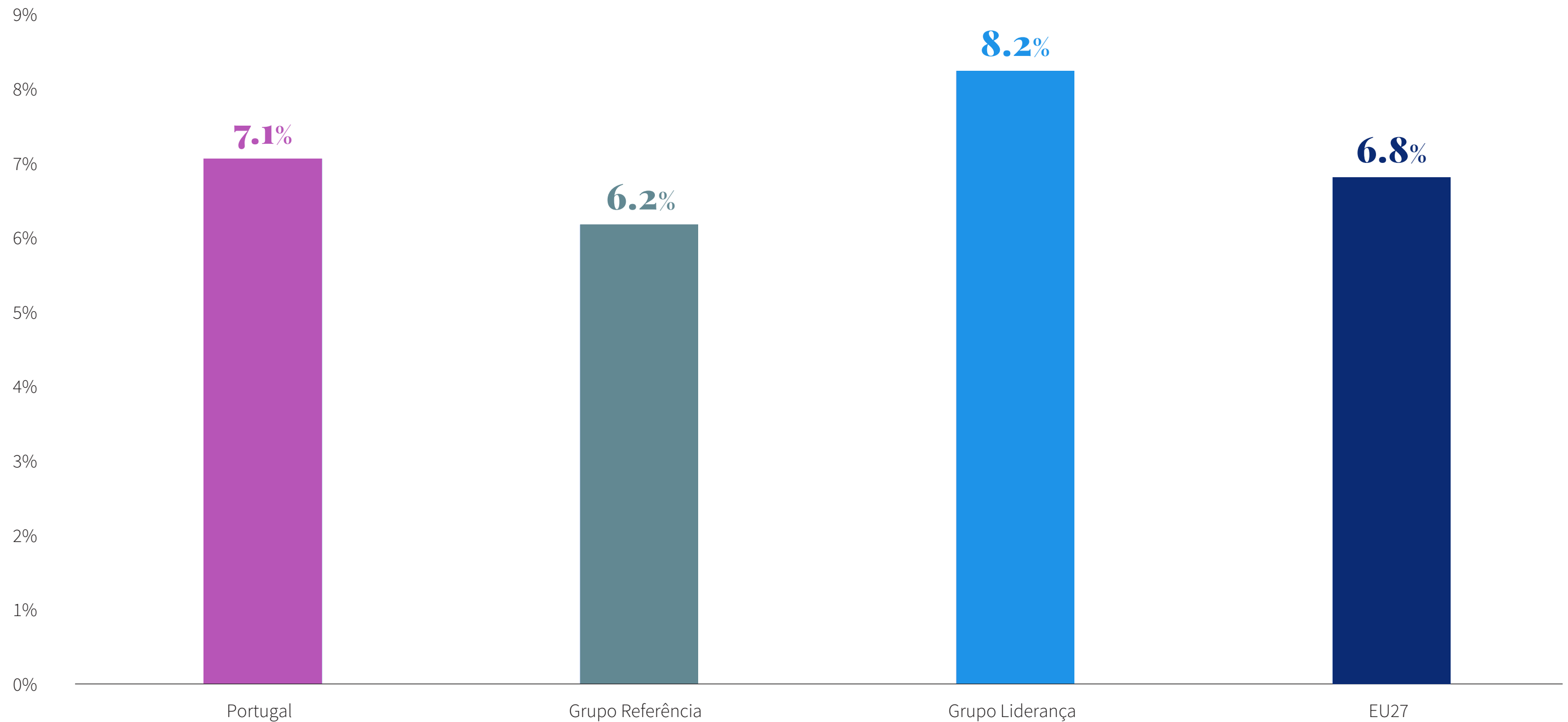


IV. Produtividade nas empresas

(p160-b)

Entre os respondentes do WCR, apenas 7% consideram que o mercado de capital (doméstico e internacional) está acessível, em linha com a média dos EU27.

Percentagem de empresas que consideram o mercado de capitais acessível, World Competitiveness Ranking



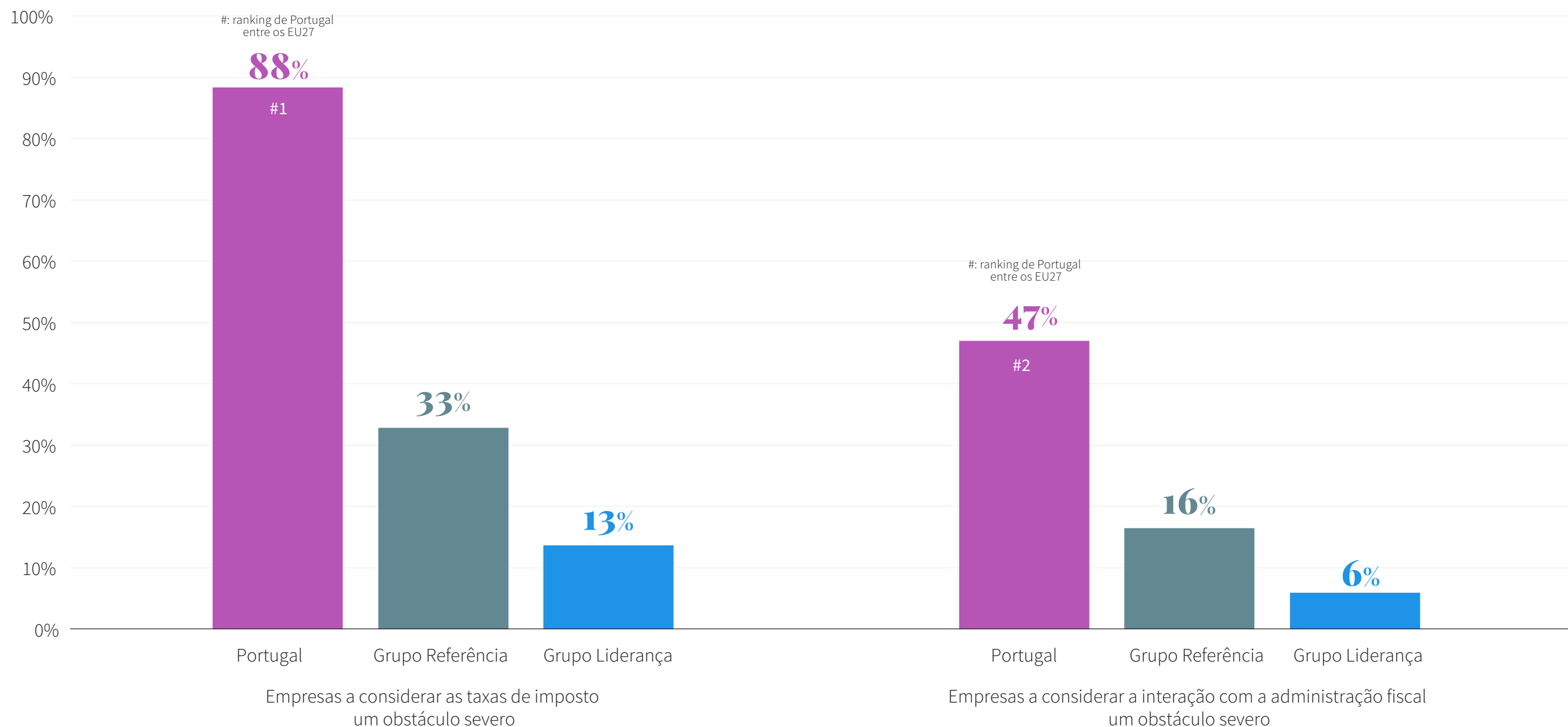
IV. Produtividade nas empresas

(p162-a)

Em Portugal, 88% das empresas consideram que as taxas de imposto são um obstáculo severo ou muito severo (notas de 4 e 5 numa escala com máximo de 5) à atividade económica e são o principal obstáculo para 63% das empresas, a maior percentagem entre os EU27. De notar que a percentagem de empresas que considera as taxas de impostos como um obstáculo severo

ou muito severo é 2,7 vezes a média dos países do grupo de referência (33%). A interação com a administração fiscal é também um tema difícil para as empresas portuguesas nos ES: 47% das empresas considera esta interação um obstáculo severo ou muito severo, e 13% considera-o o maior obstáculo, o segundo maior nível de preocupação com este tema da EU27. Nos países do grupo de referência, apenas 16% refere a administração tributária como um obstáculo severo ou muito severo, e apenas 6% o considera com o principal obstáculo.

Custos da Fiscalidade, Enterprise Surveys



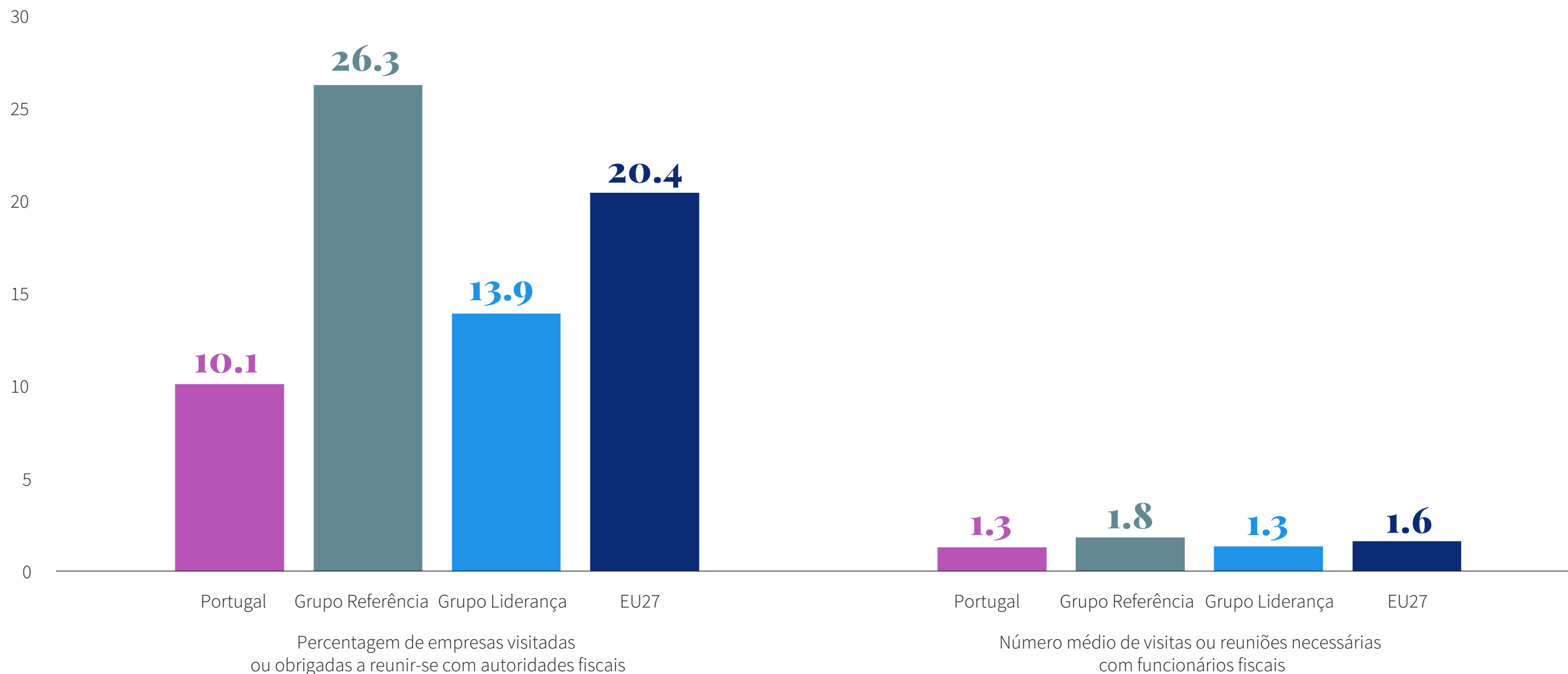
IV. Produtividade nas empresas

(p162-b)

Cerca de 10% das empresas foram visitadas por funcionários da Autoridade Tributária, 6.º valor mais baixo entre os EU27, as empresas grandes são as mais penalizadas, com 44% a queixarem-se de visitas da Autoridade Tributária.*

No grupo de referência, a percentagem média de empresas com visitas da administração fiscal (26%) é bastante mais elevada do que em Portugal. Por outro lado, sobre as visitas da administração fiscal, o número destas é menor em Portugal (1,3) do que nos países do grupo de referência (1,8).

Interações com a administração fiscal, Enterprise Surveys



*Errata: no livro refere-se o sexto valor mais elevado.

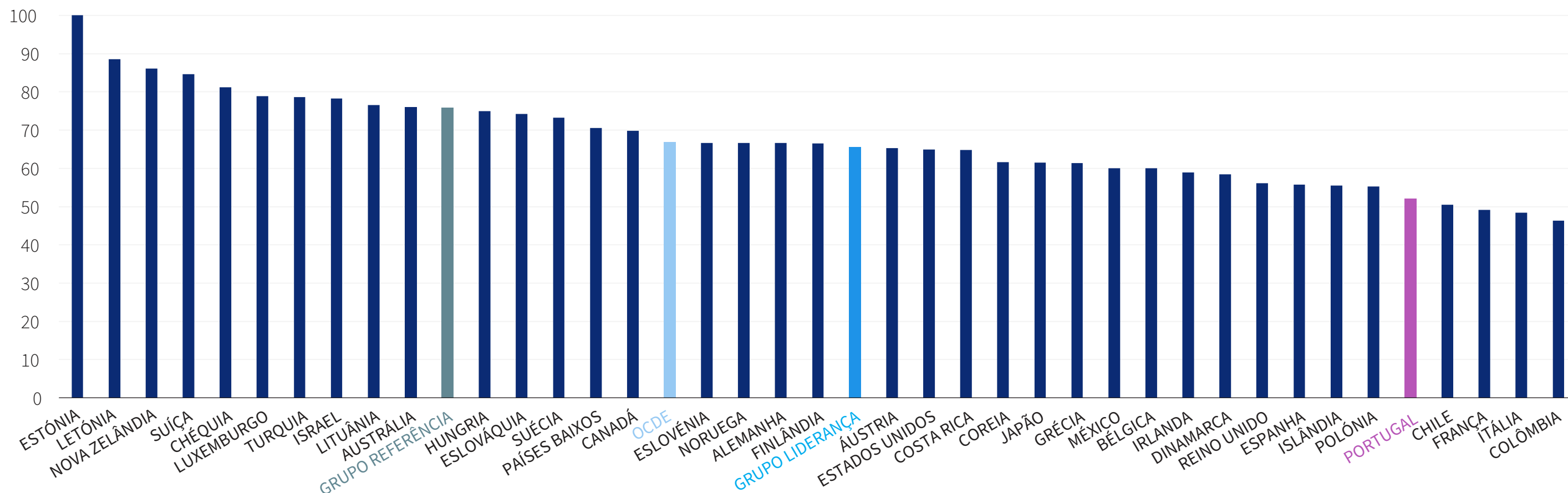
IV. Produtividade nas empresas

(p162-c)

O Índice de Competitividade Fiscal Internacional de 2023, do Centre for Global Tax and Policy, que avalia a competitividade fiscal dos países da OCDE, posiciona a competitividade fiscal de Portugal na 34.^a posição entre 38 países considerados. Se nos focarmos na tributação corporativa, que é relevante para as empresas, Portugal ocupa

a 37.^a posição; ocupando a 29.^a posição na tributação do rendimento individual, 26.^a na tributação do consumo, e a 20.^a na tributação da propriedade. De referir que, entre os países do grupo de referência, a Estónia ocupa o 1.^o lugar no índice agregado e o 2.^o lugar no índice corporativo; a Chéquia: o 5.^o e o 6.^o; a Lituânia: o 9.^o e o 3.^o; a Hungria: o 11.^o e o 4.^o; a Eslovénia: o 16.^o e o 7.^o; e, finalmente, a Polónia: o 33.^o e o 16.^o.

Índice Agregado de Competitividade Fiscal, Centre for Global Tax and Policy



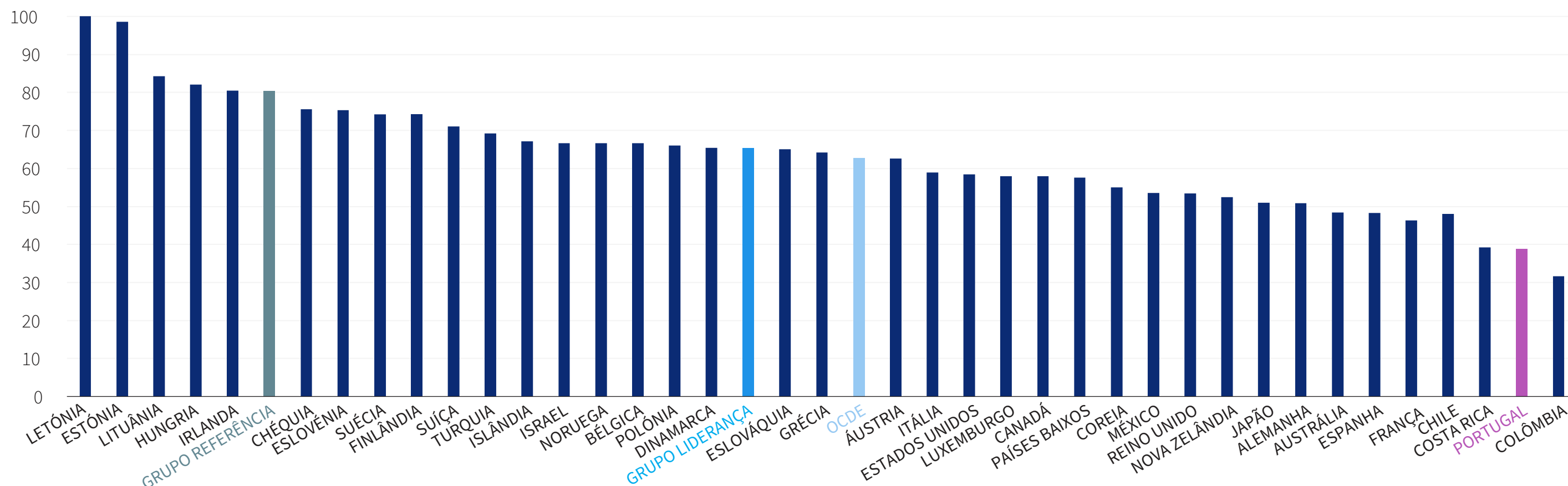
IV. Produtividade nas empresas

(p162-d)

O Índice de Competitividade Fiscal Internacional de 2023, do Centre for Global Tax and Policy, que avalia a competitividade fiscal dos países da OCDE, posiciona a competitividade fiscal de Portugal na 34.^a posição entre 38 países considerados. Se nos focarmos na tributação corporativa, que é relevante para as empresas, Portugal ocupa

a 37.^a posição; ocupando a 29.^a posição na tributação do rendimento individual, 26.^a na tributação do consumo, e a 20.^a na tributação da propriedade. De referir que, entre os países do grupo de referência, a Estónia ocupa o 1.^o lugar no índice agregado e o 2.^o lugar no índice corporativo; a Chéquia: o 5.^o e o 6.^o; a Lituânia: o 9.^o e o 3.^o; a Hungria: o 11.^o e o 4.^o; a Eslovénia: o 16.^o e o 7.^o; e, finalmente, a Polónia: o 33.^o e o 16.^o.

Índice Corporativo de Competitividade Fiscal, Centre for Global Tax and Policy



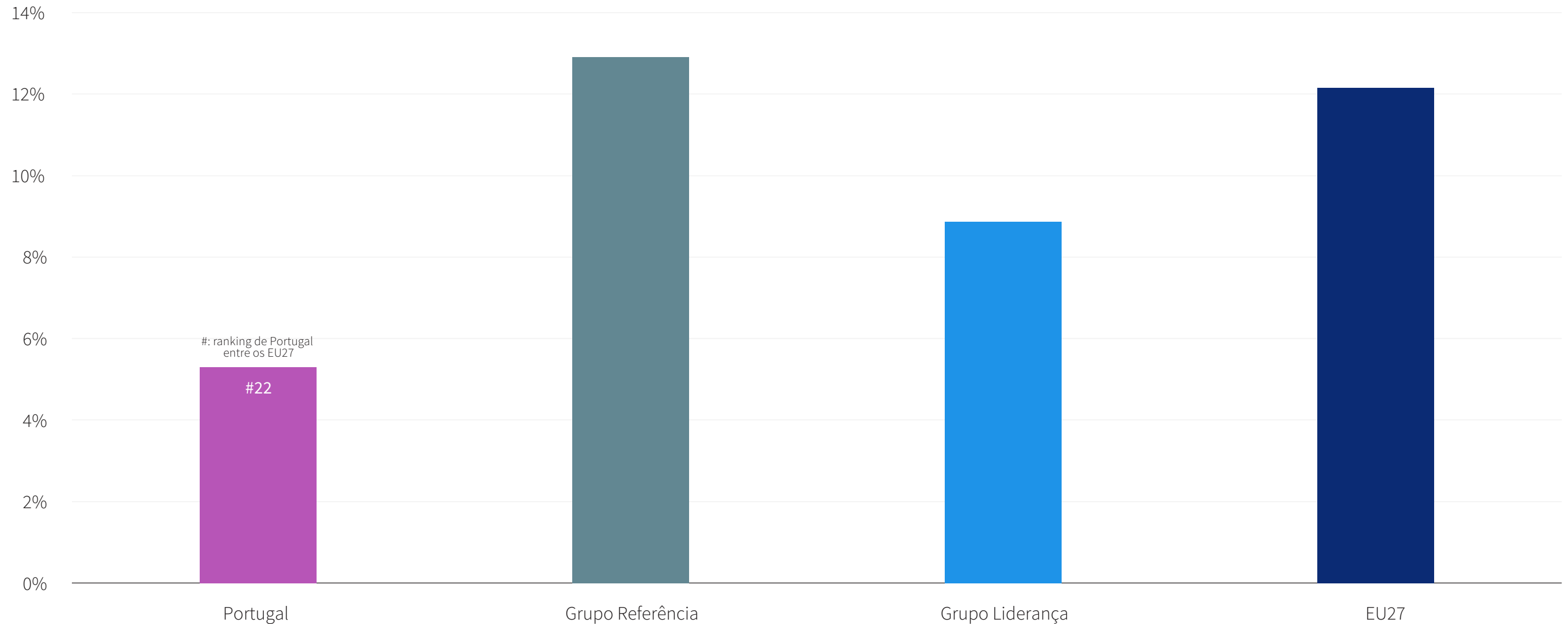
IV. Produtividade nas empresas

(p163)

As dificuldades da legislação laboral, que estiveram na agenda de reformas da troika, são identificadas como uma restrição severa ou muito severa por 5,3% das empresas, surgindo como primeiro

obstáculo para 1,3% das empresas – em ambos os casos, valores entre os cinco mais baixos dos EU27. No entanto, para as grandes empresas, este último número sobe para 5,1%, possivelmente por serem sujeitas a um controlo mais rigoroso pelas autoridades e pelos tribunais.

Percentagem de empresas que identificam as regulamentações laborais como uma grande restrição, *Enterprise Surveys*



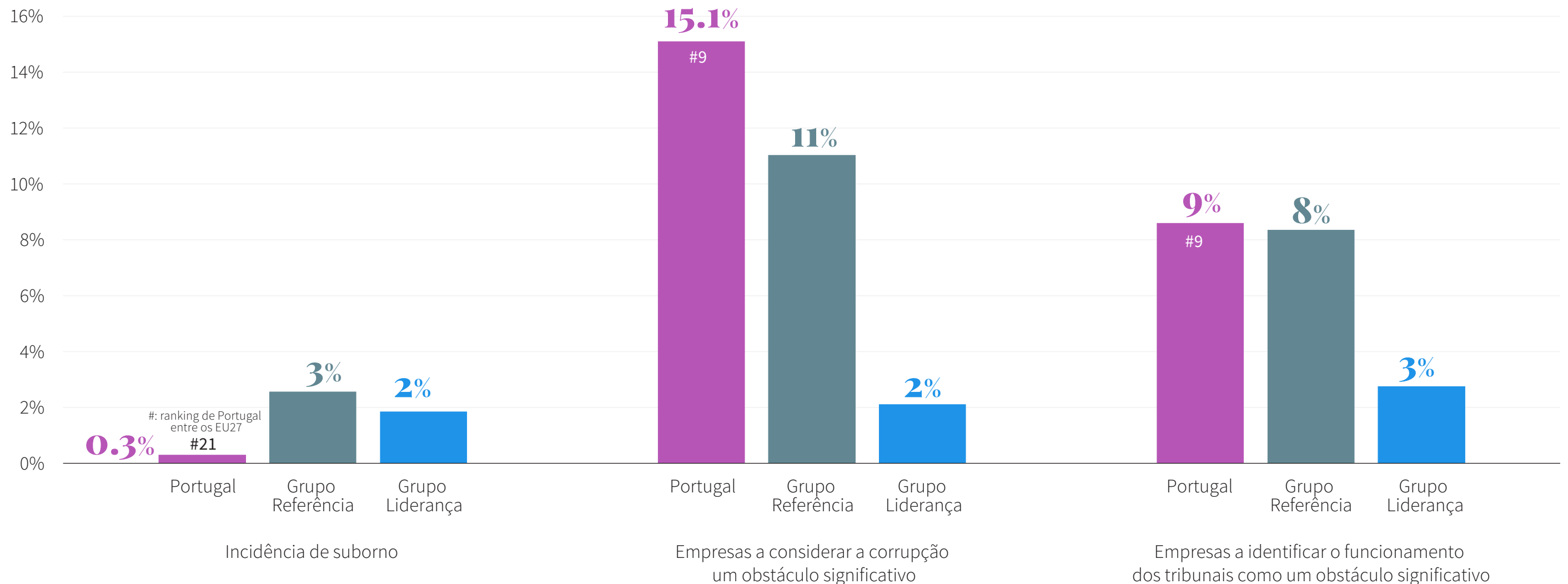
IV. Produtividade nas empresas

(p164)

No ES, 15,1% das empresas portuguesas (o 9.º valor mais elevado dos EU27) considerava a corrupção uma restrição importante para a competitividade, mas a percentagem de empresas que consideram a corrupção um dos três maiores obstáculos está abaixo da média dos EU27 (ocupando a 16.ª posição) e da média do Grupo de Re-

ferência, mas acima da média do Grupo de Liderança. As empresas portuguesas estão no 21.º lugar (abaixo da média de todos os benchmarks, nomeadamente, Grupo de Liderança, de Referência e EU27) na incidência de subornos. Já 9% das empresas portuguesas consideram o funcionamento dos tribunais um obstáculo relevante (9.ª posição nos EU27), mas apenas 0,1% (17.ª posição nos EU27) a considerarem o maior obstáculo.

Incidência de Corrupção e Funcionamento dos Tribunais, Enterprise Surveys



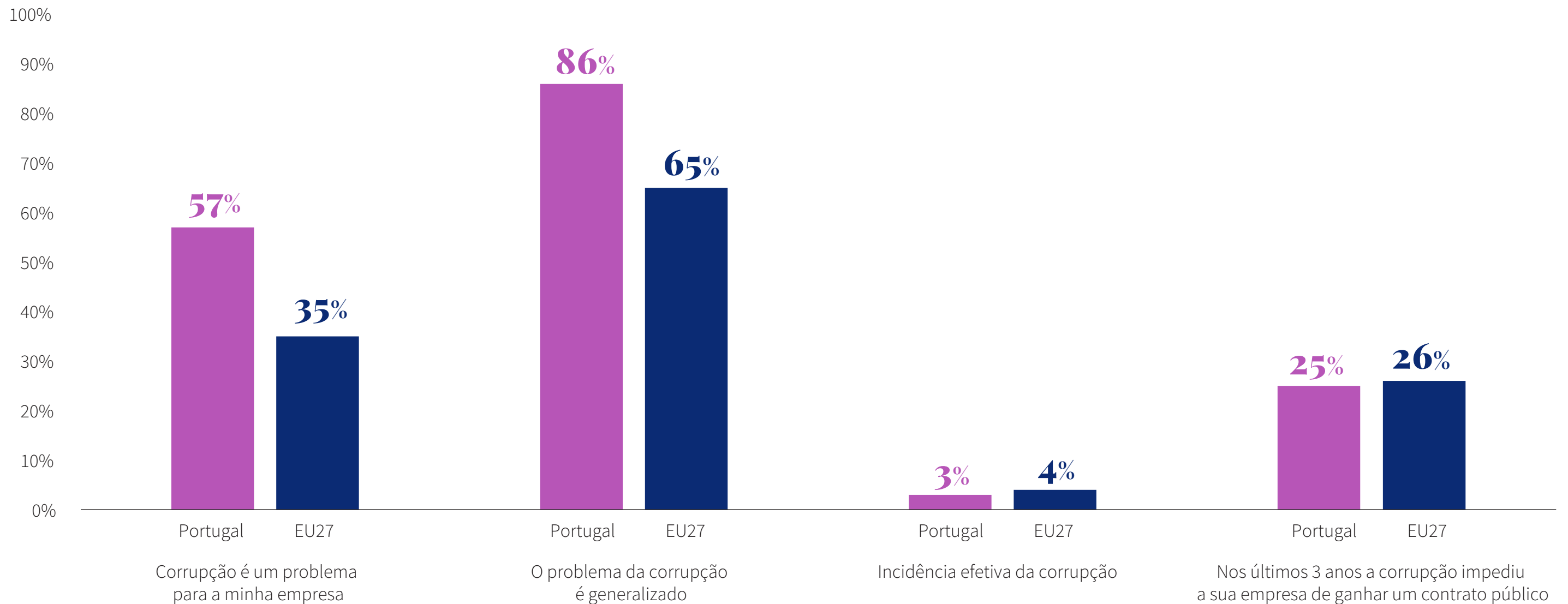
IV. Produtividade nas empresas

(p165-a)

Numa sondagem do Eurobarómetro de abril de 2023 às pequenas e médias empresas, 57% das empresas consideravam a corrupção um problema para a sua empresa, comparado com 35% para a EU27. 86% dos inquiridos consideravam que o problema da corrupção era generalizado em Portugal, comparado com 65% na EU27.

No entanto, na mesma sondagem, a incidência efetiva de corrupção nas empresas inquiridas, isto é, na proporção de empresas que tiveram pelo menos um pedido de suborno, era inferior em Portugal (3%) do que na EU27 (4%). À questão de se nos três anos anteriores questões de corrupção tinham impedido de ganhar um contrato público, a resposta foi positiva para 26% na EU27 e 25% em Portugal.

Incidência de Corrupção, Eurobarómetro



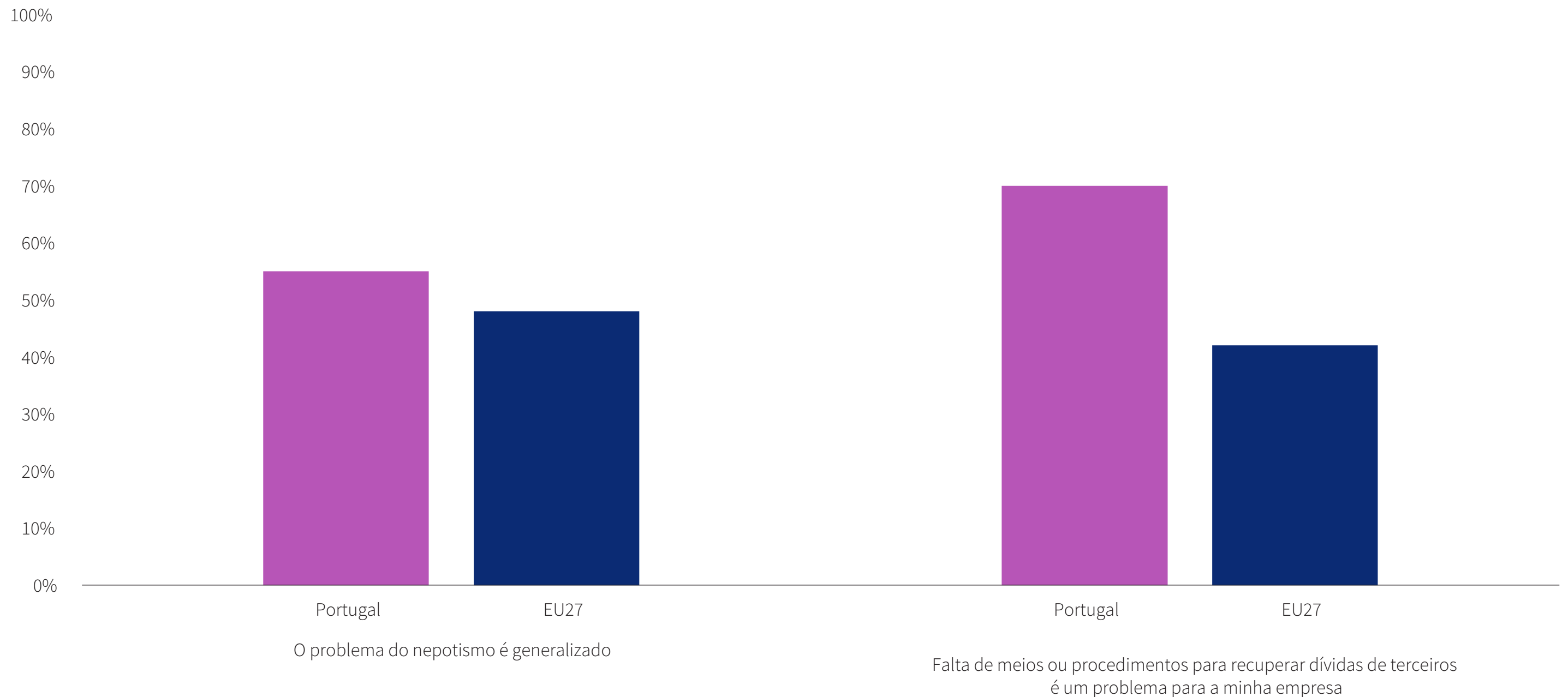
IV. Produtividade nas empresas

(p165-b)

Outra dimensão cultural relevante é o nepotismo, com as práticas de favorecimento de amigos e familiares a serem consideradas prevalentes por uma proporção de empresas em Portugal (55%)

superior à EU27 (48%). Também no Eurobarómetro, 70% das empresas portuguesas inquiridas (42% da EU27) considerava um problema para a sua competitividade a falta de meios e procedimentos para recuperar dívida de outros.

Nepotismo e recuperação de dívidas, Eurobarómetro

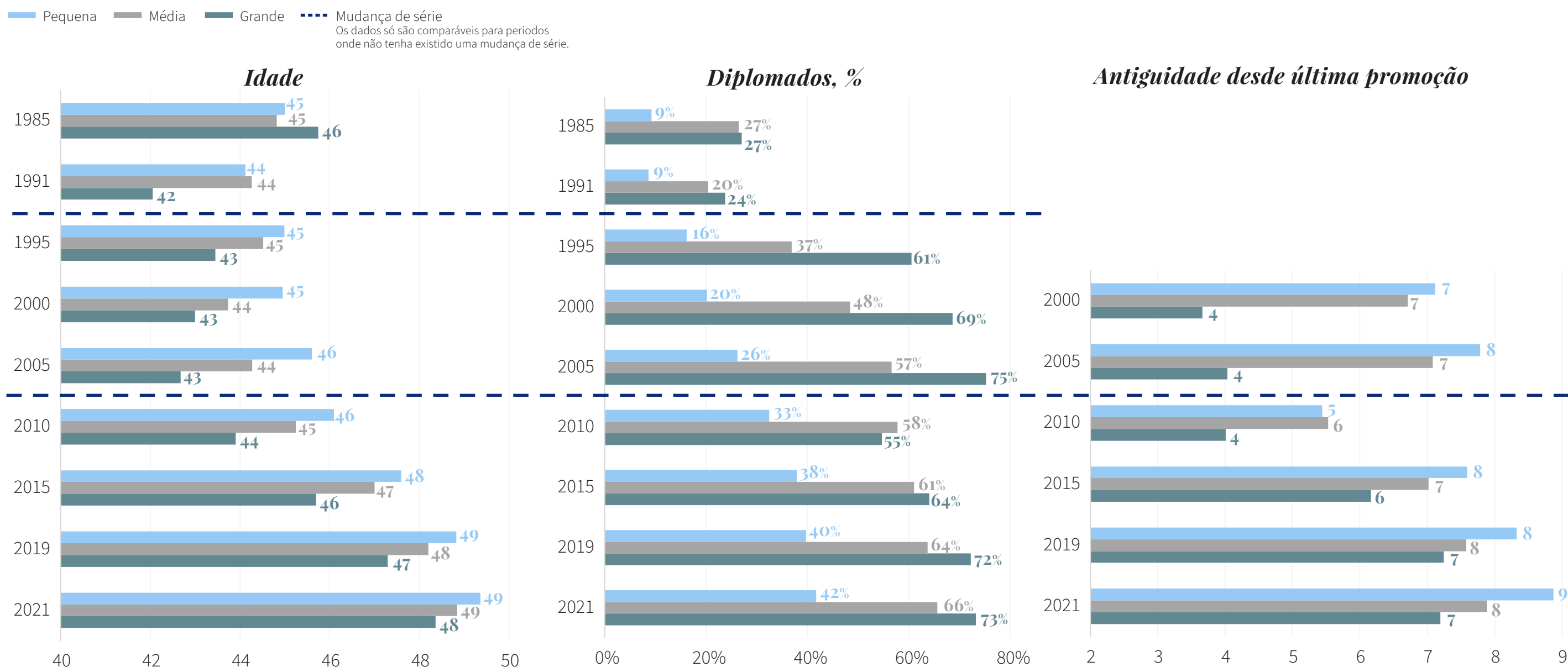


IV. Produtividade nas empresas

(p168)

A percentagem de diplomados com ensino superior nas equipas de gestão das empresas portuguesas tem crescido de forma constante desde os anos 1990, sendo maior nas grandes empresas do que nas médias, mas bastante inferior nas pequenas empresas. Em 2021, 73% dos quadros dirigentes nas grandes empresas eram diplomados, e 66% nas médias empresas, o que comparava com apenas 42% nas pequenas empresas.

No período anterior a 2010, a idade média dos cargos diretivos nas empresas portuguesas manteve-se estável, com alguns episódios pontuais de rejuvenescimento, nomeadamente antes da mudança de século. A idade média nas grandes empresas caiu de 46 para 42 anos entre 1985 e 1991, o período dourado da economia portuguesa, e manteve-se estável entre 1995 e 2005. A partir de 2010, a tendência altera-se radicalmente, com a idade média a crescer de 44 anos em 2010 para 48 anos em 2021, nas grandes empresas, e dos 45 para os 48 nas médias empresas.

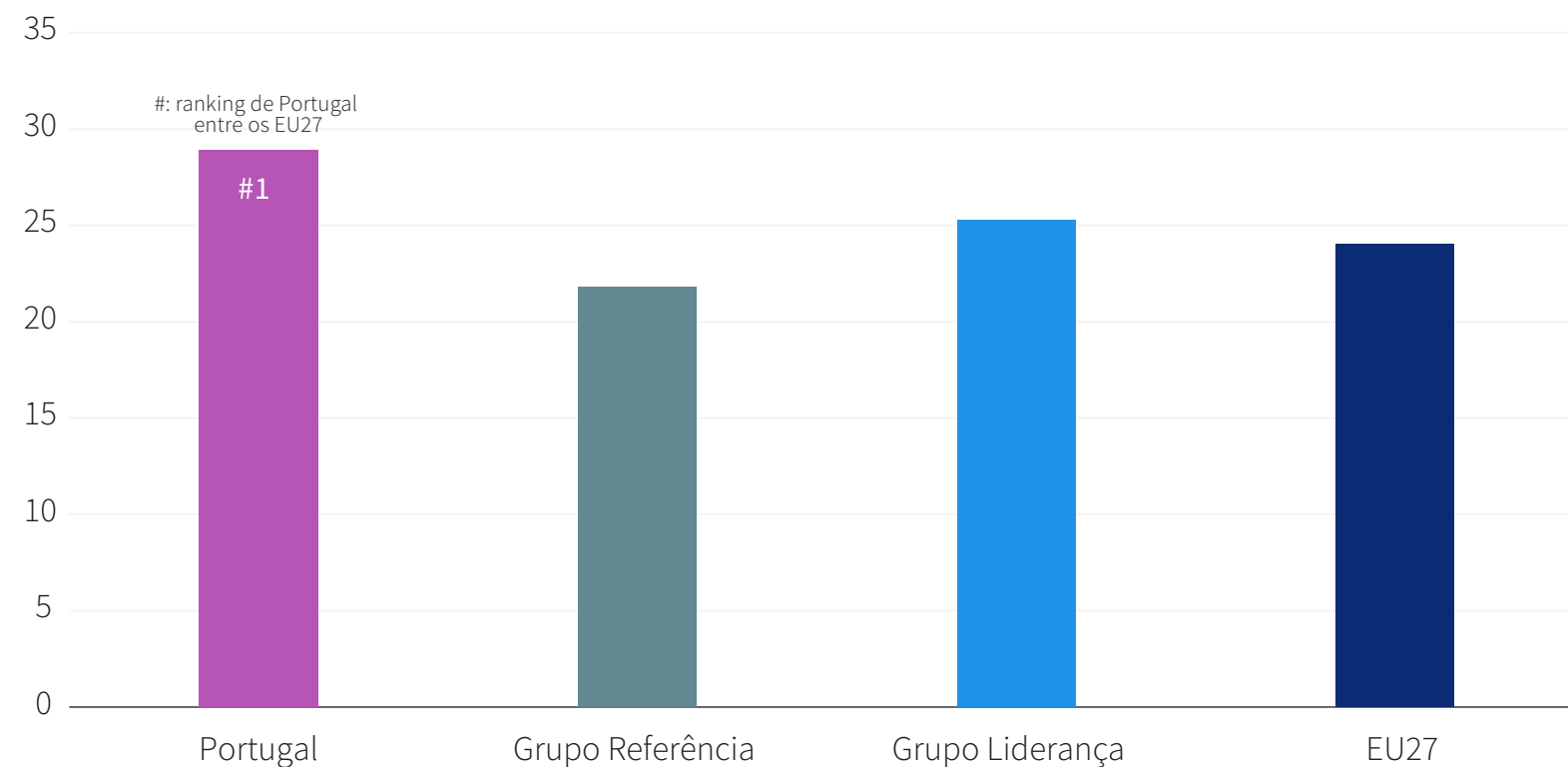


IV. Produtividade nas empresas

(p169-a)

Em Portugal, o gestores de topo das empresas apresentam a mais longa duração de experiência no setor entre os EU27 com 28,9 anos, que compara com 21,9 anos no grupo de referência e 25,3 anos no grupo de liderança.

Anos de experiência do gestor de topo a trabalhar no setor da empresa

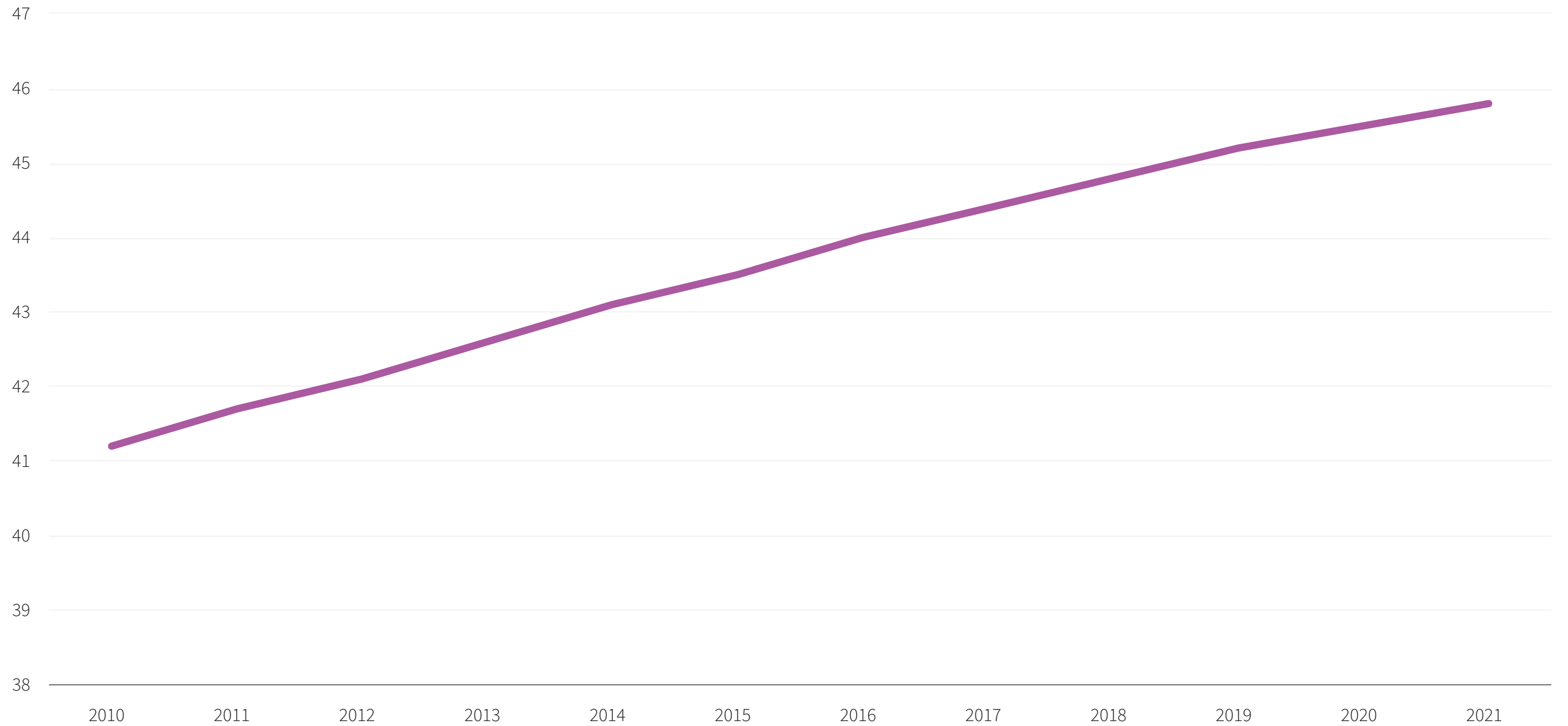


IV. Produtividade nas empresas

(p169-b)

Entre 2010 e 2021, a idade mediana em Portugal aumentou em 4,6 anos.

Idade mediana em Portugal, 2010-2021



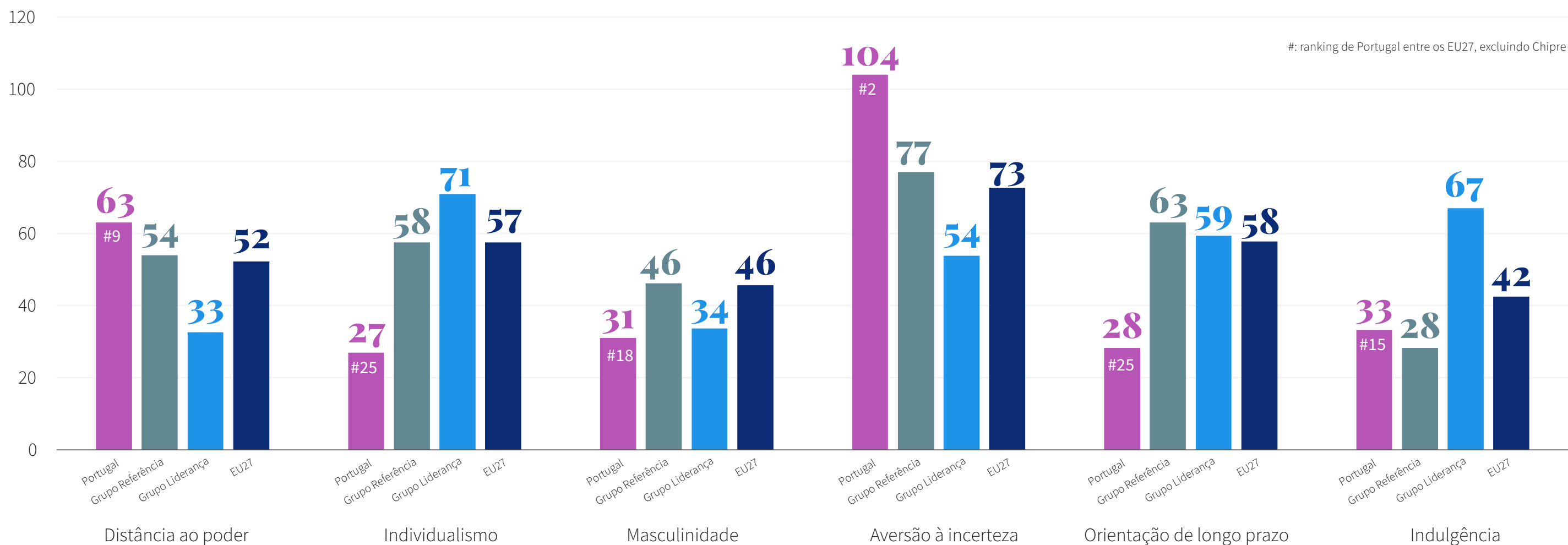
IV. Produtividade nas empresas

(p171)

Portugal está no meio da tabela, nomeadamente na 15.^a e 18.^a posições, respetivamente, na indulgência e masculinidade. Em ambos os casos estamos próximos de grupo de referência. Noutra dimensão, distância ao poder, Portugal está no 9.^o lugar, com valores próximos do Grupo de Referência, mas claramente superiores ao Grupo de Liderança, países que têm culturas de mais proximida-

de entre as hierarquias. Nas outras três dimensões, Portugal está próximos dos extremos. Somos um dos dois países menos `individualistas`, com maior `aversão à incerteza` e com menor `orientação para o longo prazo`. No `individualismo` e na `orientação para o longo prazo`, a incidência é baixa em Portugal, comparando com níveis elevados no Grupo de Referência e no Grupo de Liderança. A `aversão à incerteza`, é elevada em Portugal, intermédia no Grupo de Referência, e baixa no Grupo de Liderança.

Indicadores de Governança, Banco Mundial



#: ranking de Portugal entre os EU27, excluindo Chipre

V. O papel do Estado

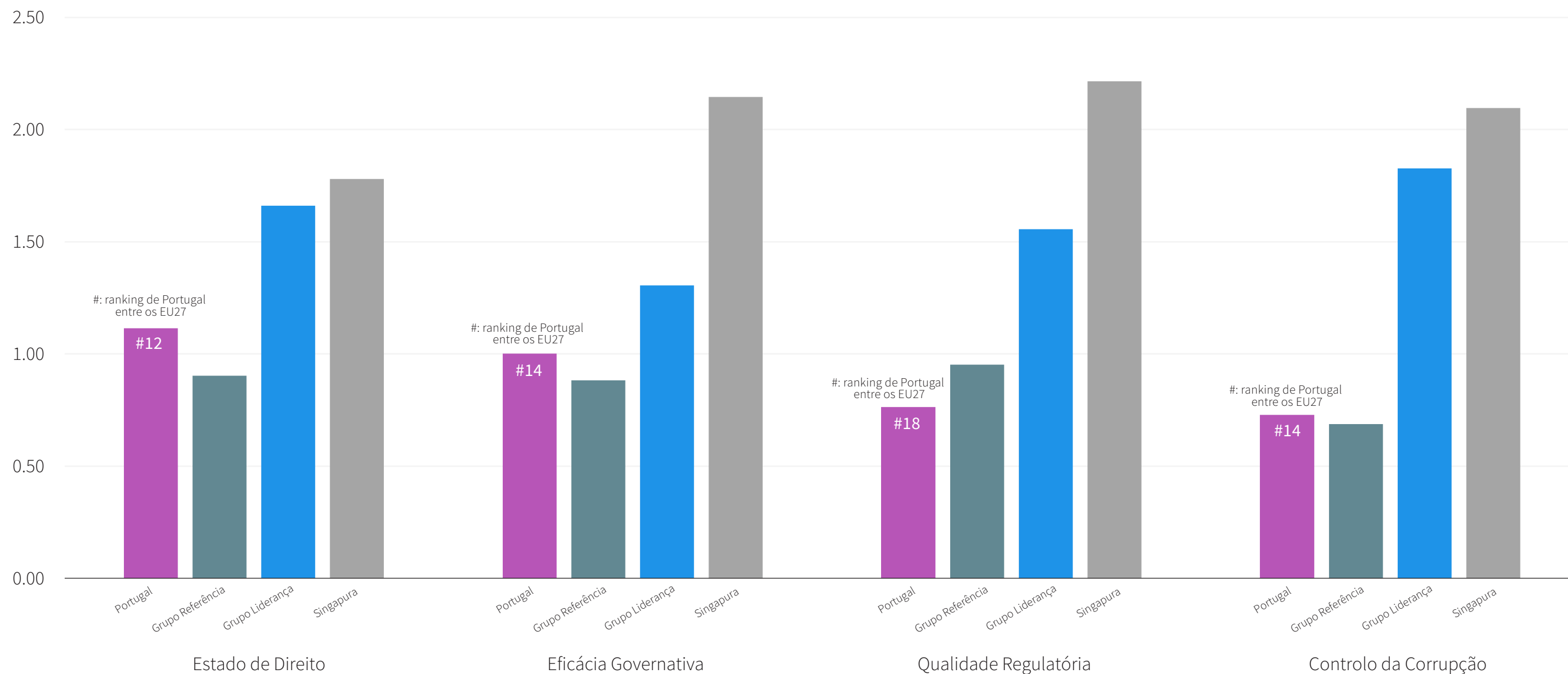
V. O papel do Estado

(p227-a)

Portugal aparece nas posições 37, 43, 28 e 47 na Eficácia Governativa, Controle de Corrupção, Estado de Direito e Qualidade Regulatória, respetivamente, se focarmos nos 186 países com dados disponíveis desde 2002 - isto é, no primeiro

quartil em todas as categorias. Se nos focarmos nos EU27, Portugal surge nas posições 14, 14, 12 e 18, na Eficácia Governativa, Controle de Corrupção, Estado de Direito e Qualidade Regulatória em 2022; isto é, muito próximo da mediana e com valores próximos da média dos EU27.

Indicadores de Governança, Banco Mundial

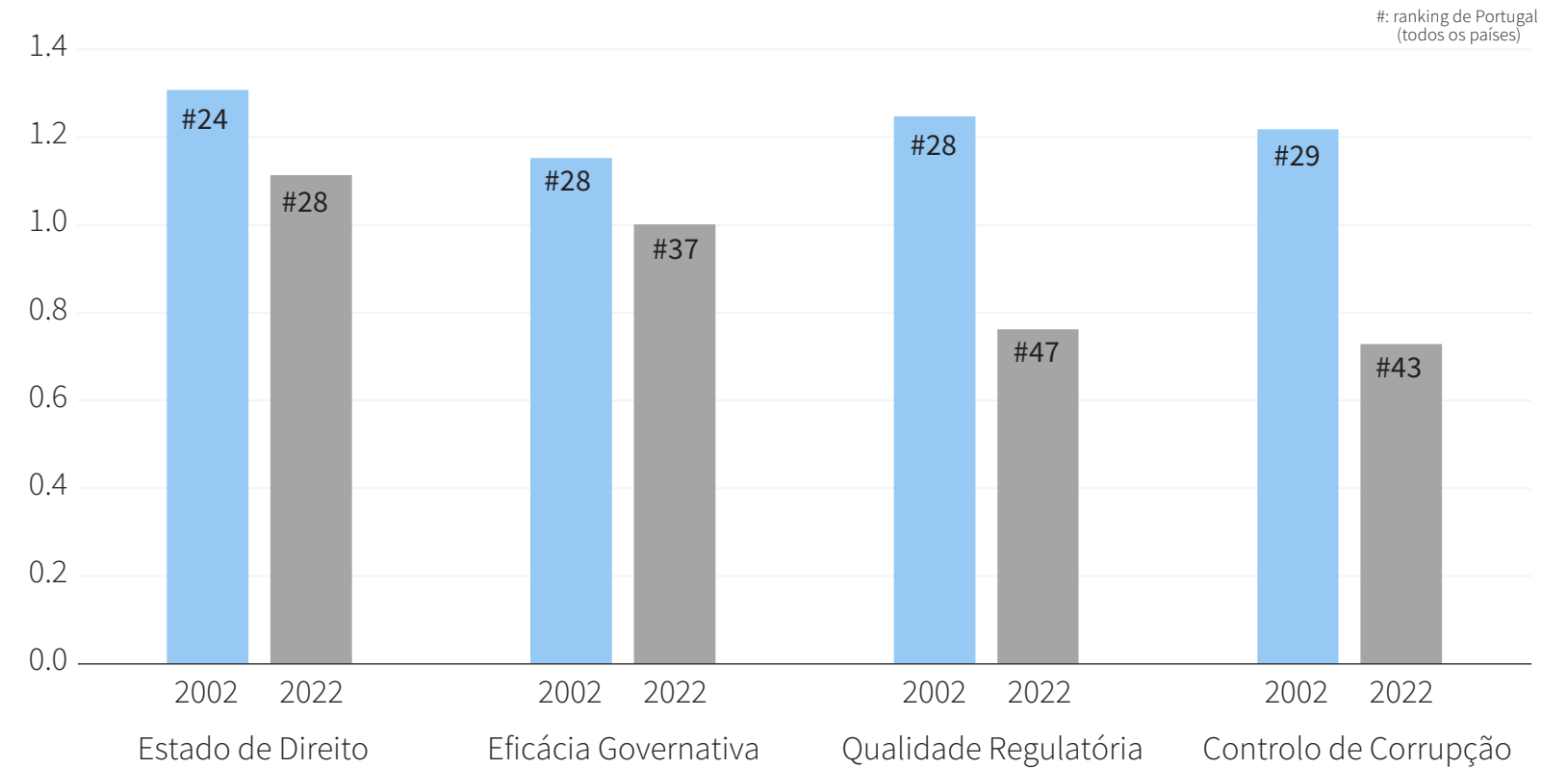


V. O papel do Estado

(p227-b)

Se compararmos com o início do século, Portugal cai nove lugares na eficácia governativa, 14 no controlo da corrupção, quatro no Estado de direito, e 19 na qualidade regulatória.

Indicadores de Governança, Banco Mundial, Posição de Portugal, 2002 e 2022



V. O papel do Estado

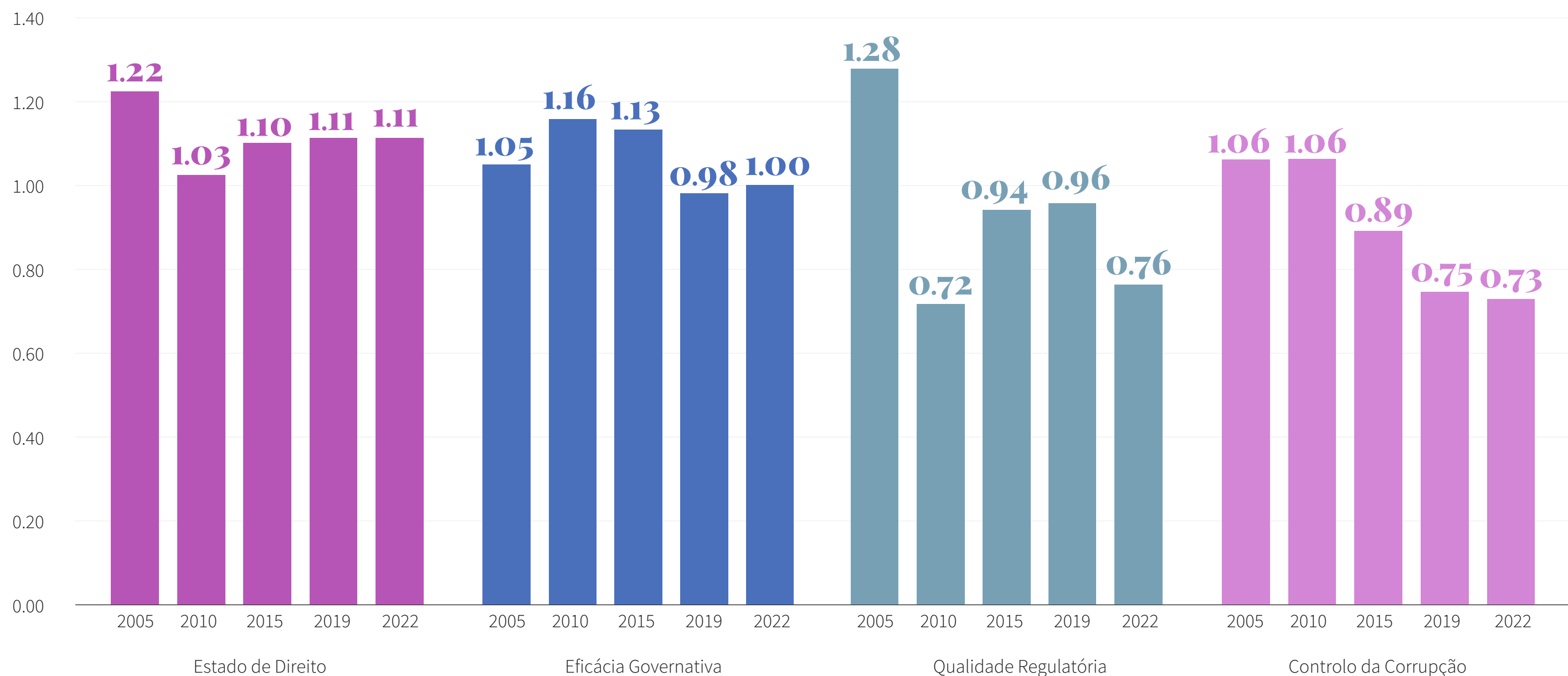
(p228-a)

A queda em termos absolutos foi de cerca de 15%, enquanto no controle de corrupção e qualidade regulatória chegou aos 40%, entre 2002 e 2022.

A maior parte de processo de perda de qualidade institucional, baseada em percepções, ocorreu entre 2002 e 2012, - possivelmente devido à má

imagem de Portugal no contexto do programa de assistência financeira. No entanto, o valor do indicador de Controlo de Corrupção continuou a degradar-se de forma intensa entre 2012 e 2022, com cerca metade da queda percentual a ocorrer neste período, enquanto na qualidade regulatória a queda após 2012 é residual, e nos outros dois indicadores houve até uma ligeira recuperação.

Evolução dos indicadores de qualidade institucional em valor absoluto - Portugal

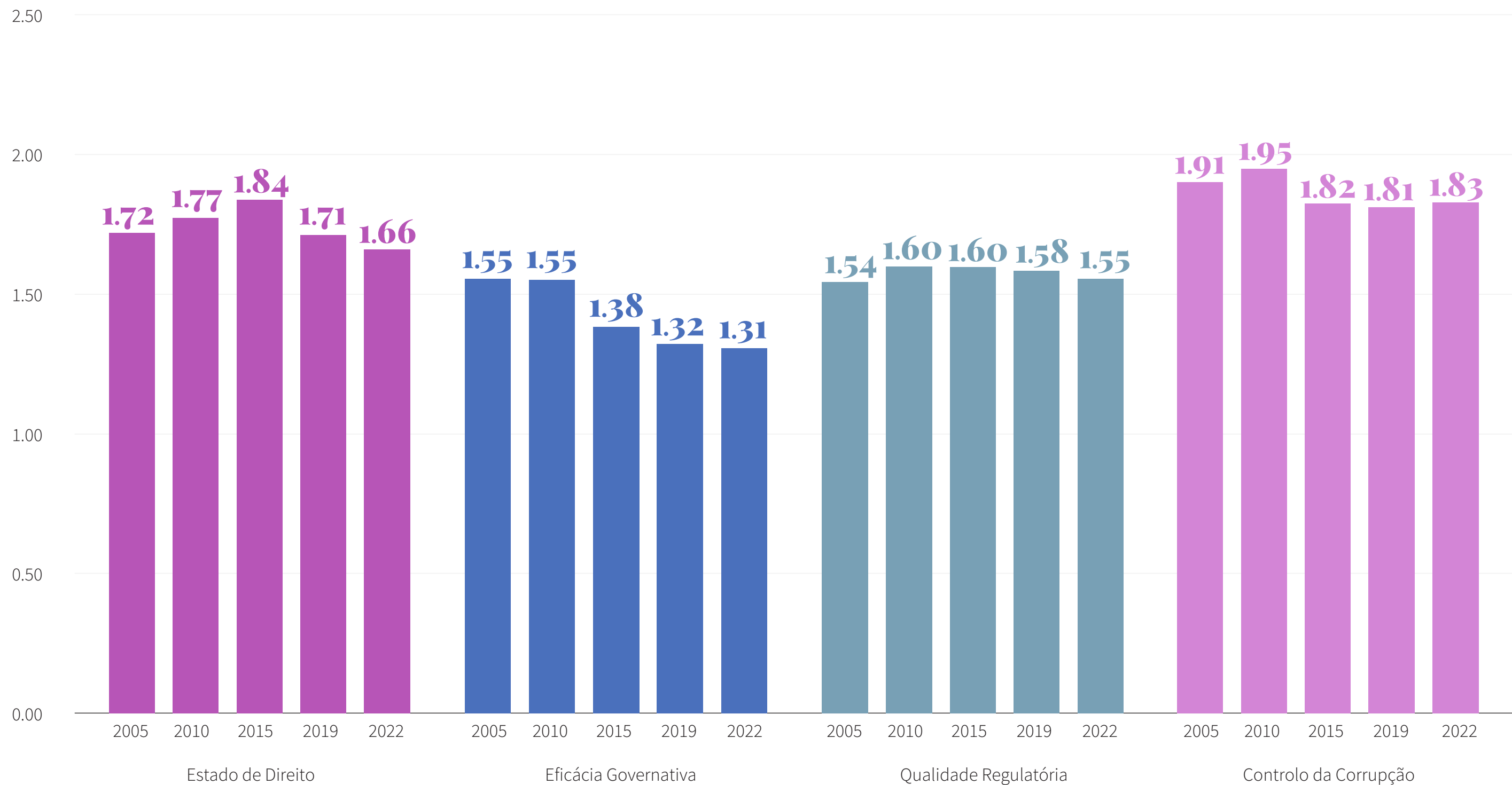


V. O papel do Estado

(p228-b)

Se olharmos para os valores absolutos no contexto dos EU27, vemos que Portugal se tem afastado da média do grupo de liderança, sobretudo no Controle de Corrupção e na Qualidade Regulatória.

Evolução dos indicadores de qualidade institucional em valor absoluto – Grupo de Liderança

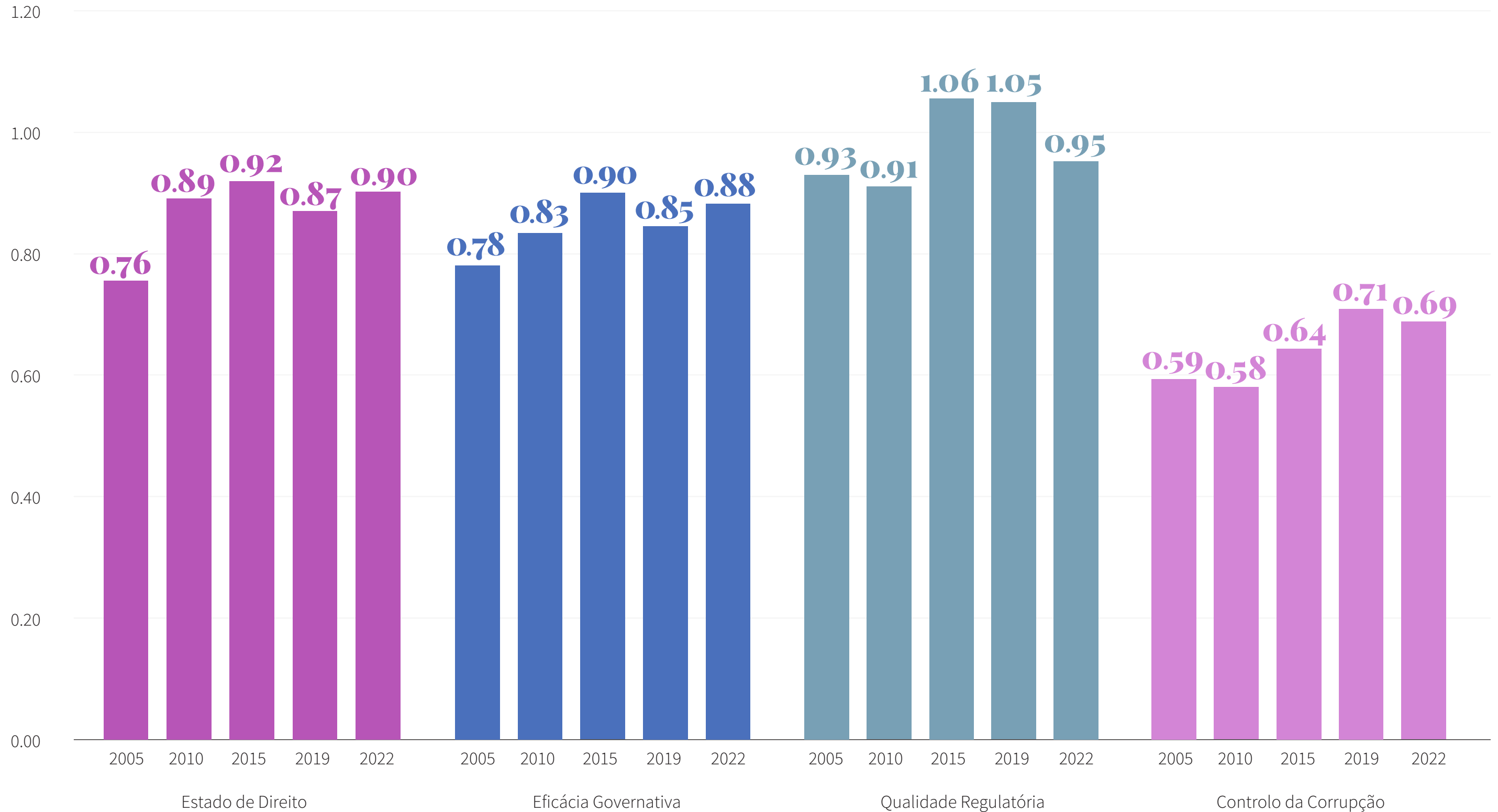


V. O papel do Estado

(p229-a)

Apesar de em termos relativos Portugal não se ter alterado dentro do EU27, o país foi ultrapassado pelos países do Grupo de Referência, com exceção da Polónia e Hungria.

Evolução dos indicadores de qualidade institucional em valor absoluto – Grupo de Referência



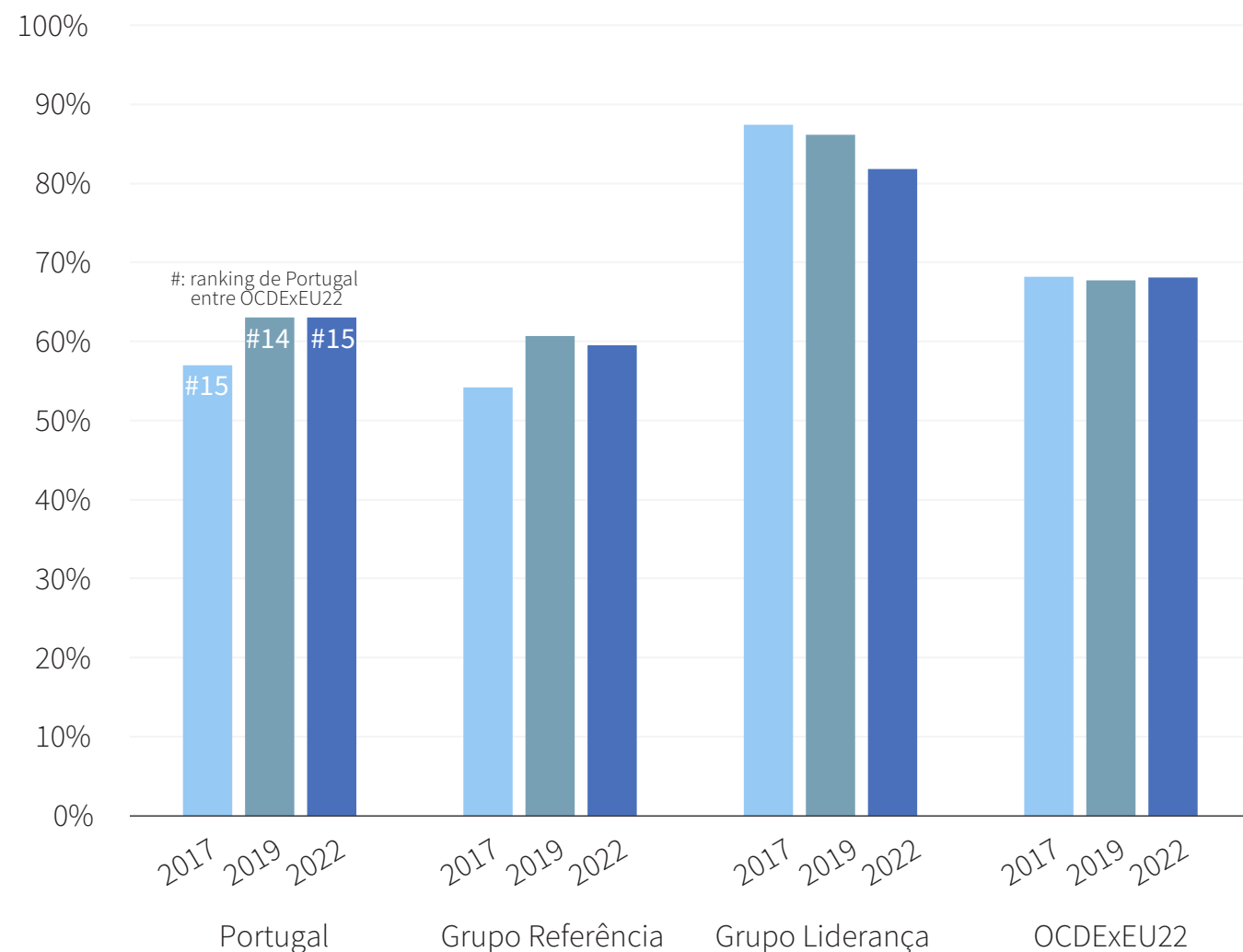
V. O papel do Estado

(p229-b)

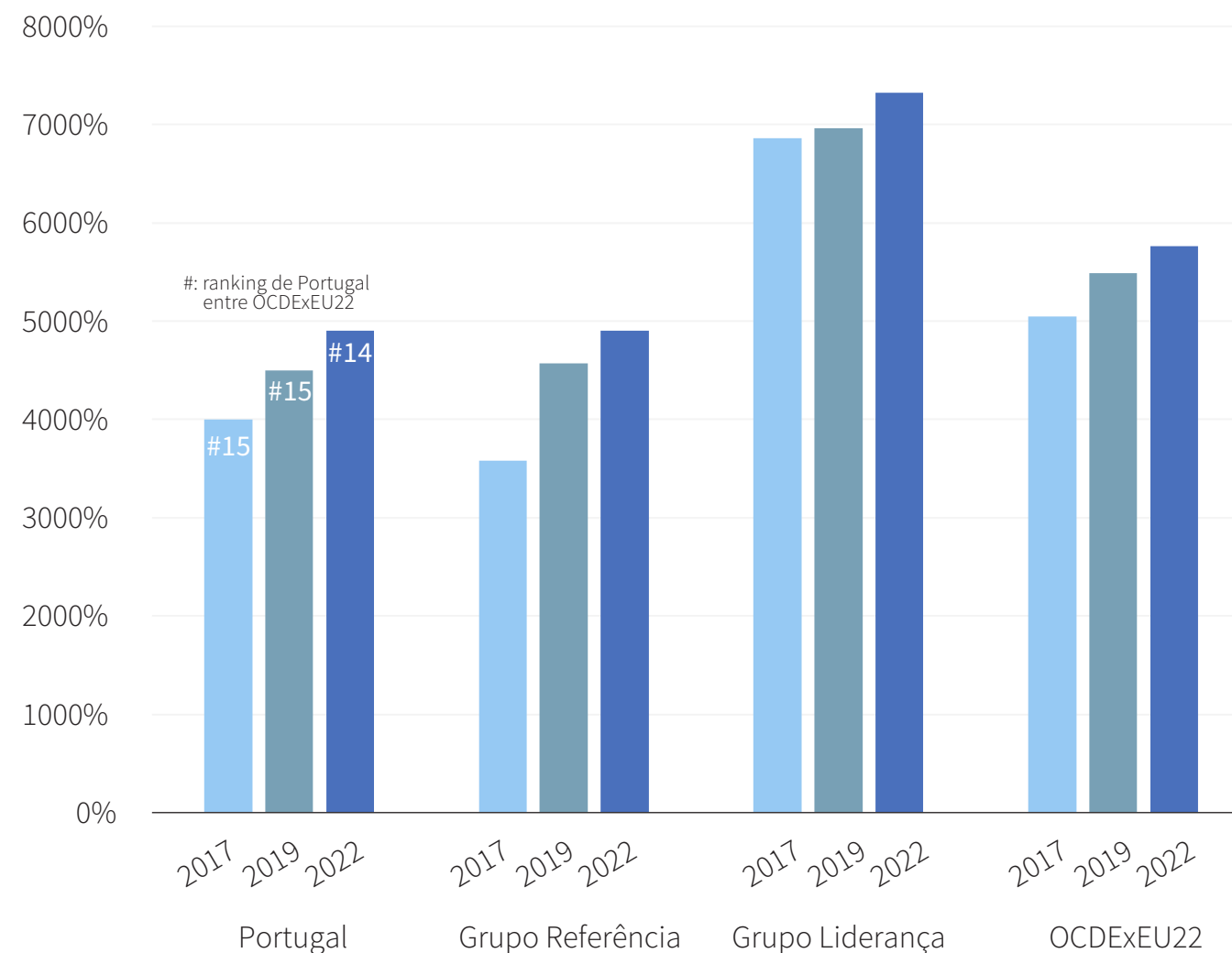
Entre os 22 membros da EU27 que pertencem à OCDE, olhando para percentagem de utilizadores satisfeitos em 2017, 2019 e 2022 no sistema de saúde e no sistema judicial, os valores são ligeira-

mente superiores aos do grupo de referência, mas inferiores à média dos 22 e, sobretudo, do grupo de liderança. Portugal surge na 14.^a e na 15.^a posições entre estes 22, respetivamente. As distâncias relativamente ao grupo de liderança caíram ligeiramente entre 2017 e 2022.

Satisfação no sistema de saúde



Confiança no sistema judicial

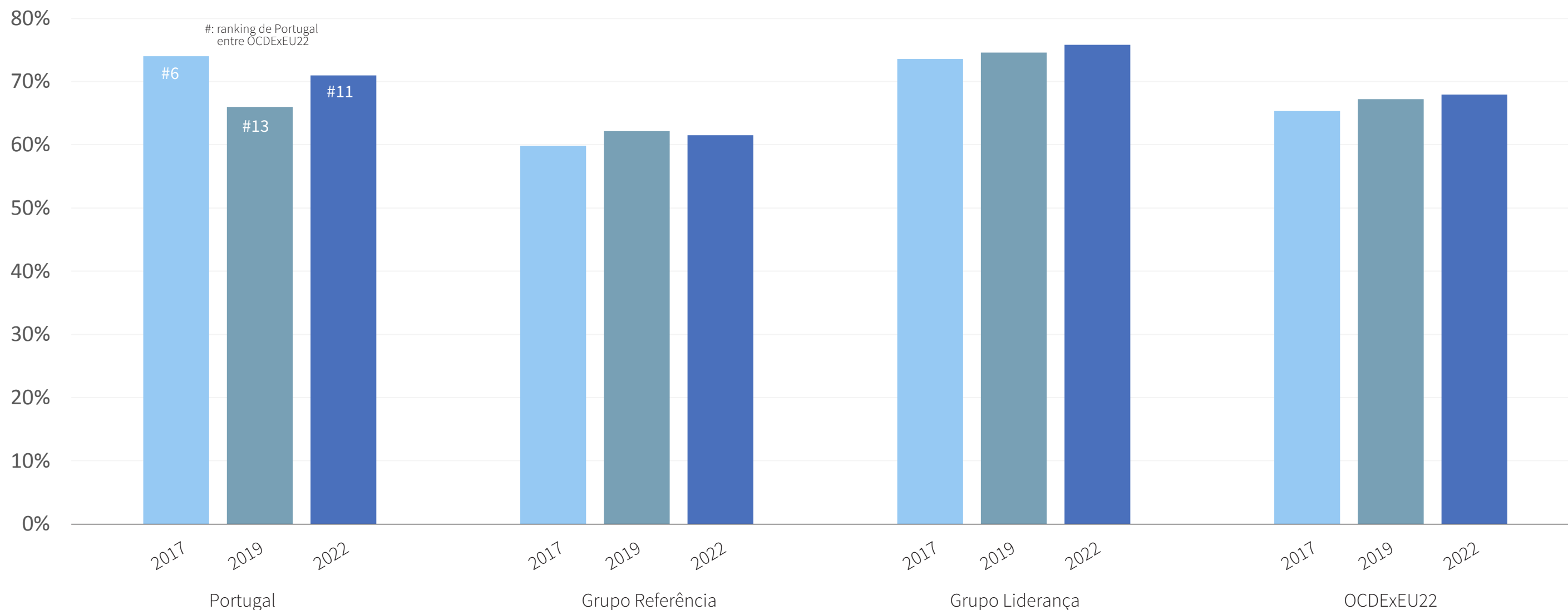


V. O papel do Estado

(p229-c)

No sistema educativo, os valores em Portugal estão acima do grupo de referência e da média dos 22 membros da EU27 que pertencem à OCDE, mas abaixo do grupo de liderança. No entanto, a posição relativa e os valores absolutos desceram desde 2017, tendo o país caído da 6.^a posição em 2017, para a 13.^a em 2019 e a 11.^a em 2022. A distância para o grupo de liderança cresceu.

Satisfação no sistema educativo

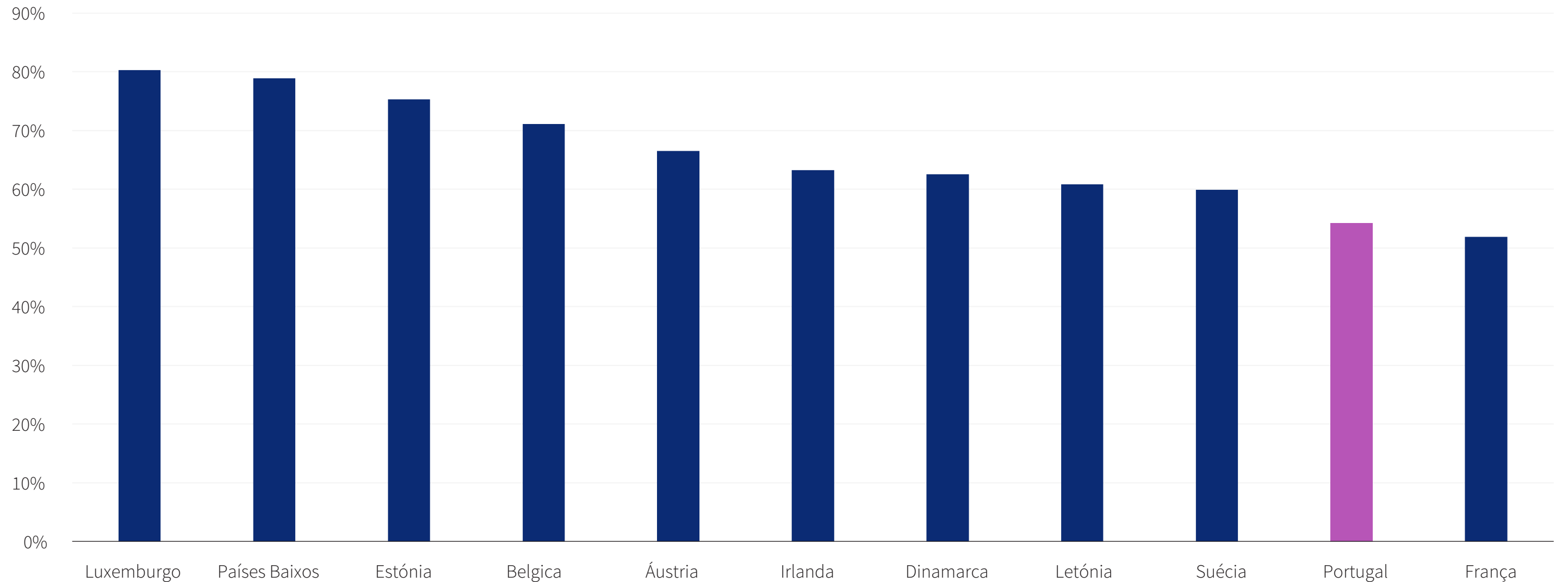


V. O papel do Estado

(p230)

Num grupo de 11 países com dados disponíveis, com níveis de desenvolvimento superiores aos de Portugal, a satisfação com os serviços administrativos é apenas ligeiramente superior à da França, enquanto a confiança na justiça e na equidade de tratamento é a mais baixa do grupo.

Satisfação nos serviços administrativos



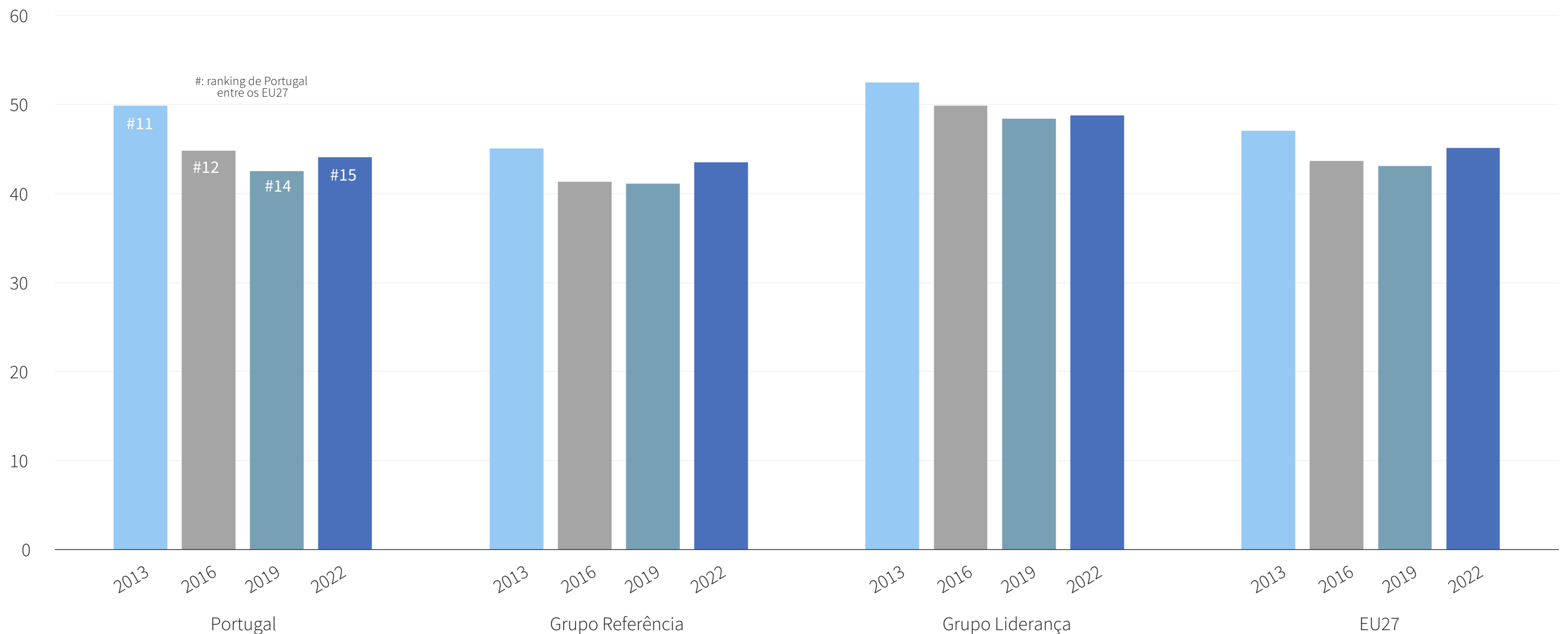
V. O papel do Estado

(p231)

Em Portugal, a despesa pública em percentagem do PIB caiu de 49,9% em 2013 (sob influencia da queda do PIB causada pela recessão do Troika) para 42,5% em 2019, mas voltou a crescer para 44,1% em 2022. A queda verificou-se também

em termos relativos: Portugal ocupava a 11.^a posição entre os EU27 em 2013, a 12.^a em 2016, a 14 em 2019 e a 15.^a em 2022. Em 2022, a despesa pública em percentagem do PIB para os EU27 era de 49,6%, para o grupo de liderança de 48,5%, e para o grupo de referência de 43,5%.*

Despesa Pública em percentagem do PIB



*Errata: o rank de Portugal surge no texto do livro de forma incorreta. Os rankings reportados aqui estão corretos.

V. O papel do Estado

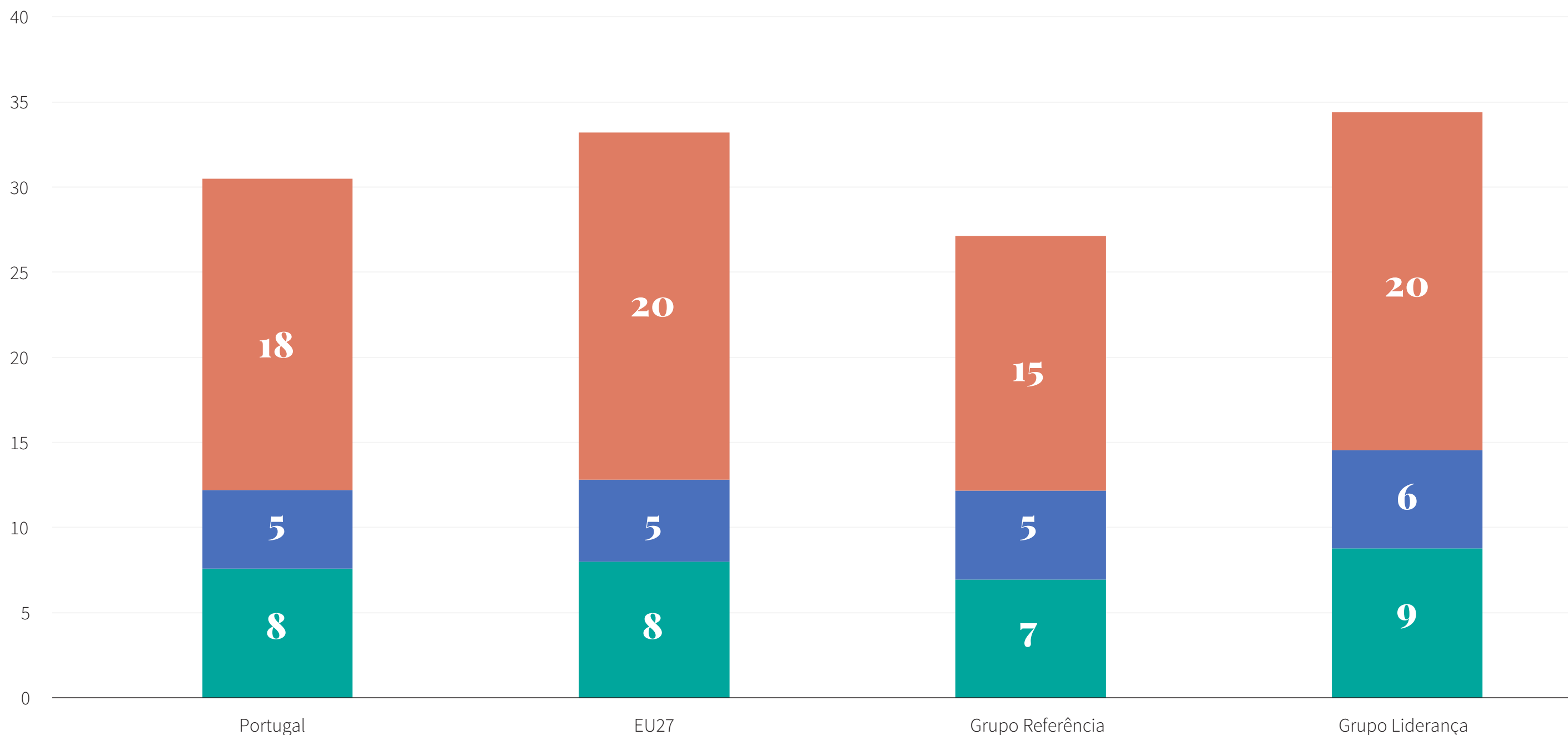
(p232)

A despesa com a saúde ronda os 7% do PIB e tem estado estável desde 2013. Os valores são superiores ao grupo de referência, mas inferiores ao EU27 e ao grupo de liderança, e Portugal ocupava a 11.^a

entre os EU27 em 2022. A despesa com a educação está nos 4% do PIB, tendo caído ligeiramente desde 2013, e é inferior aos três grupos com que nos comparamos, na 22.^a posição entre os EU27. Por último, a despesa com proteção social estava em 18% do PIB em 2022.

Dimensão dos componentes do Estado Social (% do PIB)

Proteção Social Educação Saúde



V. O papel do Estado

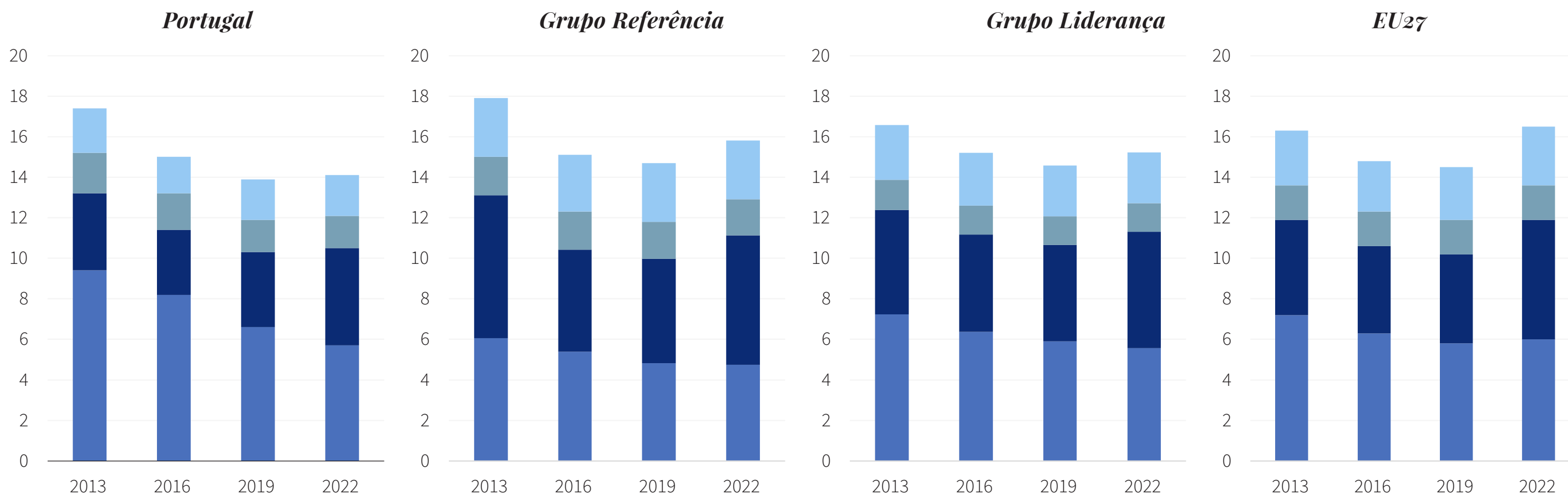
(p233-a)

As funções administrativas, associadas com os órgãos executivos e legislativos e judiciais e os serviços básicos de funcionamento do Estado, consomem 6% do PIB e têm descido de forma consistente desde 2013 (9%): Portugal tinha a 4.^a despesa mais elevada em 2013 e a 12.^a em 2022 entre os EU27. A despesa total em funções de economia absorve normalmente 4% do PIB,

mas subiu para 5% em 2022, em virtude da implementação do PRR. O valor para o grupo de referência é tradicionalmente superior e estava nos 5,2% do PIB em anos sem PRR. A despesa em funções de segurança (interna e externa) ascendeu a 2% do PIB e decaiu ligeiramente, mas de forma consistente, desde 2013 (era de 3,1%). Por último, as funções de sociedade, incluindo habitação, cultura e ambiente, despendem apenas 2% do PIB – valor que tem permanecido estável e é bastante inferior aos nossos benchmarks.

Despesa (em % do PIB) nas funções administrativas, de economia, de segurança e de sociedade

■ Funções administrativas ■ Funções da economia ■ Segurança ■ Funções da sociedade

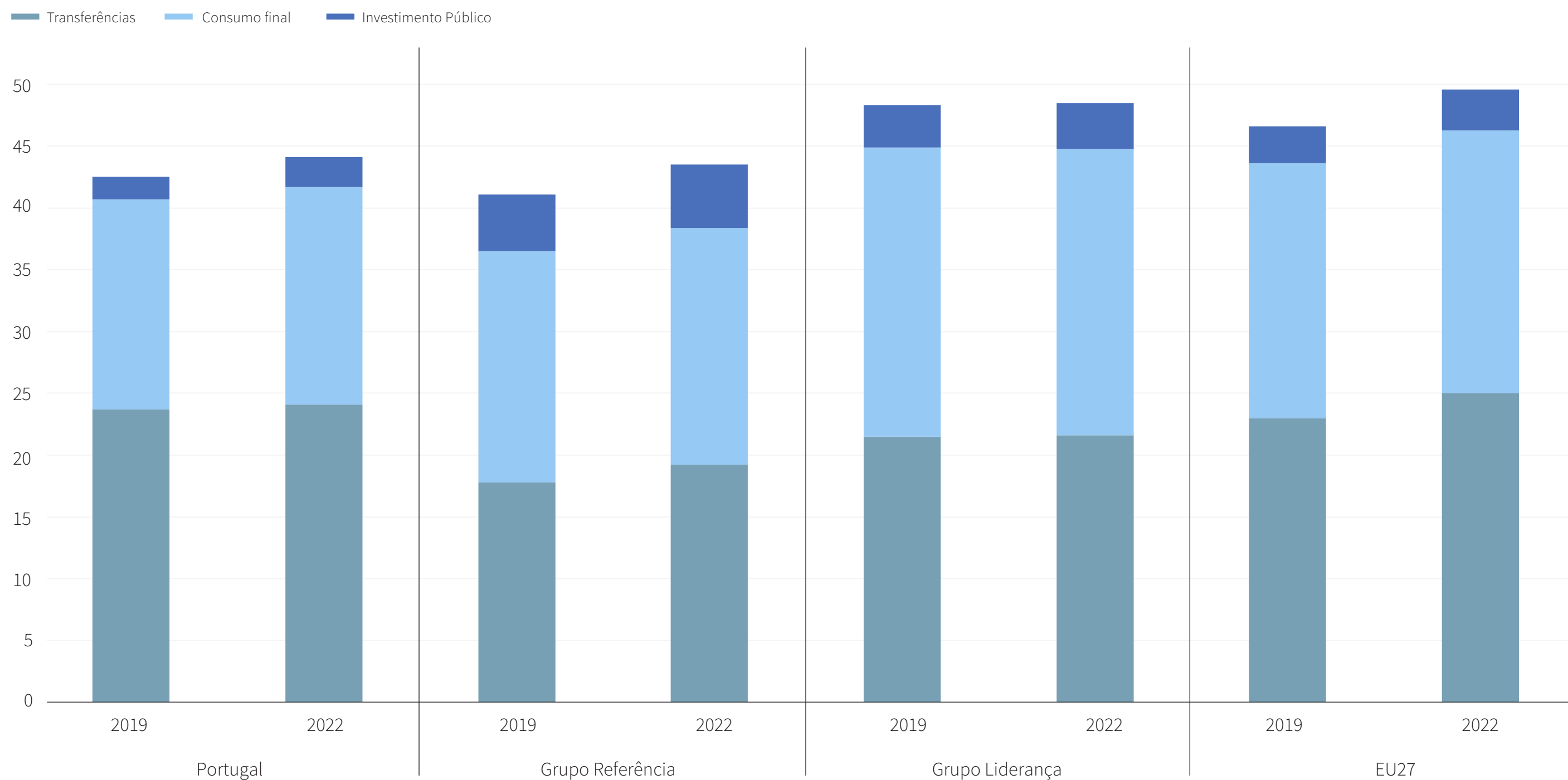


V. O papel do Estado

(p233-b)

Entre transferências, gastos e investimento, a componente mais relevante são as transferências, ligadas sobretudo à proteção social. Em 2019, estas orçavam em 55% da despesa pública total. O investimento público tem sido o parente pobre, com 1,8% do PIB em 2019 e 2,4% em 2022. Estes níveis são inferiores aos três grupos que servem de comparação, sobretudo do grupo de referência.

Componentes da Despesa Pública



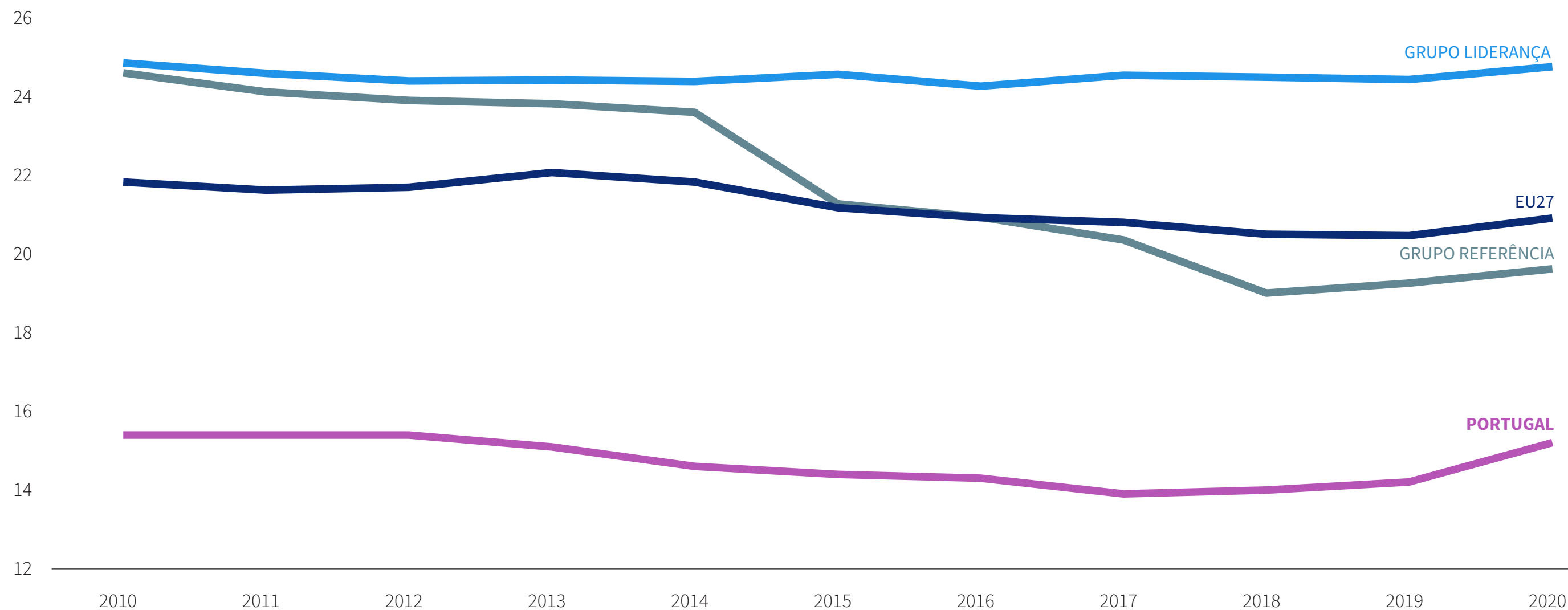
V. O papel do Estado

(p234)

O peso do emprego público em Portugal não é muito elevado em relação aos benchmarks, estando entre o 22.º e o 23.º lugar entre os EU27 ao longo da década, segundo os dados do World Competitiveness Report. Em Portugal, o peso do

emprego público oscilou à volta dos 15% entre 2010 e 2020, como referi. Tem decaído de forma ligeira na média dos EU27 ao longo da última década, de 23% do emprego total em 2010 para 20% em 2020. Em Portugal este indicador é menor do que nos seis países do grupo de referência, com a exceção da Chéquia, que apresenta o menor valor da EU27.

Emprego no setor público (% do total)



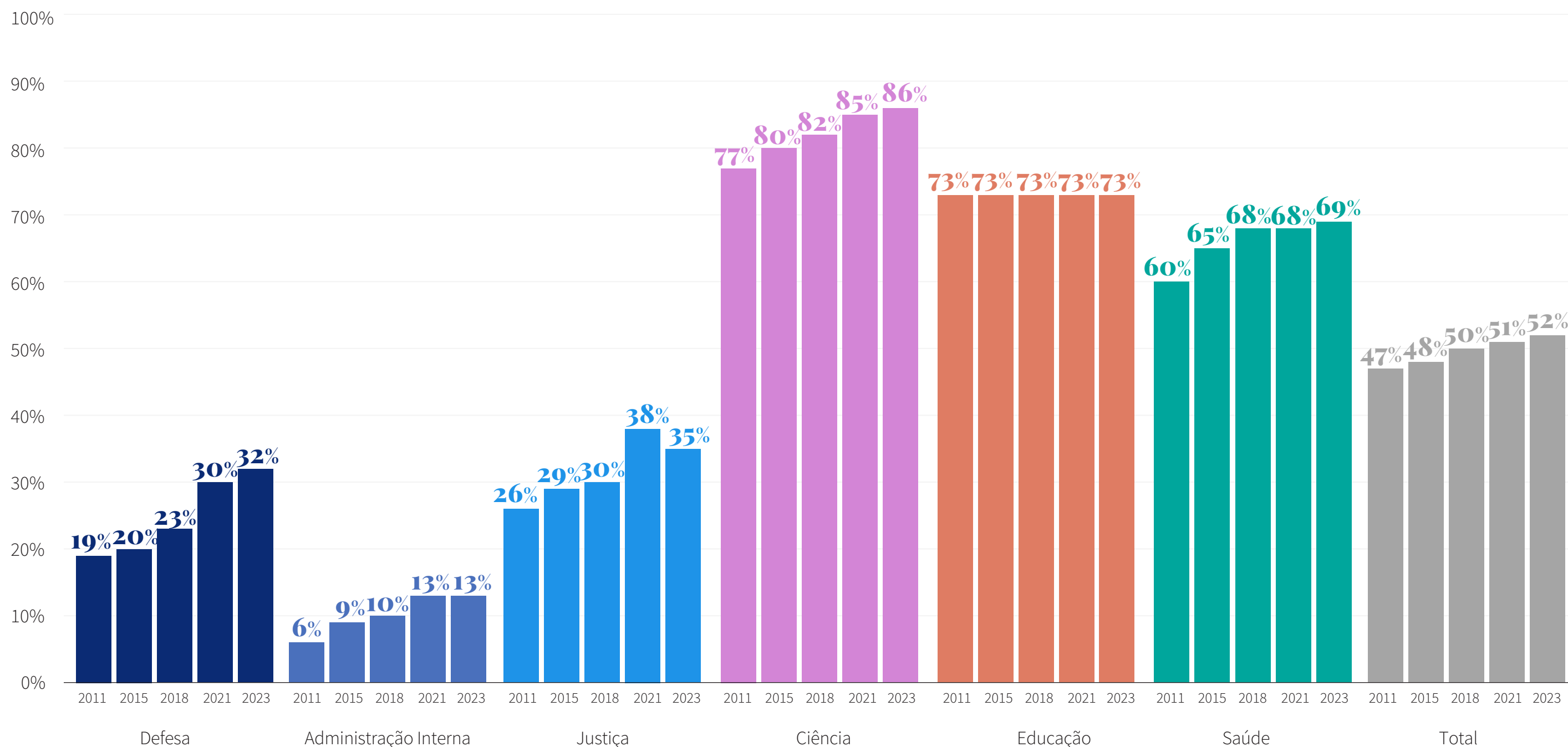
V. O papel do Estado

(p235-a)

A percentagem de emprego público com ensino superior completo aumentou de 47% em 2011 para 52% em 2023. Os setores onde mais se verificou um aumento das qualificações foram a defesa

e a justiça. Deve-se notar, no entanto, que o Estado tem diminuído o seu papel na absorção dos graduados: na recuperação do emprego público pós-2015, apenas foram absorvidos 5% do aumento do emprego graduado.

Percentagem do emprego público com ensino superior



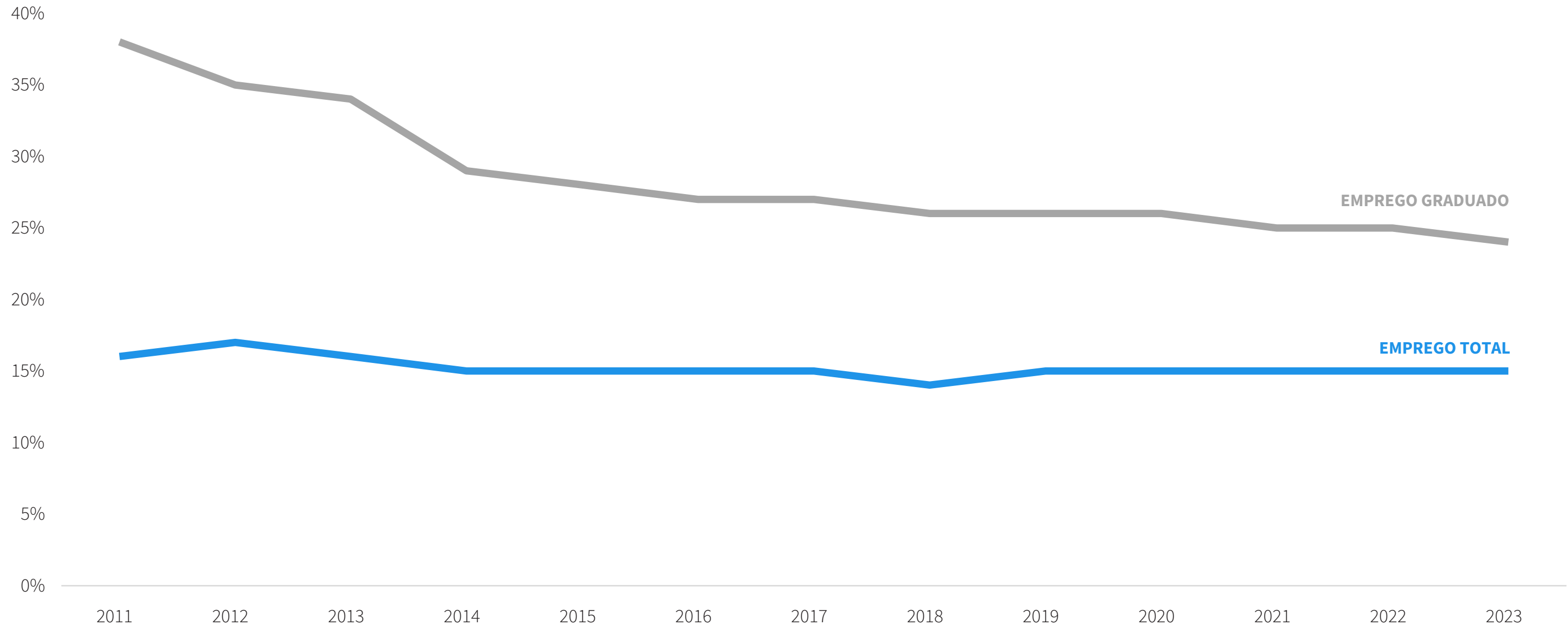
V. O papel do Estado

(p235-b)

A percentagem do emprego público no emprego total tem estado estável em torno dos 15%, o valor correspondente no mercado de graduados, isto é, o peso do emprego público de graduados no em-

prego total de graduados, tem caído de forma consistente: primeiro de forma muito acentuada, de 38% em 2011 para 29% em 2014, e depois de forma gradual, para 24% em 2023.

Peso do Estado no emprego, Portugal 2011-2023



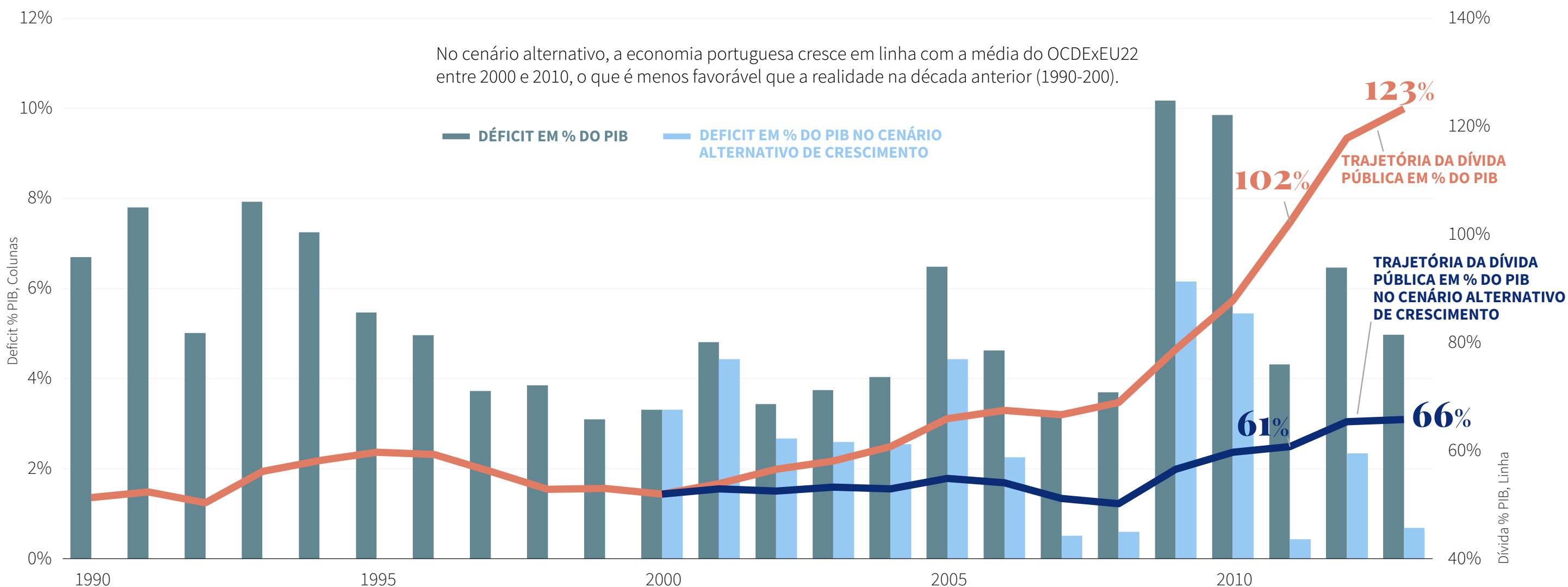
V. O papel do Estado

(p238)

Podemos simular o que teria sido o endividamento do país, no início da década de 2010, quando a crise da dívida eclodiu, se o crescimento da economia portuguesa entre 2000 e 2010 não tivessem sido os 0,7% que se verificaram, mas os 2,3% que foi a média dos 22 membros da EU27 que pertencem à OCDE. De notar que, nos anos 1990,

o crescimento em Portugal foi superior à média destes 22 países, pelo que este cenário é menos favorável que o da década anterior. A simulação mostra que subida de 1,6 pp (o diferencial entre 2,3% e 0,7%) na taxa de crescimento anual ao longo dos dez anos, mantendo constantes as taxas médias de imposto que se verificaram, teria gerado em 2011 um rácio de dívida sobre o PIB de 61%, em vez dos 102% que se verificavam em Portugal nesse ano.

Simulação do Impacto do Crescimento Económico nas Contas Públicas

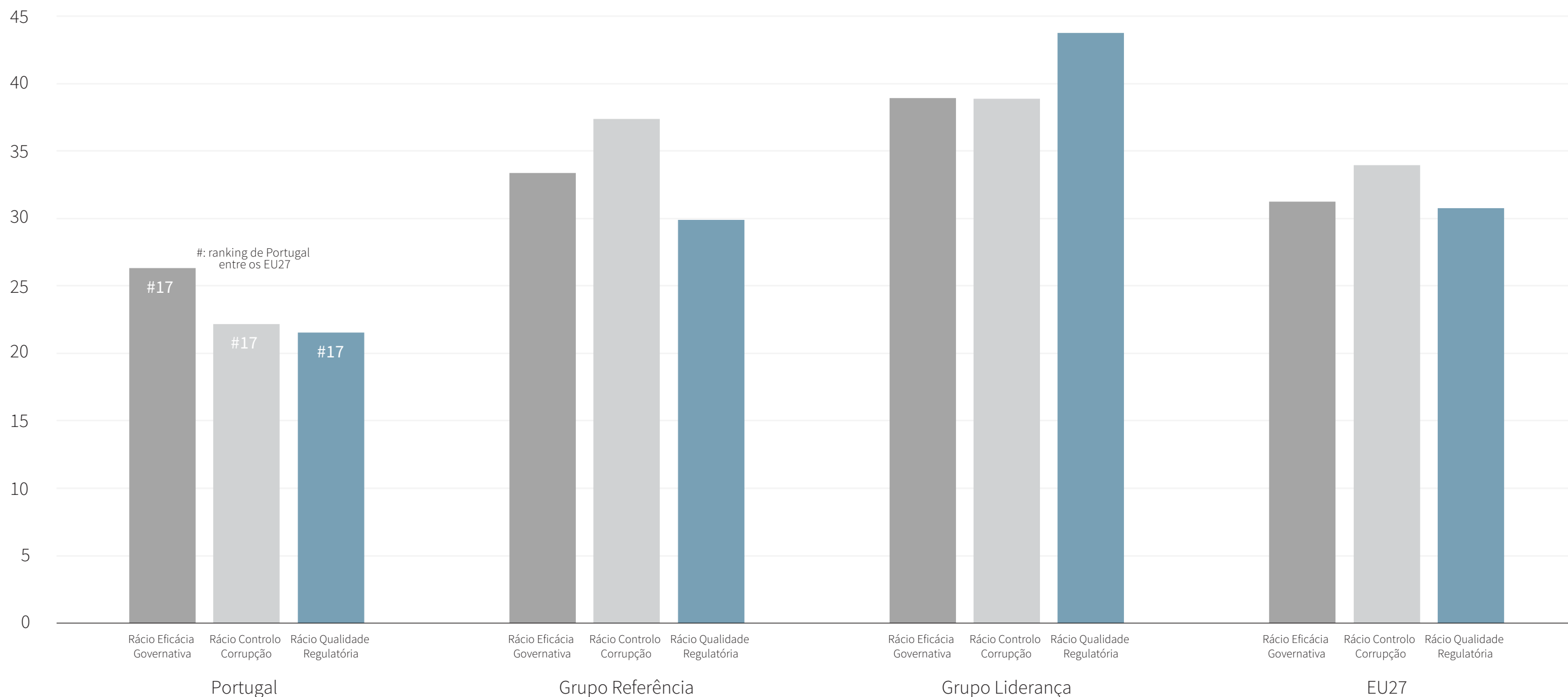


V. O papel do Estado

(p243)

Se medirmos a eficiência pelo rácio nas três medidas mais relevantes de qualidade institucional (eficácia governativa, controlo da corrupção e qualidade regulatória) e a despesa total na função administrativa, temos Portugal na 17.^a posição na eficácia governativa e na qualidade regulatória, e na 22.^a no controlo da corrupção.

Eficiência da Despesa Pública: Rácio dos Indicadores de Governança sobre a despesa total na função administrativa (em % do PIB).

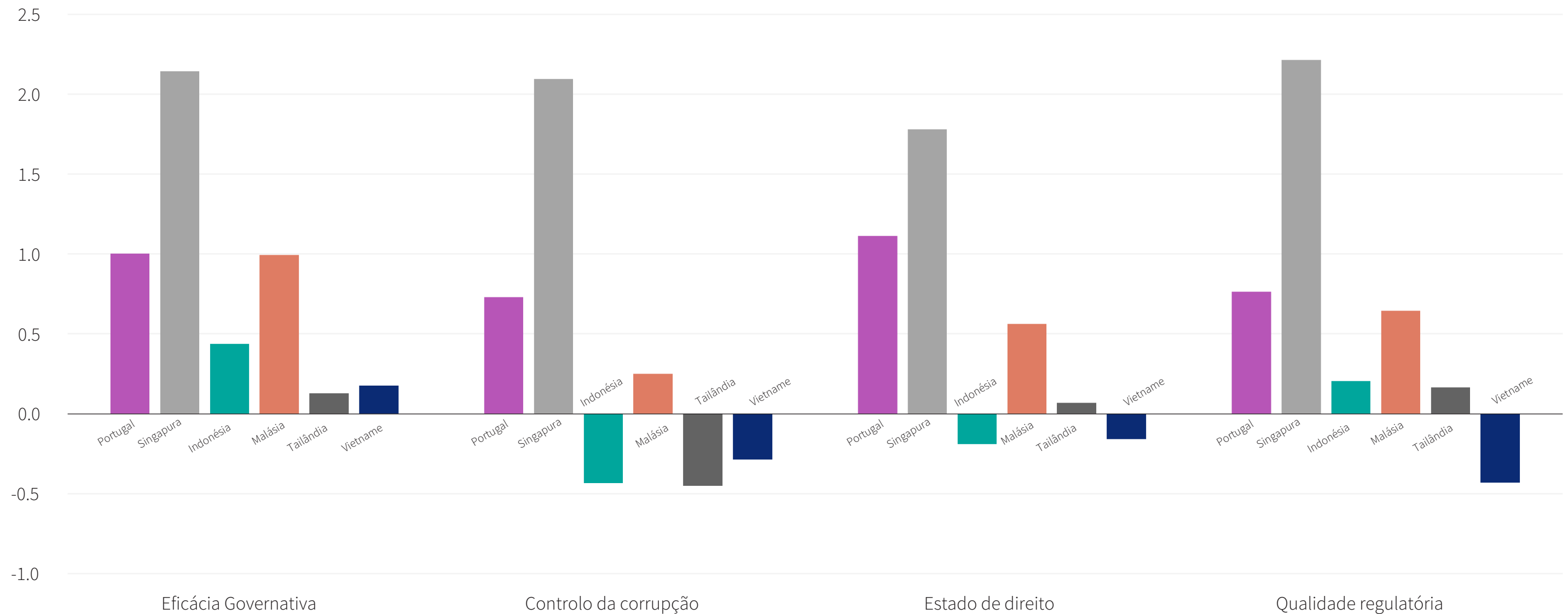


V. O papel do Estado

(p244)

Entre as 212 nações presentes no ranking, os países limítrofes de Singapura ocupam, respetivamente nos temas de eficácia governativa, controlo da corrupção, Estado de direito e qualidade regulatória, os seguintes lugares: Indonésia – 61, 107, 95 e 72; Malásia – 39, 64, 51 e 52; Tailândia – 72, 111, 77 e 74; e Vietname – 70, 91, 90 e 112.

Indicadores do Governança; Portugal vs. Singapura e os países seus vizinhos



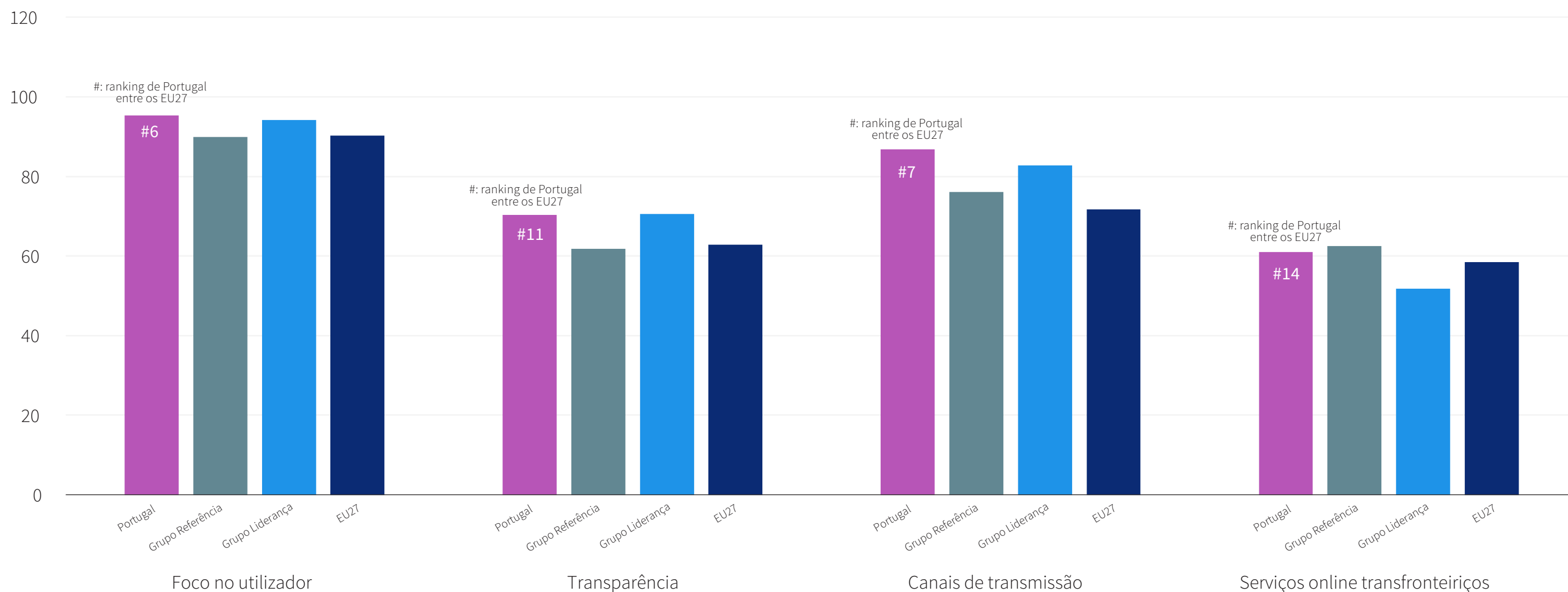
V. O papel do Estado

(p255)

Relativamente ao *eGovernment benchmark*, que compara as formas como os governos europeus prestam serviços públicos digitais, Portugal, entre os países da EU27, situou-se em 10.º lugar no ranking, acima da média da EU27 e do grupo de referência, e apenas ligeiramente inferior, em 0,2 pp, ao grupo de liderança. Este indicador considera quatro dimensões: o foco no utilizador, a transparência, os canais de transmissão da informação

e, por fim, a disponibilidade de serviços online transfronteiriços. Entre as quatro dimensões, Portugal destaca-se na primeira dimensão, relativa ao foco dado ao utilizador (encontrando-se acima da média de todos os benchmarks considerados). Porém, peca na disponibilidade prestada em termos de serviços online transfronteiriços, mas apesar de tudo ocupa a 14.ª posição no ranking europeu, ficando ainda acima da média dos EU27 e do grupo de referência nesta dimensão, não superando os valores apresentados para o grupo de liderança.

eGovernment



V. O papel do Estado

(p262)

O número empresas do setor público diminuiu em 32%, entre 2012 e 2022.

Empresas públicas, Portugal

